Agatha Christie



L&PM POCKET

POIROT PERDE UMA CLIENTE

Agatha Christie

POIROT PERDE UMA CLIENTE

Tradução de CÁSSIA ZANON

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe iOS Books em parceria com o grupo LegiLibro para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nossos sites:

iOS Books

LegiLibro

Ao querido Peter, o mais leal dos amigos e a mais querida das companhias, um cão em mil.

Capítulo 1

A senhora de Littlegreen House

A srta. Arundell morreu no dia 1º de maio. Embora a doença tenha durado pouco, sua morte não provocou muita surpresa na cidadezinha interiorana de Market Basing, onde vivia desde os dezesseis anos. Emily Arundell já tinha bem mais de setenta e era a última de uma família de cinco filhos. Não era segredo que estava com a saúde fragilizada havia um bom tempo e que, na realidade, cerca de dezoito meses antes, quase morrera de uma enfermidade parecida com a que a matou.

Embora a morte da srta. Arundell não tenha surpreendido ninguém, outra coisa surpreendeu. As cláusulas de seu testamento suscitaram diversas emoções: espanto, excitação, profunda reprovação, fúria, desespero, raiva e fofoca generalizada. Durante semanas, meses até, não se falou de outra coisa em Market Basing! Todos tinham um palpite sobre o assunto: do dono do armazém, o sr. Jones, para quem "o sangue devia falar mais alto", à sra. Lamphrey, da agência dos correios, que repetia *ad nauseam*: "Tem alguma coisa por trás disso, pode ter certeza! Escreva o que estou dizendo".

O que apimentou as especulações sobre o assunto foi que o testamento havia sido feito em 21 de abril. Adicione-se ainda o fato de que as pessoas mais próximas a Emily Arundell hospedaram-se com ela pouco antes daquela data, no feriado de Páscoa, e irá se perceber que as teorias mais escandalosas poderiam ser levantadas, aliviando agradavelmente a monotonia da vida cotidiana de Market Basing.

Havia uma pessoa que, suspeitava-se, sabia mais sobre o assunto do que gostaria de admitir. Era a srta. Wilhelmina Lawson, dama de companhia da srta. Arundell. No entanto, a srta. Lawson disse estar tão no escuro quanto todo mundo. Declarou que também ficara espantada com a leitura do testamento.

É claro que muita gente não acreditava. Porém, quer a srta. Lawson fosse ou não tão ignorante quanto se declarava, apenas uma pessoa conhecia realmente os fatos. Essa pessoa era a própria morta. Emily Arundell não dera satisfações a ninguém, como era de seu feitio. Nem mesmo ao advogado mencionara seus motivos. Ficou satisfeita em deixar claros os seus desejos.

Nessa reticência podia ser encontrado o tom da personalidade de Emily Arundell. Em todos os aspectos, ela era um produto típico de sua geração. Tinha vícios e virtudes. Era autocrática e autoritária, mas também bastante calorosa. Tinha a língua afiada, mas agia com doçura. Era sentimental nas aparências, mas, internamente, perspicaz. Teve uma sucessão de damas de companhia de quem abusava de modo impiedoso, mas a quem tratava com grande generosidade. Valorizava muito a responsabilidade para com a família.

Na sexta-feira antes da Páscoa, Emily estava no saguão de Littlegreen House dando diversas orientações à srta. Lawson. Emily Arundell fora uma moça bonita e tornou-se uma senhora conservada, empertigada e de modos enérgicos. O leve tom amarelado em sua pele era um alerta de que ela não podia comer alimentos pesados impunemente.

Naquele momento, perguntava:

– E então, Minnie, onde você acomodou todo mundo?

– Bem, pensei... e espero ter feito certo... em pôr o dr. e a sra. Tanios no quarto de carvalho, Theresa no quarto azul e o sr. Charles no antigo quarto das crianças...

A srta. Arundell interrompeu:

– Theresa pode ficar no antigo quarto das crianças, e Charles, no quarto azul.

– Ah, sim... sinto muito... pensei que o quarto das crianças fosse inconveniente...

– Servirá muito bem para Theresa.

No tempo da srta. Arundell, as mulheres ficavam em segundo plano. Os homens eram os membros mais importantes da sociedade.

– É uma pena que as crianças não venham – murmurou a srta. Lawson, sentimental.

Adorava crianças, mas era incapaz de lidar com elas.

– Quatro visitantes é o suficiente – retrucou a srta. Arundell. – De qualquer maneira, Bella mima os filhos de maneira abominável. Eles nem em sonhos são obedientes.

Minnie Lawson objetou:

– A sra. Tanios é uma mãe muito dedicada.

A srta. Arundell replicou, com um grave tom de aprovação:

– Bella é uma boa mulher.

A srta. Lawson suspirou e disse:

– Deve ser muito difícil para ela, às vezes, viver num lugar estranho como Esmirna.

Emily Arundell respondeu:

– Ela fez a cama e agora deve se deitar nela.

E tendo pronunciado tal dito vitoriano, prosseguiu:

– Agora vou à cidade para tratar das encomendas para o fim de semana.

– Ah, srta. Arundell, deixe-me tratar disso. Quero dizer...

– Bobagem. Prefiro ir eu mesma. Rogers precisa ser tratado com firmeza. O seu problema, Minnie, é que você não tem pulso firme. Bob! Bob! Onde está ele?

Um terrier pelo-de-arame desceu correndo a escada. Ficou andando em círculos ao redor da dona e soltando latidos curtos e ritmados de alegria e expectativa.

Juntos, dona e cachorro saíram pela porta da frente e seguiram pelo caminho que levava ao portão.

A srta. Lawson ficou parada na porta, atrás deles, sorrindo, com ar bobo e com a boca entreaberta. Atrás dela, uma voz disse, áspera:

– Aquelas fronhas que você me deu não são do mesmo jogo.

– O quê? Que distração a minha...

Minnie Lawson mergulhou novamente na rotina de cuidados domésticos.

Emily Arundell, acompanhada por Bob, avançou com ar imponente pela rua principal de Market Basing.

Era como uma verdadeira comitiva real. Em cada estabelecimento onde ela entrava, o proprietário sempre se apressava para atendê-la.

Ela era a srta. Arundell de Littlegreen House. Era “uma das nossas clientes mais antigas”. Era “da velha guarda. Não se fazem muitas como ela

hoje em dia.”

– Bom dia, senhora! Em que posso ter o prazer de ajudá-la? Não é macia? Bem, sinto muito por isso. Pensei que se tratasse de uma boa sela... Sim, é claro, srta. Arundell... Se a senhora está dizendo, é porque é. Não, de fato, eu não pensaria em mandar para a senhora, srta. Arundell... Sim, eu mesmo tratarei disso.

Bob e Spot, o cão do açougueiro, giravam ao redor um do outro, com os pelos do pescoço eriçados, rosnando baixinho. Spot era um cachorro gordo de raça indefinida. Sabia que não devia brigar com os cachorros dos clientes, mas se permitia deixar claro a eles, por meio de uma sutil indicação, exatamente como os transformaria em carne moída se tivesse tal liberdade.

Bob, um cão corajoso, respondia à altura.

Emily Arundell disse “Bob!”, com firmeza, e seguiu em frente.

Na quitanda, havia uma reunião de celebridades. Outra senhora de idade, de contornos esféricos, mas igualmente distinta pelo ar de realeza, disse:

– Bom dia, Emily.

– Bom dia, Caroline.

Caroline Peabody disse:

– Esperando a visita dos seus jovens?

– Sim, de todos. Theresa, Charles e Bella.

– Então a Bella vem para casa? O marido também?

– Sim.

A resposta foi um simples monossílabo, mas enfatizada por um conhecimento comum a ambas as senhoras.

Bella Biggs, sobrinha de Emily Arundell, se casara com um grego. E a família de Emily Arundell, que era conhecida como “gente de bem”, simplesmente não se casava com gregos.

A fim de dar um vago tom de consolo ao que dizia (pois é claro que tal assunto não poderia ser comentado abertamente), a srta. Peabody falou:

– O marido de Bella é muito inteligente. E encantador!

– Ele é muito encantador – concordou a srta. Arundell.

A caminho da rua, a srta. Peabody perguntou:

– Que história é essa de Theresa estar noiva do jovem Donaldson?

A srta. Arundell deu de ombros.

– Os jovens são muito informais hoje em dia... Infelizmente, creio que terá de ser um noivado bastante longo... quer dizer, se sair algo disso. Ele não tem onde cair morto.

– É claro que Theresa tem seu próprio dinheiro – comentou a srta. Peabody.

A srta. Arundell respondeu, seca:

– De jeito nenhum um homem pode desejar viver à custa do dinheiro da esposa.

A srta. Peabody deu uma risada forte e rouca.

– Eles não parecem se importar com isso hoje em dia. Você e eu estamos fora de moda, Emily. O que não consigo entender é o que a menina vê nele. Ele é muito sem graça!

– Imagino que seja um bom médico.

– Aquele pincenê... e aquele jeito formal de falar! Na minha juventude, nós o chamaríamos de varapau!

Houve uma pausa enquanto a memória da srta. Peabody, mergulhando no passado, invocava visões de jovens elegantes e de barba...

Disse, num suspiro:

– Mande aquele cachorro do Charles ir me ver... se for possível.

– Claro. Direi a ele.

As duas senhoras se separaram.

Elas se conheciam havia bem mais de cinquenta anos. A srta. Peabody sabia de certos lapsos lamentáveis da vida do general Arundell, pai de Emily. Sabia exatamente o choque que o casamento de Thomas Arundell fora para as irmãs. Tinha uma ideia muito clara de certos problemas ligados à geração mais jovem.

Mas nenhuma palavra jamais havia sido mencionada entre as duas a respeito de qualquer um desses assuntos. Eram ambas pilares da dignidade e da solidariedade familiar e de completa reticência em questões de família.

A srta. Arundell voltou caminhando para casa com Bob trotando lentamente em seus calcanhares. Para si mesma, Emily Arundell admitia o que jamais admitiria para outro ser humano: sua insatisfação em relação à geração mais jovem da família.

Theresa, por exemplo. Não tinha qualquer controle sobre Theresa desde que ela tivera acesso ao próprio dinheiro aos 21 anos. Desde então, a menina havia conquistado certa popularidade. Seu retrato aparecia com

frequência nos jornais. Fazia parte de um grupo jovem, brilhante e moderninho de Londres – um grupo que fazia festas loucas e que ocasionalmente ia parar na polícia. Não era o tipo de notoriedade que Emily aprovaria para um Arundell. Na realidade, reprovava o modo de vida de Theresa. Quanto ao noivado da moça, tinha sentimentos um tanto conflitantes. Por um lado, não considerava um arrivista como o dr. Donaldson bom o bastante para uma Arundell. Por outro, tinha uma desconfortável consciência de que Theresa era uma mulher absolutamente inadequada para um pacato médico do interior.

Com um suspiro, desviou os pensamentos para Bella. Não havia defeito a ser encontrado em Bella. Era uma boa mulher – mãe e esposa devotada, de comportamento bastante exemplar – e extremamente chata! Mas nem mesmo ela podia ser vista com total aprovação, pois havia se casado com um estrangeiro. E não apenas com um estrangeiro, mas um grego. Na mente preconceituosa da srta. Arundell, um grego era quase tão ruim quanto um argentino ou um turco. O fato de o dr. Tanios ser encantador, educado e famoso pela competência na profissão apenas piorava a opinião da velha a respeito dele. Ela não confiava em modos encantadores nem em elogios fáceis. Também por este motivo, achava difícil gostar dos dois filhos do casal. Ambos tinham a aparência do pai – não tinha nada de inglês neles.

E então havia Charles...

Sim, Charles...

Não adiantava fazer vistas grossas aos fatos. Por mais encantador que fosse, Charles não era confiável.

Emily Arundell suspirou. Sentiu-se repentinamente cansada, velha e deprimida...

Pensou que não duraria muito mais tempo...

Lembrou-se do testamento que fizera alguns anos antes.

Deixaria uma pequena parte aos criados e a instituições de caridade, mas a maior parte de sua considerável fortuna seria dividida igualmente entre seus três familiares vivos.

Ainda lhe parecia que fizera o mais certo e justo. Passou pela sua cabeça perguntar se não havia alguma forma de garantir o dinheiro de Bella de modo que o marido não pudesse tocá-lo... Precisava perguntar ao sr. Purvis.

Atravessou o portão de Littlegreen House.

Charles e Theresa Arundell chegaram de carro; os Tanios, de trem.

O casal de irmãos chegou primeiro. Charles, alto e bonito, com seu jeito meio gozador, disse:

– Olá, tia Emily, como está essa garota? Você está ótima.

E lhe deu um beijo.

Theresa esticou o rosto jovem com indiferença na direção do rosto enrugado de Emily.

– Como você está, tia Emily?

Theresa, pensou a tia, estava longe de parecer bem. O rosto, por baixo da farta maquiagem, estava levemente cansado, e havia rugas ao redor dos olhos.

Tomaram chá na sala de estar. Bella Tanios, com os cabelos presos para trás e cachos saindo de debaixo do chapéu da última moda, que ela usava num ângulo torto, encarava a prima Theresa com uma avidez patética por assimilar e memorizar as roupas da outra. Era o destino da pobre Bella ser apaixonada por roupas sem ter qualquer gosto para se vestir. As roupas de Theresa eram caras, um tanto estranhas, e, além disso, Theresa tinha um corpo perfeito.

Quando chegou à Inglaterra, de Esmirna, Bella tentara cuidadosamente copiar a elegância de Theresa com roupas de preços mais baixos e cortes de tecidos inferiores.

O dr. Tanios, um homem barbudo de aparência alegre, estava conversando com a srta. Arundell. A voz dele era calorosa e grave, uma voz atraente que encantava o interlocutor quase contra a vontade. Encantava a própria srta. Arundell, a contragosto.

A srta. Lawson estava bastante agitada. Ia e vinha, servindo pratos, mexendo na mesa do chá. Charles, cujos modos eram excelentes, levantou-se mais de uma vez para ajudá-la, mas ela não demonstrou qualquer gratidão.

Quando, depois do chá, o grupo saiu para dar uma volta no jardim, Charles sussurrou para a irmã:

– A srta. Lawson não gosta de mim. Estranho, não?

Theresa respondeu em tom jocoso:

– Muito estranho. Então existe alguém que resista ao seu fascínio fatal?

Charles deu um sorriso envolvente e disse:

– Sorte que é apenas a srta. Lawson...

No jardim, a srta. Lawson caminhava com a sra. Tanios e lhe perguntava a respeito das crianças. A expressão insípida de Bella Tanios se iluminou. Esqueceu-se de observar Theresa. Falou com vivacidade e animação. Mary havia dito uma coisa *muito* curiosa no barco...

Achou Minnie Lawson uma interlocutora muito simpática.

Em seguida, um jovem de cabelos claros, com um rosto solene e usando um pincenê, apareceu no jardim, vindo da casa. Parecia bastante tímido. A srta. Arundell o cumprimentou educadamente.

Theresa disse:

– Olá, Rex!

Passou um braço pelo dele. Os dois se afastaram.

Charles fez uma careta. Escapou para conversar com o jardineiro, um aliado dos velhos tempos.

Quando a srta. Arundell voltou para a casa, Charles estava brincando com Bob. O cachorro estava parado em cima da escada, com a bola na boca e o rabo abanando.

– Venha, meu velho – chamou Charles.

Bob se sentou e empurrou lentamente a bola com o focinho até a beirada do degrau. Quando enfim a empurrou além do degrau, levantou-se, bastante excitado. A bola quicou devagar escada abaixo. Charles a apanhou e a atirou de volta para o cachorro, que a pegou com a boca. A performance se repetiu.

– Ele sempre faz isso – disse Charles.

Emily Arundell sorriu.

– E é capaz de ficar fazendo isso durante horas – comentou.

Entrou na sala de estar, e Charles a seguiu. Bob deu um latido decepcionado.

Olhando pela janela, Charles falou:

– Olhe para Theresa com o namoradinho. Formam mesmo um casal esquisito!

– Você acha que a Theresa está realmente levando isso a sério?

– Ah, ela é louca por ele – Charles respondeu em tom confiante. – Gosto estranho esse, mas, enfim... Acho que deve ser o jeito que ele olha para ela, como se ela fosse um rato de laboratório, e não uma mulher de verdade. Isso é uma novidade para Theresa. Pena que o sujeito seja tão pobre. Theresa tem gostos caros.

A srta. Arundell disse, seca:

– Não tenho dúvidas de que ela pode mudar seu estilo de vida... se quiser! E, afinal, ela tem renda própria.

– Quê? Ah, sim, sim, é claro. – Charles lançou um olhar quase culpado na direção dela.

Naquela noite, enquanto os outros estavam reunidos na sala esperando o jantar ser servido, houve uma correria e uma explosão de palavrões na escada. Charles entrou com o rosto vermelho.

– Desculpe, tia Emily, estou atrasado? Aquele seu cachorro quase me fez levar o maior tombo. Deixou aquela bolinha dele na escada.

– Cachorrinho descuidado! – gritou a srta. Lawson, inclinando-se na direção de Bob.

Bob olhou para ela com desdém e virou a cabeça.

– Eu sei – disse a srta. Arundell. – É muito perigoso. Minnie, pegue a bola e guarde.

A srta. Lawson saiu apressada.

O dr. Tanios monopolizou a conversa na mesa do jantar durante a maior parte do tempo. Contou histórias divertidas sobre a vida dele em Esmirna.

O grupo foi para a cama cedo. Levando um cobertor, óculos, uma grande sacola de veludo e um livro, a srta. Lawson acompanhou a patroa no caminho para o quarto, conversando animadamente.

– É mesmo *muito* divertido o dr. Tanios. É uma companhia muito agradável! Não que eu fosse gostar desse tipo de vida para mim... Imagino que seja preciso até ferver a água... e o leite de cabra, talvez... um gosto muito desagradável...

A srta. Arundell se irritou:

– Não seja tola, Minnie. Você disse à Ellen para me chamar às seis e meia?

– Ah, sim, srta. Arundell. Eu disse para não servir o chá, mas a senhora não acha que seria melhor... sabe, o vigário de Southbridge, um

homem muito consciencioso, me disse com todas as letras que não é obrigatório jejuar...

Mais uma vez, a srta. Arundell a interrompeu abruptamente.

– Nunca comi nada antes do culto matinal e não vou começar agora. Você pode fazer o que quiser.

– Ah, não... não quis dizer... tenho certeza de que...

A srta. Lawson estava agitada e incomodada.

– Tire a coleira do Bob – disse a srta. Arundell.

A escrava apressou-se a obedecer. Ainda tentando agradar, disse:

– Que noite *agradável*. Todos pareciam tão *satisfeitos* de estar aqui.

– Hum – fez Emily Arundell. – Todos estão aqui para pegar o que puderem.

– Ah, querida srta. Arundell...

– Minha cara Minnie, se tem algo que não sou é boba! Só não sei quem vai tocar no assunto primeiro.

Não ficou em dúvida por muito tempo.

Ela e a srta. Lawson voltaram do culto matinal logo depois das nove horas. O dr. e a sra. Tanios estavam na sala de jantar, mas não havia sinal dos dois Arundell. Depois do café da manhã, quando os outros haviam saído, Emily se sentou para fazer anotações numa caderneta. Charles entrou na sala por volta das dez horas.

– Desculpe o atraso, tia Emily, mas a Theresa é bem pior. Ainda nem abriu os olhos.

– Às dez e meia o café da manhã será retirado da mesa – anunciou a srta. Arundell. – Sei que hoje em dia ninguém leva os criados em consideração, mas não é assim na *minha* casa.

– Ótimo. É o verdadeiro espírito conservador!

Charles serviu-se de rins e sentou-se ao lado dela.

O sorriso dele, como sempre, era muito atraente. Emily Arundell logo se viu sorrindo com indulgência para ele. Encorajado por esse sinal favorável, Charles atacou.

– Tia Emily, sinto incomodá-la, mas estou num aperto danado. Será que a senhora poderia me ajudar? Cem seria suficiente.

O rosto da tia não estava encorajador. Um certo azedume se revelou em sua expressão.

Emily Arundell não tinha medo de dizer o que pensava. E disse.

Passando pelo corredor, a srta. Lawson quase trombou com Charles quando ele saiu da sala de jantar. Olhou para ele com curiosidade. Ao entrar na sala, encontrou a srta. Arundell sentada, muito ereta e com o rosto vermelho.

Capítulo 2

Os parentes

Charles subiu a escada correndo e bateu na porta da irmã. Ela respondeu “entre”, e ele entrou.

Theresa estava sentada na cama, bocejando.

Charles sentou-se.

– Como você é bonita, Theresa – observou ele, apreciativo.

Theresa disse, ríspida:

– Qual é o problema?

Charles sorriu.

– Afiada você, não? Bem, ganhei vantagem em relação a você, moça! Pensei em fazer a minha jogada antes da sua.

– E?

Charles estendeu as mãos para baixo, num sinal de negação.

– Nada feito! A tia Emily me deu um chega pra lá. Insinuou que não tem ilusões quanto à razão de sua carinhosa família se reunir ao seu redor! E também insinuou que essa família carinhosa ficaria decepcionada. Que nada seria dado além de carinho... e nem muito disso também.

– Você deveria ter esperado – falou Theresa.

Charles sorriu de novo.

– Fiquei com medo que você ou o Tanios pudessem chegar antes de mim. Infelizmente, minha doce Theresa, acho que não conseguiremos nada desta vez. A velha Emily não é nem um pouco boba.

– Nunca pensei que fosse.

– Tentei até amedrontá-la.

– Como assim? – perguntou a irmã com rispidez.

– Disse que ela estava escolhendo um caminho no qual acabaria eliminada. Afinal, não pode levar o dinheiro para o céu com ela. Por que

não liberar um pouco?

– Charles, você é um idiota!

– Não, não sou. Sou meio que um psicólogo do meu jeito. Nunca é bom puxar o saco da velha. Ela prefere ser enfrentada. E, afinal, eu só estava falando o óbvio. Nós vamos ficar com o dinheiro quando ela morrer... Ela bem que podia abrir mão de um pouco antecipadamente! Senão, a tentação de tirá-la do caminho pode se tornar incontrolável.

– Ela entendeu o que você estava querendo dizer? – perguntou Theresa, com a boca delicada se curvando com escárnio.

– Não tenho certeza. Ela não admitiu. Apenas me agradeceu de um jeito bastante maldoso pelo conselho e disse que era perfeitamente capaz de cuidar de si mesma. "Bem", eu disse, "depois não diga que não lhe avisei." "Vou me lembrar disso", ela respondeu.

Theresa disse, irritada:

– Sério, Charles, você é um idiota completo.

– Dane-se, Theresa, eu estava mesmo sendo um pouco cruel. A velha está nadando em dinheiro... simplesmente nadando em dinheiro! Aposto que não gasta um décimo da renda... No que vai gastar, afinal? E aqui estamos nós... jovens, capazes de aproveitar a vida... e, para nos irritar, ela é capaz de viver até os cem anos... Eu quero a minha diversão agora... você também...

Theresa assentiu com a cabeça e sussurou, ofegante:

– Eles não entendem... os velhos não entendem... não podem... não sabem o que é *viver*!

Os irmãos ficaram em silêncio por alguns minutos.

Charles se levantou.

– Bom, minha querida, desejo que tenha mais sucesso do que eu. Mas duvido muito.

Theresa disse:

– Estou contando com a ajuda de Rex. Se eu conseguir fazer com que a velha Emily perceba o quanto ele é brilhante e como seria essencial que ele tivesse uma chance e não tivesse que se afundar como clínico geral... Ah, Charles, um capital de alguns milhares neste momento faria toda a diferença do mundo nas nossas vidas!

– Espero que consiga, mas não acho que vá conseguir. Você gastou demais com sua vida desregrada. Estou dizendo, Theresa, você não acha

que a triste Bella ou o duvidoso Tanios vão conseguir alguma coisa, acha?

– Não acho que o dinheiro vá fazer algum bem a Bella. Ela anda para lá e para cá parecendo uma maltrapilha, e seus gostos são puramente domésticos.

– Ah, bem – disse Charles, um tanto vago. – Imagino que ela queira coisas para aqueles filhos medonhos dela, escolas, aparelhos para os dentes e aulas de música. De qualquer maneira, não é a Bella... é o Tanios. Aposto que ele tem faro para dinheiro! É típico de um grego. Sabia que ele já gastou a maior parte do dinheiro da Bella? Especulou e perdeu tudo.

– Você acha que ele vai conseguir tirar alguma coisa da velha Emily?

– Não se eu puder impedir – respondeu Charles com raiva.

Ele saiu do quarto e desceu para o andar de baixo. Bob estava no saguão. Aproximou-se fazendo festa. Os cachorros gostavam de Charles.

Correu na direção da porta da sala de estar e olhou para o rapaz.

– O que houve? – perguntou Charles, indo atrás dele.

Bob correu para a sala de estar e sentou-se, ansioso, ao lado de uma escrivaninha.

Charles caminhou até ele.

– O que está havendo?

Bob abanou o rabo, olhou fixamente para as gavetas da escrivaninha e soltou um ganido suplicante.

– Você quer alguma coisa que está aqui?

Charles abriu a primeira gaveta. Levantou as sobrancelhas.

– Ora, ora – disse ele.

Num lado da gaveta havia um pequeno maço de dinheiro.

Charles pegou o maço e contou-o. Com um sorriso, tirou três notas de uma libra e duas de dez xelins e as colocou no bolso. Devolveu o resto das notas cuidadosamente à gaveta em que as encontrara.

– Boa ideia, Bob – reconheceu ele. – O seu tio Charles vai conseguir cobrir os gastos. Um pouco de dinheiro vivo sempre vem a calhar.

Bob emitiu um latido de reprovação baixinho quando Charles fechou a gaveta.

– Desculpe, velho – disse Charles. Abriu a gaveta seguinte. A bola de Bob estava no canto. Pegou-a.

– Aqui está. Divirta-se com ela. – Bob pegou a bola, saiu trotando da sala e em seguida o som bump, bump, bump foi ouvido escada abaixo.

Charles saiu para o jardim. Era uma bela manhã ensolarada com um perfume de lilás.

A srta. Arundell estava sentada com o dr. Tanios ao seu lado. Ele estava falando sobre as virtudes de uma educação inglesa e o quanto ele lamentava não poder garantir esse luxo para os próprios filhos.

Charles sorriu com malícia, satisfeito. Entrou na conversa de mansinho, conduzindo-a com habilidade para rumos completamente diferentes.

Emily Arundell sorriu para ele com ar afável. Chegou a imaginar que a tia estava se divertindo com sua tática e o estava encorajando com sutileza.

O ânimo de Charles melhorou. Talvez, afinal, antes de ir embora...

Charles era um otimista incurável.

O dr. Donaldson chamou Theresa para passear de carro naquela tarde e a levou até a Abadia Worthem, um dos pontos turísticos do local. Os dois caminharam da abadia para o meio do bosque.

Lá, Rex Donaldson falou longamente a Theresa sobre suas teorias e sobre algumas de suas experiências recentes. Ela entendia muito pouco, mas escutava fascinada, pensando consigo mesma: “Como o Rex é inteligente... e absolutamente adorável!”

O noivo fez uma pausa e disse com ar desconfiado:

– Temo que isso tudo seja entediante para você, Theresa.

– Querido, é emocionante demais – disse Theresa, incisiva. – Continue. Você tira um pouco de sangue do coelho infectado e...?

Em seguida, Theresa disse com um suspiro:

– O seu trabalho significa tanto para você, meu amor.

– Naturalmente – concordou o dr. Donaldson.

Aquilo não parecia nem um pouco natural para Theresa. Poucos amigos seus trabalhavam. E os que trabalhavam reclamavam fortemente disso.

Ela pensou, como havia pensado uma ou duas vezes antes, sobre o fato inusitado de ter se apaixonado por Rex Donaldson. Por que essas coisas, essas loucuras ridículas e incríveis, aconteciam a alguém? Uma pergunta sem resposta. Havia acontecido com ela.

Fechou a cara, pensando consigo mesma. Sua vida era tão alegre... tão cínica. Casos de amor eram necessários à vida, é claro, mas por que levá-los a sério? Amores vinham e iam embora.

Mas o seu sentimento em relação a Rex Donaldson era diferente, era mais complexo. Ela sentia que não terminaria... A necessidade que tinha dele era simples e profunda. Tudo naquele homem a fascinava. A calma e o desapego dele, tão diferentes da vida agitada e ávida dela; a frieza lógica de sua mente científica, e ainda outra coisa, ainda não compreendida, uma força secreta escondida por seus modos despretensiosamente pedantes, mas que ela, no entanto, sentia e percebia por instinto.

Rex Donaldson tinha um talento – e o fato de que a profissão era a principal preocupação de sua vida e que Theresa era apenas uma parte, ainda que uma parte necessária, da sua existência, apenas aumentava a atração que exercia sobre ela. Pela primeira vez em sua vida egoísta e devotada ao prazer, Theresa se via contente de ficar em segundo lugar. A perspectiva a fascinava. Por Rex, ela faria qualquer coisa!

– Que maldita chateação é o dinheiro – desabafou, com raiva. – Se ao menos a tia Emily morresse, poderíamos nos casar logo, e você poderia ir para Londres, ter um laboratório cheio de tubos de ensaio e cobaias e nunca mais se incomodar com crianças com caxumba e velhas com problema de fígado.

Donaldson disse:

– Não há motivos para a sua tia não viver ainda por muitos anos... se ela se cuidar.

Theresa disse, desanimada:

– Eu sei...

No grande quarto duplo com uma antiquada mobília de carvalho, o dr. Tanios disse à esposa:

– Acho que preparei o terreno. Agora é a sua vez, minha querida.

Serviu um pouco d’água da antiga jarra de cobre na bacia de porcelana estampada de rosas. Bella Tanios estava sentada diante da penteadeira perguntando-se por que, quando ela penteava os cabelos como Theresa, eles não ficavam como os da prima!

Passou-se um momento, então respondeu:

– Não acho que quero... pedir dinheiro à tia Emily.

– Não é para você, Bella, é pelo bem das crianças. Nossos investimentos não têm tido muito êxito.

Ele estava virado de costas e não viu o rápido olhar que ela lhe deu, um olhar furtivo e retraído.

Ela disse com suave obstinação:

– Mesmo assim, acho que prefiro não pedir... A tia Emily é bem difícil. É capaz de ser generosa, mas não gosta que peçam a ela.

Secando as mãos, Tanios aproximou-se da esposa.

– Francamente, Bella, não é do seu feitio ser tão obstinada. Afinal, por que viemos para cá?

Ela murmurou:

– Eu não... nunca quis... não queria pedir dinheiro...

– Ainda assim, você concordou que a nossa única esperança em dar uma educação adequada às crianças é com a ajuda da sua tia.

Bella Tanios não respondeu. Mexia-se de modo desconfortável.

Mas trazia no rosto a expressão de teimosia compassiva que muitos maridos inteligentes de esposas burras conhecem bem.

Ela disse:

– Talvez a própria tia Emily sugira...

– É possível, mas não vi qualquer sinal disso até agora.

– Se pudéssemos ter trazido as crianças conosco... A tia Emily não conseguiria resistir aos encantos de Mary. E o Edward é *tão* inteligente.

Tanios disse, seco:

– Não acho que a sua tia goste muito de crianças. Provavelmente seja até melhor que as crianças não estejam aqui.

– Ah, Jacob, mas...

– Sim, sim, minha querida, eu sei o que você está sentindo. Mas essas solteironas inglesas murchas... elas não são humanas. Nós queremos fazer o melhor possível pela nossa Mary e pelo nosso Edward, não queremos? Ajudar-nos um pouco não envolveria qualquer sacrifício à srta. Arundell.

A sra. Tanios se virou, estava com o rosto vermelho.

– Ah, por favor, por favor, Jacob, não desta vez. Tenho certeza de que será insensato. Preferiria muito, muito que não.

Tanios aproximou-se por trás, passou o braço por cima dos ombros dela. Bella estremeceu um pouco e ficou parada – quase rígida.

E então ele concluiu, com a voz ainda agradável:

– Mesmo assim, Bella, eu acho... eu acho que você vai fazer o que estou pedindo... Você acaba fazendo... no final... Sim, acho que você vai

fazer o que estou dizendo...

Capítulo 3

O acidente

Era terça-feira à tarde. A porta lateral para o jardim estava aberta. Parada na soleira da porta, a srta. Arundell atirou a bola de Bob do outro lado do jardim. O terrier saiu correndo para pegá-la.

– Só mais uma vez, Bob – disse Emily Arundell. – Uma boa.

Mais uma vez, a bola rolou pelo chão com Bob correndo em velocidade máxima atrás dela.

A srta. Arundell se abaixou, pegou a bola e entrou em casa, seguida de perto por Bob. Fechou a porta lateral, entrou na sala de estar, com Bob ainda em seus calcanhares, e guardou a bola dentro da gaveta.

Olhou para o relógio sobre o consolo da lareira. Eram seis e meia.

– Acho que é melhor descansar um pouco antes do jantar, Bob.

Ela subiu a escada até o quarto. Bob a acompanhou. Deitada no grande sofá forrado de chintz com Bob a seus pés, a srta. Arundell suspirou.

Estava feliz por ser terça-feira e por seus convidados estarem indo embora no dia seguinte. Não que aquele fim de semana tivesse revelado qualquer coisa que ela já não soubesse. Era mais pelo fato de que o fim de semana não havia lhe deixado esquecer o que sabia.

Disse a si mesma: “Acho que estou ficando velha...” E então, com um choque de surpresa: “Estou velha...”

Ficou deitada de olhos fechados durante meia hora e, em seguida, a velha copeira, Ellen, trouxe água quente. Ela se levantou e se preparou para o jantar.

O dr. Donaldson iria jantar com eles naquela noite.

Emily Arundell desejava ter uma oportunidade de observá-lo de perto. Ainda lhe parecia um pouco incrível que a exótica Theresa quisesse se casar

com aquele jovem tão formal e pedante. Também era um pouco esquisito que aquele jovem formal e pedante quisesse se casar com Theresa.

Com o avançar da noite, ela não achou que estivesse conseguindo conhecer melhor o dr. Donaldson. Ele era muito educado, muito formal e, em sua opinião, chatíssimo. Pessoalmente, concordava com a avaliação da srta. Peabody. A lembrança passou por sua mente: “Havia coisa melhor na nossa juventude”.

O dr. Donaldson não ficou até tarde. Ele se levantou para ir embora às dez horas. Depois que ele saiu, a própria Emily anunciou que ia para a cama. Subiu para o andar superior, e seus jovens parentes subiram também. Todos pareciam, de certa forma, desanimados naquela noite. A srta. Lawson permaneceu no andar de baixo terminando suas últimas tarefas: deixou Bob sair para um passeio, apagou o fogo, posicionou a guarda da lareira e enrolou o tapete para evitar um incêndio.

Chegou sem fôlego no quarto da patroa mais ou menos cinco minutos mais tarde.

– Acho que está tudo em ordem – falou, arrumando o cobertor, o saco de costura e um livro da biblioteca. – Espero que o livro seja bom. Ela não tinha nenhum dos que estavam na sua lista, mas disse que a senhora gostaria deste.

– Aquela menina é uma idiota – esbravejou Emily Arundell. – O gosto dela para livros é o pior que já vi na vida.

– Ah, puxa. Sinto muito. Talvez eu deva...

– Bobagem, não é culpa sua – Emily acrescentou gentilmente. – Espero que tenha se divertido hoje à tarde.

O rosto da srta. Lawson se iluminou. Ela pareceu vivaz e quase juvenil.

– Ah, sim, muito obrigada. Foi muito *gentil* a senhora me dar folga. Foi *muito* interessante. Usamos a prancheta de psicografia e, realmente, ela escreveu coisas muito interessantes. Recebemos várias mensagens... Claro que não é exatamente a *mesma* coisa que as sessões... Julia Tripp tem tido muito sucesso com a escrita automática. Muitas mensagens Daqueles que Fizeram a Passagem. Isso realmente nos faz sentir muito gratos... que tais coisas sejam permitidas...

A srta. Arundell disse, com um leve sorriso:

– É melhor não deixar o vigário ouvir você.

– Ah, mas, de fato, querida srta. Arundell, estou convencida... bastante convencida... de que não pode haver *nada* de errado com isso. Eu só gostaria que o caro sr. Lonsdale examinasse o assunto. Parece-me tão tacanho condenar algo que nem sequer se *investigou*. Julia e Isabel Tripp são duas mulheres verdadeiramente *espirituais*.

– Quase espirituais demais para estarem vivas – disse a srta. Arundell.

Ela não gostava muito de Julia e Isabel Tripp. Achava suas roupas ridículas, suas refeições vegetarianas e cruas com frutas absurdas e seus modos afetados. Eram mulheres sem tradições, sem raízes. Na verdade, sem berço! Mas ela se divertia bastante com a determinação delas e, no fundo, era boa o suficiente para não prejudicar o prazer que a amizade delas evidentemente dava à pobre Minnie.

Pobre Minnie! Emily Arundell olhou para a dama de companhia com um misto de afeição e desprezo. Tivera tantas dessas mulheres tolas de meia-idade para atendê-la – todas muito parecidas, gentis, atrapalhadas, subservientes e quase inteiramente estúpidas.

A pobre Minnie parecia bastante emocionada naquela noite. Seus olhos brilhavam. Ela ficou se agitando pelo quarto, tocando vagamente coisas aqui e ali, sem a mínima ideia do que estava fazendo, com o olhar alegre e brilhante.

Gaguejou, com nervosismo:

– Eu... eu gostaria que a senhora tivesse visto... Sabe, sinto que a senhora ainda não acredita muito. Mas esta noite recebemos uma mensagem... para E.A. As iniciais vieram muito claramente. Era a mensagem de um homem que fez a passagem há muitos anos... um militar muito bonito... Isabel o viu de modo muito distinto. Devia ser o querido general Arundell. Uma mensagem muito bonita, cheia de amor e consolo, dizendo como tudo pode ser obtido através da perseverança.

– Esses sentimentos não se parecem muito com os de papai – disse a srta. Arundell.

– Ah, mas os nossos entes queridos mudam muito... do outro lado. É tudo amor e compreensão. E então a prancheta soletrou uma mensagem sobre uma *chave*... acho que era a chave da escrivaninha... poderia ser isso?

– A chave da escrivaninha? – a voz de Emily Arundell soou aguda e interessada.

– Acho que era isso. Pensei que talvez pudesse se tratar de documentos importantes... algo do gênero. Houve um caso confirmado em que foi recebida uma mensagem para se procurar num certo móvel, e descobriram um testamento lá.

– Não havia um testamento na escrivaninha – disse a srta. Arundell. Abruptamente acrescentou: – Vá para a cama, Minnie. Você está cansada. Eu também. Vamos convidar as Tripp para virem uma noite aqui em breve.

– Ah, isso vai ser muito bom! Boa noite, querida. Está com tudo de que precisa? Espero que não tenha se cansado com tanta gente por aqui. Preciso dizer à Ellen que areje *muito bem* a sala de estar amanhã e sacuda as cortinas... toda aquela fumaça deixa um cheiro muito forte. Devo dizer que considero muito gentil da sua parte deixar todos fumarem na sala de estar!

– Preciso fazer algumas concessões à modernidade – explicou Emily Arundell. – Boa noite, Minnie.

Ao ficar sozinha, Emily Arundell se perguntou se esse negócio espírita realmente era bom para Minnie. Seus olhos estavam lhe saltando da cabeça, e ela parecia muito inquieta e excitada.

“Estranha a história sobre a escrivaninha”, pensou Emily Arundell ao se deitar. Sorriu com amargura ao se lembrar da cena de tanto tempo atrás. A chave viera à luz depois da morte do pai dela, e a cascata de garrafas de conhaque vazias que desabaram quando o armário foi aberto! Eram detalhes como aquele, detalhes que nem Minnie Lawson nem Isabel e Julia Tripp poderiam saber, que faziam com que ela se perguntasse, afinal, se não havia alguma coisa nesse negócio de espiritismo.

Emily estava sem sono deitada em sua imensa cama de quatro colunas. Nos últimos tempos, vinha sentindo uma dificuldade crescente para dormir. Mas rejeitou a hesitante sugestão do dr. Grainger de um sonífero. Soníferos eram para os fracos, para pessoas que não conseguiam suportar uma dor num dedo, ou uma pequena dor de dente, ou o tédio de uma noite insone.

Com frequência, ela se levantava e silenciosamente vagava pela casa, pegava um livro, mexia num enfeite, arrumava um vaso de flores, ou escrevia uma ou duas cartas. Naquelas horas da madrugada, ela tinha uma sensação de que a casa estava tão viva quanto ela. Não eram desagradáveis essas perambulações noturnas. Era como se fantasmas caminhassem ao seu lado, os fantasmas de suas irmãs, Arabella, Matilda e Agnes, o fantasma de seu irmão Thomas, o querido companheiro que ele era antes de Aquela

Mulher colocar as garras nele! Até mesmo o fantasma do general Charles Laverton Arundell, aquele tirano doméstico de modos encantadores que gritava e intimidava as filhas, mas que, mesmo assim, era objeto de orgulho para elas, com suas experiências na Revolta dos Sipais e seu conhecimento do mundo. E daí que houvesse dias em que ele “não estava muito bem”, como as filhas diziam para despistar?

Voltando o pensamento ao noivo da sobrinha, a srta. Arundell pensou: “Não acho que ele algum dia comece a beber. Considera-se um *homem*, mas bebeu *água de cevada* naquela noite! Água de cevada! E eu abri o Porto especial do papai.”

Charles, sim, fizera justiça ao Porto. Ah! Se ao menos Charles fosse confiável. Se ao menos não se soubesse que com ele...

Seus pensamentos foram interrompidos... Sua mente repassou os acontecimentos do fim de semana...

Tudo parecia vagamente inquietante...

Tentou afastar da mente os pensamentos de preocupação.

Não adiantou.

Levantou-se apoiada no cotovelo e, com a luz noturna que ficava sempre acesa num pequeno pires, consultou o relógio.

Uma hora, e ela nunca sentira menos vontade de dormir.

Saiu da cama e vestiu os chinelos e o confortável robe. Ia descer e deixar os livros semanais prontos para os pagamentos da manhã seguinte.

Como uma sombra, deslizou para fora do quarto e percorreu o corredor, onde uma lâmpada ficava acesa a noite toda.

Chegou ao topo da escada, esticou uma mão até o corrimão e, de modo inexplicável, tropeçou. Tentou recuperar o equilíbrio, não conseguiu e caiu escada abaixo.

O barulho da queda e o grito que deu agitaram e despertaram a casa adormecida. Portas se abriram e luzes se acenderam.

A srta. Lawson saltou do quarto no alto da escada.

Soltando gritinhos de aflição, ela desceu batendo os pés. Um a um, os outros chegaram. Charles, bocejando, num roupão resplandecente. Theresa, enrolada em seda escura. Bella, vestindo um quimono azul-marinho, com o cabelo preso com pentes para ficar ondulado.

Estupefata, Emily Arundell estava atirada ao chão, completamente torta. Seu ombro doía, bem como seu tornozelo – todo seu corpo era uma massa disforme de dor. Estava consciente das pessoas ao seu redor, daquela idiota da Minnie Lawson gritando e fazendo gestos inúteis com as mãos, de Theresa com uma expressão espantada nos olhos escuros, de Bella parada, com a boca aberta, olhando com expectativa, e da voz de Charles dizendo, de algum lugar, aparentemente de muito longe:

– Foi a bola daquele maldito cachorro! Ele deve tê-la deixado aqui, e ela tropeçou. Estão vendo? Aqui está!

E então ela tomou consciência de uma autoridade, afastando os demais, ajoelhando-se ao seu lado, tocando-a com mãos *experientes*, que sabiam o que estavam fazendo.

Foi tomada por um sentimento de alívio. Tudo ficaria bem agora.

O dr. Tanios estava dizendo, em tom firme e tranquilizador:

– Não, está tudo bem. Nenhum osso quebrado... Ela só está assustada e machucada... e é claro que sofreu um impacto muito forte. Mas teve muita sorte de não ter sido pior.

Então afastou os outros um pouco, levantou-a com facilidade e levou-a no colo até o quarto, onde segurou seu pulso por um minuto, contando. Mandou Minnie (que ainda chorava e agia como uma chata) para fora do quarto para pegar conhaque e uma bolsa de água quente.

Confusa, abalada e com muita dor, ela sentiu imensa gratidão por Jacob Tanios naquele momento. Sentia-se aliviada por estar em mãos competentes. Ele era capaz de passar o exato sentimento de segurança e de confiança que um médico devia passar.

Havia algo que ela não conseguia compreender muito bem, algo vagamente inquietante, mas ela não conseguia pensar nisso agora. Ia beber o que lhe dessem e dormir, como lhe disseram.

Mas era claro que algo estava faltando. Alguém.

Ah, bem, ela não ia ficar pensando... O ombro doía. Bebeu o que lhe serviram.

Ouviu o dr. Tanios dizer, num tom de voz reconfortante:

– Ela vai ficar bem agora.

Fechou os olhos.

Acordou com um som conhecido: um latido suave e abafado.

Estava plenamente desperta em um minuto.

Bob – o travesso Bob! Estava latindo do lado de fora da porta da frente – seu característico latido que significava “na rua a noite toda e com muita vergonha de si mesmo”, num tom desanimado, mas esperançoso.

A srta. Arundell aguçou os ouvidos. Ah, sim, estava tudo certo. Pôde ouvir Minnie descendo para deixá-lo entrar. Ouviu o ranger da porta da frente se abrindo, um murmúrio confuso – as suaves repreensões de Minnie:

– Ah, seu cachorrinho travesso, muito travesso...

Ouviu a porta da despensa se abrir. A cama de Bob ficava embaixo da mesa da despensa.

E, naquele instante, Emily se deu conta do que foi que ela havia sentido falta inconscientemente no momento do acidente que sofreu. Foi de Bob. Toda aquela comoção – a queda, as pessoas correndo – em geral teria feito Bob reagir com uma série de latidos de dentro da despensa.

Então era *com isso* que ela estava se preocupando. Mas agora tudo estava explicado. Quando deixaram Bob sair na noite passada, ele havia desavergonhada e deliberadamente fugido para passear. De vez em quando ele tinha esses lapsos de coragem – embora seus pedidos de desculpas posteriores fossem sempre tudo o que se podia querer.

Então estava tudo bem. Mas estava mesmo? O que mais a estava preocupando, incomodando no fundo da sua mente? O acidente – alguma coisa a ver com o acidente.

Ah, sim, alguém dissera – Charles – que ela tinha pisado na bola que Bob deixara no topo da escada...

A bola estava lá – ele a havia segurado na mão...

A cabeça de Emily Arundell doía. O ombro latejava. Seu corpo machucado sofria...

Mas, em meio ao sofrimento, sua mente estava clara e lúcida. Ela não estava mais confusa pelo choque. Sua memória estava claríssima.

Repassou mentalmente todos os acontecimentos desde as seis horas da tarde anterior... Refez cada passo... até chegar ao instante em que chegou ao topo da escada e começou a descer...

Foi atingida por um arrepio de horror incrédulo...

Claro... claro que devia estar enganada... É normal ter ideias estranhas depois que algo assim acontece. Tentou se lembrar da bola escorregadia de Bob sob seu pé...

Mas não conseguiu se lembrar de nada do gênero.

Em vez disso...

– Nervosismo puro – concluiu Emily Arundell. – Uma ideia ridícula.

Mas sua mente vitoriana, sensata e perspicaz não poderia admitir aquilo por um instante sequer. Vitorianos não eram otimistas bobos. Eram capazes de acreditar no pior, com a maior facilidade.

Emily Arundell acreditou no pior.

Capítulo 4

A srta. Arundell escreve uma carta

Era sexta-feira.

Os parentes haviam partido.

Foram embora na quarta-feira, como planejado. Absolutamente todos se ofereceram para ficar por mais tempo. Absolutamente todas as ofertas foram recusadas com firmeza. A srta. Arundell explicou que preferia ficar "bem quietinha".

Durante os dois dias que tinham se passado desde a partida deles, Emily Arundell ficara bastante pensativa. Às vezes nem escutava o que Minnie Lawson lhe dizia. Ficava olhando para ela e ordenava rudemente que começasse tudo de novo.

– É o *choque*, pobrezinha – disse a srta. Lawson.

E ela acrescentou, com a morbidez típica às situações trágicas que preenchem tantas vidas de outra forma banais:

– Ouso dizer que ela nunca mais voltará a ser o que era.

O dr. Grainger, por outro lado, ridicularizou-a energicamente.

O médico disse que a srta. Arundell estaria descendo a escada até o final da semana, que teve sorte de não ter quebrado nenhum osso e que ela causava problemas demais para um simples homem da medicina. Se todos os pacientes fossem como ela, era melhor que ele fechasse o consultório imediatamente.

Emily Arundell respondeu com bom humor – ela e o velho dr. Grainger eram aliados de longa data. Ele a intimidava, e ela o desafiava. Sempre gostaram muito da companhia um do outro!

Mas agora, depois que o médico havia ido embora, a srta. Arundell estava deitada com a expressão tensa, pensando e repensando. Respondia

distraidamente ao bem-intencionado alvoroço de Minnie Lawson, logo recobrando a consciência e arrasando-a com sua língua afiada.

– Pobre Bobby – disse a srta. Lawson, inclinando-se por cima de Bob, que tinha um tapete no canto da cama da dona. – Será que não ficaria triste se soubesse o que fez à sua pobre dona?

A srta. Arundell explodiu:

– Não seja imbecil, Minnie. E onde está o seu senso britânico de justiça? Não sabe que todos neste país são considerados inocentes até que provem o contrário?

– Ah, mas nós sabemos...

Emily a interrompeu:

– Nós não sabemos absolutamente nada. E chega de tanta agitação, Minnie. Você fica pegando isso, puxando aquilo. Não sabe como se comportar num quarto de doente? Vá embora e mande a Ellen até aqui.

Obediente, a srta. Lawson se afastou.

Emily Arundell observou-a saindo com um leve sentimento de remorso. Por mais irritante que fosse, Minnie fazia o melhor que podia.

Então a expressão tensa tomou conta de seu rosto outra vez.

Estava muito infeliz. Desprezava a inércia, não importava a razão, tal como ocorre com pessoas idosas ainda bastante ativas. Mas naquela situação em particular, não sabia como agir.

Havia momentos em que desconfiava das próprias faculdades, de sua própria lembrança dos acontecimentos. E não havia ninguém, absolutamente ninguém em quem pudesse confiar.

Meia hora mais tarde, a srta. Lawson, trazendo uma xícara de caldo de carne, entrou pé ante pé no quarto e parou, hesitante, ao ver a patroa de olhos fechados. De repente, Emily Arundell disse duas palavras com tanta força e convicção que a srta. Lawson quase deixou a xícara cair.

– Mary Fox! – exclamou a srta. Arundell.

– O quê, querida? – disse a srta. Lawson. – O que você disse que queria?

– Você está ficando surda, Minnie. Eu não disse que queria nada. Eu disse Mary Fox. A mulher que conheci em Cheltenham no ano passado. Ela era irmã de um dos cônegos da Catedral de Exeter. Me dê essa xícara. Você derramou caldo no pires. E não entre no quarto pé ante pé. Não imagina como é irritante. Agora desça e me traga a lista telefônica de Londres.

– Posso encontrar o número para você, querida? Ou o endereço?

– Se eu quisesse que você fizesse isso, teria pedido. Faça o que estou dizendo. Traga a lista aqui e me alcance meus papéis de carta.

A srta. Lawson obedeceu.

Quando estava saindo do quarto, depois de ter feito tudo o que lhe havia sido solicitado, Emily Arundell disse, inesperadamente:

– Você é uma criatura boa e leal, Minnie. Não dê atenção aos meus latidos. São muito piores do que a minha mordida. Você é muito paciente e boa comigo.

A srta. Lawson saiu do quarto com o rosto vermelho, balbuciando palavras incoerentes.

Sentada na cama, a srta. Arundell escreveu uma carta. Redigiu devagar e com cuidado, com várias pausas para pensar e sublinhar bastante. Usou os dois lados da folha, pois fora educada numa escola em que aprendera a nunca desperdiçar papel. Finalmente, com um suspiro de satisfação, assinou o nome e pôs a carta num envelope. Escreveu um nome nele e então pegou outra folha. Dessa vez, fez um rascunho e, depois de reler, fazer alterações e apagar algumas coisas, passou a limpo. Leu tudo com muito cuidado e, satisfeita por ter se expressado como desejava, colocou a carta num envelope e a endereçou a William Purvis, Advogado, do escritório de Purvis, Purvis, Charlesworth e Purvis, em Harchester.

Pegou o primeiro envelope novamente, que estava endereçado a Monsieur Hercule Poirot, e abriu a lista telefônica. Depois de encontrar o endereço, escreveu-o no envelope.

Ouviu uma batida na porta.

A srta. Arundell, apressada, guardou a carta que tinha acabado de endereçar a Hercule Poirot dentro da pasta de papéis de carta. Não tinha intenção de despertar a curiosidade de Minnie, que era intrometida demais.

Ela gritou “entre” e se recostou nos travesseiros com um suspiro de alívio.

Havia tomado medidas para lidar com a situação.

Capítulo 5

Hercule Poirot recebe uma carta

Só muito tempo depois fiquei sabendo dos acontecimentos que acabei de narrar. Mas ao questionar minuciosamente vários membros da família, creio que tenha conseguido descrever os eventos com bastante precisão.

Poirot e eu nos envolvemos no caso apenas quando recebemos a carta da srta. Arundell.

Lembro-me bem do dia. Era uma manhã quente e abafada do final de junho.

Poirot tinha uma rotina peculiar ao abrir a correspondência matinal. Pegava cada carta, examinava-a com cuidado e abria o envelope impecavelmente com o corta-papel. O conteúdo do envelope era examinado e, então, depositado numa das quatro pilhas atrás do bule de chocolate. (Ele sempre tomava chocolate quente no café da manhã – um hábito desagradável.) Tudo isso com uma regularidade mecânica!

Tanto era assim, que a menor interrupção no ritmo chamava a atenção.

Eu estava sentado em frente à janela, observando o trânsito. Retornara recentemente da Argentina e me parecia particularmente excitante estar outra vez em meio ao rugido de Londres.

Virando a cabeça, disse com um sorriso:

– Poirot, eu, o humilde Watson, vou arriscar uma dedução.

– Encantado, meu amigo. Qual é a dedução?

Fiz uma pose e disse, com pompa:

– Esta manhã você recebeu uma carta particularmente interessante!

– Você é mesmo um Sherlock Holmes! Sim, você está certíssimo.

Dei risada.

– Sabe, conheço os seus métodos, Poirot. Se você lê uma carta duas vezes, é bem provável que ela tenha algo muito interessante.

– Julgue por si mesmo, Hastings.

Com um sorriso, meu amigo me passou a carta em questão.

Apanhei-a com interesse, mas logo fiz uma careta. Era escrita numa daquelas caligrafias antiquadas, compridas e finas e, além disso, tomava duas páginas inteiras.

– Preciso ler isto, Poirot? – reclamei.

– Ah, não, não se sinta obrigado.

– Pode me contar o que diz?

– Preferiria que você formasse sua própria opinião. Mas não se incomode, se isso vai entediar você.

– Não, não, eu quero saber do que se trata – protestei.

Meu amigo observou, um pouco seco:

– Será difícil fazer isso. Na verdade, a carta não diz absolutamente nada.

Tomando isso como um exagero, iniciei a leitura sem mais reclamações.

Monsieur Hercule Poirot.

Prezado Senhor:

Após muitas dúvidas e indecisões, escrevo (a última palavra estava riscada, e a carta continuava) estou decidida a escrever para o senhor na esperança de que possa me ajudar numa questão de natureza estritamente privada (as palavras "estritamente privada" estavam sublinhadas três vezes). Posso dizer que seu nome não me é desconhecido. Ele me foi mencionado por uma certa srta. Fox, de Exeter, e, embora a srta. Fox não o conheça pessoalmente, mencionou que a irmã de seu cunhado (cujo nome, sinto dizer, não consigo lembrar) havia falado da sua gentileza e discrição nos mais altos termos ("mais altos termos" estava sublinhado uma vez). Não questionei, é evidente, quanto à natureza ("natureza" sublinhada) da investigação que o senhor havia conduzido para ela, mas compreendi pelo relato da srta. Fox que se tratava de algo de natureza dolorosa e confidencial (as últimas três palavras estavam muito destacadas).

Interrompi minha difícil tarefa de soletrar as palavras compridas e finas.

– Poirot, eu preciso continuar? – perguntei. – Ela em algum momento chega a algum lugar?

– Prossiga, meu amigo. Paciência.

– Paciência! – resmunguei. – É como se uma aranha tivesse entrado num pote de nanquim e caminhado sobre uma folha de papel de carta! Lembro que a caligrafia da minha tia-avó Mary costumava ser muito parecida!

Mais uma vez, segui com a leitura.

No meu dilema atual, me ocorre que o senhor pode empreender as investigações necessárias para mim. O assunto em questão, como o senhor irá logo compreender, requer o máximo de discrição. Posso, na verdade – e preciso muito dizer o quanto espero e rezo ("rezo" sublinhada duas vezes) que seja este o caso – ...posso, na verdade, estar completamente equivocada. Às vezes damos muito significado a fatos passíveis de uma explicação natural.

– Pulei uma folha? – murmurei com certa perplexidade.

Poirot riu.

– Não, não.

– Porque isso não parece fazer sentido. Sobre o que ela está falando?

– *Continuez toujours*.

– "O assunto em questão, como o senhor irá logo compreender..." Não, já li essa parte. Ah! Aqui estamos.

Dadas as circunstâncias, estou certa de que o senhor será o primeiro a avaliar que me é impossível consultar qualquer um em Market Basing (olhei para o cabeçalho da carta. Littlegreen House, Market Basing, Berks), mas, ao mesmo tempo, o senhor irá sem dúvida compreender que me encontro perturbada (a última palavra estava sublinhada). Durante os últimos dias, tenho me censurado por estar imaginando coisas ("imaginando coisas" sublinhado três vezes), mas tenho me sentido cada vez mais incomodada. Posso estar dando importância indevida ao que é, afinal, uma bobagem ("bobagem" sublinhada duas vezes), mas minha inquietação permanece.

Sinto que preciso me tranquilizar em relação a esse assunto, que está dominando a minha mente e afetando a minha saúde, e estou naturalmente numa posição difícil, já que não posso dizer nada a ninguém (“nada a ninguém” sublinhada com força). Com sua experiência, o senhor pode dizer, é claro, que tudo não passa de um boato. Os fatos podem ter uma explicação perfeitamente inocente (“inocente” sublinhada). No entanto, por mais trivial que possa parecer, desde o incidente com a bola do meu cachorro, tenho me sentido cada vez mais desconfiada e assustada. Devo, portanto, aceitar de bom grado sua opinião e aconselhamento sobre o assunto. Estou segura de que isso tiraria um grande peso das minhas costas. O senhor poderia, por favor, me dizer o valor dos seus honorários e o que me aconselharia a fazer na questão?

Devo reforçar, mais uma vez, que ninguém aqui sabe de nada. Sei que os fatos são triviais e corriqueiros, mas não ando bem de saúde, e meus nervos (“nervos” sublinhado três vezes) não são mais os mesmos. Estou convencida de que preocupações desse gênero são muito ruins para mim, e quanto mais penso sobre isso, mais me convenço de que tinha razão e de que não era possível haver qualquer engano. Claro que não sonho em dizer nada (sublinhado) a ninguém (sublinhado).

Espero contar com seu aconselhamento sobre a questão em breve.

No aguardo, atenciosamente,
Emily Arundell.

Virei a carta e observei cada página com atenção.

– Mas, Poirot – objetei. – Do que se trata isso?

Meu amigo encolheu os ombros.

– O que exatamente?

Bati nas folhas com alguma impaciência.

– Que mulher! Por que a sra. ou srta. Arundell...

– Senhorita, creio. É uma carta típica de uma solteirona.

– Sim. Uma velha solteirona realmente perturbada. Por que não pode dizer sobre o que está falando?

Poirot suspirou.

– Como você diz... um lamentável fracasso em empregar ordem e método nos processos mentais, e sem ordem e método, Hastings...

– Isso mesmo – interrompi, apressado. – Quase total ausência de células cinzentas.

– Eu não diria isso, meu amigo.

– Pois eu, sim. Qual o *sentido* de se escrever uma carta como essa?

– Quase nenhum... é verdade – admitiu Poirot.

– Uma longa lenga-lenga sobre nada – continuei. – Provavelmente algum problema com um cachorro gordo, um pug asmático ou um pequinês histérico! – Olhei com curiosidade para o meu amigo. – E ainda assim você lê a carta duas vezes. Não entendo você, Poirot.

Poirot sorriu.

– Hastings, você a teria jogado no lixo?

– Creio que sim – respondi, olhando intrigado para a carta. – Imagino que eu esteja sendo obtuso, como sempre, mas não consigo ver nada de interessante nesta carta!

– No entanto há um ponto de grande interesse... um ponto que me chamou a atenção de imediato.

– Espere! – exclamei. – Não me diga. Deixe-me ver se não consigo descobrir sozinho.

Talvez tenha sido infantil da minha parte. Examinei a carta com muita atenção. Então, sacudi a cabeça.

– Não, não estou entendendo. Estou vendo que a velha se assustou... mas velhas costumam se assustar! Pode não ser nada... pode até ser alguma coisa, mas não vejo como se possa dizer isso pela carta. A menos que o seu instinto...

Poirot levantou uma mão, ofendido:

– Instinto! Você sabe o quanto detesto essa palavra. “Algo está me dizendo”... é o que você está inferindo. *Jamais de la vie*! Eu *racionalizo*. Uso as células cinzentas. Tem um ponto interessante nessa carta que você não percebeu, Hastings.

– Ah, bem – falei, cansado. – Vá em frente.

– Ir em frente? Para onde?

– É um modo de dizer. Estou dizendo que vou deixar você se divertir ao me mostrar exatamente como estou sendo tonto.

– Não é tonto, Hastings, apenas pouco observador.

– Bem, vá logo. Qual é o ponto interessante? Suponho, como o "incidente da bola do cachorro", que o ponto é que não há um ponto interessante!

Poirot desconsiderou essa explosão da minha parte e disse, com toda a calma:

– O ponto interessante é a *data*.

– A data?

Peguei a carta. No canto superior esquerdo estava escrito 17 de abril.

– Sim – falei lentamente. – Que estranho, é de 17 de abril.

– E hoje é 28 de junho. *C'est curieux, n'est ce pas?* Há mais de dois meses.

Sacudi a cabeça, intrigado.

– É provável que isso não signifique nada. Um deslize. Ela queria escrever junho e escreveu abril.

– Mesmo assim, a carta teria dez ou onze dias... um fato estranho. Mas, na verdade, você está equivocado. Olhe para a cor da tinta. A carta foi escrita há mais de dez ou onze dias. Não, 17 de abril é a data certa. Mas por que a carta não havia sido enviada?

Encolhi os ombros.

– Essa é fácil. A velhinha mudou de ideia.

– Então por que não destruiu a carta? Por que mantê-la por mais de dois meses e postá-la só agora?

Fui obrigado a admitir que aquela pergunta era mais difícil de responder. Na verdade, não consegui pensar numa resposta satisfatória. Apenas sacudi a cabeça e não disse nada.

Poirot assentiu.

– Está vendo... é um ponto interessante! Sim, é decididamente um ponto curioso.

– Você vai responder? – perguntei.

– *Oui, mon ami*.

A sala estava silenciosa, exceto pelo ruído da caneta de Poirot no papel. Era uma manhã quente e abafada. Um cheiro de poeira e piche entrava pela janela.

Poirot se levantou da mesa, com a carta completa na mão. Abriu uma gaveta e tirou de dentro uma caixinha quadrada. Da caixa, tirou um selo.

Umedeceu o selo com uma pequena esponja e preparou-o para afixá-lo à carta.

Então, de repente, fez uma pausa, com o selo na mão, sacudindo a cabeça vigorosamente.

– *Non*! – exclamou. – Essa não é a coisa certa a fazer. – Rasgou a carta e atirou o papel no cesto de lixo. – Nós devemos tratar dessa questão! Vamos até lá, meu amigo.

– Você quer dizer ir até Market Basing?

– Isso mesmo. Por que não? Não está sufocante em Londres? O ar do campo não seria agradável?

– Bom, olhando por esse ponto de vista – concordei. – Vamos de carro?

Eu havia adquirido um Austin de segunda mão.

– Excelente. Está um dia muito agradável para andar de carro. Provavelmente não precisaremos de cachecóis. Basta um casaco leve e uma echarpe de seda...

– Meu caro companheiro, você não vai para o Polo Norte! – protestei.

– É preciso tomar muito cuidado para não pegar um resfriado – ponderou Poirot.

– Num dia como esse?

Ignorando meus protestos, Poirot seguiu para vestir um casaco castanho amarelado e enrolar o pescoço com um lenço de seda branco. Tendo colocado cuidadosamente o selo umedecido sobre o papel absorvente para secar, deixamos a sala juntos.

Capítulo 6

Vamos a Littlegreen House

Não sei como Poirot se sentia de casaco e cachecol, mas me senti assando antes de sairmos de Londres. Um carro aberto no trânsito está longe de ser refrescante num dia quente de verão.

Quando saímos de Londres, no entanto, aumentando um pouco a velocidade na Great West Road, meu ânimo melhorou.

O trajeto levou mais ou menos uma hora e meia, e era perto do meio-dia quando chegamos à cidadezinha de Market Basing. Originalmente localizada junto à via principal, um caminho secundário recente agora deixava a pequena cidade cerca de cinco quilômetros ao norte do maior fluxo de trânsito, o que, em contrapartida, possibilitou que o local mantivesse um ar de respeito e tranquilidade à moda antiga. Sua única rua larga e a ampla praça comercial pareciam dizer: “Fui um lugar importante um dia e, para qualquer pessoa com bom-senso e boa família, continuo sendo. Deixem que esse mundo moderno e veloz corra pela estrada recém-feita. Fui construída para resistir num período em que solidariedade e beleza andavam de mãos dadas”.

Havia uma área de estacionamento no meio da grande praça, embora apenas poucos carros a ocupassem. Estacionei o Austin, Poirot se despiu das roupas supérfluas, certificou-se de que o bigode estava adequadamente extravagante, e seguimos em frente.

Foi uma surpresa que a nossa primeira tentativa de descobrir um endereço não obteve a resposta de sempre: “Sinto muito, mas não sou daqui”. Parecia mesmo plausível que não houvesse estranhos em Market Basing! Eu já estava com a impressão de que Poirot e eu (e sobretudo Poirot) éramos de alguma forma perceptíveis. Tendíamos a nos destacar do antiquado cenário de um mercado inglês, resguardado em suas tradições.

– Littlegreen House? – O homem, um sujeito forte de olhos grandes, nos examinou. – Sigam pela High Street que não tem como não ver. À esquerda. Não há nome no portão, mas é a primeira casa grande depois do banco. – E repetiu: – Não tem como não ver.

Seu olhar nos acompanhou quando começamos o nosso percurso.

– Puxa – reclamei. – Tem alguma coisa nesse lugar que faz com que eu me sinta extremamente deslocado. Quanto a você, Poirot, sem dúvida parece exótico.

– Você acha que dá para notar que sou estrangeiro?

– O fato é gritante – garanti.

– E, no entanto, as minhas roupas são feitas por um alfaiate inglês – refletiu Poirot.

– Roupas não são tudo – falei. – Não se pode negar, Poirot, que você tem uma personalidade notável. Com frequência me pergunto se ela não prejudicou a sua carreira.

Poirot suspirou.

– Isso é porque você tem a ideia fixa e equivocada de que um detetive é um homem que usa barba postiça e se esconde atrás de colunas! A barba postiça é *vieux jeu*, e campanas são feitas apenas pelos profissionais dos ramos mais inferiores da minha profissão. Os Hercule Poirot, meu amigo, precisam apenas se recostar numa cadeira e pensar.

– O que explica por que estamos caminhando por essa rua absurdamente quente numa manhã absurdamente quente.

– Muito bem observado, Hastings. Para variar, admito que você me ganhou.

Encontramos Littlegreen House com facilidade, mas um choque nos esperava: uma placa de imobiliária.

Enquanto observávamos a placa, o latido de um cachorro atraiu a minha atenção.

Os arbustos estavam pouco densos àquela altura, e o cão podia ser visto com facilidade. Era um terrier pelo-de-arame, com os pelos um tanto quanto embaraçados. Suas patas estavam bem separadas, um pouco inclinadas para um dos lados, e ele latia com evidente gosto pelo próprio desempenho, o que demonstrava que ele estava agindo com intenções amigáveis.

“Sou um excelente cão de guarda, não sou?”, parecia estar dizendo. “Não se preocupem comigo! Só estou me divertindo! É minha tarefa também. Só preciso deixar claro que há um cachorro por aqui! A manhã está uma chatice total. É uma bênção ter algo para fazer. Vão entrar na nossa propriedade? Espero que sim. Está muito chato aqui. Gostaria de bater um papo.”

– Alô, meu velho – falei, estendendo a mão.

Entortando o pescoço do outro lado da grade, ele me cheirou com desconfiança e, então, abanou o rabo amistosamente, soltando alguns latidos ritmados.

“Ainda não fomos apresentados, preciso continuar com isso! Mas estou vendo que você sabe como iniciar uma conversa.”

– Bom menino – eu disse.

“Uff”, respondeu amigavelmente o terrier.

– E então, Poirot? – eu disse, renunciando à conversa e me virando para meu amigo.

Havia uma expressão esquisita no rosto dele, algo que não consegui compreender muito bem. Parecia uma excitação deliberadamente contida.

– O incidente com a bola do cachorro – murmurou.

– Bem, pelo menos temos um cão aqui.

“Uff”, observou o nosso novo amigo. Ele se sentou, deu um bocejo imenso e nos olhou com ar esperançoso.

– E agora? – perguntei.

O cão parecia estar fazendo a mesma pergunta.

– *Parbleu*, vamos aos senhores... como é mesmo que se chamam? Srs. Gabler e Stretcher.

– Isso parece indicado – concordei.

Demos meia-volta e refizemos nossos passos, com nosso conhecido canino dando alguns latidos aborrecidos às nossas costas.

A imobiliária Gabler e Stretcher ficava na Market Square. Entramos por uma antessala onde fomos recebidos por uma moça com adenoides e olhos baços.

– Bom dia – Poirot disse, educado.

Naquele momento, a jovem estava falando ao telefone, mas indicou uma cadeira, e Poirot se sentou. Encontrei outra cadeira e também me sentei.

– Não saberia dizer – a moça falava, despreocupada, ao telefone. – Não, não sei quais seriam os valores... Perdão? Ah, encanamento central, acho, mas, claro, não tenho certeza... Sinto muito, estou certa de que... Não, ele não está... Não, eu não saberia dizer... Sim, claro que perguntarei a ele... Sim... 8135? Infelizmente acho que não compreendi direito. Ah... 8935... 39... Ah, 5135... Sim, pedirei que ele telefone... depois das seis... Ah, perdão, antes das seis... Muito obrigada.

Ela recolocou o telefone no gancho, rabiscou 5319 no bloco de anotações e voltou um olhar levemente inquiridor, porém desinteressado, para Poirot.

Poirot começou a falar com vivacidade.

– Notei que há uma casa à venda nas cercanias da cidade. Creio que o nome da propriedade seja *Littlegreen* House.

– Perdão?

– Uma casa para ser alugada ou vendida – repetiu Poirot lenta e claramente. – Littlegreen House.

– Ah, Littlegreen House – a moça balbuciou. – O senhor disse Littlegreen House?

– Foi o que eu disse.

– Littlegreen *House* – repetiu a jovem, fazendo um esforço mental tremendo. – Ah, sim, imagino que o sr. Gabler sabe a respeito dessa propriedade.

– Posso falar com o sr. Gabler?

– Ele não está – respondeu a moça com uma satisfação fraca e desmaiada, como a de quem diz “ponto para mim”.

– Sabe quando ele estará de volta?

– Não sei dizer – informou a moça.

– Sabe, estou procurando por uma casa nessa região – Poirot falou.

– Ah, sim – resmungou a jovem, desinteressada.

– E Littlegreen House me parece exatamente o que estou procurando. Sabe me dizer as características?

– Características? – A moça parecia espantada.

– As características da propriedade.

De má vontade, ela abriu uma gaveta, de onde tirou um arquivo de papéis desorganizado.

Então chamou:

– John.

Um rapaz magro, sentado num canto, ergueu o olhar.

– Sim, senhorita.

– Nós temos as características de... o que foi que o senhor disse?

– Littlegreen House – respondeu Poirot devagar.

– Vocês têm um anúncio enorme sobre ela aqui – observei, apontando para a parede.

Ela olhou para mim com frieza. Dois contra um, parecia pensar, era uma maneira injusta de jogar aquele jogo. Então chamou por reforços.

– Não sabe nada sobre Littlegreen House, sabe, John?

– Não, senhorita. Deve estar no arquivo.

– Sinto muito – disse ela sem sequer olhar para o arquivo. – Imagino que tenhamos ficado sem todas as características.

– *C'est dommage*.

– Perdão?

– Que pena.

– Temos um ótimo chalé em Hemel End, com dois quartos e uma sala.

Ela informou sem entusiasmo, mas com o ar de alguém disposto a cumprir o dever junto ao patrão.

– Obrigado, mas não estou interessado.

– E um semigeminado com um pequeno conservatório. Posso lhe dar as características desse.

– Não, obrigado. Gostaria de saber o valor do aluguel que está sendo pedido por Littlegreen House.

– Não está para alugar – falou a moça, abandonando sua posição de ignorância completa sobre Littlegreen House pelo prazer de marcar um ponto. – Ela está apenas à venda.

– A placa diz "aluga-se ou vende-se".

– Não sei informar quanto a isso, mas a casa está apenas à venda.

A essa altura da batalha, a porta se abriu, e um homem grisalho de meia-idade entrou apressado. Com expressão enérgica, observou-nos com um brilho no olhar. Suas sobrancelhas questionaram a funcionária.

– Esse é o sr. Gabler – apresentou a jovem.

O sr. Gabler abriu a porta de um recôndito cômodo com um floreio.

– Entrem, cavalheiros. – Ele nos levou para dentro da sala, indicando-nos as cadeiras com um gesto amplo para, em seguida, sentar-se à nossa

frente do outro lado de uma mesa de trabalho.

– E então, o que posso fazer por vocês?

Poirot recomeçou, perseverante.

– Eu gostaria de algumas informações sobre Littlegreen House...

Não foi além disso. O sr. Gabler assumiu o comando.

– Ah! Littlegreen House... eis uma propriedade! Uma verdadeira pechincha. Acabou de entrar no mercado. Posso dizer aos cavalheiros que não é sempre que temos uma casa dessa categoria e com esse preço. O bom gosto está voltando a ser o que era. As pessoas estão cansadas de construções feitas às pressas. Querem imóveis sólidos. Construções boas e honestas. É uma bela propriedade... tem personalidade... emoção... absolutamente georgiana. É isso que se quer hoje em dia... há um desejo por casas antigas, se sabem o que estou querendo dizer. Ah, sim, Littlegreen House não ficará no mercado por muito tempo. Ela será vendida num piscar de olhos. Num piscar de olhos! Um membro do parlamento veio vê-la no sábado passado. Gostou tanto que virá novamente nesse final de semana. E há um cavalheiro da bolsa de valores interessado também. Hoje, as pessoas querem tranquilidade quando vêm para o campo, querem ficar bem longe das vias principais. Isso é tudo muito bom para algumas pessoas, mas nós atraímos gente de classe aqui. E é isso que aquela casa tem. Classe! É preciso admitir que sabiam construir para cavalheiros naqueles dias. Sim, não deveremos manter Littlegreen por muito tempo no nosso catálogo.

O falante sr. Gabler fez uma pausa para respirar.

– A propriedade mudou de dono com frequência nos últimos anos? – perguntou Poirot.

– Pelo contrário. Está na mesma família há mais de cinquenta anos. De nome Arundell. Muito respeitada na cidade. Senhoras de tradição.

Levantou-se, abriu a porta e chamou:

– Características de Littlegreen House, srta. Jenkins. Rápido.

Voltou para a mesa.

– Gostaria de uma casa a mais ou menos essa distância de Londres – disse Poirot. – No interior, mas não muito isolada, se me compreende...

– Claro, claro. Isolamento não é bom. Os criados não gostam, para começar. Aqui, temos as vantagens do interior, mas não as desvantagens. – A srta. Jenkins entrou voando com uma folha de papel datilografada, que pôs diante do patrão. Ele a dispensou com um aceno de cabeça.

– Aqui está – disse o sr. Gabler, lendo com velocidade ensaiada. – É uma casa antiga, de personalidade: quatro salas, oito quartos, gabinetes, amplas instalações de cozinha, amplas dependências, estábulos etc. Encanamento central, jardins antigos, manutenção de baixo custo, somando 1,2 hectare no total, duas casas de verão etc., etc. O preço é de 2.850 libras ou oferta aproximada.

– O senhor pode me mostrar a residência?

– Certamente, senhor. – O sr. Gabler começou a escrever cheio de floreios. – Seu nome e endereço?

Para minha surpresa, Poirot disse chamar-se sr. Parotti.

– Temos uma ou duas propriedades em nosso catálogo que podem interessá-lo – continuou o sr. Gabler.

Poirot deixou que ele acrescentasse mais duas propriedades.

– Littlegreen House pode ser vista a qualquer momento? – ele perguntou.

– Claro, senhor. Há criados residentes. Talvez eu telefone antes para garantir que alguém nos receba. Vocês irão agora? Ou depois do almoço?

– Talvez depois do almoço seja melhor.

– Com certeza, com certeza. Vou telefonar e dizer que os esperem mais ou menos às duas da tarde... Certo? Tudo bem?

– Obrigado. O senhor disse que a proprietária da casa... a srta. Arundell, foi esse o nome que disse?

– Lawson. Srta. Lawson. É o nome da atual proprietária. A srta. Arundell, sinto dizer, morreu há alguns dias. Foi como a propriedade entrou no mercado. E posso lhe garantir que ela será vendida num piscar de olhos. Não há dúvidas quanto a isso. Aqui entre nós, se o senhor está pensando em fazer uma oferta, é bom fazer logo. Como lhe disse, já há dois cavalheiros interessados nela, e eu não me surpreenderia se, a qualquer momento, recebesse uma oferta por ela. Ambos têm conhecimento de que o outro está interessado, sabe? E não há dúvidas de que a concorrência é um belo estímulo. Ha, ha! Eu não gostaria que o senhor se decepcionasse.

– Imagino que a srta. Lawson esteja ansiosa para vender.

O sr. Gabler baixou a voz, em tom de confidência.

– Exatamente isso. A casa é maior do que ela gostaria... uma mulher de meia-idade, morando sozinha. Ela quer se livrar disso e comprar uma

casa em Londres. Bastante compreensível. É por isso que a casa está tão em conta.

– Será que ela estaria aberta a uma oferta?

– Essa é a ideia, senhor. Faça uma oferta e vamos ver o que acontece. Mas o senhor pode acreditar que não haverá dificuldade de se obter um preço perto do valor pedido. Nossa, é ridículo! Construir uma casa como aquela hoje em dia custaria no mínimo seis mil libras, sem contar o valor do terreno e as valiosas fachadas.

– A srta. Arundell morreu repentinamente, não foi?

– Ah, eu não diria isso. *Anno domini... anno domini*. Ela já tinha passado dos setenta. E vinha adoentada há muito tempo. A última de sua família... vocês sabem algo sobre os Arundell?

– Conheço algumas pessoas com o mesmo sobrenome que têm parentes por aqui. Imagino que sejam da mesma família.

– É muito provável. Havia quatro irmãs. Uma casou-se bem tarde, e as outras três continuaram morando aqui. Senhoras tradicionais. A srta. Emily era a última delas. Bastante considerada na cidade.

Inclinou-se para a frente e passou os papéis de indicação a Poirot.

– Voltarão aqui para me dizer o que acharam da propriedade, certo? É claro que a casa pode precisar de alguma reforma aqui e ali. É de se esperar. Mas eu sempre digo: o que são um ou dois banheiros? É algo fácil de resolver.

Saímos, e a última coisa que escutamos foi a voz inexpressiva da srta. Jenkins dizendo:

– A sra. Samuels ligou, senhor. Ela gostaria que o senhor ligasse para ela... Holland 5391.

Até onde eu podia lembrar, aquele não era nem o número que a srta. Jenkins havia rabiscado no bloco nem o número que lhe informaram durante a ligação.

Estava convencido de que ela estava se vingando por ter sido forçada a encontrar as informações sobre Littlegreen House.

Capítulo 7

O almoço no restaurante da pousada

Quando chegamos em Market Square, comentei que o sr. Gabler era um tagarela! Poirot assentiu com um sorriso.

– Ele ficará bastante decepcionado quando não voltarmos – constatei. – Acho que ele tem a sensação de já ter vendido a casa para você.

– Sim, acho que ele vai ficar decepcionado.

– Almoçamos aqui antes de retornarmos a Londres, ou vamos almoçar em algum outro lugar no caminho de volta?

– Meu caro Hastings, não pretendo deixar Market Basing tão depressa. Ainda não realizamos o que viemos fazer.

Encarei-o.

– Você está querendo dizer... Mas, meu amigo, é um esforço inútil. A velha está morta.

– Exatamente.

O tom daquela palavra me fez encará-lo com mais espanto do que nunca. Era óbvio que aquela carta sem sentido o deixara com uma pulga atrás da orelha.

– Mas se ela está morta, Poirot – comecei, com toda a tranquilidade –, qual é a razão? Ela não pode lhe dizer nada agora. Qualquer que fosse o problema, não existe mais.

– Com que frivolidade e facilidade você põe o assunto de lado! Deixe-me lhe dizer que *nenhum* assunto está encerrado antes que Hercule Poirot deixe de se preocupar com ele!

Eu deveria saber por experiência própria que não vale a pena discutir com Poirot, mas, prossegui, imprudente.

– Mas como ela está morta...

– Exato, Hastings. Exato... exato... exato. Você fica repetindo o ponto mais importante com uma negligência obtusa do que significa. Você não vê a importância desse ponto? A srta. Arundell *morreu*.

– Mas, meu caro Poirot, a morte dela foi natural e comum! Não teve nada de estranho ou inexplicável. Temos a palavra do próprio Gabler.

– Temos a palavra dele de que Littlegreen House é uma pechincha a 2.850 libras. Você aceita isso como verdade absoluta também?

– Não, é verdade. Achei mesmo que Gabler estava dedicado demais a vender a propriedade... e que ela provavelmente precisa ser reformada de cima a baixo. Eu poderia jurar que ele... ou então sua cliente... está disposto a aceitar uma soma muito menor. Deve ser um inferno se livrar dessas mansões georgianas.

– *Eh bien*, então – concluiu Poirot. – Não diga "mas o Gabler disse!" como se ele fosse um profeta incapaz de mentir.

Eu estava prestes a protestar de novo, mas, naquele instante, passamos pela entrada do restaurante da pousada local e, com um enfático "psiu!", Poirot abafou a continuação da conversa.

Fomos levados até o refeitório, um salão de belas proporções, com janelas bem fechadas e cheiro de comida rançosa. Um garçom nos atendeu, era um senhor lento, com a respiração pesada. Parecíamos ser os únicos clientes do almoço. Comemos um carneiro excelente, com fatias grandes de batatas murchas. Algumas frutas cozidas bastante insípidas e creme de ovos se seguiram ao almoço. Depois de nos servir gorgonzola e biscoitos, o garçom trouxe duas xícaras de um líquido de aspecto duvidoso a que chamou de café.

A essa altura, Poirot apanhou os endereços dos imóveis sugeridos pela corretora e pediu a ajuda do garçom.

– Sim, senhor. Sei onde fica quase tudo. Hemel Down fica a cinco quilômetros de distância, na estrada Much Benham, um lugar bem pequeno. Naylor's Farm fica a mais ou menos um quilômetro e meio. Há um caminho que leva até ali, logo depois de King's Head. Bisset Grange? Não, nunca ouvi falar dessa propriedade. Littlegreen House é bem perto, a poucos minutos a pé.

– Ah, acho que já a vi por fora. Acredito que seja ela. Está em bom estado, imagino?

– Ah, sim, senhor. Está em boas condições... Telhado, esgoto e tudo o mais. É antiga, claro. Nunca foi reformada. Os jardins são uma pintura. A srta. Arundell gostava muito do jardim.

– Soube que a casa pertence a uma tal srta. Lawson.

– É isso mesmo. A srta. Lawson era a dama de companhia da srta. Arundell, que, quando morreu, deixou-lhe tudo... a casa e tudo o mais.

– É mesmo? Imagino que ela não tivesse parentes a quem deixar a herança?

– Bem, não exatamente. Ela *tinha* sobrinhas e sobrinhos. Mas era a srta. Lawson quem estava com ela o tempo todo. E, claro, a srta. Arundell já estava velha e... bem... foi o que aconteceu.

– De qualquer forma, imagino que tenha deixado apenas a casa e pouco dinheiro?

Tenho percebido com frequência que, quando uma pergunta direta fica sem resposta, uma suposição falsa de imediato revela informações na forma de uma contradição.

– Longe disso. Muito longe na verdade. Todo mundo se surpreendeu com a quantia que ela deixou. O testamento foi publicado no jornal, com a quantia e tudo o mais. Parece que ela, há muito tempo, vivia abaixo dos padrões da própria renda. Deixou algo em torno de trezentas ou quatrocentas mil libras.

– Não me diga! – exclamou Poirot. – Parece um conto de fadas, não? A humilde dama de companhia de repente se torna riquíssima. Ainda é jovem, essa srta. Lawson? Conseguirá aproveitar a riqueza recente?

– Ah, não. É uma pessoa de meia-idade, senhor.

O modo como enunciou a palavra *pessoa* foi uma performance digna de um artista. Ficou claro que a srta. Lawson, a ex-dama de companhia, não desfrutava de boa reputação em Market Basing.

– Deve ter sido uma decepção para os sobrinhos e sobrinhas – refletiu Poirot.

– Sim, senhor, acredito que a notícia tenha sido um choque para eles. Muito inesperada. O caso repercutiu muito aqui em Market Basing. Há os que não consideram certo deixar gente do próprio sangue fora do testamento. Mas, sem dúvida, há os que acham que todo mundo tem o direito de fazer o que bem entende com o que lhe pertence. Há argumentos para os dois pontos de vista, é claro.

– A srta. Arundell vivia aqui há muitos anos, não?

– Sim. Ela, as irmãs e o pai, o velho general Arundell. Não que eu me lembre dele, naturalmente, mas acredito que ele tenha sido um sujeito e tanto. Participou da Revolta dos Sipais.

– Tinha muitas filhas?

– Se não me engano eram três, e acho que uma foi casada. Sim, a srta. Matilda, a srta. Agnes e a srta. Emily. A srta. Matilda morreu primeiro, em seguida a srta. Agnes e, por fim, a srta. Emily.

– Ela morreu recentemente?

– No começo de maio... ou pode ter sido no final de abril.

– Ficou doente por muito tempo?

– Tinha altos e baixos. Estava mais para doente. Quase morreu de icterícia há um ano. Ficou amarela feito uma laranja por algum tempo. Sim, estava com a saúde debilitada nos últimos cinco anos de vida.

– Imagino que vocês tenham bons médicos por aqui.

– Bem, temos o dr. Grainger. Está aqui há mais ou menos quarenta anos, e quase todo mundo se consulta com ele. É um pouco extravagante e tem suas manias, mas é um bom médico. Trabalha com um sócio, o dr. Donaldson. Esse é mais jovem, segue um estilo mais moderno. Alguns o preferem. E, é claro, tem também o dr. Harding, mas ele não atende muito.

– Suponho que o dr. Grainger fosse o médico da srta. Arundell.

– Sim. Ele a tirou de muitas situações complicadas. É o tipo de médico que nos força a viver, queiramos ou não.

Poirot assentiu com a cabeça.

– É bom saber um pouco sobre o lugar antes de nos mudarmos – observou. – Um bom médico é uma das pessoas mais importantes.

– Isso é bem verdade.

Poirot pediu a conta, à qual acrescentou uma generosa gorjeta.

– Obrigado, senhor. Muito obrigado. Espero mesmo que se mude para cá.

– Também espero – mentiu Poirot.

Deixamos o restaurante.

– Já está satisfeito, Poirot? – perguntei, quando já estávamos na rua.

– De maneira alguma, meu amigo.

Ele virou numa direção inesperada.

– Aonde vai agora, Poirot?

– À igreja, meu caro. Pode ser interessante. Algumas placas... um monumento antigo.

Sacudi a cabeça com desconfiança.

A investigação de Poirot no interior da igreja foi breve. Embora se tratasse de um exemplar arquitetônico atraente, havia sido restaurada com tamanha minúcia durante os exageros vitorianos que restavam poucas coisas interessantes.

Depois, Poirot vagou aparentemente sem rumo pelo cemitério da igreja, lia alguns dos epitáfios, comentava o número de mortes em certas famílias, de vez em quando se espantava com a esquisitice de um nome.

Não me surpreendi, no entanto, quando afinal ele parou diante daquilo que, sem dúvida, era seu objetivo desde o começo.

Uma imponente lápide de mármore trazia uma inscrição parcialmente apagada:

EM MEMÓRIA DE
JOHN LAVERTON ARUNDELL
GENERAL
QUE DORMIU EM CRISTO
EM 19 DE MAIO DE 1888
AOS 69 ANOS
“TRAVA O BOM COMBATE COM TODA A TUA FORÇA”

TAMBÉM DE
MATILDA ANN ARUNDELL
FALECIDA EM 10 DE MARÇO DE 1912
“LEVANTAR-ME-EI E IREI TER COM MEU PAI”

TAMBÉM DE
AGNES GEORGINA MARY ARUNDELL
FALECIDA EM 20 DE NOVEMBRO DE 1921
“PEDI E RECEBERÁS”

Então havia uma nova epígrafe, feita há pouco:

TAMBÉM DE

EMILY HARRIET LAVERTON ARUNDELL
FALECIDA EM 1º DE MAIO DE 1936
“SEJA FEITA A VOSSA VONTADE”

Poirot ficou parado, observando a lápide por algum tempo, e murmurou baixinho:

– Dia 1º de maio... 1º de maio... e hoje, 28 de junho, recebi a carta. Isso precisa ser explicado, você não acha?

Eu achava que sim.

Ou seja, eu achava que Poirot estava decidido a encontrar uma explicação.

Capítulo 8

O interior de Littlegreen House

Ao deixar o cemitério da igreja, Poirot, mais que depressa, tomou a direção de Littlegreen House. Supus que continuaria a desempenhar o papel de possível comprador. Segurando com cuidado os papéis com os endereços dos imóveis, com o de Littlegreen House à frente, ele abriu o portão e seguiu até a porta de entrada.

Nessa ocasião, nosso amigo terrier não estava à vista, mas podíamos ouvir o som de latidos dentro da casa, ainda que de longe – imaginei que na cozinha.

Em seguida, ouvimos passos atravessando o hall, e a porta foi aberta por uma mulher de expressão simpática, já com mais de cinquenta anos – sem dúvida um tipo de criada que pouco se vê hoje em dia.

Poirot apresentou-lhe as referências da imobiliária.

– Sim, senhor, o corretor ligou. Pode vir por aqui?

As persianas, que estavam fechadas quando de nossa passagem por ali mais cedo, agora estavam abertas, preparadas para a nossa visita. Observei que tudo estava muito limpo e bem cuidado. Tratava-se, sem dúvida, de uma mulher cuidadosa.

– Essa é a sala de estar mais ensolarada, senhor.

Olhei em volta com ar de aprovação. Uma sala agradável, de janelas compridas com vista para a rua. Era mobiliada com peças de boa qualidade, sólidas e antigas, quase todas vitorianas, mas havia uma estante Chippendale e um conjunto muito bonito de cadeiras Hepplewhite.

Poirot e eu nos comportamos tal como pessoas procurando imóveis. Ficamos parados, mostrando um certo constrangimento, murmurando comentários como “muito bom”, “que ambiente agradável”, “você disse sala de estar ensolarada?”

A empregada nos levou pelo corredor até outra sala, do lado oposto. Essa era muito maior.

– A sala de jantar, senhor.

Era um cômodo definitivamente vitoriano. Uma pesada mesa de jantar de mogno, um aparador maciço quase púrpura, entalhado com cachos de frutas, e cadeiras sólidas, forradas de couro. Na parede, viam-se pendurados retratos de família.

O terrier continuava a latir em algum ponto isolado. O som dos latidos tornou-se cada vez mais alto, e o cão pôde ser ouvido trotando pelo hall de entrada.

“Quem entrou na casa? Vou despedaçá-lo”, era o que parecia afligi-lo.

Ele chegou na porta, farejando intensamente.

– Ah, Bob, seu cachorro travesso! – exclamou a mulher. – Não se preocupe com ele, senhor. Ele não vai machucar você.

Bob, de fato, ao ver os intrusos, mudou de atitude. Entrou com afobação, mas se apresentou de modo muito civilizado.

Enquanto cheirava nossos calcanhares, parecia dizer: “É um prazer conhecê-los. Perdoem o barulho, tenho um dever a cumprir. Preciso tomar cuidado com quem entra, sabe como é? Mas isso é uma monotonia, e estou contentíssimo em vê-los. Imagino que tenham cães!”

Essa última pergunta parecia dirigida a mim quando parei e o acariciei.

– Sujeitinho simpático – eu disse à mulher. – Só precisa de uma tosa.

– Sim, ele costuma ser tosado três vezes por ano.

– Ele já é velho?

– Ah, não. Bob não tem mais do que seis anos. E às vezes se comporta como um filhote. Rouba os chinelos da cozinheira e foge com eles na boca. É muito calmo, embora às vezes faça muito barulho. A única pessoa que Bob ataca é o carteiro, que morre de medo dele, o coitado.

Bob agora investigava as calças de Poirot.

Depois de descobrir tudo o que podia, soltou uma fungada profunda (“Hum, nada mal, mas não gosta muito de cachorros”) e aproximou-se de mim, com a cabeça inclinada e me olhando com expectativa.

– Não sei por que os cachorros sempre perseguem carteiros – prosseguiu a mulher.

– É uma questão de bom-senso – explicou Poirot. – O cão pondera por meio da lógica. Ele é um animal inteligente, que faz deduções de acordo

com aquilo que observa. Logo aprende que há pessoas que entram e pessoas que não entram na casa. *Eh bien*, quem é a pessoa que mais tenta entrar, toca a campainha duas ou três vezes por dia, e nunca é recebida? O carteiro. É sem dúvida um convidado indesejado pelo dono da casa. É sempre mandado embora, mas insiste em voltar. Logo, o dever de um cão é bem claro: mandar o sujeito indesejado embora, e até mordê-lo. Uma atitude bem plausível...

Ele sorriu para Bob.

– Um camarada muito esperto, imagino.

– Ah, é sim. Bob é quase gente.

Ela abriu outra porta.

– Essa é a sala de estar.

A sala evocava lembranças do passado. Uma leve fragrância de pot-pourri pairava no ambiente. Os tecidos estavam gastos, com estampas desbotadas de buquês de rosas. Nas paredes, viam-se retratos e aquarelas. Havia um bom número de peças de porcelana – estatuetas frágeis de pastores e pastorinhas –, almofadas bordadas em ponto de cruz, fotografias esmaecidas em belos porta-retratos de prata, muitas caixas de costura entalhadas e latas de chá. Achei fascinantes duas bonecas de papel de seda cortadas com perfeição. Uma com uma roda de fiar, a outra com um gato no colo.

Fui envolvido pela atmosfera reminiscente de dias passados, dias de lazer, de refinamento e de elegância. Aquela era de fato uma “sala de estar”. Ali, as senhoras se sentavam e tricotavam, e caso abrissem uma exceção para que um representante do sexo masculino fumasse um cigarro, por certo que logo em seguida sacudiriam as cortinas e arejariam o ambiente.

Bob atraiu minha atenção. Estava sentado, absorto em pensamentos, perto de uma graciosa mesinha com duas gavetas.

Quando viu que eu o observava, soltou um latido curto e choroso, olhando para mim e para a mesa.

– O que ele quer? – perguntei.

Nosso interesse em Bob claramente agradava a criada, que parecia gostar muito dele.

– É a bola. Costumava ficar nessa gaveta. É por isso que Bob fica ali sentado, pedindo.

O tom dela mudou, e a mulher dirigiu-se a Bob com uma voz aguda.

– Não está mais aí, lindinho. A bola do Bob está na cozinha. Na cozinha, Bobizinho.

Bob dirigiu um olhar ansioso para Poirot.

“Essa mulher é uma tonta”, parecia dizer. “Já você parece um camarada inteligente. Bolas são guardadas em lugares específicos, e essa gaveta é um deles. Sempre se guardou uma aqui. Portanto, deve haver uma bola aqui agora. Óbvia lógica canina, não é verdade?”

– A bola não está mais aí, amigo – falei.

Ele olhou para mim com ar desconfiado. Então, quando saímos da sala, ele nos seguiu devagar, de um jeito hesitante.

A criada nos mostrou vários armários, uma chapelaria, no andar de baixo, e uma pequena despensa, “onde a patroa costumava arrumar as flores”.

– Você trabalhou aqui por muito tempo? – perguntou Poirot.

– Vinte e dois anos, senhor.

– A senhora está cuidando da propriedade sozinha?

– Eu e a cozinheira.

– Ela também trabalhou por tanto tempo com a srta. Arundell?

– Quatro anos. A antiga cozinheira morreu.

– Se eu comprasse a casa, a senhora consideraria ficar?

Ela corou de leve.

– É muito gentil da sua parte, senhor, mas vou me aposentar. A srta. Arundell me deixou uma boa herança, e eu vou morar com meu irmão. Estou aqui apenas prestando um favor à srta. Lawson, cuidarei da propriedade até ela ser vendida.

Poirot assentiu com a cabeça.

De repente, ouviu-se um bump, bump, bump, um som repetitivo cada vez mais alto que parecia vir de cima.

– É o Bob – a criada sorria. – Ele pegou a bola e a atirou escada abaixo. É uma brincadeira dele.

Quando chegamos ao pé da escada, uma bola de borracha preta atingiu o último degrau com uma pancada. Apanhei a bola e olhei para cima. Bob estava deitado no degrau mais alto, com as patas estendidas e com o rabo balançando. Atirei a bola na direção dele. Ele a apanhou sem dificuldade, mordeu-a por algum tempo com evidente contentamento, a colocou entre as patas e a empurrou de leve com o focinho, até que a acertou com a cabeça.

A bola quicou mais uma vez escada abaixo, e Bob balançou o rabo empolgadíssimo, enquanto observava a trajetória da bola.

– Ele é capaz de ficar horas assim. Passaria o dia inteiro fazendo isso. Agora chega, Bob. Os cavalheiros têm coisas mais importantes a fazer do que ficar brincando.

Um cão sempre proporciona situações amistosas. Nosso interesse e simpatia por Bob haviam quebrado a frieza natural da velha criada. Quando subimos para ver os quartos, nossa guia tagarelava sobre a extraordinária esperteza do animal. A bola fora deixada no pé da escada. Ao passarmos por Bob, ele nos dirigiu um olhar de profundo desgosto e desceu com um ar solene para recuperá-la. Dobrando à direita, eu o vi subir lentamente com a bola na boca, movendo-se no passo de um velho, obrigado a fazer um esforço tremendo por pessoas sem consideração.

Enquanto olhávamos os quartos, Poirot começou aos poucos a sondar a criada.

– Quatro srtas. Arundell moraram aqui, não? – ele perguntou.

– No início, sim, mas isso foi antes de eu vir para cá. Quando cheguei, havia apenas a srta. Agnes e a srta. Emily, e a srta. Agnes morreu logo depois. Ela era a mais jovem da família. Foi estranho ela morrer antes da irmã.

– Imagino que não fosse forte como a irmã?

– Não, isso é curioso. A srta. Emily sempre teve a saúde mais delicada. Passou a vida cercada de médicos. A srta. Agnes, que era forte e robusta, foi-se primeiro, e a srta. Emily, que tinha uma saúde frágil desde a infância, sobreviveu a toda a família. É mesmo muito esquisito.

– É impressionante como isso é frequente.

Poirot empolgou-se e começou a contar uma história completamente mentirosa (tenho certeza disso) sobre um tio inválido, a qual não vou me dar ao trabalho de repetir. Basta dizer que surtiu efeito. Discussões sobre morte e assuntos afins são mais eficientes para destravar a língua humana do que qualquer outra coisa. Assim, Poirot pôde fazer perguntas que vinte minutos antes teriam levantado suspeitas e hostilidade.

– A srta. Arundell ficou doente por muito tempo. Ela sofreu muito?

– Não, eu não diria isso. Ela vinha doente, se sabe o que quero dizer, havia bastante tempo... desde dois invernos atrás. Ficou muito mal na época, com icterícia. Com o rosto e os olhos amarelos...

– Ah, sim, é verdade... – E Poirot desfiou uma história sobre um primo que parecia ter sido a icterícia em pessoa.

– É isso mesmo, assim como o senhor disse. Ela estava muito doente, a pobrezinha. Não conseguia manter nada no estômago. O dr. Grainger não achava que ela resistiria. Mas tinha um pulso firme admirável com ela... intimidador, sabe? "Decidiu ficar aí na cama e encomendar a lápide?", ele perguntava. E ela respondia: "Ainda tenho forças para lutar, doutor". E ele dizia: "É isso mesmo... é o que eu gosto de ouvir". Tínhamos uma enfermeira, e ela se convenceu de que não havia esperança. Um dia chegou a dizer ao doutor que era melhor nem insistir que a srta. Arundell comesse, mas ele a contestou: "Que absurdo! Insistir? Você deve forçá-la a se alimentar". Caldo de carne a tal hora, caldo de frango a tal hora, colheres de chá de conhaque a tal hora. No fim, disse algo que nunca esquecerei: "Você é jovem, minha filha", dirigiu-se à enfermeira, "não percebe a resistência formidável dos idosos. São os jovens que acabam se entregando e morrendo por falta de desejo de viver. Quem vive mais de setenta anos é um lutador, alguém com vontade de viver". E é verdade. Sempre se diz que a vitalidade e a lucidez dos mais velhos são impressionantes, mas o doutor deixou claro que é exatamente isso que os leva a viver tanto tempo.

– Há muita sabedoria no que está dizendo! E a srta. Arundell era assim, tinha desejo de viver?

– Ah, sim, muito. A saúde dela era frágil, mas a cabeça funcionava a mil. Como eu estava dizendo, ela superou a doença... e surpreendeu a enfermeira, e muito. Era cheia de pose a tal enfermeirinha, com o colarinho e os punhos engomados, exigia atenção e chá o tempo todo.

– Uma boa recuperação.

– Sim, é verdade. Claro que a patroa precisou cuidar muito da dieta no começo, tudo era fervido e cozido no vapor, sem gordura, e ela também não podia comer ovos. Foi muito monótono para ela.

– Mas o que importa é que ela se recuperou bem.

– Sim. É claro que ela tinha seus revezes. O que eu chamava de crises de fígado. Descuidava da dieta após um tempo... Mas as crises não eram sérias, não até a última.

– Ela ficou doente como antes?

– Sim, exatamente igual. A mesma icterícia... aquela terrível cor amarela, os horríveis enjoos e tudo o mais. Acho que ela própria provocou a

doença, pobrezinha. Comeu muitas coisas que não devia. Na mesma noite em que passou mal, comeu curry no jantar, e o senhor sabe, curry é forte e um pouco oleoso.

– A doença surgiu de repente, então?

– Bem, parecia que sim, mas o dr. Grainger disse que ficou incubada por algum tempo. Veio após uma friagem, já que o tempo andava muito instável, e ela exagerou na comida pesada.

– Imagino que a srta. Lawson, como dama de companhia, tentava dissuadir a srta. Arundell de comer pratos pesados.

– Ah, a srta. Lawson não podia fazer nada. A srta. Arundell não aceitava ordens de ninguém.

– A srta. Lawson estava com ela durante a primeira doença?

– Não, chegou depois disso. Ficou por mais ou menos um ano.

– Imagino que a srta. Arundell tenha tido outras damas de companhia antes disso?

– Ah, várias, senhor.

– Vê-se então que as damas de companhia não ficavam tanto quanto as criadas... – falou Poirot, sorrindo.

A mulher corou.

– Bem, era diferente. A srta. Arundell não saía muito, e por uma coisa e outra... – fez uma pausa.

Poirot olhou para ela por um instante e disse:

– Compreendo um pouco a mentalidade das senhoras mais velhas. Anseiam por novidades. Talvez acabem por descobrir tudo a respeito de alguém.

– Puxa, isso é muito perspicaz da sua parte, senhor. Atingiu o ponto exato. Quando uma nova dama de companhia chegava, a srta. Arundell ficava sempre muito interessada sobre a vida da moça, sua infância, os lugares por onde havia andado e o que pensava a respeito das coisas. Então, quando já sabia de tudo, imagino que ficava... bem, enjoada. Acho que é essa a palavra correta.

– Isso mesmo. E, cá entre nós, essas senhoras que trabalham como damas de companhia não costumam ser muito interessantes... Curioso, não?

– É verdade, senhor. São criaturas da pior espécie, a maioria delas. Absolutamente tolas, de vez em quando. A srta. Arundell logo se cansava delas, por assim dizer. E então contratava outra.

– No entanto, deve ter tido uma ligação especial com a srta. Lawson.

– Ah, acho que não.

– A srta. Lawson não era fora do comum?

– Creio que não, senhor. Era como as outras.

– A senhora gostava dela?

A mulher encolheu os ombros.

– Não havia nada para gostar ou desgostar. Era alvoroçada, uma solteirona como qualquer outra, cheia de bobagens sobre espíritos.

– *Espíritos*? – Poirot pareceu interessado.

– Sim, espíritos. Sentava-se no escuro ao redor de uma mesa para falar com gente morta. Acho isso uma afronta à religiosidade, como se não soubéssemos que as almas têm o lugar que lhes cabe e que provavelmente nunca venham a sair de lá.

– Então a srta. Lawson era espírita! A srta. Arundell também acreditava nisso?

– Bem que a srta. Lawson gostaria! – disparou. Havia um toque de maldade em seu tom de voz.

– Não acreditava? – insistiu Poirot.

– A patroa era muito sensata – protestou. – Veja bem, não digo que as sessões não a divertissem. “Estou disposta a ser convencida”, ela falava. Mas costumava olhar para a srta. Lawson e dizer: “Minha pobre, como você é tola de se deixar enganar assim!”

– Compreendo. Ela não acreditava, mas entretinha-se.

– É isso mesmo. Às vezes eu me pergunto se ela não... bem, se ela não pregava peças, por assim dizer, empurrando a mesa e esse tipo de coisa. Divertindo-se ao ver as outras três numa seriedade sepulcral.

– As outras três?

– A srta. Lawson e as duas srtas. Tripp.

– A srta. Lawson era uma espírita muito convicta?

– Para ela o espiritismo era verdade absoluta.

– E a srta. Arundell era muito ligada à srta. Lawson, por certo.

Poirot fez essa afirmação pela segunda vez e recebeu a mesma resposta.

– Bem, acho difícil.

– Mas só pode ser, já que deixou tudo para a srta. Lawson – concluiu Poirot. – Deixou, não deixou?

A transformação foi imediata. O que havia de espontâneo nela desapareceu, e a criada autômata ressurgiu. A mulher se levantou e, num tom frio que demonstrava censura a tanta intimidade, proferiu:

– Não é da minha conta a quem a patroa deixou o dinheiro, senhor.

Senti que Poirot havia posto tudo a perder. Depois de fazer com que a mulher se sentisse à vontade, havia dado um passo em falso. Mas foi esperto o bastante para não se precipitar em recuperar o terreno perdido. Depois de uma observação trivial sobre o tamanho e o número de quartos, seguiu na direção da escada.

Bob desaparecera, mas, quando cheguei ao topo da escada, tropecei e quase caí. Agarrando-me à balaustrada para me firmar, olhei para baixo e vi que pisara inadvertidamente na bola de Bob, ali deixada por ele.

A mulher logo se desculpou.

– Sinto muito, senhor! É culpa de Bob. Ele deixa a bola aí. E não se consegue vê-la contra o tapete escuro. Qualquer dia vai acabar matando alguém. A pobre patroa levou um tombo feio por causa disso. Pode muito bem ter sido o que a matou.

Poirot parou de repente na escada.

– Está dizendo que ela sofreu um acidente?

– Sim, senhor. O Bob deixou a bola aí, como sempre, e a patroa saiu do quarto, escorregou e caiu escada abaixo. Poderia ter morrido.

– Ela ficou muito ferida?

– Poderia ter sido pior. Ela teve muita sorte, o dr. Grainger falou. Sofreu um pequeno corte na cabeça e distendeu as costas. Claro que também ficou com hematomas, foi um tombo feio. Ficou de cama por uma semana, mas não foi grave.

– Isso aconteceu há muito tempo?

– Uma ou duas semanas antes de morrer.

Poirot se abaixou para juntar algo que havia deixado cair.

– Perdão... minha caneta... Ah, aqui está.

Levantou-se novamente.

– Que descuidado esse Bob – observou.

– Ah, pois é, mas ele não faz por mal – argumentou a mulher, num tom afetuoso. – Pode até parecer gente, mas não é. Sabe, a patroa dormia mal e muitas vezes se levantava à noite, descia e ficava zanzando pela casa.

– Fazia isso com frequência?

– Quase todas as noites. Mas não deixava nem que a srta. Lawson nem ninguém andasse atrás dela.

Poirot voltou à sala de estar.

– Que bela sala – observou. – Será que a minha estante caberia aqui? O que você acha, Hastings?

Perplexo, respondi que era impossível ter certeza.

– Sim, é fácil confundir o tamanho. Pegue, por favor, a minha régua e meça a largura enquanto anoto as medidas.

Obediente, tirei várias medidas com a trena que Poirot me entregou, enquanto ele escrevia no verso de um envelope.

Eu começava a me perguntar por que razão ele havia adotado aquele método tão desleixado e atípico em vez de fazer uma anotação organizada em seu caderno de bolso quando Poirot me entregou o envelope, dizendo:

– É isso mesmo? Melhor você conferir.

Não havia números no envelope. Em vez disso, estava escrito: "Quando subirmos de novo, finja lembrar-se de um compromisso e peça para usar o telefone. Deixe a mulher acompanhá-lo e demore o máximo possível".

– É isso mesmo – respondi, guardando o envelope. – Acho que as duas estantes cabem direitinho.

– É melhor ter certeza. Se não for incômodo, gostaria de olhar o quarto principal mais uma vez. Não estou muito seguro a respeito das dimensões das paredes.

– Claro, senhor. Não é incômodo nenhum.

Subimos novamente. Poirot mediu uma das paredes e fez comentários sobre possíveis disposições da cama, do guarda-roupa e da escrivaninha quando olhei para o relógio e exclamei, com um trejeito meio exagerado:

– Meu Deus! Já são três horas? O que Anderson vai pensar? É melhor ligar para ele! – Virei-me para a mulher e perguntei: – Será que posso usar o telefone, se tiver?

– É claro. Fica na saleta no final do corredor. Eu lhe mostro o caminho.

Ela desceu comigo, indicando o aparelho, e fiz com que me ajudasse a encontrar um número na lista telefônica. No fim das contas, fiz mesmo um telefonema – a um tal sr. Anderson da cidadezinha de Harchester.

Felizmente ele não estava, e deixei um recado de que não era nada urgente e que eu ligaria mais tarde!

Quando voltei, Poirot havia descido a escada e estava parado no hall. Seus olhos tinham um brilho colorido. Eu não fazia ideia do motivo, mas percebi que ele estava empolgado.

Poirot disse:

– A queda deve ter sido um choque terrível para a sua patroa. Depois do acidente, passou a incomodar-se com Bob e com a bola?

– É curioso o senhor dizer isso. A queda a deixou muito aflita. Quando estava morrendo, ficou delirante, e falou muito sobre Bob e a bola, e também sobre uma pintura que vaza.

– Uma pintura que vaza – repetiu Poirot, pensativo.

– Claro que não fazia sentido, mas ela estava delirando.

– Um instante... Preciso ir à sala de estar mais uma vez.

Perambulou pela sala, examinando os enfeites. Um imenso vaso de porcelana pareceu atraí-lo. A qualidade da peça, imagino, não era lá essas coisas. Tinha a pintura um tanto deselegante de um buldogue tristonho sentado à porta de entrada. Abaixo dele, estava escrito: “Na farra a noite inteira, e sem chave”. Típico humor vitoriano.

Poirot, cujo gosto sempre acreditei ser irremediavelmente burguês, parecia deslumbrado.

– Na farra a noite inteira, e sem chave – murmurou. – Que curioso! O Bob também faz isso? Sai para farrear a noite toda?

– Muito raramente, senhor. Muito raramente. Bob é um cão muito comportado.

– Estou certo disso. Mas mesmo o mais comportado dos cães...

– Ah, é verdade. De vez em quando ele saía e voltava em torno das quatro da manhã. Então ficava sentado na porta latindo até que abrissem.

– Quem o deixava entrar? A srta. Lawson?

– Bem, qualquer pessoa que o escutasse. Da última vez foi a srta. Lawson. Foi a noite em que a patroa se acidentou. Bob voltou para casa mais ou menos às cinco. A srta. Lawson correu para deixá-lo entrar antes que ele começasse a latir. Ficou com medo de acordar a patroa e não disse a ela que Bob tinha sumido para não preocupá-la.

– Entendo. Ela achou melhor que a srta. Arundell não soubesse?

– Foi o que ela disse: “Ele com certeza vai voltar. Sempre volta. Mas a srta. Arundell pode se preocupar, e isso não seria bom”. Então não dissemos nada.

– O Bob gostava da srta. Lawson?

– Bem, era muito malcriado com ela, se entende o que quero dizer. Cães podem agir assim às vezes. Ela o tratava bem, o chamava de “cachorrinho bonzinho” e “cachorrinho querido”, mas Bob lhe lançava olhares petulantes e não prestava atenção alguma ao que ela dizia.

– Entendo – Poirot assentiu com a cabeça.

De repente, ele fez algo que me surpreendeu: tirou do bolso a carta que recebera naquela manhã.

– Ellen – disse ele –, você sabe alguma coisa sobre isso?

A transformação na fisionomia de Ellen foi extraordinária.

Boquiaberta, ficou encarando Poirot com uma expressão cômica de perplexidade.

– Bem – ela bradou. – Não fazia ideia...

A observação soou pouco coerente, mas não deixou dúvidas quanto ao que Ellen queria dizer.

Recompondo-se, perguntou lentamente:

– Então a carta foi escrita para o senhor?

– Sim. Meu nome é Hercule Poirot.

Ellen, naturalmente, não prestara atenção no nome escrito nos papéis da imobiliária que Poirot lhe entregara ao chegar. Ela assentiu com a cabeça.

– Era isso mesmo. Hercules Poirot. – Ellen pronunciou o S mudo de “Hercules” e o T mudo do sobrenome. – Minha nossa! – exclamou. – A cozinheira vai ficar surpresa.

Poirot apressou-se em dizer:

– Não seria melhor irmos à cozinha e, lá, na companhia da sua amiga, discutirmos o assunto?

– Bem... se o senhor não se importar.

Ellen pareceu um pouco desconfiada. Aquele dilema em particular era novo para ela. Mas a cordialidade de Poirot a tranquilizou, e nos dirigimos à cozinha. Ellen explicou a situação a uma mulher grande, de expressão simpática, que estava tirando uma chaleira do fogão.

– Você não vai acreditar, Annie! Este é o cavalheiro a quem a carta foi escrita, a carta que encontrei no bloco, lembra?

– Não se esqueçam de que estou no escuro – falou Poirot. – Talvez possam me dizer como a carta foi enviada tão tarde?

– Bem, senhor, para dizer a verdade, eu não sabia o que fazer. Nenhuma de nós sabia.

– É mesmo, não sabíamos – confirmou a cozinheira.

– Veja bem, senhor, a srta. Lawson doou e jogou fora muitas coisas boas depois da morte da patroa. Entre elas havia um pequeno bloco, acho que é como chamam, de papel machê. A capa era muito bonita, com um lírio do vale pintado. A patroa o usava sempre que escrevia na cama. Bem, a srta. Lawson não o queria, de modo que o deu para mim, junto com várias quinquilharias que pertenciam à patroa. Guardei-o numa gaveta, e só ontem o tirei de lá. Dentro dele havia uma espécie de aba, enfiei a mão e encontrei ali uma carta com a caligrafia da patroa.

Fez uma breve pausa e prosseguiu:

– Bem, como falei, não sabia exatamente o que fazer. Era a letra da patroa, com certeza, e vi que ela escrevera e guardara a carta para enviá-la no dia seguinte, mas esquecera onde a pusera, coisa que a pobrezinha sempre fazia. Uma vez foi um extrato bancário que ninguém conseguia imaginar onde tinha ido parar e afinal foi encontrado guardado dentro de uma gaveta da escrivaninha.

– Ela era desorganizada?

– Não, muito pelo contrário. Ela estava sempre guardando e organizando tudo. E era esse o problema. Se ela parasse de guardar as coisas seria mais fácil encontrá-las. O que acontecia era que as coisas eram guardadas e esquecidas.

– Como a bola do Bob, por exemplo? – perguntou Poirot com um sorriso.

O esperto terrier acabara de entrar correndo e nos cumprimentou mais uma vez, todo amistoso.

– Exatamente. Assim que Bob terminava de brincar com a bola, a patroa a guardava. Mas isso não era problema, porque a bola sempre ficava na gaveta que lhes mostrei.

– Entendo. Mas eu a interrompi. Por favor, continue. A senhora descobriu a carta junto com o bloco?

– Sim, foi o que aconteceu. E perguntei a Annie o que fazer. Não quis queimá-la, e é claro que não me senti no direito de abri-la. Annie e eu concluímos que não interessava à srta. Lawson, de modo que, após discutirmos por algum tempo, selei o envelope e o levei ao correio.

Poirot virou-se de leve para mim.

– *Voilà* – murmurou.

Não pude deixar de dizer, com certa malícia:

– Impressionante como certas coisas podem ter uma explicação tão simples!

Ele me pareceu um pouco desapontado, e sem dúvida teria preferido que eu não tivesse me apressado em ironizá-lo.

Ele se virou de novo para Ellen.

– Como diz meu amigo: certas coisas podem ter uma explicação simples. Mas veja bem, fiquei intrigado ao receber uma carta com data de dois meses atrás.

– Imagino que sim. Não pensamos nisso.

– Além do mais – Poirot tossiu –, estou diante de um pequeno dilema. Esta carta diz respeito a uma incumbência particular da qual a srta. Arundell me encarregou. – Ele pigarreou, solene. – Agora que a srta. Arundell está morta, não sei como proceder. Será que a srta. Arundell desejaria que eu atendesse ao seu pedido? Difícil saber, muito difícil.

As duas mulheres olhavam para ele com respeito. Poirot prosseguiu:

– Creio que eu deva consultar o advogado da srta. Arundell. Ela tinha um advogado?

Depressa, Ellen respondeu:

– Sim, sim. O sr. Purvis, de Harchester.

– Ele estava a par de todos os assuntos da srta. Arundell?

– Acredito que sim, senhor. Pelo que lembro, fazia tudo para ela. Foi por ele que a patroa mandou chamar depois da queda.

– A queda da escada?

– Sim, senhor.

– Deixe-me ver, quando foi isso exatamente?

A cozinheira interferiu.

– Um dia depois do feriado. Lembro bem. Trabalhei no feriado, já que ela estava hospedando todas aquelas pessoas, e tirei folga na quarta-feira.

Poirot pegou o calendário que trazia no bolso.

– É verdade... O feriado de Páscoa, vejo aqui, caiu no dia 13 este ano. Então a srta. Arundell acidentou-se no dia 14. A carta foi escrita três dias depois. Uma pena que não tenha sido enviada. No entanto, talvez não seja tarde demais... – fez uma pausa. – Prefiro pensar que a minha incumbência relacionava-se a um dos... convidados que acabou de mencionar.

Esta observação, que era apenas um tiro no escuro, encontrou resposta imediata. A expressão de Ellen era a de quem tivera um estalo. Ela e a cozinheira entreolharam-se.

– Deve ser o sr. Charles – Ellen declarou.

– Se puderem me dizer quem estava aqui – sugeriu Poirot.

– O dr. Tanios e a mulher dele, a srta. Bella, e a srta. Theresa e o sr. Charles.

– Eram todos sobrinhos e sobrinhas?

– Isso mesmo. O dr. Tanios, é claro, não é parente. Na verdade, ele é estrangeiro, grego ou coisa parecida. Ele se casou com a srta. Bella, sobrinha da srta. Arundell. O sr. Charles e a srta. Theresa são irmãos.

– Sim, entendo. Uma reunião de família. E quando eles partiram?

– Na quarta-feira de manhã, senhor. E o dr. Tanios e a srta. Bella voltaram no fim de semana seguinte porque estavam preocupados com a srta. Arundell.

– E o sr. Charles e a srta. Theresa?

– Vieram no fim de semana seguinte, anterior à morte da patroa.

A curiosidade de Poirot era insaciável. Não conseguia entender o sentido daquelas perguntas insistentes. Ele obtivera uma explicação para o mistério e, a meu ver, quanto antes se retirasse, e com dignidade, melhor. Ele pareceu captar meu pensamento.

– *Eh bien*. Essas informações são muito úteis. Devo procurar o sr. Purvis, foi esse o nome que disse? Muito obrigado pela ajuda.

Poirot se inclinou e acariciou Bob.

– *Brave chien, va*! Você amava a sua dona, não amava?

Bob respondeu com simpatia e, já querendo brincar, correu e pegou um pedaço grande de carvão. Foi repreendido e perdeu o carvão. Lançou-me um olhar condoído.

“Essas mulheres!”, parecia dizer. “São generosas com a comida mas não têm o mínimo espírito esportivo!”

Capítulo 9

Reconstituição do incidente

– Bem, Poirot – falei, enquanto o portão de Littlegreen House fechava-se às nossas costas – espero que agora esteja satisfeito!

– Sim, meu caro. Estou satisfeito.

– Graças aos céus por isso! Todos os mistérios estão explicados! O caso da Dama de Companhia Perversa e da Senhora Rica já era. A carta atrasada e mesmo o famoso incidente com a bola de Bob foram esclarecidos. Tudo satisfatoriamente resolvido e nos conformes!

Poirot respondeu com uma tossezinha seca:

– Eu não diria *satisfatoriamente*, Hastings.

– Mas você disse há um minuto.

– Não, não. Eu não disse que a resolução era *satisfatória*. Disse que minha curiosidade estava *satisfeita*. Sei a verdade sobre o incidente com a bola.

– E foi também muito simples!

– Não tão simples como você pensa. – Balançou com a cabeça várias vezes e então continuou: – Sei de um detalhezinho que você não sabe.

– E o que é? – perguntei, um tanto cético.

– Sei que o rodapé no alto da escada tem um prego.

Encarei-o. Seu rosto estava muito sério.

– Bem – eu disse após alguns instantes –, por que não haveria de ter?

– A questão, Hastings, é: por que teria?

– Como vou saber. Algum motivo doméstico, talvez. Que diferença faz?

– Muita. E não consigo pensar em qualquer motivo doméstico para haver um prego no rodapé no alto da escada, naquele lugar em particular. E foi cuidadosamente envernizado, também, como que para disfarçar.

– Onde está querendo chegar, Poirot? Você sabe o motivo?

– Posso imaginá-lo com facilidade. Se alguém quisesse esticar um pedaço de fio ou arame no alto da escada a aproximadamente trinta centímetros do chão, poderia amarrá-lo de um lado da balaustrada, mas na parte interna da parede seria preciso algo como um prego para prender o fio.

– Poirot! – exclamei. – Aonde, em nome dos céus, você quer chegar?

– *Mon cher ami*, estou reconstituindo o incidente com a bola de Bob. Gostaria de ouvir a minha reconstituição?

– Prossiga.

– *Eh bien*, aí vai. Alguém percebeu o costume que Bob tinha de deixar a bola no alto da escada. Um hábito perigoso, que poderia levar a um acidente.

Poirot fez uma pausa e disse, num tom diferente:

– Se quisesse matar alguém, Hastings, que providências você tomaria?

– Eu... bem... não sei. Forjaria um álibi ou coisa parecida, imagino.

– Um procedimento, posso garantir, tanto difícil quanto perigoso. Mas você não tem o perfil cauteloso de um assassino que mata a sangue frio. Não lhe ocorre que a forma mais fácil de se livrar de alguém indesejável seria tirar vantagem de um acidente? Acidentes acontecem o tempo todo. E, às vezes, Hastings, um acidente pode ser facilitado!

Fez outra pausa antes de prosseguir:

– Acho que o assassino teve a ideia ao ver a bola deixada ao acaso no alto da escada. A srta. Arundell tinha o hábito de sair do quarto à noite e caminhar pela casa. Enxergava mal, portanto havia uma boa chance de que tropeçasse na bola e caísse escada abaixo. Mas um assassino cuidadoso não confia no acaso. Esticar um fio no alto da escada seria muito mais fácil. Ela cairia de cabeça. Então, quando corressem para acudi-la, ali, à vista de todos, estaria a causa do acidente: a *bola de Bob*.

– Que horror! – exclamei.

Poirot concordou, em tom sério:

– Sim, foi um horror... E também malsucedido. A srta. Arundell quase não se machucou, embora pudesse ter quebrado o pescoço. Que decepção para o nosso ilustre desconhecido! Mas a srta. Arundell era muito esperta. Todos disseram a ela que havia escorregado na bola, e a bola lá estava como prova. No entanto, ao lembrar-se do acidente, pressentia que havia ocorrido

de outro modo. Ela não escorregara na bola. E, além disso, lembrava-se de outra coisa. Lembrava-se de *ouvir os latidos de Bob, que pedia para entrar, às cinco horas da manhã seguinte*.

"Admito que seja apenas suposição, mas acredito que estou certo. *A própria srta. Arundell havia guardado a bola de Bob* na noite anterior. Depois disso, ele saiu e *não voltou*. Nesse caso, não foi Bob quem deixou a bola na escada."

– Isso é pura especulação, Poirot – protestei.

Ele objetou.

– Nem tanto, meu caro. A srta. Arundell, quando estava delirante, disse palavras muito expressivas... Algo a respeito da bola de Bob e de uma "pintura que vaza". Percebe?

– Nem um pouco.

– Curioso. Conheço o suficiente sobre o seu idioma para saber que não se fala que uma pintura *vaza*. Um cano *vaza*. Uma pintura envelhece.

– Ou apenas desbota.

– Ou desbota, como você diz. Então percebi que Ellen interpretou mal o significado das palavras que ouviu. Era de um vaso que a srta. Arundell falava. Na sala de estar há um vaso de porcelana bastante visível. Observei nele a pintura de um cachorro. Com a lembrança dos delírios em mente, examinei a peça mais de perto. Descobri que retrata um *cachorro que passou a noite fora*. Entende o raciocínio dessa mulher febril? Bob era como o cão na pintura do vaso... na farra a noite toda... *de forma que não foi ele quem deixou a bola na escada*.

Exclamei, com admiração:

– Você tem uma sagacidade demoníaca, Poirot! Não consigo entender como pensa nessas coisas!

– Não "penso nessas coisas". Elas estão à vista, para qualquer um ver. *Eh bien*, você percebe a situação? A srta. Arundell, deitada na cama depois da queda, fica desconfiada. A desconfiança talvez seja fantasiosa e absurda, mas está lá. *"Desde o incidente com a bola de meu cachorro, venho me sentindo cada vez mais assustada."* E então ela escreve para mim e, por um golpe de azar, a carta não chega às minhas mãos antes de se passarem dois meses. Agora me diga, a carta não se encaixa perfeitamente aos fatos?

– Sim – admiti. – Ela se encaixa.

Poirot continuou:

– Um outro ponto merece consideração. A obstinação da srta. Lawson para impedir que a srta. Arundell soubesse que Bob tinha passado a noite toda fora.

– Você acha que ela...

– Acho que isso deve ser avaliado com muito cuidado.

Refleti sobre o assunto por alguns instantes.

– Bem – falei, por fim, com um suspiro – é tudo muito interessante... como exercício mental, quero dizer. E tiro meu chapéu para você. Foi uma reconstituição brilhante. É uma pena que a velha tenha morrido.

– Uma pena, sim. Ela escreveu contando que alguém tentara assassiná-la (em síntese, é o que a carta quer dizer), e, muito pouco tempo depois, ela estava morta.

– Sim – concordei. – E para você é uma grande decepção que ela tenha morrido de causas naturais, não? Vamos, admita.

Poirot encolheu os ombros.

– Ou talvez esteja pensando que ela foi envenenada? – sugeri, malicioso.

Poirot sacudiu a cabeça com certo desânimo.

– É o que parece – admitiu –, ainda que a srta. Arundell tenha morrido de causas naturais.

– Portanto – concluí –, voltaremos a Londres com o rabo entre as pernas.

– *Pardon*, meu caro, mas *não* voltaremos a Londres.

– Como assim, Poirot?

– Se você mostrar um coelho ao cachorro, ele volta a Londres? Não, ele entra na toca do coelho.

– O que você quer dizer?

– Cachorros caçam coelhos. Hercule Poirot caça assassinos. Temos aqui um assassino... um assassino cujo crime talvez tenha falhado, é verdade, mas que não deixa de ser um assassino. E eu, meu caro, hei de desentocá-lo... ou desentocá-la, caso seja uma assassina.

Virou-se bruscamente e abriu um portão.

– Aonde está indo, Poirot?

– Para a toca! Esta é a casa do dr. Grainger, que atendeu a srta. Arundell quando ela adoeceu pela última vez.

O dr. Grainger era um homem de cerca de sessenta anos. Tinha o rosto magro e ossudo, queixo agressivo, sobrancelhas espessas e olhos perspicazes. Olhava com intensidade para mim e para Poirot.

– Em que posso ajudá-los? – perguntou, áspero.

Poirot deslanchou a falar, todo pernóstico:

– Peço desculpas, dr. Grainger, por esta invasão. Confesso desde já que não vim para consultá-lo profissionalmente.

O dr. Grainger deu uma resposta seca:

– Bom saber. O senhor parece bem saudável.

– Devo explicar o propósito da minha visita – prosseguiu Poirot. – A verdade é que estou escrevendo um livro sobre a vida do falecido general Arundell, que, segundo acredito, viveu em Market Basing por alguns anos antes de morrer.

O médico pareceu bastante surpreso.

– Sim, o general Arundell viveu aqui até morrer. Em Littlegreen House... nesta rua, depois do banco... O senhor já esteve lá, imagino? – Poirot assentiu com a cabeça. – Mas isso foi bem antes de eu vir para cá. Cheguei aqui em 1919.

– O senhor conhecia a filha dele, a falecida srta. Arundell?

– Eu conhecia bem Emily Arundell.

– O senhor pode imaginar o duro golpe que foi para mim, descobrir que a srta. Arundell morreu há pouco tempo.

– No final de abril.

– Foi o que ouvi. Sabe, eu tinha esperança de que ela pudesse me fornecer detalhes pessoais e reminiscências sobre o pai.

– Sim, sim. Mas não sei o que posso fazer pelo senhor.

Poirot perguntou:

– O general Arundell não tem outros filhos ou filhas vivos?

– Não. Estão todos mortos, todos.

– Quantos eram?

– Cinco. Quatro filhas e um filho.

– E a geração seguinte?

– Charles Arundell e a irmã, Theresa. Você pode procurá-los. Duvido, no entanto, que lhe sejam úteis. A geração mais jovem não se interessa muito pelos avós. E tem também a sra. Tanios, mas também duvido que lhe seja útil.

– Será que eles têm registros de família ou documentos?

– Podem ter, mas duvido. Fiquei sabendo que jogaram fora e queimaram muitas coisas depois da morte da srta. Emily.

Poirot soltou um gemido de aflição. Grainger olhou para ele com curiosidade.

– Qual é o interesse no velho Arundell? Nunca ouvi dizer que fosse alguém ilustre.

– Meu caro senhor – os olhos de Poirot brilhavam numa excitação fanática –, não se diz que a História desconhece seus homens mais formidáveis? Recentemente, surgiram documentos que lançaram nova luz sobre a Revolta dos Sipais, na Índia. Há aí uma história oculta. E nessa história oculta, John Arundell desempenhou um grande papel. É uma questão fascinante, fascinante! E deixe-me lhe dizer, meu caro senhor, que é um tema da maior relevância. A política inglesa a respeito da Índia é o assunto mais comentado do momento.

– Hum – resmungou o médico. – Ouvi dizer que o velho Arundell costumava falar muito a respeito da Revolta. Era até considerado um chato.

– Quem lhe disse isso?

– A srta. Peabody. O senhor pode procurá-la, aliás. É a moradora mais antiga, conhecia bem os Arundell. E fofocar é a sua principal diversão. Vale a pena conhecê-la, é uma figura.

– Obrigado. É uma excelente ideia. Talvez o senhor também pudesse me dar o endereço do jovem sr. Arundell, o neto do finado general?

– Do Charles? Sim, posso fazer isso. Mas ele é um rapaz irreverente. A história da família não significa nada para ele.

– Ele é bem moço?

– É o que um velho ultrapassado como eu considera jovem – disse o médico com um piscar de olhos. – Trinta e poucos anos. O tipo que nasce para ser um problema e um peso para a família. Uma personalidade encantadora, e nada mais. Já andou pelo mundo todo e não fez nada de bom em lugar algum.

– A tia sem dúvida gostava dele? – arriscou Poirot. – Costuma ser assim.

– Hum... Não sei. Emily Arundell não era boba. Até onde sei, ele nunca conseguiu tirar dinheiro algum dela. Era um pouco irritável, a srta.

Emily. Eu gostava dela. E a respeitava também. Era tal qual uma veterana de guerra.

– Ela morreu repentinamente?

– Sim, de certa forma. Veja bem, ela já vinha com a saúde debilitada havia alguns anos. Mas escapou de alguns apertos.

– Ouvi uma história, e peço perdão por repetir boatos – Poirot fez um gesto desdenhoso –, de que ela se desentendera com a família?

– Ela não chegou a se *desentender* com eles – explicou pausadamente o dr. Grainger. – Não houve uma briga declarada, até onde sei.

– Peço perdão. Talvez eu esteja sendo indiscreto.

– Não, não. Afinal, são fatos de domínio público.

– Soube que ela deixou o dinheiro para pessoas que não eram da família, é isso mesmo?

– Sim, deixou tudo para uma dama de companhia bobalhona. Algo estranho. Eu mesmo não consigo entender. Não era do feitio da srta. Emily.

– Ah, bem – refletiu Poirot. – É fácil imaginar uma situação dessas. Uma senhora frágil e adoentada, muito dependente da pessoa que cuida dela. Uma mulher inteligente, com alguma personalidade, pode exercer muita influência dessa forma.

A palavra *influência* foi como sacudir um tecido vermelho diante de um touro.

O dr. Grainger bufou:

– Influência? Influência? Nada disso! Emily Arundell tratava Minnie Lawson como cachorro. Típico daquela geração! De qualquer modo, mulheres que ganham a vida como damas de companhia normalmente são tolas. Se tivessem tino, ganhariam a vida de outra maneira. Emily Arundell não tolerava tolos de bom grado. Ela costumava exaurir uma pobre-diaba por ano. Influência? Nem de longe!

Poirot escapou logo daquele terreno perigoso.

– Seria possível – sugeriu – que essa... srta. Lawson tenha consigo cartas de família e documentos?

– Pode ser – concordou Grainger. – É comum que tenha muitas coisas amontoadas em casas de velhos. Acredito que a srta. Lawson ainda não viu a metade.

Poirot se levantou.

– Muito obrigado, dr. Grainger. O senhor foi muito gentil.

– Não há de quê – respondeu o médico. – Pena eu não poder ser mais útil. A srta. Peabody é a sua melhor chance. Mora em Morton Manor, a mais ou menos um quilômetro e meio.

Poirot cheirou um grande buquê de rosas sobre a mesa.

– Que delícia – murmurou.

– Sim, suponho que sim. Eu próprio não posso cheirá-las. Perdi o olfato após uma gripe há quatro anos. Bela revelação para um médico, hein? “Médico, cure a si mesmo.” Maldita chateação. Fumar não tem mais a mesma graça.

– Que azar! Bem, o senhor pode me dar o endereço do rapaz, o sr. Charles Arundell?

– Posso pegar para o senhor, sim.

Ele nos levou até o saguão e, após chamar por alguém de nome “Donaldson”, explicou:

– Meu sócio. Ele deve ter o endereço. Está prestes a ficar noivo da irmã de Charles, Theresa. – Chamou de novo: – Donaldson!

Um jovem saiu de uma sala nos fundos da casa. Tinha estatura média e fisionomia pálida. Seu comportamento era meticuloso. Não se poderia imaginar maior contraste com o sócio.

O dr. Grainger explicou o que queria. Os olhos levemente saltados do dr. Donaldson, de um azul muito claro, nos avaliaram com atenção. Quando falou, foi num tom seco e formal.

– Não sei ao certo onde Charles pode ser encontrado. Posso lhes dar o endereço da srta. Theresa Arundell. Ela sem dúvida poderá colocá-los em contato com o irmão.

Poirot garantiu a Donaldson que isso seria suficiente. O médico escreveu o endereço no bloco de anotações, arrancou a folha e a entregou a Poirot, que agradeceu e despediu-se dos dois.

Quando saímos pela porta, notei o dr. Donaldson parado no hall, nos observando com uma expressão preocupada.

Capítulo 10

Visita à srta. Peabody

– Qual é a necessidade de contar mentiras tão enroladas, Poirot? – perguntei enquanto nos afastávamos.

Poirot desconversou.

– Se é para contar uma mentira... percebo, aliás, que a sua natureza é bastante avessa a mentiras... agora, a mim, elas não incomodam nem um pouco...

– Já notei – interrompi.

– Como eu estava dizendo, se é para contar uma mentira, que seja criativa, romântica, convincente!

– Acha que foi convincente? Acha que o dr. Donaldson acreditou?

– Aquele rapaz é cético por natureza – ponderou Poirot.

– Pareceu-me definitivamente desconfiado.

– Não vejo razão. Imbecis escrevem sobre as vidas de outros imbecis todos os dias. É comum, como você costuma dizer.

– Foi a primeira vez que ouvi você chamar a si mesmo de imbecil – comentei, sorrindo.

– Posso representar um papel, espero, tão bem quanto qualquer pessoa – retrucou Poirot com indiferença. – Sinto muito que você não tenha achado criativa a minha historinha. Eu fiquei bastante satisfeito com ela.

Mudei de assunto.

– O que faremos agora?

– É fácil. Apanhamos o seu carro e vamos visitar Morton Manor.

Morton Manor era uma casa enorme e feia, do período vitoriano. Um mordomo decrépito nos recebeu com ar meio desconfiado. Saiu e voltou em seguida para perguntar se “tínhamos hora marcada”.

– Por favor, diga à srta. Peabody que fomos enviados pelo dr. Grainger – disse Poirot.

Depois de alguns minutos, as portas se abriram, e uma mulher baixinha e gorda entrou no ambiente. Os cabelos brancos e escassos estavam cuidadosamente repartidos ao meio. Usava um vestido de veludo preto puído em vários lugares e um lenço rendado muito bonito amarrado em torno do pescoço, preso com um broche. Atravessou a sala nos examinando com olhar míope. Suas primeiras palavras foram um pouco surpreendentes.

– Estão vendendo alguma coisa?

– Nada, madame – respondeu Poirot.

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Nenhum aspirador de pó?

– Não.

– Nenhuma meia de seda?

– Não.

– Nenhum tapete?

– Não.

– Certo – aquiesceu a srta. Peabody, acomodando-se numa poltrona. – Tudo bem então. É melhor vocês se sentarem.

Nós nos sentamos, obedientes.

– Os senhores me perdoem por perguntar – desculpou-se a srta. Peabody –, mas preciso tomar cuidado. Não imaginam os tipos que aparecem por aqui. Criados não servem de nada, não têm discernimento nenhum. Mas não é culpa deles. Se o sujeito se expressa bem, veste-se bem, tem bom nome, como vão saber? Comandante Ridgeway, sr. Scot Edgerton, capitão d'Arcy Fitzherbert. Homens bonitos, alguns deles. Mas, antes que se perceba, enfiam-lhe uma batedeira debaixo do nariz.

Poirot foi enfático:

– Posso lhe garantir, madame, que não temos nada do tipo.

– Ainda bem! – exclamou a srta. Peabody.

Poirot concentrou-se em contar sua história. A srta. Peabody ouviu sem fazer nenhum comentário, apenas piscou uma ou duas vezes os olhinhos miúdos. Ao final, perguntou:

– Vai escrever um livro, é?

– Sim.

– Em inglês?

– Sem dúvida... em inglês.

– Mas o senhor é estrangeiro. Ora! Vamos lá, o senhor é estrangeiro, não é?

– É verdade.

Ela desviou o olhar para mim.

– O senhor é o secretário dele, suponho?

– Ahn... sou – hesitei.

– Sabe escrever bem?

– Espero que sim.

– Hum... Que escola frequentou?

– Eton.

– Então não sabe.

Fui obrigado a ignorar tamanha acusação contra uma das escolas mais antigas e respeitáveis de que se tem notícia, pois a srta. Peabody voltou a dirigir-se a Poirot.

– Vai escrever uma biografia do general Arundell, é?

– Sim. E a senhora o conhecia, creio eu.

– Sim, conhecia John Arundell. Ele bebia.

Houve uma breve pausa. A srta. Peabody prosseguiu, contemplativa:

– Revolta de indianos, é? Na minha opinião, é chover no molhado. Mas o problema é seu.

– Sabe, madame, há uma tendência para esses assuntos. No momento, a Índia está na moda.

– Pode ser mesmo. Modas vão e vêm, é só olhar para as mangas das roupas.

Mantivemos um silêncio respeitoso.

– Mangas bufantes sempre foram um horror – comentou a srta. Peabody. – Mas sempre fiquei bem com mangas boca de sino. – Fixou um olhar radiante em Poirot. – E então, o que quer saber?

Poirot fez um gesto amplo com as mãos.

– Qualquer coisa! Histórias familiares. Fofocas. Rotina doméstica.

– Não sei nada sobre a Índia. A verdade é que eu não prestava atenção. São muito chatos esses velhos e suas histórias. Ele era um homem muito burro... mas nem por isso um mau general. Sempre ouvi dizer que

inteligência não ajuda a carreira de ninguém no exército. Preste atenção à esposa do seu superior e obedeça aos oficiais e você vai longe... era o que meu pai costumava dizer.

Tratando aquele comentário com deferência, Poirot esperou alguns momentos antes de perguntar:

– A senhora conhecia bem a família Arundell, não?

– Conhecia a todos – respondeu a srta. Peabody. – Matilda era a mais velha. Uma garota sardenta. Costumava ensinar catecismo. Gostava de um dos curas. Depois vinha a Emily. Montava muito bem. Era a única que conseguia lidar com o pai quando ele desatava a beber. Quantidades imensas de garrafas costumavam ser tiradas daquela casa. Eram todas enterradas à noite. Daí, deixe-me ver, quem vinha depois, Arabella ou Thomas? Thomas, eu acho. Sempre tive pena de Thomas. Um homem entre quatro mulheres. Faz um homem parecer bobo. Ele próprio era meio que uma velha, o Thomas. Ninguém achava que se casaria. Foi quase um choque quando se casou.

Deu uma risada – uma forte e gostosa risada vitoriana. Era óbvio que a srta. Peabody estava se divertindo. Parecia ter se esquecido de que estávamos ali. Ela estava bem longe, no passado.

– Então vinha a Arabella. Uma menina comum, de rosto redondo. Mas ela se casou, ainda que fosse a mais sem graça da família, com um professor de Cambridge. Um sujeito bem velho. Devia ter uns sessenta anos de idade. Ele deu uma série de palestras aqui, sobre as maravilhas da química moderna, acho. Fui a todas. Lembro que ele resmungava. E usava barba. Não consegui ouvir muito do que ele disse. Arabella costumava ficar atrás e fazer perguntas. Ela própria já não era lá muito moça. Devia estar perto dos quarenta. Ah, bom, agora os dois estão mortos. Foi um casamento bem feliz, o deles. É a vantagem de se casar com uma mulher sem graça: você conhece o pior dela já no início e é pouco provável que ela venha a ser infiel. E depois tinha a Agnes. Era a mais nova, e a mais bonita. Costumávamos achá-la muito extrovertida. Quase leviana! É estranho. Era de se esperar que casaria, mas não casou. Morreu não muito tempo depois da guerra.

Poirot murmurou:

– A senhora disse que o casamento do sr. Thomas foi meio inesperado.

A srta. Peabody deu outra risada forte e rouca.

– Inesperado? E como foi! Foi um escândalo que durou nove dias. Nunca se esperou aquilo dele, um homem tão quieto, tímido, recatado e dedicado às irmãs.

Fez uma pausa.

– Lembram-se de um caso que deu o que falar no final da década de 1890? Com uma tal sra. Varley, que, dizem, envenenou o marido com arsênico. Uma mulher bonita. Deu muito falatório aquele caso. Ela foi absolvida. Bem, Thomas Arundell perdeu a cabeça completamente. Comprava todos os jornais, lia sobre o caso e recortava as fotografias da sra. Varley. E vocês acreditam que, quando o julgamento terminou, ele foi a Londres e pediu a mão dela em casamento? Thomas! O calado e pacato Thomas! Nunca se sabe o que esperar dos homens, não é? Sempre inclinados a desatinos.

– E o que aconteceu?

– Ela se casou com ele, sim.

– Foi um choque muito grande para as irmãs dele?

– Imagino que sim! Elas não a recebiam. Não sei se as culpo, levando tudo em consideração. Thomas ficou ofendidíssimo. Foi morar nas Ilhas do Canal, e nunca mais se ouviu falar nele. Não sei se a mulher envenenou o primeiro marido. Ela não envenenou Thomas. Ele morreu três anos depois da morte dela. Tiveram dois filhos, um menino e uma menina. Um casal bonito... puxaram à mãe.

– Imagino que viessem visitar a tia com frequência?

– Não até os pais morrerem. Estavam na escola e já eram crescidos então. Costumavam vir nos feriados. Emily estava sozinha no mundo, e eles e Bella Biggs eram os seus únicos parentes.

– Biggs?

– A filha da Arabella. Menina enjoada... alguns anos mais velha do que a Theresa. Mas fez papel de boba. Casou-se com um gringo que estava na universidade. Um médico grego. Homem de aparência terrível, porém com modos encantadores, devo admitir. Bem, não acho que a pobre Bella teve muitas oportunidades. Passava o tempo ajudando o pai ou fazendo novelos de lã para a mãe. O sujeito era exótico, e isso a atraiu.

– Eles têm um casamento feliz?

A srta. Peabody irrompeu:

– Não diria isso sobre *qualquer* casamento! *Parecem* muito felizes. Com dois filhos meio amarelados. Vivem em Esmirna.

– Mas estão na Inglaterra agora, não estão?

– Sim, vieram em março. Imagino que partirão em breve.

– A srta. Emily Arundell gostava da sobrinha?

– Se gostava de Bella? Ah, muito. Ela é uma mulher simplória, envolvida com os filhos, e esse tipo de coisa.

– E a tia aprovava o marido?

A srta. Peabody riu.

– Ela não o *aprovava*, mas acho que gostava do patife. Ele é inteligente. Se quiser saber, ele a manipulava direitinho. Tem bom faro para dinheiro, esse camarada.

Poirot tossiu.

– Soube que a srta. Arundell morreu muito rica, é verdade? – murmurou.

A srta. Peabody acomodou-se na poltrona.

– Sim, foi o que causou todo aquele pandemônio! Ninguém nem sonhava que estivesse tão bem de vida. O que aconteceu foi o seguinte. O velho general Arundell deixou uma bela herança, dividida igualmente entre os filhos. Parte dessa herança foi reinvestida, e acho que todos os investimentos deram bons resultados. Havia algumas ações da Mortauld. Claro que Thomas e Arabella levaram sua parte da herança ao casarem. As outras três irmãs ficaram aqui e não gastaram um décimo de sua renda conjunta, tudo foi reinvestido. Quando Matilda morreu, deixou o dinheiro para ser dividido entre Emily e Agnes, e, quando Agnes morreu, deixou a parte dela para Emily. E Emily continuou gastando muito pouco. Resultado: morreu rica... e a tal Lawson ficou com tudo!

A srta. Peabody pronunciou a última frase num tom triunfal.

– Foi uma surpresa para a senhora, srta. Peabody?

– Para dizer a verdade, foi! Emily sempre disse para todos abertamente que quando morresse o dinheiro deveria ser dividido entre as sobrinhas e o sobrinho. E, na verdade, era o que estava no testamento original. Um pouco para os criados e o restante para ser dividido entre Theresa, Charles e Bella. Meu Deus, foi um pandemônio quando, depois de sua morte, descobriram que ela havia feito um novo testamento deixando tudo para a pobre srta. Lawson!

– O testamento foi feito pouco antes da morte da srta. Arundell?

A srta. Peabody lançou-lhe um olhar fuzilante.

– O senhor está sugerindo que houve influência indevida? Creio que isso não leva a nada. E eu não acredito que a coitada da srta. Lawson fosse tão inteligente ou descarada para tentar algo assim. Para ser sincera, ela ficou tão surpresa quanto todo mundo, ou pelo menos disse que estava!

Poirot sorriu com aquele último comentário.

– O testamento foi feito uns dez dias antes da morte dela – continuou a srta. Peabody. – O advogado disse que está tudo certo. Bem... pode até estar.

– A senhora quer dizer que... – Poirot inclinou-se para frente.

– Mutreta, é o que digo – asseverou a srta. Peabody. – Algo cheira mal nessa história.

– Qual é a sua teoria?

– Nenhuma! Como eu poderia saber onde entra a mutreta? Não sou advogada. Mas tem alguma coisa esquisita nisso tudo, ouça bem o que estou dizendo.

Poirot perguntou pausadamente:

– Alguém contestou o testamento?

– Theresa aconselhou-se com um advogado, creio eu. Perda de tempo! Qual é a opinião de noventa por cento dos advogados? “Não adianta.” Uma vez, cinco advogados me aconselharam a não entrar com uma ação. O que fiz? Ignorei. E ganhei o caso. Puseram-me no banco de testemunhas, e um almofadinha de Londres tentou fazer com que eu caísse em contradição. Mas não conseguiu. “A senhora mal consegue identificar este casaco de pele, srta. Peabody”, disse ele. “Não tem etiqueta.” “Pode até ser”, respondi, “mas tem um remendo no forro, e, se alguém conseguir fazer um remendo desses hoje em dia, engulo meu guarda-chuva.” Desmoronou completamente, o sujeito.

A srta. Peabody riu com prazer.

– Imagino – Poirot media as palavras – que... ahn... os ânimos estejam bastante exaltados entre a srta. Lawson e os membros da família da srta. Arundell.

– O que o senhor esperava? Sabe como é a natureza humana. Sempre há problemas depois de uma morte, de qualquer maneira. Mal o caixão esfria e os pranteadores já estão arrancando os olhos uns dos outros.

Poirot suspirou.

– É verdade.

– É a natureza humana – concluiu, tolerante, a srta. Peabody.

Poirot mudou de assunto.

– É verdade que a srta. Arundell se interessava por espiritismo?

A srta. Peabody o observava com um olhar penetrante.

– Se o senhor acha – ela disse – que o espírito de John Arundell voltou e mandou Emily deixar o dinheiro para Minnie Lawson e que Emily obedeceu, o senhor está muito enganado. Emily não seria boba a esse ponto. Se quer saber, para ela o espiritismo era quase como um jogo de paciência ou um jogo de cartas qualquer. Já falou com as Tripp?

– Não.

– Se tivesse falado, perceberia a baboseira que era aquilo. Mulheres irritantes. Sempre trazendo mensagens de um ou outro parente, e sempre mensagens sem coerência nenhuma. Elas acreditam em tudo. Assim como Minnie Lawson. Mas, bem, suponho que seja um passatempo como qualquer outro.

Poirot tentou outra abordagem:

– Presumo que a senhora conheça o jovem Charles Arundell? Que tipo de pessoa ele é?

– Não presta. Sujeito encantador. Sempre sem dinheiro, sempre endividado, sempre voltando como um cachorro sem dono de suas andanças pelo mundo. Lida bem com as mulheres. – Deu uma risada. – Vi muitos como ele para me deixar enganar! Estranho o Thomas ter tido um filho como o Charles. Thomas era um camarada austero e conservador. Um modelo de integridade. Mas, sei lá, devia ter sangue ruim. O pior é que gosto do patife do Charles, mas ele mataria a própria avó por uns centavos. Não tem escrúpulos. É estranho como certas pessoas já nascem assim.

– E a irmã?

– Theresa? – a srta. Peabody sacudiu a cabeça e disse pausadamente: – Não sei. Ela é uma criatura exótica. Não é normal. Está noiva daquele médico insípido. Acho que o senhor já o viu.

– O dr. Donaldson?

– Sim. Dizem que é competente como médico, no mais, é um pobre coitado. Não é o tipo de rapaz de quem eu gostaria se fosse moça. Bem, Theresa deve saber o que está fazendo. Já teve suas experiências, aposto.

– O dr. Donaldson atendia a srta. Arundell?

– Costumava atendê-la quando Grainger saía de férias.

– E na última vez que ela adoeceu?

– Acho que não.

Poirot sorriu e disse:

– Tenho a impressão, srta. Peabody, que a senhora não o considera bom médico.

– Nunca disse isso. Na verdade, o senhor está errado. Ele é até bem esperto e eficiente do jeito dele, só que não é o *meu* jeito. Dou um exemplo. Antigamente, se uma criança comia muitas maçãs verdes e tinha uma crise de fígado, o médico chamava aquilo de "crise de fígado", e do consultório mesmo já se ia para casa com os remédios. Hoje em dia, os médicos dizem que se trata de uma "acidose aguda", que a dieta deve ser supervisionada, e prescrevem o mesmíssimo remédio, que agora vem em comprimidinhos brancos feitos em laboratórios e é três vezes mais caro do que antes! Donaldson é adepto desses métodos e, veja bem, é o que a maioria das mães mais jovens prefere. *Soa* melhor. Não que ele vá ficar aqui por muito tempo tratando sarampos e crises de fígado. Ele está de olho em Londres. É ambicioso. Quer se especializar.

– Em algum ramo específico?

– Vacinas. Acho que é isso. A ideia é enfiar uma daquelas agulhas hipodérmicas asquerosas em você, mesmo que não esteja doente, como prevenção. Não vejo com bons olhos todas essas injeções complicadas.

– O dr. Donaldson está pesquisando alguma doença em especial?

– Não me pergunte. O que sei é que um mero consultório de clínica geral já não o satisfaz. Ele quer se estabelecer em Londres. Mas para isso precisa de dinheiro, e não tem onde cair morto.

Poirot murmurou:

– É triste que um talento genuíno como o dele seja prejudicado pela falta de dinheiro. E há aqueles que não gastam nem um quarto do que ganham!

– Emily Arundell não gastava – lembrou a srta. Peabody. – Certas pessoas ficaram surpresas com a leitura daquele testamento. Estou me referindo à quantia, não ao resto.

– A senhora acha que foi uma surpresa para os membros da família?

– É curioso – disse a srta. Peabody, apertando os olhos com ar de divertimento. – Não diria que sim nem que não. Um deles intuía.

– Quem?

– O Charles. Ele fizera algumas estimativas por conta própria. Não é bobo, o Charles.

– Mas é um pouco malandro, não é verdade?

– Seja como for, ele não é insípido – acrescentou com certa malícia.

Ela fez uma breve pausa e então perguntou:

– Vai entrar em contato com ele?

– É o que pretendo – Poirot respondeu solene. – Deve ter certos documentos familiares relacionados com o avô.

– Ele deve é ter feito uma fogueira com eles. Não respeita os mais velhos, aquele rapaz.

– É preciso explorar todas as possibilidades – sentenciou Poirot.

– Parece que sim – concordou secamente a srta. Peabody.

Um lampejo momentâneo nos olhos azuis da velha pareceu incomodar Poirot, que se levantou.

– Não devo tomar mais do seu tempo, madame. Sou muito grato por tudo que me disse.

– Fiz o que pude – disse a srta. Peabody. – Percorremos um longo caminho desde a revolta dos tais indianos, hein?

Trocamos apertos de mãos.

– Avisem quando o livro sair – comentou por fim. – Tenho muito interesse.

A última coisa que ouvimos quando deixamos a sala foi uma risada forte e rouca.

Capítulo 11

Visita às srtas. Tripp

– E agora – disse Poirot quando entramos no carro –, o que faremos a seguir?

Por experiência própria, não sugeri que voltássemos à cidade. Afinal, se Poirot estava se divertindo a seu modo, por que eu protestaria?

Sugeri que tomássemos um chá.

– Chá, Hastings? Que ideia! Olhe a hora.

– Eu olhei... eu vi, quero dizer. São cinco e meia. Sem dúvida recomendo um chá.

Poirot suspirou.

– Vocês ingleses e esse chá da tarde! Não, *mon ami*, nada de chá. Li num livro de etiqueta outro dia que não se deve fazer visitas depois das seis horas, seria um solecismo. Temos, portanto, apenas meia hora para atingir nosso objetivo.

– Você está sociável hoje, Poirot! Quem visitaremos?

– Les *demoiselles* Tripp.

– Agora vai escrever um livro sobre espiritismo? Ou ainda é a vida do general Arundell?

– Será mais simples do que pode imaginar, meu caro. Antes de mais nada precisamos descobrir onde moram.

Obtivemos o endereço com facilidade, mas nos confundimos um pouco no caminho até lá. A residência das srtas. Tripp revelou-se um chalé pitoresco – tão antigo e expressivo que parecia prestes a desmoronar.

Uma menina de uns catorze anos abriu a porta e, com dificuldade, espremeu-se contra a parede para permitir que entrássemos.

O interior era repleto de vigas de carvalho – havia uma grande lareira e janelas tão pequenas que era difícil ver com clareza. Os móveis tinham uma

falsa simplicidade, e existia uma boa quantidade de frutas em tigelas de madeira e um grande número de fotografias – a maioria delas, percebi, das mesmas duas pessoas em diferentes poses: com buquês de flores agarrados ao peito ou segurando chapéus de abas largas.

A menina que nos recebeu havia murmurado algo e desaparecido, mas a ouvimos dizer claramente no andar de cima:

– Dois senhores desejam vê-la, senhorita.

Ouviu-se uma espécie de gorjeio de vozes femininas e, em seguida, uma senhora desceu a escada e caminhou graciosa em nossa direção, farfalhando o vestido.

Ela beirava os cinquenta anos, tinha o cabelo repartido ao meio, como o de uma madona, e olhos castanhos um pouco saltados. Usava um vestido de musselina estampada que sugeria uma estranha sofisticação.

Poirot aproximou-se e iniciou a conversa com toda sua grandiloquência:

– Devo desculpar-me por interferir em sua rotina, mademoiselle, mas estou enfrentando um contratempo. Vim até aqui visitar uma amiga, mas ela se mudou de Market Basing, e fui informado de que a senhora com certeza saberia o endereço.

– É mesmo? De quem se trata?

– Da srta. Lawson.

– Ah, Minnie Lawson. *Claro*! Somos *amissíssimas*. Por favor, sente-se, senhor...?

– Parotti… E este é o capitão Hastings.

A srta. Tripp cumprimentou-nos e agitou-se.

– Sente-se aqui, por favor… Não, não, por favor… Prefiro uma cadeira *dura*. Tem certeza de que está confortável aí? Querida Minnie Lawson… Ah, aí vem a minha irmã.

Juntou-se a nós uma senhora num vestido verde farfalhante mais adequado a uma menina de dezesseis anos.

– Minha irmã Isabel, sr... ahn… Parrot… e… ahn... o capitão Hawkins. Isabel, querida, esses cavalheiros são amigos da Minnie Lawson.

A srta. Isabel Tripp era menos rechonchuda do que a irmã. Ela poderia ser até considerada magra. Tinha cabelos claros presos em cachos desordenados. Agia como menina, e era facilmente reconhecível nas fotografias com as flores. Uniu as mãos numa excitação quase infantil.

– Que ótimo! Querida Minnie! O senhor tem a visto?

– Não a vejo há alguns anos – explicou Poirot. – Meio que perdemos contato. Estive viajando. Foi por isso que fiquei tão surpreso e exultante ao saber da boa sorte da minha velha amiga.

– Sim, é verdade. E tão merecida! Minnie é uma alma rara. Tão simples, tão sincera.

– Julia! – exclamou Isabel.

– Sim, Isabel?

– Que extraordinário! P. Você lembra que a letra P apareceu na sessão de ontem à noite? Um visitante de além-mar e a inicial P.

– É mesmo! – concordou Julia.

As duas olharam para Poirot arrebatadas e encantadas com a surpresa.

– Não erra nunca – sussurrou a srta. Julia.

– O senhor se interessa pelas ciências ocultas, sr. Parrot?

– Conheço pouco, mademoiselle, mas, como qualquer um que tenha viajado pelo Oriente, sou forçado a admitir que há muita coisa que não se pode entender ou explicar por meios naturais.

– É verdade – reconheceu Julia. – Uma verdade das mais profundas.

– O Oriente... – murmurou Isabel. – Terra do misticismo e do oculto!

As viagens de Poirot pelo Oriente, até onde eu sabia, consistiam numa ida à Síria e ao Iraque que não durou mais do que poucas semanas. A julgar pela conversa que estava tendo, parecia que ele havia passado a vida toda em selvas e bazares, conversando intimamente com faquires, dervixes e mahatmas. Até onde pude identificar, as srtas. Tripp eram vegetarianas, teosofistas, israelitas britânicas, cientistas cristãs, espíritas e fotógrafas amadoras entusiásticas.

– Às vezes parece impossível viver em Market Basing. Não há beleza aqui, não há alma – Julia suspirou. – É preciso ter alma, o senhor não concorda, capitão Hawkins?

– Muito – respondi, um tanto constrangido. – Ah, muito.

– “Onde não há revelação, as pessoas ficam sem freio” – declamou Isabel, com um suspiro. – Muitas vezes tentei argumentar com o vigário, mas ele tem uma mentalidade muito *tacanha*. O senhor não concorda, sr. Parrot, que toda doutrina tende a ser *tacanha*?

– E tudo é tão simples – acrescentou a irmã.

– Como sabemos muito bem, tudo é alegria e amor!

– Tem razão, tem razão – acatou Poirot. – É uma pena que surjam mal-entendidos e disputas, sobretudo por dinheiro.

– O dinheiro é muito sórdido... – suspirou Julia.

– Soube que a finada srta. Arundell se converteu... – disse Poirot.

As duas irmãs se entreolharam.

– Duvido muito! – retrucou Isabel.

– Nunca tivemos muita certeza – bufou Julia. – Num instante ela parecia convencida, e em seguida fazia comentários sarcásticos. Ah, mas você se lembra daquela última manifestação! – disse ela à irmã. – Foi tão, tão impressionante. – Virou-se para Poirot. – Foi a noite em que a querida srta. Arundell adoeceu. Minha irmã e eu passamos lá depois do jantar e fizemos uma sessão, apenas nós quatro. E sabe o que vimos? Nós três vimos, e *muito* claramente, uma espécie de *auréola* sobre a cabeça da srta. Arundell.

– *Comment*?

– Sim. Era uma espécie de bruma luminosa. – Virou-se para a irmã. – Não é assim que descreveria aquilo, Isabel?

– Assim mesmo. Uma bruma luminosa que foi circundando a cabeça da srta. Arundell, uma auréola de luz tênue. Era um *sinal*, agora sabemos disso! Um sinal de que ela estava prestes a fazer a passagem para o outro lado.

– Extraordinário! – exclamou Poirot, num tom impressionado. – Estava escuro no quarto, imagino?

– Ah, sim, sempre conseguimos melhores resultados no escuro, e a noite estava quente, de modo que nem a lareira estava acesa.

– Um espírito interessantíssimo falou conosco – disse Isabel.

– Chamava-se Fátima. Contou que fizera a passagem no tempo das Cruzadas. Deixou-nos uma mensagem muito bonita.

– Ela falou mesmo com vocês?

– Não, não diretamente. Comunicou-se por batidas. Amor. Esperança. Vida. Belas palavras.

– E a srta. Arundell passou mal durante a sessão?

– Foi logo depois. Trouxeram alguns sanduíches e vinho do Porto, e a querida srta. Arundell não quis nada, disse que não estava se sentindo muito bem. Foi o início da enfermidade. Ainda bem que não precisou sofrer por muito tempo.

– Ela fez a passagem quatro dias depois – completou Isabel.

– E já recebemos mensagens dela! – entusiasmou-se Julia. – Disse que está muito feliz, que tudo lá é muito bonito e que deseja amor e paz entre os seus entes queridos.

Poirot pigarreou.

– Mas suponho que isso esteja longe de acontecer... Os parentes se comportaram *com indecência* em relação à pobre Minnie – sentenciou Isabel, vermelha de indignação.

– Minnie é uma alma muito *altruísta* – acrescentou Julia.

– As pessoas andam por aí dizendo as piores maledicências! Que ela tramou para herdar o dinheiro!

– Quando na verdade foi *inesperadíssimo* para ela...

– Ela *mal podia acreditar* quando o advogado leu o testamento...

– Ela própria nos falou isso. “Julia”, ela me disse. “Minha querida, eu cairia se não estivesse sentada!” O testamento dizia: “Apenas alguns legados aos criados, e Littlegreen House e o remanescente do meu patrimônio para Wilhelmina Lawson”. Ela ficou tão boquiaberta que mal podia falar. Quando conseguiu, perguntou qual era o montante, pensando talvez que se tratasse de uns poucos milhares de libras. E o sr. Purvis, depois de enrolar e falar sobre coisas confusas como valores brutos e líquidos, afirmou que deveria estar em torno de 375 mil libras. Pobre Minnie, quase desmaiou.

– Ela não fazia *ideia* – reiterou a outra. – Nunca pensou que algo parecido pudesse acontecer!

– Isso foi o que ela lhes contou, certo?

– Ah, sim. Repetiu várias vezes. É por isso que o comportamento da família Arundell é tão *perverso*, desprezando-a e tratando-a com suspeita. Afinal, vivemos num país livre...

– Os ingleses parecem viver nesse engano – murmurou Poirot.

– Imagino que *qualquer um* possa deixar seu dinheiro a quem quiser! Acho que a srta. Arundell foi *sábia*. É óbvio que ela *desconfiava* dos próprios parentes, e ouso dizer que tinha motivos.

– Ah, é? – Poirot inclinou-se para frente, interessado. – Acha mesmo?

Aquela atenção encorajou Isabel a continuar.

– Acho. O sr. Charles Arundell, sobrinho dela, é de uma perversidade absoluta. Todos sabem disso! Acredito, inclusive, que ele seja procurado

pela polícia em algum país. Nem de longe um sujeito agradável. Quanto à irmã dele, bem, não cheguei a conversar com ela, mas é uma menina estranha. Ultramoderna, é claro, e carrega na maquiagem. Sério, só de olhar para aquela boca fiquei *enjoada*. Parecia *sangue*. Suspeito até que ela use drogas, comporta-se de modo muito *esquisito* às vezes. Está prestes a ficar noiva daquele rapaz simpático, o dr. Donaldson, mas acho que até ele parecia aborrecido. Claro que ela é atraente à sua maneira, mas espero que esse rapaz caia em si a tempo e se case com alguma inglesinha sossegada que goste da vida no campo e ao ar livre.

– E os outros parentes?

– São iguais. Muito desagradáveis. Não que eu tenha algo contra a sra. Tanios. É muito simpática, mas burríssima, e é completamente dominada pelo marido. Claro, um turco, acredito. Não acha pavoroso uma moça inglesa casar-se com um turco? É contentar-se com pouco. Mas sem dúvida a sra. Tanios é uma boa mãe, embora as crianças sejam sem graça, pobrezinhas.

– Então a senhora considera que a srta. Lawson merecia herdar a fortuna da srta. Arundell, mais do que os familiares?

Julia respondeu, serena:

– Minnie Lawson é uma pessoa sem maldade. E é muito *altruísta*. Não pensava no dinheiro. Nunca foi gananciosa.

– Ainda assim, nunca pensou em recusar o legado?

Isabel recuou um pouco.

– Quem faria *isso*?

Poirot sorriu.

– É, acho que ninguém...

– Sabe, sr. Parrot – interferiu Julia –, ela vê isso como um voto de *confiança*, uma coisa sagrada.

– E está absolutamente disposta a fazer algo pela sra. Tanios ou pelos filhos dela – prosseguiu Isabel. – Só não quer que ele ponha as mãos no dinheiro.

– Inclusive disse que consideraria a possibilidade de dar uma mesada a Theresa.

– E isso, acho, foi muito generoso da parte dela, considerando-se a frieza com que a moça sempre a tratou.

– Não resta dúvida, sr. Parrot, Minnie é a mais *generosa* das criaturas. Mas, enfim, o senhor a conhece, sabe como ela é!

– Sim – disse Poirot. – Eu sei. Só não sei... o endereço dela.

– É claro! Que estupidez a minha! Devo anotá-lo para o senhor?

– Posso anotar.

Poirot pegou a agenda de sempre.

– Clanroyden Mansions, 17, W. 2. Não muito longe de Whiteleys. Mande nossas lembranças? Não tivemos notícias dela nos últimos dias.

Poirot levantou-se, e eu o segui.

– Agradeço-lhes muito pela uma conversa agradabilíssima e pela gentileza de me fornecerem o endereço da srta. Lawson.

– Não entendo por que não lhe deram – exclamou Isabel. – Deve ser aquela Ellen! Os criados às vezes são tão *invejosos e mesquinhos*! Costumavam ser muito grosseiros com Minnie.

Julia apertou-nos as mãos com ares de *grande dame*.

– Apreciamos a visita – declarou, cortês. – Será que...

Lançou um olhar inquiridor para a irmã.

– Vocês não gostariam, talvez... – Isabel corou de leve. – Quero dizer, não ficariam e jantariam conosco? Uma refeição simples, vegetais crus ralados, pão preto com manteiga e frutas.

– Parece delicioso – apressou-se em responder. – Mas meu amigo e eu precisamos retornar a Londres. É uma pena!

Trocamos novos apertos de mãos, e novos recados foram enviados à srta. Lawson. Finalmente saímos.

Capítulo 12

Poirot discute o caso

– Graças a Deus que você nos livrou daquelas cenouras cruas! Que mulheres horríveis! – falei com fervor.

– *Pour nous, un bon bifteck*, com batatas fritas e uma boa garrafa de vinho. O que nos ofereceriam para beber lá?

– Bem, água, imagino – respondi, com um calafrio.

– Ou cidra sem álcool. Lugarzinho dos mais desqualificados! Aposto que não tem banheiro nem saneamento, exceto por uma latrina no jardim!

– É estranho como as mulheres gostam de viver sem conforto – refletiu Poirot. – E não é por serem pobres, pois em geral conseguem tirar o máximo dos poucos recursos de que dispõem.

– Quais as ordens ao chofer agora? – perguntei ao passarmos pela curva da última ruazinha sinuosa, entrando na estrada de Market Basing. – Que celebridade local visitaremos a seguir? Ou voltaremos ao restaurante para interrogar o garçom asmático mais uma vez?

– Para sua satisfação, Hastings, já fizemos tudo que havia a ser feito em Market Basing...

– Esplêndido!

– Por ora, apenas. Voltarei!

– Ainda na trilha do assassino atrapalhado?

– Exatamente.

– Aproveitou alguma coisa do monte de bobagens que ouvimos?

– Alguns pontos são dignos de atenção. Os diversos personagens do nosso drama começam a ficar mais nítidos. De certa maneira, não parece com um folhetim antigo? A humilde dama de companhia, antes desprezada, é alçada à riqueza e agora assume o papel de dama caridosa.

– Toda essa caridade deve ser irritante para os que se julgam herdeiros legítimos!

– Como você diz, Hastings, isso é bem verdade.

Seguimos em silêncio por alguns minutos. Havíamos atravessado Market Basing e estávamos novamente na estrada principal. Cantarolei baixinho a melodia da canção “Little man, you’ve had a busy day”.

– Você se divertiu, Poirot? – perguntei, afinal.

Poirot disse com frieza:

– Não sei bem o que você quis dizer com “se divertiu”, Hastings.

– Bem – respondi –, fiquei com a impressão de que você fez no seu dia de folga as mesmas coisas de sempre!

– Você não acha que eu esteja levando o caso a sério?

– *Claro* que está. Mas o caso em si parece ser um tanto hipotético. Resolveu investigá-lo por puro exercício mental. O que quero dizer é que não é... real.

– *Au contraire*, é muito real!

– Não me expressei bem. O que quero dizer é que se houvesse como *proteger* a srta Arundell contra outro ataque, bem, haveria um motivo mais forte. Mas, como ela está morta, por que se preocupar?

– Se fosse assim, *mon ami*, ninguém investigaria casos de assassinato!

– Não, não. Aí é diferente. Quero dizer, daí você tem um cadáver… Ah, deixe estar!

– Não fique irritado. Compreendo perfeitamente. Você faz uma distinção entre um *cadáver* e um simples *falecido*. Supondo, por exemplo, que a morte da srta. Arundell tivesse sido repentina, violenta e aterradora, e não causada por uma longa enfermidade, você não continuaria indiferente aos meus esforços para descobrir a verdade!

– É claro que não.

– Mesmo assim, admite que alguém tentou assassiná-la?

– Sim, mas não conseguiu. Aí é que está.

– Você não fica nem um pouco curioso para saber quem tentou matá-la?

– Sim, até fico.

– Temos um grupo de suspeitos muito restrito – refletiu Poirot. – Aquele fio…

– Um fio cuja presença você especula apenas porque viu um prego no topo da escada! – interrompi. – Ora, aquele prego poderia estar lá há anos!

– Não. O verniz é recente.

– Continuo achando que há mil explicações para o prego estar ali.

– Ora, me dê uma.

Naquele momento, não consegui pensar em nenhuma. Poirot se aproveitou do meu silêncio para prosseguir com seu discurso.

– Sim, um grupo restrito. O fio só poderia ter sido colocado de um lado a outro da escada depois que todos foram dormir. Portanto, temos de levar em conta apenas os ocupantes da casa. Ou seja, o culpado é um dos sete: o dr. Tanios, a sra. Tanios, Theresa Arundell, Charles Arundell, a srta. Lawson, Ellen ou a cozinheira.

– Acho que você pode deixar as criadas de fora.

– Elas receberam parte da herança, *mon cher*. E podiam ter outros motivos: rancor, brigas, desonestidade, não se pode ter certeza.

– Parece muito improvável.

– Improvável, concordo. Mas é preciso levar todas as possibilidades em consideração.

– Nesse caso, você deve contar oito pessoas, não sete.

– Como assim?

Senti que estava prestes a marcar um ponto.

– Deve incluir a própria srta. Arundell. Como sabe que ela mesma não colocou o fio na escada para fazer com que alguém caísse?

Poirot encolheu os ombros.

– Você está dizendo uma bêtise, meu amigo. Se a srta. Arundell tivesse montado uma armadilha, tomaria cuidado para não cair nela. Foi ela quem caiu escada abaixo, não se esqueça disso.

Recuei, decepcionado.

Poirot prosseguiu, pensativo:

– A sequência dos eventos é muito clara: a queda, a carta para mim e a visita do advogado. Mas há um ponto duvidoso. A srta. Arundell guardou de propósito a carta que me escreveu, hesitando em enviar? Ou, depois de escrevê-la, presumiu que a *enviara*?

– Não temos como saber – concluí.

– Não. Só podemos *supor*. Pessoalmente, imagino que presumiu ter enviado a carta. Deve ter ficado surpresa ao não receber uma resposta…

Meu raciocínio tomou outra direção.

– Você acha que essa bobagem de espiritismo influenciou de alguma maneira? – perguntei. – Quero dizer, apesar de a srta. Peabody ter negado, você não acha que a srta. Arundell, numa daquelas sessões espíritas, possa ter recebido a ordem de alterar o testamento e deixar o dinheiro para a tal Lawson?

Poirot sacudiu a cabeça, cético.

– Isso não combina com a ideia que tenho da personalidade da srta. Arundell.

– As Tripp disseram que a srta. Lawson foi pega de surpresa na leitura de testamento – ponderei.

– Foi o que a srta. Lawson disse – concordou Poirot.

– Mas você não acredita?

– Não acredito em nada que me dizem a menos que possam confirmar ou corroborar. Você conhece a minha natureza desconfiada, *mon ami*!

– Conheço sim, meu velho – falei, afetuoso. – Uma natureza amistosa e leal.

– "Ele disse", "ela disse", "eles disseram". Ora! O que isso significa? Absolutamente nada. Pode ser a verdade absoluta. Pode ser uma falácia. Eu lido apenas com *fatos*.

– E quais são os fatos?

– A srta. Arundell levou um tombo. Isso ninguém discute. A queda não foi acidental, foi planejada.

– A única evidência disso é a palavra de Hercule Poirot!

– De forma alguma. Temos a evidência do prego. Da carta da srta. Arundell. Do cachorro ter passado a noite fora. Das palavras da srta. Arundell sobre o vaso e sobre a pintura. E a evidência da bola de Bob. São *fatos*.

– E o fato seguinte, posso saber?

– O fato seguinte é a resposta à pergunta de sempre: quem se beneficia com a morte da srta. Arundell? Resposta: a srta. Lawson.

– A dama de companhia perversa! Mas é bom lembrar que os outros achavam que *iriam* se beneficiar. E, na ocasião do acidente, teriam mesmo.

– Exatamente, Hastings. É por isso que todos são suspeitos. Há também o fato de que a srta. Lawson esforçou-se para evitar que a srta. Arundell soubesse que Bob passara a noite fora.

– Acha isso suspeito?

– De forma alguma. Mas é digno de nota. Pode ter sido uma preocupação natural com a tranquilidade da srta. Arundell. Essa é a explicação mais provável.

Lancei um olhar oblíquo a Poirot. É detestável como consegue ser tão evasivo.

– A srta. Peabody acha que houve “mutreta” no testamento – lembrei. – O que imagina que ela quis dizer com isso?

– Acredito que tenha sido a forma que ela encontrou de expressar suspeitas nebulosas e indefinidas.

– Acho que podemos descartar influência indevida – refleti. – E tudo indica que Emily Arundell era sensata demais para acreditar em tolices como espiritismo.

– Por que diz que o espiritismo é uma tolice, Hastings?

Encarei-o, perplexo.

– Meu caro Poirot... aquelas mulheres pavorosas...

Ele sorriu.

– Concordo plenamente com a sua avaliação das srtas. Tripp, mas o simples fato de que elas adotaram a ciência cristã, o vegetarianismo, a teosofia e o espiritismo não é suficiente para condenar essas práticas! Só porque alguém compra um camafeu falso de um vendedor picareta não devemos desmerecer toda a egiptologia!

– Então *acredita* em espiritismo, Poirot?

– Tenho a mente aberta sobre o assunto. Nunca investiguei nenhum fenômeno espírita, mas muitos cientistas e pesquisadores admitem que há fenômenos que não são passíveis de serem explicados pela ingenuidade, digamos assim, de uma srta. Tripp.

– Mas você acreditou naquela conversa fiada de auréola sobre a cabeça da srta. Arundell?

Poirot fez um gesto com uma das mãos.

– Falei genericamente, em censura a esse seu ceticismo fortuito. Mas posso dizer que, após formar uma opinião a respeito da srta. Tripp e da irmã, examinarei com muito cuidado todos os fatos que me apresentaram. Mulheres tolas, são mulheres tolas, *mon ami*, quer falem sobre espiritismo, política, a relação dos sexos ou os princípios do budismo.

– Ainda assim, você prestou atenção ao que diziam.

– Esta foi a minha tarefa hoje, ouvir. Escutar o que todos têm a dizer a respeito dessas sete pessoas. Em especial sobre os cinco principais suspeitos. Já sabemos algumas coisas sobre eles. Por exemplo, a srta. Lawson: das srtas. Tripp ouvimos que ela é dedicada, generosa, altruísta e uma pessoa de caráter excelente. Da srta. Peabody, ouvimos que é ingênua e burra e que não teria coragem nem inteligência para cometer um crime. O dr. Grainger nos disse que ela era menosprezada, que sua situação como dama de companhia era precária e que era uma bobalhona, acho que foi essa a palavra que ele usou. Com o garçom, soubemos que a srta. Lawson é "uma pessoa" e, com Ellen, que Bob, o cão, a desprezava! Como podemos ver, cada um a via de um ângulo diferente. Ocorre a mesma coisa com os outros. Ninguém parece ter uma boa opinião sobre o caráter de Charles Arundell. No entanto, todos o descreveram de maneiras distintas. O dr. Grainger teve condescendência e o chamou de "rapaz irreverente". A srta. Peabody acha que ele seria capaz de matar a avó por uns trocados, mas deixou claro que prefere um malandro a alguém "insípido". A srta. Tripp não apenas sugere que ele seria capaz de cometer um crime, mas que ele já cometeu um... ou mais. Esses detalhes são muito úteis e interessantes. E nos levam ao próximo ponto.

– Que é?

– Ver com os nossos próprios olhos, meu caro.

Capítulo 13

Theresa Arundell

Na manhã seguinte, seguimos para o endereço fornecido pelo dr. Donaldson. Sugeri que uma visita ao advogado, o sr. Purvis, poderia ser proveitosa, mas Poirot recusou enfaticamente a ideia.

– Não mesmo, meu caro! O que teríamos a dizer? Que desculpa daríamos para estarmos buscando informações?

– Você costuma ter sempre uma desculpa preparada, Poirot! Qualquer mentira serviria, não?

– Pelo contrário. "Qualquer mentira", como você diz, não serviria. Não com um advogado. Nós o deixaríamos, como se diz, com uma pulga atrás da orelha.

– Ah, bom. Não vamos correr esse risco!

E então seguimos rumo ao apartamento de Theresa Arundell, situado num quarteirão de Chelsea com vista para o rio. Era mobiliado com peças caras e modernas, com cromados cintilantes e tapetes grossos com estampas geométricas.

Ficamos esperando alguns minutos, até que uma moça entrou na sala e nos olhou, intrigada.

Theresa Arundell parecia ter 28 ou 29 anos. Era alta e muito magra, parecia uma caricatura em preto e branco. Tinha os cabelos muito escuros e o rosto pálido, coberto com uma maquiagem pesada. As sobrancelhas, feitas com capricho, davam-lhe um ar insolente e sarcástico. Os lábios eram o único ponto de cor, um corte escarlate brilhante num rosto branco. Ela passava a impressão – não sei como exatamente, já que seus modos eram quase cansados e indiferentes – de ter o dobro do vigor da maioria das pessoas. Havia nela a energia contida numa chicotada.

Com uma expressão fria, olhou para mim e para Poirot.

Cansado (imaginei) de artifícios, Poirot entregou-lhe um cartão de visitas. Ela o segurou entre os dedos, olhando frente e verso.

– Suponho que o senhor seja o monsieur Poirot?

Poirot saudou-a com toda pompa.

– Ao seu dispor. A mademoiselle me permitiria abusar de alguns instantes do seu valioso tempo?

Imitando de leve a pompa de Poirot, ela respondeu:

– Encantada, monsieur Poirot. Por favor, sentem-se.

Poirot sentou-se, bastante cauteloso, numa poltrona estofada baixa e quadrada. Peguei uma cadeira reta, de metal cromado. Theresa sentou-se displicente num banquinho diante da lareira. Ofereceu-nos cigarros. Recusamos, e ela acendeu um para si mesma.

– Talvez já tenha ouvido meu nome, mademoiselle?

Ela assentiu com a cabeça.

– É amiguinho da Scotland Yard, não?

Poirot, imagino, não gostou muito daquela descrição. Retrucou, com certo orgulho:

– Eu me ocupo de problemas criminais, mademoiselle.

– Que emocionante – disse Theresa Arundell, num tom entediado. – E pensar que perdi meu livro de autógrafos!

– A questão que me trouxe até aqui é a seguinte – continuou Poirot. – Ontem, recebi uma carta da sua tia.

Os olhos alongados e amendoados da moça se arregalaram um pouco. Ela soprou uma nuvem de fumaça.

– Da minha tia, monsieur Poirot?

– Foi o que eu disse, mademoiselle.

Ela murmurou:

– Sinto muito se estou sendo desmancha-prazeres, mas, sabe, essa pessoa não existe! Todas as minhas tias estão na paz do Senhor. A última morreu há dois meses.

– A srta. Emily Arundell?

– Sim, a srta. Emily Arundell. O senhor não recebe carta de defuntos, recebe, monsieur Poirot?

– Às vezes recebo, mademoiselle.

– Que macabro!

Mas havia um outro tom em sua voz, um tom de alerta e cautela.

– E o que a minha tia disse, monsieur Poirot?

– Isso, mademoiselle, não posso lhe revelar no momento. Trata-se, veja bem, de um assunto – pigarreou – deveras “delicado”.

Fez-se silêncio por alguns instantes. Theresa Arundell deu uma tragada no cigarro e disse:

– Parece deliciosamente confidencial. Mas o que tenho a ver com isso?

– Eu gostaria, mademoiselle, que a senhorita respondesse a algumas perguntas.

– Perguntas? Sobre o quê?

– Perguntas sobre assuntos de natureza familiar.

Mais uma vez, vi os olhos dela arregalarem.

– Isso é magnífico! Suponho que o senhor vá me dar uma amostra.

– Sem dúvida. A senhorita pode nos dizer o endereço atual do seu irmão, Charles?

Os olhos se estreitaram mais uma vez. A energia latente da moça estava menos visível, como se tivesse se encolhido em uma concha.

– Infelizmente, não posso. Não nos correspondemos muito. Acredito até que ele tenha deixado a Inglaterra.

– Entendo.

Poirot ficou em silêncio por alguns instantes.

– Era tudo o que o senhor queria saber?

– Tenho outras perguntas! Por exemplo: a senhorita está satisfeita com a forma como a sua tia dispôs da fortuna que deixou? Há quanto tempo a senhorita está noiva do dr. Donaldson?

– O senhor realmente está por dentro, não?

– *Eh bien*.

– *Eh bien*, já que somos tão sofisticados, minha resposta a ambas as perguntas é que não é da sua conta! *Ça ne vous regarde pas*, monsieur Hercule Poirot.

Poirot observou-a com atenção por alguns instantes e, sem sinal de desapontamento, levantou-se.

– Tudo bem! Não me surpreendo. Deixe-me, mademoiselle, cumprimentá-la por seu sotaque francês. E desejar-lhe uma excelente manhã. Venha, Hastings.

Havíamos chegado à porta quando a moça falou. A analogia que me veio à mente foi a de uma chicotada. Não se movera de onde estava, mas a

palavra soou como o golpe de um chicote:

– Voltem!

Poirot obedeceu, sem pressa. Sentou-se e olhou para ela com ar intrigado.

– Vamos parar de brincadeiras – exigiu ela. – É possível que o senhor me seja útil, monsieur Hercule Poirot.

– Encantado, mademoiselle. E como?

Entre duas baforadas de fumaça, ela disse, serena e calma:

– Diga-me como anular aquele testamento.

– Com certeza um advogado...

– Sim, talvez um advogado, se eu conhecesse um advogado que soubesse como. Mas os únicos advogados que conheço são homens respeitáveis! Afirmam que o testamento é legalmente válido e que qualquer tentativa de contestá-lo seria inútil.

– Vejo que a senhorita não acredita neles.

– Acredito que há jeito para tudo, deixando os escrúpulos de lado e pagando bem. E *estou disposta a pagar*.

– E a senhorita presume que eu esteja disposto a ser inescrupuloso se me pagar?

– A maioria das pessoas estaria! Não vejo por que seria uma exceção. Claro que, em princípio, todos se proclamam íntegros e decentes...

– Mas isso faz parte do jogo, não é? Supondo que eu esteja disposto a ser inescrupuloso... o que acha que eu poderia fazer?

– Não sei. O senhor é um homem inteligente. Todo mundo sabe disso. Poderia pensar em algum esquema.

– Como, por exemplo?

Theresa Arundell deu de ombros.

– Isso é com o senhor. Poderia roubar o testamento e substituí-lo por um falsificado, sequestrar a srta. Lawson e obrigá-la a dizer que intimidou a minha tia a fazer o testamento. Apresentar um testamento posterior feito no leito de morte da tia Emily.

– Sua imaginação me deixa sem fôlego, mademoiselle!

– Bem, o que diz? Fui bastante franca. Se for uma recusa por convicções moralistas, a porta da rua fica ali.

– Não é uma recusa por convicções moralistas, ainda – disse Poirot.

Theresa Arundell riu. Olhou para mim.

– Seu amigo – observou – parece chocado. Devemos mandá-lo dar uma volta?

Poirot dirigiu-se a mim com uma leve irritação.

– Controle, por favor, a sua encantadora e correta natureza, Hastings. Peço perdão pelo meu amigo, mademoiselle. Ele é, como a senhorita pode perceber, honesto. Mas é também leal. Sua lealdade a mim é absoluta. De qualquer forma, deixe-me enfatizar este ponto – lançou a ela um olhar severo. – O que quer que façamos, será estritamente dentro da lei.

Ela levantou as sobrancelhas de leve.

– As margens da lei são amplas – refletiu Poirot.

– Entendo – ela sorriu, desanimada. – Tudo bem, vamos deixar isso combinado. O senhor quer discutir a sua parte no espólio, caso haja algum espólio?

– Isso também pode ficar combinado. Uma parte bem pequena é tudo o que peço.

– Feito – concordou Theresa.

Poirot inclinou-se para frente.

– Ouça, mademoiselle, pode-se dizer que em 99 por cento dos casos estou do lado da lei. No um por cento restante... bem, aí é diferente. Em primeiro lugar, costuma ser muito mais lucrativo. Mas tudo precisa ser feito com muita discrição, entende... muita discrição mesmo. Minha reputação não pode correr riscos. Preciso tomar cuidado.

Theresa Arundell assentiu com a cabeça.

– E preciso saber todos os fatos do caso! Preciso saber a verdade! Sem dúvida a senhorita compreende que, depois de sabermos a verdade, fica mais fácil saber exatamente que mentiras contar!

– Sim, parece bastante sensato.

– Muito bem. Diga-me. Em que data o testamento foi feito?

– Em 21 de abril.

– E o testamento anterior?

– A tia Emily fizera um testamento cinco anos atrás.

– Quais eram as disposições?

– Uma parte para Ellen, outra para uma ex-cozinheira e o resto do patrimônio seria dividido entre os filhos de seu irmão Thomas e os filhos de sua irmã Arabella.

– O dinheiro ficaria em um fundo fiduciário?

– Não, nos seria dado diretamente.

– Agora, atenção. Todos vocês sabiam dos termos do testamento?

– Ah, sim. Charles e eu sabíamos, e Bella sabia também. A tia Emily não fazia segredo de nada. Na verdade, quando pedíamos algum empréstimo, ela costumava dizer: “Vocês ficarão com todo o meu dinheiro quando eu não estiver mais aqui. Contentem-se com isso”.

– Ela recusaria um empréstimo em caso de doença ou urgência?

– Não, acho que não – Theresa respondeu devagar.

– Mas ela julgava que todos tinham como se sustentar?

– Ela achava que sim.

Havia amargura em sua voz.

– Mas não tinham?

Theresa esperou alguns instantes antes de falar. Então disse:

– Meu pai deixou trinta mil libras para cada um de nós. Os juros, investidos com segurança, chegam a aproximadamente mil e duzentos por ano. O imposto de renda tira uma parte disso. É um rendimento bom, com o qual é possível viver muito bem. Mas eu... – o tom de voz mudou, ela endireitou o corpo magro e jogou a cabeça para trás, mostrando a incrível exuberância que eu percebera nela – ...quero mais do que isso da vida! Quero o melhor! A melhor comida, as melhores roupas. Algo que faça jus a isso. Beleza. Não apenas roupas da moda. Quero viver e aproveitar. Ir para o Mediterrâneo e deitar à beira do mar quente no verão. Sentar numa mesa de jogo e apostar montes de dinheiro. Dar festas, festas loucas, absurdas, extravagantes! Quero tudo o que há neste mundo podre! E não quero isso algum dia... Eu quero agora!

A voz de Theresa estava excitada, emocionada, alegre, inebriada.

Poirot a observava, atento.

– E a senhorita, imagino, teve tudo isso até agora?

– Sim, Hercule, tive!

– E quanto ainda resta dos 30 mil?

De repente, ela riu.

– Restam 221 libras e 14 centavos. Este é o saldo exato. De modo que você precisará ser pago pelos resultados, meu caro. Sem resultados... sem pagamento.

– Assim sendo – respondeu Poirot, pragmático –, com certeza haverá resultados.

– Você é sujeitinho notável, Hercule. Fico feliz que tenhamos nos unido.

Poirot continuou, num tom profissional:

– Há algumas coisas que realmente preciso saber. A senhorita usa drogas?

– Não, nunca.

– Bebe?

– Bastante, mas não por vício. Meus amigos bebem, e bebo com eles, mas poderia deixar de beber amanhã.

– Isso é suficiente.

Ela riu.

– Não vou entregar o jogo numa bebedeira, Hercule.

Poirot prosseguiu:

– Relacionamentos amorosos?

– Muitos no passado.

– E no presente?

– Apenas Rex.

– O dr. Donaldson?

– Sim.

– Ele parece, de certa forma, muito distante da vida que a senhorita menciona.

– E ele é.

– E ainda assim a senhorita gosta dele. Por que será?

– Ora, quais seriam os motivos? Por que Julieta se apaixonou por Romeu?

– Bem, em primeiro lugar, com todo o respeito a Shakespeare, Romeu calhou de ser o primeiro homem que ela viu.

Theresa respondeu pausadamente:

– Rex não foi nem de longe o primeiro homem que vi. – E acrescentou, em voz baixa: – Mas eu acho... eu sinto... que será o último.

– E ele é pobre, mademoiselle.

Ela assentiu com a cabeça.

– E também precisa de dinheiro?

– Desesperadamente. Não pelos mesmos motivos que eu. Ele não quer luxo, beleza, emoção, nem nada disso. Ele seria capaz de vestir o mesmo terno até puir, ficaria feliz com costeletas congeladas todos os dias no

almoço e tomaria banho numa banheira de lata. Se tivesse dinheiro, gastaria todo com tubos de ensaio, laboratório e tudo o mais. Ele é ambicioso. A profissão significa tudo para ele. Significa mais até do que eu.

– Ele sabia que a senhorita herdaria um bom dinheiro quando a srta. Arundell morresse?

– Eu contei a ele. Mas só depois de ficarmos noivos! Ele não está se casando comigo pelo meu dinheiro, se é o que está querendo insinuar.

– Ainda estão noivos?

– Claro que sim.

Poirot não respondeu. Seu silêncio pareceu inquietá-la.

– Claro que sim – ela repetiu com rispidez. E acrescentou: – O senhor... o senhor o viu?

– Eu o vi ontem... em Market Basing.

– Por quê? O que disse a ele?

– Não disse nada. Apenas pedi o endereço do seu irmão.

– Do Charles? – a voz da moça ficou ríspida novamente. – O que o senhor queria com o Charles?

– Charles? Quem está procurando o Charles?

Era uma voz nova – uma voz masculina encantadora.

Um jovem bronzeado, com um sorriso simpático, entrou na sala.

– Quem está falando de mim? – perguntou. – Ouvi meu nome no corredor, mas não estava bisbilhotando. Eram muito chatos com bisbilhotices no reformatório. E então, minha cara Theresa, o que está havendo? Vá falando.

Capítulo 14

Charles Arundell

Confesso que, desde que pus os olhos nele, nutri uma simpatia secreta por Charles Arundell. Ele tinha um ar alegre e despreocupado, um brilho agradável e divertido no olhar e o sorriso mais afável que eu já vira.

Ele atravessou a sala e sentou-se no braço de uma poltrona.

– Do que se trata tudo isso, moça? – perguntou.

– Este é o monsieur Poirot, Charles. Ele está disposto a... fazer um trabalhinho sujo para nós em troca de uma pequena compensação.

– Eu protesto! – indignou-se Poirot. – Não é trabalho sujo! Digamos que se trata de uma farsa inofensiva, a fim de fazer valer a intenção original da dona do testamento. Digamos que seja isso.

– Fale da forma que desejar – disse Charles, deferente. – Mas o que fez Theresa pensar no senhor?

– Ela não pensou – Poirot respondeu rapidamente. – Vim até aqui de livre e espontânea vontade.

– Para oferecer seus serviços?

– Não exatamente. Vim procurar pelo senhor. A sua irmã me informou que o senhor estava no exterior.

– Theresa – explicou Charles – é muito prudente. Quase nunca se engana. Na verdade, é desconfiada como o diabo.

O jovem sorriu com afeto para a irmã, que não lhe sorriu de volta. Theresa parecia preocupada e pensativa.

– Sem dúvida – continuou Charles – a situação aqui se inverteu. O monsieur Poirot é famoso por caçar criminosos, e não por encorajá-los.

– Não somos criminosos! – reagiu Theresa, ríspida.

– Mas estamos dispostos a ser – respondeu Charles afavelmente. – Inclusive me recordo de uma pequena falsificação, que é mais o meu estilo.

Fui expulso de Oxford por um mal-entendido a respeito de um cheque. E foi facílimo, uma mera questão de acrescentar um zero. Então houve um pequeno desentendimento com a tia Emily e o banco local. Burrice da minha parte, é claro. Eu deveria ter percebido que a velha era esperta como uma raposa. No entanto, todos esses incidentes foram desprezíveis, uns poucos trocados. Já um testamento num leito de morte seria arriscado, sem dúvida nenhuma. Seria preciso contatar a rígida e inflexível Ellen e... Como é que se diz? Suborná-la?... Enfim, induzi-la a dizer que testemunhara o novo testamento. Seria um pouco trabalhoso, acredito. Talvez eu tivesse que me casar com Ellen para ela não poder testemunhar contra mim.

Sorriu amistoso para Poirot.

– Tenho certeza de que o senhor instalou um gravador secreto, e a Scotland Yard está ouvindo tudo.

– Seu problema me interessa – contestou Poirot, com um toque de reprovação. – Naturalmente não posso ser conivente com atos ilícitos. Mas há outros meios... – fez uma pausa expressiva.

Charles Arundell deu de ombros.

– Não tenho dúvida de que é possível andar dentro da lei, mesmo que por caminhos tortos... – retrucou com simpatia. – O senhor deve saber.

– Quem testemunhou o testamento? Refiro-me ao de 21 de abril.

– Purvis levou um assistente, e a segunda testemunha foi o jardineiro.

– Então foi assinado na presença do sr. Purvis?

– Foi.

– E o sr. Purvis, suponho, é confiável?

– Purvis e os sócios são tão confiáveis e irrepreensíveis quanto o Banco da Inglaterra – respondeu Charles.

– Ele não gostou de lavrar o testamento – acrescentou Theresa. – Acredito que ele inclusive, num ímpeto de integridade, tentou dissuadir a tia Emily de fazê-lo.

Charles interrompeu:

– Ele lhe disse isso, Theresa?

– Sim. Fui vê-lo ontem.

– Não adianta, querida. Você precisa entender isso. Assim ele apenas acumula honorários.

Theresa deu de ombros.

Poirot retomou:

– Peço-lhes que me deem o máximo de informações sobre as últimas semanas da srta. Arundell. Para começar, soube que a senhorita, o sr. Charles e também o dr. Tanios e a esposa ficaram hospedados lá na Páscoa?

– Sim, ficamos.

– Aconteceu algo digno de nota durante o fim de semana?

– Acho que não.

– Nada? Mas pensei que...

Charles interrompeu.

– Que criatura mais egocêntrica você é, Theresa! Não aconteceu nada digno de nota *com você*! Apaixonada como estava! Deixe-me lhe dizer, monsieur Poirot, que Theresa tem um namoradinho em Market Basing. É um dos médicos locais. Consequentemente, ela perdeu o senso de proporção. Na verdade, minha idolatrada tia levou um tombo escada abaixo e quase morreu. Antes tivesse morrido. Teria nos poupado de toda essa confusão.

– Ela caiu da escada?

– Sim, escorregou na bola de seu cachorro. Ele deixou a bola no topo da escada, e minha tia caiu no meio da noite.

– Quando foi isso?

– Deixe-me ver... Terça, na noite antes de partirmos.

– A srta. Arundell ficou muito machucada?

– Infelizmente, ela não bateu com a cabeça. Se tivesse, poderíamos alegar lesão cerebral, sei lá qual é o nome científico. Não, ela quase não se machucou.

Poirot comentou, irônico:

– Que decepção para vocês!

– Ahn? Ah, entendo o que quer dizer. Sim, como o senhor diz, uma decepção. A velhota era osso duro de roer.

– E todos partiram na quarta-feira pela manhã?

– Sim.

– Isso foi quarta-feira, dia 15. Quando viu a sua tia de novo?

– Bem, não foi no fim de semana seguinte. Foi no outro.

– Então seria... por volta do dia 25?

– Sim, acho que era esta a data.

– E quando foi que ela morreu?

– Na outra sexta-feira.

– E adoeceu na segunda-feira à noite?

– Sim.

– Foi a segunda-feira em que o senhor partiu?

– Sim.

– O senhor não retornou enquanto a srta. Arundell esteve doente?

– Não até sexta-feira. Não sabíamos que ela estava tão mal.

– O senhor chegou lá a tempo de vê-la com vida?

– Não. Morreu antes de chegarmos.

Poirot olhou para Theresa Arundell.

– A senhorita acompanhou seu irmão em ambas as ocasiões?

– Sim.

– E nada lhes foi dito no segundo final de semana sobre o novo testamento?

– Nada – respondeu Theresa.

Charles, no entanto, respondeu ao mesmo tempo:

– Ah, sim. Comentaram algo.

Ele falou com a mesma irreverência de sempre, mas havia um constrangimento, como se aquela irreverência fosse mais artificial do que de costume.

– *Comentaram*? – perguntou Poirot.

– Charles! – protestou Theresa.

Charles evitava encarar a irmã.

Falou sem olhar para ela.

– Você lembra, mana? Eu lhe disse. A tia Emily fez uma espécie de ultimato. Ficou lá sentada como uma juíza no tribunal. Fez um discurso. Disse que desaprovava todos os parentes, ou seja, eu e a Theresa. Admitiu não ter nada contra Bella, mas antipatizava e desconfiava do marido. "Consuma produtos nacionais" sempre foi o lema da tia Emily. Se Bella herdasse uma soma considerável, minha tia estava convencida de que Tanios daria um jeito de pôr as mãos no dinheiro. É certo que um grego faria isso! "Ela está mais segura como está", ela falou. E depois disse que nem eu nem Theresa temos capacidade de lidar com dinheiro. Que iríamos apenas especular e desperdiçar. Concluiu dizendo que havia feito um novo testamento e deixado todo o patrimônio para a srta. Lawson. "Ela é uma tola", justificou tia Emily, "mas é leal. E realmente acredito que seja devotada a mim. Não tem culpa de ser desmiolada. Achei mais justo lhe

contar, Charles, para que saiba que não será possível pedir adiantamentos contando com a herança.” Foi muito maldosa. Era exatamente o que eu vinha tentando fazer.

– Por que você não me contou isso, Charles? – Theresa perguntou, furiosa.

Poirot interrompeu:

– E o que o senhor disse, sr. Arundell?

– Eu? – disse Charles com irreverência. – Ora, apenas ri. Não ajudaria em nada ficar irritado. Não seria o melhor caminho. “Como a senhora quiser, tia Emily”, respondi. “É um revés e tanto, mas o dinheiro é seu, afinal, e a senhora pode fazer com ele o que quiser.”

– E qual foi a reação dela?

– Ah, foi boa, muito boa, até. Ela comentou: “Preciso admitir que você tem espírito esportivo, Charles”. E eu disse: “É preciso aceitar os altos e baixos da vida. Já que não tenho esperanças, que tal me dar uma nota de dez agora?” Ela me chamou de insolente, e acabei saindo com uma nota de cinco.

– O senhor escondeu bem seus sentimentos.

– Bem, na verdade, não levei aquilo muito a sério.

– Não?

– Não. Pensei que fosse coisa de gente velha. Ela queria nos assustar. Eu tinha uma suspeita forte de que depois de algumas semanas ou meses ela acabaria rasgando aquele testamento. A tia Emily era muito ligada à família. E, na verdade, acredito que era o que ela *acabaria* fazendo se não tivesse morrido de modo tão repentino.

– Ah! – exclamou Poirot. – Eis uma ideia interessante.

Permaneceu em silêncio por alguns segundos, então continuou:

– Será que alguém, a srta. Lawson, por exemplo, poderia ter escutado a conversa?

– É possível. Não estávamos falando baixo. Na verdade, a srta. Lawson estava zanzando do lado de fora quando saí. Na minha opinião, estava bisbilhotando.

Poirot voltou-se para Theresa.

– E a senhorita não sabia de nada disso?

Antes que ela pudesse responder, Charles interrompeu.

– Theresa, querida, estou certo de que lhe contei, ou pelo menos dei alguma indicação.

Houve uma pausa estranha. Charles encarava Theresa, e havia uma ansiedade, uma firmeza naquele olhar que parecia exagerada para o tema da conversa.

Theresa declarou lentamente:

– Se você tivesse me dito, não acho que eu poderia ter esquecido. Não concorda, monsieur Poirot?

Os olhos escuros e alongados pousaram no detetive.

Poirot respondeu, devagar:

– Não, não acho que a senhorita teria esquecido, srta. Arundell.

Virou-se de repente para Charles.

– Vamos esclarecer esse ponto: a srta. Arundell lhe disse que estava prestes a alterar o testamento ou disse que de fato o *alterara*?

Charles respondeu depressa:

– Ela foi muito clara. Inclusive me mostrou o testamento.

Poirot inclinou-se para frente, arregalando os olhos.

– Isso é muito importante. O senhor está dizendo que a srta. Arundell lhe mostrou o testamento?

Charles contorceu-se de repente, de modo infantil, num gesto quase comovente. A seriedade de Poirot o deixava desconfortável.

– Sim, mostrou.

– O senhor poderia jurar?

– Claro que posso – respondeu Charles, olhando inquieto para Poirot. – Não vejo o que pode haver de tão importante nisso.

Theresa levantou-se num movimento brusco e repentino, colocando-se de pé ao lado da lareira. Acendeu outro cigarro.

– E a senhorita? – Poirot perguntou de repente. – A sua tia não lhe disse nada de importante durante aquele final de semana?

– Acho que não. Ela estava bastante cordial. Quer dizer, tão cordial como sempre. Fez um sermão sobre o meu estilo de vida e tudo o mais. Mas, enfim, ela sempre fazia isso. Parecia talvez um pouco mais inquieta do que de costume.

Poirot disse, com um sorriso:

– Imagino que a senhorita tenha passado mais tempo com seu noivo?

Theresa retrucou, ríspida:

– Ele não estava lá. Estava fora, num congresso médico.

– Então a senhorita não o vê desde a Páscoa? Foi a última vez em que o viu?

– Sim. Na noite antes de partirmos, jantou conosco.

– A senhorita não teve, perdão pela pergunta, alguma discussão com ele na ocasião?

– Claro que não.

– Cogitei isso, ao perceber que ele estava ausente na sua segunda visita...

Charles interrompeu:

– Ah, mas veja bem, o segundo final de semana não foi planejado. Foi uma decisão de última hora.

– É mesmo?

– Ora, vamos contar a verdade – cansou-se Theresa. – Bella e o marido estiveram lá no final de semana anterior, bajulando a tia Emily por causa do acidente. Pensamos que eles queriam ganhar vantagem sobre nós...

– Pensamos – prosseguiu Charles com um sorriso – que era melhor também demonstrarmos preocupação com a saúde da tia Emily. Mas a velha era esperta demais para se deixar enganar. Sabia bem o quanto valia. Não era boba, a tia Emily.

Theresa riu, de súbito.

– Que história bonita, não? Todo mundo com a língua de fora atrás de dinheiro.

– A sua prima e o marido também?

– Ah, sim, Bella está sempre sem dinheiro. É patética a forma como tenta copiar todas as minhas roupas com menos de um oitavo do preço. Acredito que Tanios tenha especulado com o dinheiro dela. Eles passam por maus bocados financeiros. Têm dois filhos e querem educá-los na Inglaterra.

– Poderiam me dar o endereço deles? – pediu Poirot.

– Eles estão hospedados no Hotel Durham, em Bloomsbury.

– Como ela é, a sua prima?

– Bella? Bem, é uma chata. Hein, Charles?

– Ah, definitivamente uma chata. Uma lacraia. É mãe dedicada. Assim como as lacraias, suponho.

– E o marido?

– Tanios? Ele parece um pouco estranho, mas na verdade é um sujeito bastante encantador. Inteligente, divertido, com verdadeiro espírito esportivo.

– A senhorita concorda, mademoiselle?

– Bem, confesso que gosto mais dele do que de Bella. É um médico muitíssimo talentoso, imagino. Mesmo assim, não confio muito nele.

– Theresa não confia em ninguém – rebateu Charles, passando o braço ao redor da irmã. – Ela não confia em mim.

– Confiar em você, meu querido, é sinônimo de deficiência mental – disse Theresa.

Os dois afastaram-se e olharam para Poirot, que fez uma saudação e caminhou em direção à porta.

– Então, como se diz... aceito o trabalho! É difícil, mas a mademoiselle tem razão. Há sempre um jeito. Por sinal, essa srta. Lawson, ela é do tipo que poderia perder a cabeça ao depor no tribunal?

Charles e Theresa se entreolharam.

– Eu diria – sugeriu Charles – que um advogado bem intimidador poderia fazê-la afirmar que preto é branco!

– Isso pode vir a ser útil – disse Poirot.

Saiu da sala, e eu o segui. No hall, ele apanhou o chapéu, caminhou até a porta da frente, abriu-a e fechou-a com uma batida rápida. Caminhou na ponta dos pés até a sala de estar e encostou a orelha na parede, com o maior descaramento. Qualquer que tenha sido a escola em que Poirot foi educado, é certo que não havia regras tácitas sobre bisbilhotice. Fiquei horrorizado, mas impotente. Fiz sinais insistentes para Poirot, mas ele não deu atenção.

E então, ouvimos a voz profunda e vibrante de Theresa Arundell dizer duas palavras:

– Seu idiota!

Escutamos o barulho de passos, e Poirot me puxou pelo braço, abriu a porta da rua e saiu, fechando-a sem nenhum ruído.

Capítulo 15

Srta. Lawson

– Poirot! Precisamos escutar atrás das portas? – protestei.

– Acalme-se, meu caro. Fui eu quem escutou! Não foi você quem pôs a orelha na porta. Pelo contrário, você ficou estático, feito um soldado.

– Mas ouvi assim mesmo.

– É verdade. A mademoiselle não estava exatamente sussurrando.

– Porque ela achava que havíamos saído do apartamento!

– Sim, usamos de um pequeno artifício.

– Não gosto desse tipo de coisa.

– Sua atitude moral é irrepreensível! Mas não vamos nos repetir. Já tivemos essa conversa. Você está prestes a dizer que não é assim que se joga. E minha resposta é que assassinato não é jogo.

– Mas não há nenhum assassinato aqui.

– Não esteja tão seguro disso.

– A *intenção* de cometer um assassinato, talvez. Mas, afinal, assassinato e *tentativa* de assassinato não são a mesma coisa.

– Moralmente, são a mesmíssima coisa. Mas o que eu quis dizer foi: você tem certeza absoluta de que estamos investigando apenas uma *tentativa* de assassinato?

Encarei-o.

– Mas a srta. Arundell morreu de causas naturais.

– Repito: você tem certeza absoluta?

– Todo mundo diz que sim!

– Todo mundo? Oh, là, là!

– O médico diz que sim – observei. – O dr. Grainger. Ele deve saber.

– Sim, deve saber. – Havia uma insatisfação na voz de Poirot.

– Mas, lembre-se, Hastings, cadáveres costumam ser exumados, e para cada um deles uma certidão de óbito foi assinada de boa-fé pelo médico responsável.

– Sim, mas a srta. Arundell morreu de uma enfermidade antiga.

– Sim, é o que parece...

A voz de Poirot ainda revelava insatisfação. Analisei-o com atenção.

– Poirot, você tem certeza de que não está sendo levado pelo zelo profissional? Você quer que seja assassinato, então conclui que *deve* ser assassinato.

A sombra em sua fronte se aprofundou. Ele assentiu com a cabeça.

– O que você está dizendo tem fundamento, Hastings. É um ponto frágil esse em que você toca. Vivo de desvendar assassinatos. Sou como um cirurgião que se especializa em, digamos, apendicite ou alguma cirurgia mais rara. Quando um paciente o procura, o cirurgião vê aquele paciente apenas do ponto de vista de sua própria especialização. Há alguma possibilidade de que esse homem sofra disso e daquilo...? Eu sou assim também. Sempre pergunto a mim mesmo: "Será que houve assassinato?" E, sabe, meu amigo, quase sempre há uma possibilidade.

– Eu não diria que há muita possibilidade neste caso – observei.

– Mas ela morreu, Hastings! Você não pode fugir deste fato. Ela *morreu*!

– Ela estava com a saúde frágil. Tinha mais de setenta anos. Tudo parece muito natural para mim.

– E lhe parece natural que Theresa Arundell tenha chamado o irmão de idiota daquele jeito?

– O que isso tem a ver?

– Tudo! Diga, o que você acha da declaração do sr. Charles Arundell de que a tia lhe mostrara o testamento?

Olhei para Poirot, desconfiado.

– O que você acha disso? – perguntei.

Por que teria de ser sempre Poirot a fazer as perguntas?

– Acho muito interessante, muito interessante mesmo. Assim como a reação da srta. Theresa Arundell à declaração de Charles. O duelo dos dois foi bem sugestivo.

– Hum – murmurei, em tom profético.

– Isso abre duas linhas distintas de investigação.

– Parecem mais um belo par de pilantras – observei. – Preparados para qualquer coisa. A moça é lindíssima. Quanto ao jovem Charles, é sem dúvida um malandro carismático.

Poirot acenou para um táxi. O carro parou, e Poirot deu um endereço ao motorista.

– Clanroyden Mansions, número 17, Bayswater.

– Então a srta. Lawson é a próxima – comentei. – E depois disso, os Tanios?

– Exatamente, Hastings.

– Que papel você vai interpretar agora? – perguntei, enquanto o táxi se dirigia ao endereço. – Do biógrafo do general Arundell, de um comprador de imóveis, ou algo ainda mais dissimulado?

– Vou me apresentar simplesmente como Hercule Poirot.

– Que decepção! – zombei.

Poirot me olhou de soslaio e pagou o táxi.

O número 17 ficava no segundo andar. Uma empregada com ar atrevido abriu a porta e nos levou até uma sala ridícula, comparada àquela de onde recém tínhamos saído.

O apartamento de Theresa Arundell era simples, sem excessos. O da srta. Lawson, por outro lado, estava tão carregado de móveis e quinquilharias que quase não podíamos nos mexer sem temer derrubar alguma coisa.

A porta se abriu, e entrou uma senhora corpulenta de meia-idade. A srta. Lawson era como eu a imaginara. Tinha um rosto ansioso, meio bobo, cabelos grisalhos desarrumados e um pincenê empoleirado, meio torto, no nariz. Falava em espasmos ofegantes.

– Bom dia. Não acho que...

– Srta. Wilhelmina Lawson?

– Sim, sim, é o meu nome...

– Sou Poirot, Hercule Poirot. Ontem estive em Littlegreen House.

– Ah, sim?

A boca da srta. Lawson se abriu um pouco mais, e ela tentou sem sucesso ajeitar o cabelo.

– Querem se sentar? – ela continuou. – Sentem-se aqui, sim? Ah, puxa, essa mesa está no seu caminho. Estou meio cheia de coisas aqui. É tão

difícil! Esses apartamentos! Pequenos, mas tão perto do centro! E gosto de ficar nesta região. E os senhores?

Com um arquejo, ela se sentou numa poltrona vitoriana de aparência desconfortável e, com o pincenê ainda torto, inclinou-se para frente e olhou para Poirot com expectativa.

– Fui à Littlegreen House sob o pretexto de comprá-la – prosseguiu Poirot. – Mas gostaria de lhe dizer logo, e em absoluta confidência...

– Ah, sim – arfou a srta. Lawson, com curiosidade.

– Na mais absoluta confidência, – continuou Poirot – que estive lá com outro objetivo. Não sei se sabe que, pouco antes de morrer, a srta. Arundell me escreveu...

Fez uma pausa, e prosseguiu:

– Sou um detetive particular conhecido.

Várias expressões passaram pelo rosto corado da srta. Lawson. Imaginei qual delas Poirot destacaria como a mais relevante à investigação. Susto, excitação, surpresa, perplexidade...

– Ah – disse ela. E, depois de uma pausa, de novo: – Ah!

Então, de súbito, perguntou:

– Foi sobre o dinheiro?

Até mesmo Poirot ficou surpreso. Hesitou em dizer:

– A senhora se refere ao dinheiro que foi...

– Sim, sim. Ao dinheiro que foi tirado da gaveta.

Poirot respondeu, baixinho:

– A srta. Arundell não lhe contou que me escrevera sobre isso?

– Na verdade, não. Eu não fazia ideia... Bem, de fato, confesso que estou muito surpresa...

– A senhora pensou que ela não mencionara a ninguém?

– Achei que não. Sabe, ela tinha uma ideia muito boa...

Ela parou. Poirot interveio, rápido:

– Ela tinha uma ideia muito boa de quem o pegara. Era isso que a senhora ia dizer, não era?

A srta. Lawson assentiu com a cabeça e continuou, arfante:

– E eu não deveria ter pensado que ela iria querer... Bem, quero dizer que ela falou... Isto é, ela parecia achar...

Mais uma vez, Poirot interrompeu aquelas incoerências:

– Era uma questão familiar?

– Isso mesmo.

– Sou especializado em questões familiares – explicou Poirot. – E sou muito, muito discreto.

A srta. Lawson assentiu com vigor.

– Ah! É claro, isso faz toda a diferença. Não é como a *polícia*?

– Não, não. Sou muito diferente da polícia. Isso não teria funcionado de forma alguma.

– Ah, não. A querida srta. Arundell era muito orgulhosa. Claro que teve problemas com Charles antes, mas sempre eram abafados. Uma vez, se não me engano, ele teve de ir para a Austrália!

– Exatamente – disse Poirot. – Os fatos do caso foram como se segue, não foram? A srta. Arundell guardava uma quantia de dinheiro na gaveta...

Fez uma pausa. A srta. Lawson se apressou para confirmar a declaração.

– Sim... do banco. Para os salários, sabe. E os livros.

– E quanto estava faltando?

– Quatro notas de uma libra. Não, não, estou enganada, três notas de uma libra e duas de dez xelins. Precisamos ser exatos em questões como essa. – A srta. Lawson olhou com determinação para Poirot e sem perceber entortou o pincenê ainda mais. Os olhos proeminentes pareciam encará-lo.

– Obrigado, srta. Lawson. Vejo que tem vocação para a contabilidade.

A srta. Lawson fez um gesto de desdém e soltou uma risada.

– A srta. Arundell suspeitava, sem dúvida com razão, que o sobrinho Charles foi o responsável pelo roubo – prosseguiu Poirot.

– Sim.

– Embora não houvesse qualquer evidência de que realmente havia tomado o dinheiro?

– Ah, mas deve ter sido o Charles! A sra. Tanios não faria uma coisa dessas, e o marido não saberia onde o dinheiro estava guardado, nenhum dos dois saberia. E não acho que Theresa Arundell sonharia em fazer algo do gênero. Ela tem dinheiro e está sempre bem-vestida.

– Poderia ter sido um dos criados – sugeriu Poirot.

A srta. Lawson pareceu horrorizada com a ideia.

– Não, nem Ellen nem Annie *sonhariam* em fazer algo assim. Estou certa de que as duas são mulheres de caráter e *absolutamente honestas*.

Poirot esperou por alguns instantes, então disse:

– Será que pode me dar alguma ideia... Estou certo de que pode, pois se alguém merecia a confiança da srta. Arundell esse alguém era a senhora...

A srta. Lawson murmurou de maneira confusa:

– Ora, não sei quanto a isso... – mas ficou lisonjeada.

– Creio que pode me ajudar.

– Estou certa de que, se puder... ajudarei com prazer...

Poirot continuou:

– É confidencial...

Uma espécie de expressão solene surgiu no rosto da srta. Lawson. A palavra mágica “confidencial” era uma espécie de “abre-te, sésamo”.

– A senhora faz ideia do motivo que levou a srta. Arundell a alterar o testamento?

A srta. Lawson parecia um pouco surpresa. Olhando-a com atenção, Poirot continuou:

– É verdade, não é, que ela fez um novo testamento pouco antes de morrer e deixou toda a herança para a senhora?

– Sim, mas eu não sabia de nada disso. De absolutamente nada! – A srta. Lawson guinchou em protesto. – Foi a maior surpresa para mim! Uma surpresa maravilhosa, claro! Foi um gesto generoso da querida srta. Arundell. E ela nunca me deu uma pista que fosse. Nem sombra! Fiquei tão surpresa quando o sr. Purvis leu o testamento que não sabia o que fazer, se ria ou chorava! Eu lhe garanto, monsieur Poirot, que foi um choque. A generosidade, a generosidade extraordinária da querida srta. Arundell. É claro que eu esperava herdar alguma coisa, uma parte ínfima da herança, embora, é claro, não houvesse razão para que ela me deixasse nem mesmo isso. Fiquei com ela por pouco tempo. Mas aquilo, aquilo foi como um conto de fadas! Até agora não consigo acreditar, se o senhor entende o que digo. E às vezes, bem, às vezes não me sinto confortável com esta situação. Quero dizer, bem...

Derrubou o pincenê, apanhou-o, ficou mexendo nele e continuou, de maneira ainda mais incoerente:

– Às vezes sinto que... família é família, afinal, e não me sinto confortável com o fato de a srta. Arundell ter deixado a herança para alguém de fora. Não parece certo, parece? Não toda a herança. E uma fortuna tão grande! Ninguém fazia ideia, mas... é de deixar qualquer um

constrangido... E há muito falatório, sabe... E logo eu, que sempre tive boa índole! Não ousaria influenciar a srta. Arundell! E eu nem tinha como. Verdade seja dita, eu estava sempre com um pouquinho de medo dela! Ela era *ríspida*, sabe, vivia nos criticando. Era muito indelicada às vezes! "Não seja idiota", ela dizia, irritada. E eu tinha meus sentimentos, e às vezes ficava chateada... E depois descobrir que ela na verdade gostava de mim... foi maravilhoso. Mas claro, como eu disse, há muito *falatório* e, de algum modo, a pessoa sente... Quero dizer, parece mais *difícil*, não parece, para algumas pessoas?

– Quer dizer que preferiria renunciar ao dinheiro? – perguntou Poirot.

Por um instante achei ter visto uma expressão diferente nos olhos azuis pálidos e embotados da srta. Lawson. Imaginei que, apenas por um instante, havia ali uma mulher inteligente e perspicaz, em vez de afável e tola. Ela disse, com uma risadinha:

– Bem, há o outro lado disso também... Tudo tem dois lados. A srta. Arundell queria que eu ficasse com o dinheiro. Quero dizer, se não ficasse com ele, estaria indo contra o desejo dela. Isso também não seria correto, seria?

– É uma questão difícil – concordou Poirot, sacudindo a cabeça.

– Sim, tenho pensado muito nisso. A sra. Tanios, Bella, é tão boa... E aquelas crianças! Tenho certeza de que a srta. Arundell não iria querer que ela... Sinto que a querida srta. Arundell pretendia que eu usasse meu próprio *discernimento*. Ela não quis deixar o dinheiro para Bella por temer que aquele homem se apoderasse de tudo.

– Que homem?

– O marido dela. Sabe, sr. Poirot, a coitadinha parece *enfeitiçada*. Faz tudo o que ele manda. Ouso dizer que ela *mataria* alguém se ele mandasse! E tem medo dele, tenho certeza disso. Vi o olhar de *pavor* da moça algumas vezes. Há algo errado ali, sr. Poirot.

– Que tipo de homem é o dr. Tanios?

– Bem – hesitou a srta. Lawson –, ele é um homem muito agradável.

Parou, incerta.

– Mas não confia nele?

– Bem... não, não confio. Confesso que não confio em homem nenhum – continuou a srta. Lawson, hesitante. – Ouvimos tantas coisas terríveis! E tudo o que as pobres esposas enfrentam! É um horror! É claro que o dr.

Tanios finge gostar muito da esposa e é encantador com ela. Seus modos são bastante encantadores. Mas não confio em estrangeiros. São muito ardilosos, e tenho certeza de que a querida srta. Arundell não queria que o dinheiro fosse parar nas mãos dele!

– Também é difícil para a srta. Theresa e para o sr. Charles Arundell ficarem privados da herança – sugeriu Poirot.

O rosto da srta. Lawson ficou vermelho.

– Acho que Theresa tem o dinheiro de que precisa! – disse, ríspida. – Gasta centenas de libras só em roupas. E as roupas íntimas... são indecentes! Quando penso em quantas moças boas e bem criadas precisam trabalhar para ganhar a vida...

Poirot complementou:

– A senhora acha que não faria mal a ela trabalhar para ganhar a vida?

A srta. Lawson olhou para Poirot, solene.

– Pois faria muito bem a ela! Poria os pés no chão. A adversidade ensina muitas coisas.

Poirot assentiu lentamente com a cabeça.

– E Charles?

– Charles não merece um centavo. Se a srta. Arundell o tirou do testamento foi por uma boa razão, depois das ameaças terríveis que ele fez.

– Ameaças? – Poirot ergueu as sobrancelhas.

– Sim, ameaças.

– Que ameaças? Quando a ameaçou?

– Deixe-me ver... sim, foi na Páscoa. Na verdade, no *domingo de Páscoa*... para piorar!

– O que ele disse?

– Ele pediu dinheiro, e ela se recusou a dar! E ele disse que não era inteligente da parte dela e que, se ela continuasse assim, ele iria... Como foi mesmo que disse? Usou uma expressão muito vulgar... ah, sim, ele disse que a eliminaria!

– Ameaçou eliminá-la?

– Sim.

– E o que a srta. Arundell respondeu?

– Ela falou: “Você vai descobrir, Charles, que sei cuidar de mim mesma”.

– A senhora estava na sala na ocasião?

– Não exatamente na sala – respondeu a srta. Lawson depois de uma pausa.

– Sim, sim – apressou-se Poirot. – E o que Charles falou depois disso?

– Disse: “Não esteja tão certa disso”.

– A srta. Arundell levou a ameaça a sério?

– Bem, não sei, ela não me disse nada... Mas ela não diria.

Poirot sussurrou:

– A senhora sabia que a srta. Arundell havia feito um novo testamento?

– Não, não. Já lhe disse, foi uma surpresa. Jamais poderia imaginar...

Poirot a interrompeu.

– A senhora não conhecia os *termos*. Mas tinha conhecimento do *fato* de que o testamento estava sendo refeito?

– Bem, eu suspeitava... Quero dizer, ela mandou chamar o advogado quando estava acamada.

– Isso foi depois do acidente?

– Sim, Bob, o cachorro, deixara a bola no topo da escada, e ela escorregou na bola e caiu.

– Um acidente feio.

– Sim, nossa, ela poderia muito bem ter quebrado uma perna ou um braço, o médico disse.

– Ela poderia ter morrido.

– Sim, é verdade.

Aquela resposta pareceu bastante natural e sincera.

Poirot disse, sorrindo:

– Acho que vi Bob em Littlegreen House.

– Imagino que sim. É um cachorrinho muito querido.

Nada me incomoda mais do que ouvir um terrier ser chamado de cachorrinho querido. Não é à toa, pensei, que Bob fazia pouco caso da srta. Lawson e era desobediente com ela.

– E ele é inteligente? – continuou Poirot.

– Sim, muito.

– Garanto que ficaria chateado se soubesse que quase matou a dona.

A srta. Lawson não respondeu. Apenas sacudiu a cabeça e suspirou.

Poirot perguntou:

– A senhora acha possível que o tombo tenha influenciado a srta. Arundell a refazer o testamento?

Estávamos chegando muito perto do âmago da questão, mas a srta. Lawson pareceu achar a pergunta bastante natural.

– Sabe – ela disse –, não me surpreenderia. A queda foi um *choque* para ela, estou segura disso. Os mais velhos não gostam de pensar que há qualquer possibilidade de morrerem. Mas um acidente como aquele faz as pessoas *pensarem*. Talvez ela tenha tido uma *premonição* de que morreria logo.

Poirot comentou, com naturalidade:

– Ela estava com a saúde boa, não estava?

– Sim. Ótima, na verdade.

– A doença foi repentina?

– Foi um verdadeiro choque. Estávamos com algumas amigas naquela noite... – a srta. Lawson fez uma pausa.

– As srtas. Tripp? Conheci essas senhoras. São encantadoras.

O rosto da srta. Lawson corou de alegria.

– São mesmo, não são? Mulheres tão *cultas*! Com interesses tão amplos! E tão *espirituais*. Elas lhe contaram, imagino, sobre as sessões espíritas? Imagino que o senhor seja um cético, mas, mesmo assim, gostaria de poder expressar a alegria de entrar em contato com aqueles que fizeram a passagem!

– Imagino, imagino.

– Sabe, sr. Poirot, minha mãe falou comigo, e mais de uma vez. É uma alegria imensa saber que nossos entes queridos ainda pensam em nós e nos protegem.

– Compreendo perfeitamente – assegurou Poirot, gentil. – A srta. Arundell também era uma adepta do espiritismo?

O rosto da srta. Lawson tornou-se um pouco sombrio.

– Ela estava disposta a acreditar – respondeu, hesitante. – Mas acho que ela abordava o assunto do modo errado. Ela era cética e incrédula, e uma ou duas vezes aquela atitude atraiu espíritos *indesejáveis*! Recebemos mensagens ofensivas... E estou *convencida* de que foi por causa da atitude da srta. Arundell.

– Imagino que sim – concordou Poirot.

– Mas naquela última noite... – continuou a srta. Lawson –, talvez Isabel e Julia tenham lhe contado, ocorreu um fenômeno distinto. O início de uma materialização. Ectoplasma, o senhor sabe o que é ectoplasma?

– Sim, sim, conheço sua natureza.

– Sabe, emana da boca do médium e começa a tomar *forma*. Agora estou *convencida*, sr. Poirot, que, *sem saber*, a srta. Arundell era *médium*. Naquela noite, vi distintamente uma luz saindo da boca da querida srta. Arundell! Sua cabeça ficou envolta por uma névoa luminosa.

– Que interessante!

– Mas a srta. Arundell teve um mal súbito, e tivemos de interromper a sessão.

– Mandaram chamar o médico?

– Sim, na primeira hora da manhã.

– Ele considerou o caso grave?

– Bem, mandou uma enfermeira na noite seguinte, mas acho que esperava que a srta. Arundell fosse se recuperar.

– Perdão, mas os familiares não foram chamados?

A srta. Lawson corou.

– Foram avisados assim que possível... Quer dizer, quando o dr. Grainger avisou que ela estava correndo perigo.

– Qual foi a causa da enfermidade? Algo que ela comeu?

– Não, creio que tenha sido algo em particular. O dr. Grainger disse que ela não vinha seguindo a dieta como deveria. Acho que ele imaginava que a crise havia sido provocada por um resfriado. O clima andava muito instável.

– Theresa e Charles Arundell passaram aquele fim de semana lá, não?

A srta. Lawson apertou os lábios.

– Passaram, sim.

– A visita não correu bem – sugeriu Poirot, observando-a.

– Não correu, não – acrescentou, ressentida. – A srta. Arundell sabia por que eles haviam ido!

– Por quê? – perguntou Poirot.

– Dinheiro – explodiu a srta. Lawson. – E não conseguiram.

– Não?

– E acredito que era disso que o dr. Tanios estava atrás também – ela continuou.

– O dr. Tanios? Ele não esteve lá no mesmo fim de semana, esteve?

– Sim, ele foi lá no domingo. Ficou apenas cerca de uma hora.

– Todo mundo parecia estar atrás do dinheiro da pobre srta. Arundell – sugeriu Poirot.

– Eu sei. Uma tristeza, não acha?

– É verdade – concordou Poirot. – Deve ter sido um choque para Charles e Theresa saber que a srta. Arundell os deserdara!

A srta. Lawson encarou Poirot, que perguntou:

– Não foi assim? Ela não os informou claramente do fato?

– Quanto a isso, eu não saberia dizer. Não ouvi nada a respeito! Não houve qualquer *confusão* nem nada, até onde sei. Tanto Charles quanto a irmã pareceram ir embora bastante contentes.

– Ah! É possível que eu esteja mal informado. A srta. Arundell mantinha o testamento em casa, não?

A srta. Lawson deixou o pincenê cair e se abaixou para recolhê-lo.

– Eu não saberia dizer. Não, acho que ficava com o sr. Purvis.

– Quem era o testamenteiro?

– Era o sr. Purvis.

– Depois do falecimento da srta. Arundell, ele foi até a casa para verificar os documentos?

– Sim, foi.

Poirot olhou com atenção para ela e fez uma pergunta inesperada.

– Gosta do sr. Purvis?

A srta. Lawson ficou agitada.

– Se eu gosto do sr. Purvis? Ora, isso é difícil de dizer. Tenho certeza de que ele é um homem muito inteligente, um advogado *inteligente*, quero dizer. Mas tem *modos* bastante ásperos, não é muito agradável ter alguém falando com você como se... bem, eu não consigo explicar... Ele era muito educado e, ao mesmo tempo, quase *grosseiro*, se sabe o que quer dizer.

– Uma situação difícil para a senhora – solidarizou-se Poirot.

– Sim, difícil mesmo.

A srta. Lawson suspirou e sacudiu a cabeça.

Poirot se levantou.

– Muito obrigado, madame, pela gentileza e pela ajuda.

A srta. Lawson se levantou também. Pareceu meio confusa.

– Não há de quê! Fico muito satisfeita de poder ajudar... Se houver qualquer outra coisa que eu possa fazer...

Poirot voltou-se para ela. Baixou o tom de voz.

– Acho que há algo que a senhora precisa saber. Charles e Theresa Arundell pretendem anular o testamento.

Um rápido rubor se espalhou pelo rosto da srta. Lawson.

– Não podem fazer isso! Meu advogado me garantiu.

– Ora! Então a senhora consultou um advogado?

– Lógico que sim. Por que não consultaria?

– Por nada. Uma medida muito sábia. Passe bem, madame.

Quando chegamos à rua, Poirot respirou fundo.

– Hastings, *mon ami*, ou essa mulher é exatamente o que parece ser ou é uma atriz de primeira.

– Ela não acredita que a morte da srta. Arundell não tenha sido natural. Dá para ver isso – falei.

Poirot não respondeu. Há momentos em que sofre de uma surdez bastante conveniente. Chamou um táxi e deu o endereço ao motorista:

– Hotel Durham, Bloomsbury.

Capítulo 16

Sra. Tanios

– Um cavalheiro deseja vê-la, madame.

A mulher que escrevia, sentada a uma das mesas do saguão do Hotel Durham, virou a cabeça e a seguir levantou-se, vindo em nossa direção de modo hesitante.

A sra. Tanios poderia ter qualquer idade acima de trinta anos. Era alta, magra, de cabelos escuros, olhos inexpressivos e rosto apreensivo. Um elegante chapéu estava disposto em sua cabeça, num ângulo estranho, e ela usava um vestido de algodão horrível.

– Não nos... – ela começou a falar de modo vago.

Poirot fez uma mesura.

– Estou vindo de uma visita à sua prima, a srta. Theresa Arundell.

– Ah, Theresa? Sim?

– Poderia falar por alguns minutos a sós com a senhora?

A sra. Tanios olhou ao redor. Poirot sugeriu um sofá de couro num canto isolado. Enquanto caminhávamos naquela direção, ouvimos uma voz infantil:

– Mamãe, aonde você está indo?

– Estarei logo ali. Continue escrevendo sua carta, querida.

A criança, uma menina magra de uns sete anos, voltou ao que estava fazendo.

O canto da sala estava vazio. A sra. Tanios se sentou, e fizemos o mesmo. Ela olhou intrigada para Poirot, que iniciou a conversa:

– É sobre a morte de sua tia, a falecida srta. Emily Arundell.

Ou eu estava começando a imaginar coisas, ou vi um olhar de sobressalto surgir naqueles olhos pálidos e proeminentes.

– Sim?

– A srta. Arundell alterou o testamento pouco antes de morrer, deixando todos os bens para a srta. Wilhelmina Lawson. Gostaria de saber, sra. Tanios, se a senhora pretende apoiar seus primos no esforço de obter a anulação do documento.

– Ah! – a sra. Tanios respirou fundo. – Não creio que isso seja possível, ou é? Quero dizer, meu marido consultou um advogado, e ele achou melhor não tentar.

– Advogados, madame, são cautelosos. Geralmente aconselham a evitar litígio a qualquer custo, e sem dúvida costumam ter razão. Mas há situações em que vale a pena arriscar. Não sou advogado e, portanto, vejo as coisas de maneira diferente. Quero dizer, a srta. Theresa Arundell está pronta para lutar. E a senhora?

– Eu... Ora! Realmente não sei. – Ela contorceu os dedos num gesto nervoso. – Terei de consultar meu marido.

– Claro, a senhora deve consultar seu marido antes de tomar qualquer atitude definitiva. Mas qual é a sua opinião sobre o caso?

– Bem, não sei mesmo. – A sra. Tanios parecia mais preocupada do que nunca. – Depende muito do meu marido.

– Mas a senhora, o que acha, madame?

A sra. Tanios franziu o cenho, e disse bem devagar:

– Não gosto muito da ideia. Parece... um tanto indecente, não parece?

– A senhora acha?

– Sim... Afinal, se a tia Emily decidiu deixar o dinheiro para alguém de fora da família, creio que temos de aceitar isso.

– A senhora não se sente prejudicada, então?

– Ah, sim, me sinto. – Um rápido rubor surgiu em suas bochechas. – Acho que foi muito injusto! Muito injusto! E tão inesperado. Não era do feitio da tia Emily. E tão injusto com as crianças.

– A senhora acha que isso não era do feitio da srta. Emily Arundell?

– Acho que foi muito estranho da parte dela!

– Então seria possível que ela estivesse agindo contra a própria vontade? Não acha que talvez ela estivesse sendo influenciada indevidamente?

A sra. Tanios franziu o cenho outra vez e disse quase sem querer:

– O problema é que não consigo imaginar a tia Emily sendo influenciada por *ninguém*! Ela era tão decidida.

Poirot assentiu com a cabeça em sinal de aprovação.

– Sim, o que a senhora diz é verdade. E a srta. Lawson está longe de ser uma pessoa de personalidade forte.

– Não, ela é uma boa pessoa, na verdade... Meio tola, talvez, mas muito, muito amável. É em parte por isso que me sinto...

– Sim, madame? – Poirot interferiu quando ela hesitou.

A sra. Tanios voltou a contorcer os dedos enquanto respondia:

– Bem, que seria maldade tentar contrariar o testamento. Estou certa de que a srta. Lawson não teve nada a ver com isso... Tenho certeza de que ela seria incapaz de conspirar e fazer intrigas...

– Mais uma vez, concordo com a senhora, madame.

– E é por isso que recorrer à justiça seria... bem, seria indigno, cruel e, além do mais, seria muito caro, não seria?

– Seria caro, sim.

– E provavelmente inútil. Mas o senhor deve falar com meu marido sobre isso. Ele tem muito mais tino para os negócios do que eu.

Poirot esperou alguns instantes, depois questionou:

– Que motivo a senhora acha que há por trás da confecção daquele testamento?

– Não tenho a mais vaga ideia.

– Madame, eu lhe disse que não sou advogado. Mas a senhora não me perguntou qual é a minha profissão.

Ela olhou para ele, intrigada.

– Sou detetive. E, pouco antes de morrer, a srta. Emily Arundell me escreveu uma carta.

A sra. Tanios se inclinou para frente, apertando as mãos.

– Uma carta? – perguntou de súbito. – Sobre meu marido?

Poirot a observou por alguns instantes e falou:

– Infelizmente, não tenho liberdade de responder a essa pergunta.

– Então era sobre o meu marido. – Seu tom de voz se elevou. – O que ela disse? Eu lhe garanto, senhor, ahn... não sei seu nome.

– Meu nome é Poirot. Hercule Poirot.

– Eu lhe garanto, sr. Poirot, que, se algo foi dito naquela carta contra o meu marido, é absolutamente falso! Sei, também, quem teria inspirado aquela carta! E essa é mais uma razão pela qual prefiro não me envolver em nenhuma ação movida por Theresa e Charles! Theresa nunca gostou do meu

marido. Ela disse coisas sobre ele! Sei que disse! A tia Emily tinha preconceito contra o meu marido porque ele não é inglês e, portanto, ela pode ter acreditado nas coisas que Theresa disse. Mas o que ela disse *não é verdade*, sr. Poirot, eu lhe dou a minha palavra!

– Mãe... terminei a minha carta.

A sra. Tanios se virou na direção da menina. Com um sorriso afável, pegou a carta que a menina lhe estendeu.

– Está muito boa, querida, muito boa mesmo. E o desenho do Mickey Mouse ficou lindo.

– O que faço agora, mamãe?

– Você quer comprar um cartão postal com uma fotografia bem bonita? Aqui está o dinheiro. Vá até o senhor na entrada e escolha um, e então você pode mandá-lo para a Turquia.

A menina saiu andando. Lembrei-me do que Charles Arundell dissera. A sra. Tanios era sem dúvida uma esposa e mãe devotada. Também lembrava um inseto, conforme ele havia dito.

– Ela é a sua única filha, madame?

– Não, tenho um menino também. Ele está passeando com o pai.

– Eles não a acompanhavam nas visitas a Littlegreen House?

– Sim, às vezes, mas minha tia estava muito velha, e as crianças tendiam a perturbá-la. Mesmo assim, ela era muito gentil e sempre mandava bons presentes a eles no Natal.

– Deixe-me ver, quando foi a última vez que a senhora viu a srta. Emily Arundell?

– Acho que mais ou menos dez dias antes de ela falecer.

– A senhora, o seu marido e seus dois primos estavam lá, todos juntos, não estavam?

– Não, isso foi no fim de semana anterior... na Páscoa.

– E a senhora e o seu marido estiveram lá no final de semana depois da Páscoa também?

– Sim.

– E a srta. Arundell estava com boa saúde e bem disposta na ocasião?

– Sim, parecia estar como sempre.

– Ela não estava de cama?

– Ela estava de cama por conta de uma queda que sofrera, mas voltou a descer para a sala enquanto estávamos lá.

– Ela lhe disse algo sobre um novo testamento?

– Não, não disse nada.

– E ela lhe tratou como de costume?

Desta vez, fez-se uma pausa um pouco mais longa antes que a sra. Tanios dissesse:

– Sim.

Tenho certeza de que, naquele momento, Poirot e eu tivemos a mesma convicção: a sra. Tanios estava mentindo!

Poirot ficou em silêncio por alguns instantes, depois complementou:

– Talvez eu deva esclarecer que, quando perguntei se a srta. Arundell lhe tratou como de costume, estava me referindo à senhora *em especial*.

A sra. Tanios apressou-se em responder.

– Ah! Entendo. Tia Emily foi muito gentil comigo. Ela me deu um pequeno broche de pérola e diamante e mandou dez xelins para as crianças.

Não havia qualquer hesitação em sua conduta agora. As palavras fluíam.

– E quanto ao seu marido... Não houve mudanças no comportamento dela em relação a ele?

A hesitação voltou. A sra. Tanios não olhou nos olhos de Poirot ao responder:

– Não, é claro que não. Por que haveria?

– Uma vez que a senhora sugere que sua prima Theresa Arundell pode ter tentado envenenar a cabeça de sua tia...

– Ela tentou! Tenho que certeza de que tentou! – a sra. Tanios inclinou-se para frente, agitada. – Você tem razão. *Houve* uma mudança! A tia Emily, sem razão alguma, mostrou-se muito mais fria. E se comportou de maneira muito esquisita. Ele recomendou um composto digestivo especial, até mesmo se deu ao trabalho de ir ao farmacêutico e mandar fazer. Ela agradeceu e tudo mais, mas de modo bastante formal, e mais tarde cheguei a vê-la despejando todo o conteúdo da garrafa na pia!

Sua indignação era bastante feroz.

Os olhos de Poirot brilharam.

– Uma atitude muito estranha – avaliou, num tom premeditadamente impassível.

– Achei que foi *muita* ingratidão da parte dela – desabafou a esposa do dr. Tanios.

– Como a senhora disse, pessoas mais velhas às vezes desconfiam de estrangeiros. Estou certo de que acham que os médicos ingleses são os únicos médicos do mundo. O isolamento da Inglaterra é a causa disso...

– Sim, suponho que sim. – A sra. Tanios parecia mais aliviada.

– Quando a senhora volta para Esmirna, madame?

– Dentro de poucas semanas. Meu marido... ah! Aqui está ele, com Edward.

Capítulo 17

Dr. Tanios

Confesso que fiquei um tanto surpreso ao ver o dr. Tanios pela primeira vez. Em minha imaginação, atribuí a ele traços sinistros de toda a sorte. Esperava um estrangeiro moreno, barbudo, com um aspecto sombrio e feições soturnas.

Em vez disso, vi um homem rechonchudo, alegre, de cabelos e olhos castanhos. E, embora ele de fato usasse barba, era um modesto cavanhaque castanho, como o de um artista.

Ele falava o nosso idioma com perfeição. A voz tinha um timbre agradável e combinava com o aspecto simpático de seu rosto.

– Aqui estamos nós – ele disse, sorrindo para a esposa. – John ficou muitíssimo empolgado com sua primeira viagem de metrô. Ele só havia andado de ônibus até hoje.

Edward era parecido com o pai, tanto ele quanto a irmã tinham fisionomia claramente estrangeira, e então entendi o que srta. Peabody quis dizer quando os descreveu como crianças meio amareladas.

A presença do marido pareceu deixar a sra. Tanios nervosa. Gaguejando um pouco, ela apresentou Poirot a ele. A mim, ignorou.

O dr. Tanios reconheceu o nome logo de cara.

– Poirot? Monsieur Hercule Poirot? Mas conheço bem este nome! E o que o traz até nós, sr. Poirot?

– O caso de uma senhora que faleceu recentemente, a srta. Emily Arundell – respondeu Poirot.

– A tia da minha esposa? Sim... O que tem ela?

– Certas questões relacionadas à morte dela têm se revelado...

A sra. Tanios o interrompeu, de súbito:

– É sobre o testamento, Jacob. Monsieur Poirot esteve conversando com Theresa e Charles.

O comportamento do dr. Tanios deixou entrever uma certa tensão. Ele se deixou cair em uma cadeira.

– Ah, o testamento! Um testamento iníquo... mas suponho que isso não seja da minha conta.

Poirot esboçou um relato de sua entrevista com os dois Arundell (nada fiel, devo dizer) e cautelosamente aludiu à possibilidade de contestar o testamento.

– O senhor me interessa, sr. Poirot, muito. Admito que compartilho da sua opinião. Algo poderia ser feito. Cheguei a consultar um advogado para discutir o assunto, mas o conselho dele não foi animador. Sendo assim... – ele encolheu os ombros.

– Advogados, como eu disse à sua esposa, são cautelosos. Não gostam de correr riscos. Mas eu sou diferente! E você?

O dr. Tanios riu, uma risada alegre e divertida.

– Ah, eu correria um risco, sim, senhor! Já corri muitos, não é mesmo, Bella, meu anjo? – Ele sorriu para ela, que lhe sorriu de volta, mas de um modo bastante mecânico, pensei.

Mais uma vez ele voltou a atenção a Poirot.

– Não sou advogado – afirmou. – Mas, na minha opinião, está claro que aquele testamento foi feito quando a velha já não era senhora de si. Aquela tal srta. Lawson é esperta e engenhosa.

A sra. Tanios se movia de modo apreensivo. Poirot dirigiu a atenção para ela.

– A senhora não concorda, madame?

Ela disse, com voz fraca:

– Ela sempre foi muito gentil. Eu não deveria chamá-la de esperta.

– Ela sempre foi gentil com você – disse o dr. Tanios –, porque não tinha nada a temer em relação a você, querida. Você é muito fácil de enganar!

Ele falou de modo jocoso, mas a esposa corou.

– Comigo era diferente – continuou. – Ela não gostava de mim. E não fazia questão de esconder! Vou lhe dar um exemplo. A velha caiu da escada quando estávamos hospedados lá. Insisti em voltar no final de semana seguinte para ver como ela estava. A srta. Lawson fez o que pôde para

evitar que fôssemos. Não conseguiu, e percebi que estava irritada com isso. A razão estava clara: *queria ficar sozinha com a velha*.

Mais uma vez Poirot voltou-se para a esposa.

– A senhora concorda, madame?

O marido não lhe deu tempo de responder.

– A Bella é muito coração mole. É incapaz de imputar más intenções a qualquer pessoa. Mas não tenho dúvidas de que eu estava certo. E lhe digo mais, monsieur Poirot. O segredo de sua influência sobre a velha srta. Arundell era o espiritismo! Pode apostar!

– O senhor acha?

– Tenho certeza, meu caro. Já vi situações como essa. Toma conta das pessoas. O senhor ficaria espantado! Sobretudo pessoas na idade de srta. Arundell. Aposto que foi daí que veio a sugestão. Algum espírito, possivelmente do finado pai, ordenou que ela alterasse o testamento e deixasse o dinheiro para a tal srta. Lawson. Ela estava com a saúde debilitada... vulnerável...

A sra. Tanios fez um movimento lânguido. Poirot voltou-se para ela.

– A senhora acha que isso é possível?

– Vamos, Bella, fale – disse o dr. Tanios. – Diga-nos o que pensa.

Ele olhou para a esposa de maneira a encorajá-la. O rápido olhar que ela lhe lançou em resposta foi esquisito. Ela hesitou, depois disse:

– Sei muito pouco sobre essas coisas. Atrevo-me a dizer que você tem razão, Jacob.

– Pode apostar que estou certo, não é, monsieur Poirot?

Poirot assentiu com a cabeça.

– Pode ser, sim. O senhor estava em Market Basing no final de semana anterior à morte da srta. Arundell?

– Estivemos lá na Páscoa e de novo no final de semana seguinte... isso mesmo.

– Não, não, eu me refiro ao final de semana do dia 26. O senhor esteve lá no domingo, é isso?

– Jacob, você esteve lá? – A sra. Tanios arregalou os olhos para ele.

Ele se virou rapidamente para a esposa.

– Sim, você se lembra? Dei uma passada lá à tarde. Contei isso a você.

Poirot e eu olhávamos para ela. Apreensiva, ela empurrou o chapéu um pouco mais para trás da cabeça.

– Sem dúvida você se lembra, Bella – o marido continuou. – Que memória terrível você tem.

– É claro! – ela se desculpou, com um meio sorriso nos lábios. – É verdade, tenho uma memória péssima. E já faz quase dois meses agora.

– A srta. Theresa Arundell e o sr. Charles Arundell estiveram lá nessa ocasião, não é? – perguntou Poirot.

– É possível que sim – respondeu Tanios com tranquilidade. – Eu não os vi.

– O senhor não ficou lá por muito tempo, então?

– Não... só por uma meia hora.

O olhar inquiridor de Poirot pareceu deixá-lo um pouco desconfortável.

– É melhor eu confessar – continuou, piscando o olho. – Eu esperava conseguir um empréstimo... mas não consegui. Acho que a tia da minha esposa não ia muito com a minha cara. Uma pena, porque eu gostava dela. Era uma senhora divertida.

– Posso lhe fazer uma pergunta franca, dr. Tanios?

Foi impressão minha, ou percebi uma apreensão momentânea nos olhos de Tanios?

– Lógico que sim, monsieur Poirot.

– Qual é a sua opinião sobre Charles e Theresa Arundell?

O médico pareceu aliviado.

– Charles e Theresa? – ele olhou para a esposa com um sorriso afável. – Bella, minha querida, você não se importa que eu seja franco em relação à sua família?

Ela sacudiu a cabeça, com um sorriso tímido.

– Então minha opinião é de que eles não prestam, nenhum dos dois! É engraçado, mas prefiro o Charles. Ele é um tratante, mas um tratante adorável. Não tem senso moral, mas não há nada que possa fazer em relação a isso. As pessoas nascem assim.

– E a Theresa?

Tanios hesitou.

– Não sei. É uma mulher muito atraente, mas bastante cruel. Ela seria capaz de assassinar qualquer um a sangue frio se lhe conviesse. Ao menos é o que parece. O senhor deve ter ouvido, talvez, que a mãe dela foi acusada de homicídio?

– E absolvida – completou Poirot.

– Isso mesmo, “e absolvida” – acrescentou Tanios. – Mas, mesmo assim, faz a gente ficar em dúvida.

– O senhor conheceu o jovem de quem ela está noiva?

– Donaldson? Sim, jantou conosco numa noite destas.

– O que o senhor acha dele?

– É um sujeito inteligente. Acho que vai longe... se tiver oportunidade. Custa caro se especializar.

– O senhor quer dizer que ele é um profissional competente?

– É a isso que me refiro, sim. Um cérebro de primeira. – Ele sorriu. – Não é ainda uma personalidade ilustre na sociedade. Um pouco metódico e afetado. Ele e Theresa formam um casal cômico. A atração dos opostos. Ela borboleteia em várias rodas sociais, e ele é um recluso.

As crianças começaram a bombardear a mãe com perguntas.

– Mamãe, podemos ir almoçar? Estou com muita fome. Vamos nos atrasar.

Poirot olhou para o relógio e exclamou:

– Mil perdões! Atrasei o almoço de vocês.

Olhando de relance para o marido, a sra. Tanios falou, hesitante:

– Talvez pudéssemos oferecer-lhes...

– É muito amável de sua parte, madame, mas tenho um compromisso na hora do almoço, para o qual já estou atrasado.

Ele se despediu do dr. e da sra. Tanios e das crianças. Fiz o mesmo.

Demoramo-nos alguns instantes no saguão. Poirot queria fazer uma chamada telefônica. Esperei por ele na recepção. Estava ali parado quando vi a sra. Tanios sair para o saguão e olhar em volta, como se procurasse algo. Aparentava estar esgotada, atormentada. Ela me viu e veio na minha direção.

– Seu amigo... o monsieur Poirot... ele já foi embora?

– Não, está na cabine telefônica.

– Ah.

– A senhora quer falar com ele?

Ela aquiesceu com a cabeça. Seu ar de nervosismo se intensificou.

Poirot saiu da cabine naquele momento e nos viu parados lado a lado. Caminhou até nós.

– Monsieur Poirot – ela começou, num tom grave e apressado. – Há algo que eu gostaria de dizer, que preciso lhe contar...

– Sim, madame.

– É importante, muito importante. Sabe...

Ela parou ao ver que o dr. Tanios e as duas crianças acabavam de sair do salão e atravessavam o saguão para juntarem-se a nós.

– Aproveitando para conversar um pouquinho mais com o monsieur Poirot, Bella? – Seu tom era bem-humorado, e o sorriso em seu rosto, o retrato da simpatia.

– Sim... – ela hesitou, e então disse: – Bem, mas isso é tudo, monsieur Poirot. Eu só queria dizer a Theresa que nós a apoiaremos no que ela decidir. A família deve permanecer unida.

Despediu-se com um aceno e, então, segurando o braço do marido, afastou-se em direção à sala de jantar.

Segurei Poirot pelo ombro.

– Não era isso que ela ia dizer!

Ele sacudiu a cabeça, observando o casal que se retirava.

– Ela mudou de ideia – continuei.

– Sim, *mon ami*, ela mudou de ideia.

– Por quê?

– Eu gostaria de saber – ele murmurou.

– Ela nos contará outra hora – falei, esperançoso.

– Será? Talvez não...

Capítulo 18

“Algo de podre no reino da Dinamarca”

Almoçamos num pequeno restaurante não muito longe dali. Eu estava ansioso para saber a opinião de Poirot sobre os vários membros da família Arundell.

– E então, Poirot? – perguntei impaciente.

Com um olhar de reprovação, Poirot devotou toda a sua atenção ao cardápio. Após fazer o pedido, recostou-se na cadeira, partiu um pão ao meio e disse em tom de deboche:

– E então, Hastings?

– O que você acha deles agora que conhece a todos?

– *Ma foi*, acho que são um grupo interessante! Este caso é um estudo fascinante! É, como vocês dizem, uma caixa de surpresas. Cada vez que digo “a srta. Arundell me mandou uma carta antes de morrer”, uma nova informação surge. Pela srta. Lawson, descobri sobre o dinheiro desaparecido. A sra. Tanios falou logo de cara: “É sobre o meu marido?”. Por que sobre o marido? Por que srta. Arundell escreveria para mim, Hercule Poirot, sobre o dr. Tanios?

– Aquela mulher está preocupada com alguma coisa.

– Sim, ela sabe de algo. Mas o quê? A srta. Peabody nos disse que Charles Arundell mataria a avó por qualquer ninharia, a srta. Lawson disse que a sra. Tanios mataria qualquer pessoa se o marido mandasse. O dr. Tanios disse que Charles e Theresa não prestam, insinuou que a mãe deles era uma assassina e afirmou de modo casual que Theresa seria capaz de assassinar qualquer um a sangue frio.

“Que belo conceito eles têm uns dos outros! O dr. Tanios acha, ou diz que acha, que houve influência indevida. A esposa, antes de ele chegar, evidentemente não achava o mesmo. Em princípio, ela não queria contestar

o testamento. Depois, mudou de ideia. Veja, Hastings, é como uma panela fervente, volta e meia um fato importante vem à tona e pode ser visto. Há alguma coisa no fundo, sim, há alguma coisa! Juro, pela honra de Hercule Poirot, juro!”

Sem querer, eu estava impressionado com aquele ardor.

Depois de alguns minutos, falei:

– Talvez você esteja certo, mas tudo parece muito vago, muito nebuloso.

– Mas concorda que há alguma coisa?

– Sim – hesitei em dizer. – Creio que sim.

Poirot inclinou-se sobre a mesa, com os olhos perfurando os meus.

– Sim... você mudou. Não está mais distraído, condescendente, nem indulgente com as minhas divagações acadêmicas. Mas o que o convenceu? Não foi o meu raciocínio brilhante... *Non, ce n’est pas ça*! Mas algo afetou você. Diga-me, meu amigo, o que o fez levar o caso a sério assim de repente?

– Acho que – respondi, devagar – foi a sra. Tanios. Ela parecia... com medo...

– Com medo de mim?

– Não, não de você. Era outra coisa. Ela falou de modo muito comedido e sensato desde o início. Um ressentimento natural acerca dos termos do testamento, talvez, mas parecia resignada e disposta a deixar as coisas como estão. Parecia a conduta de uma mulher educada, porém um tanto apática. E então aquela mudança repentina, o ímpeto com que adotou o ponto de vista do dr. Tanios. A maneira como foi até o saguão atrás de nós, a maneira quase furtiva...

Poirot assentiu com a cabeça, concordando.

– E mais uma coisa que talvez você não tenha reparado...

– Eu reparo em tudo!

– Refiro-me à visita do marido a Littlegreen House naquele último domingo. Eu poderia jurar que ela nada sabia sobre aquilo, que foi uma surpresa para ela. No entanto, pegou a deixa com tanta facilidade, concordou que ele contara sobre a visita e que ela havia esquecido. Não gostei disso, Poirot.

– Você tem razão, Hastings... Aquilo foi significativo.

– Fiquei com uma desagradável impressão de... medo.

Poirot acenou com a cabeça.

– Você sentiu o mesmo?

– Sim, a impressão sem dúvida estava no ar. – Ele fez uma pausa. – No entanto, você gostou de Tanios, não gostou? Achou-o um homem agradável, aberto, de boa índole, cordial. Cativante, a despeito do preconceito britânico contra argentinos, portugueses e gregos. Uma personalidade demasiado agradável?

– Sim – admiti. – Achei.

Durante o silêncio que se seguiu, observei Poirot. Em seguida falei:

– Em que está pensando, Poirot?

– Estou refletindo, pensando em diversas pessoas. No jovem e belo Norman Gale, na fanfarrona e amável Evelyn Howard, no simpático dr. Sheppard, no discreto e confiável Knighton.

Por um momento, não entendi aquelas referências a pessoas envolvidas em casos passados.

– O que têm eles? – perguntei.

– Todos eram encantadores...

– Meu Deus, Poirot! Você acha que Tanios...

– Não, não. Não tire conclusões precipitadas, Hastings. Estou apenas constatando que impressões pessoais sobre os indivíduos são pouco confiáveis. Não devemos nos guiar pelos próprios sentimentos, e sim pelos fatos.

– Hum. Fatos não são nosso o forte. Não, não, Poirot, não repita tudo de novo!

– Serei breve, meu caro, não tenha medo. Para começar, temos com certeza um caso de tentativa de homicídio. Você concorda com isso, não concorda?

– Sim – respondi devagar. – Concordo.

Até aquele ponto, eu estivera um pouco cético acerca da reconstrução um tanto (como eu a julgara) extravagante feita por Poirot dos acontecimentos da noite de Páscoa. Fui obrigado a admitir, no entanto, que as deduções dele eram bastante lógicas.

– *Très bien*. Ora, não há tentativa de homicídio sem um assassino. Uma das pessoas presentes naquela noite era um assassino... em intenção, e não de fato.

– Certo.

– Então este é o nosso ponto de partida: um assassino. Fizemos algumas investigações. Nós, como você diria, mexemos na lama, e o que encontramos: diversas acusações interessantíssimas proferidas de modo aparentemente casual durante o curso das conversas.

– Você acha que elas não foram casuais?

– Impossível dizer no momento! A maneira ingênua com que a srta. Lawson apontou o fato de que Charles ameaçara a tia pode ter sido inocente, ou não. Os comentários do dr. Tanios sobre Theresa Arundell podem não ter malícia nenhuma, podem ser a opinião genuína de um médico. Por outro lado, é provável que a srta. Peabody tenha sido bastante sincera em sua opinião sobre as inclinações de Charles Arundell. Mas é, enfim, apenas uma opinião. E assim por diante. Como se diz? "Há algo de podre no reino da Dinamarca"? *Eh bien*, é isso o que vejo aqui. Não há algo de podre, mas um assassino no reino da Dinamarca.

– Gostaria de saber o que você acha, Poirot.

– Hastings, Hastings, não me permito "achar" qualquer coisa. Não no sentido em que você está usando o termo. Por hora apenas faço certas reflexões.

– Tais como?

– Considero a questão do motivo. Quais são os prováveis motivos para a morte da srta. Arundell? O mais óbvio é o lucro. Quem lucraria com a morte da srta. Arundell, se ela tivesse morrido na terça-feira de Páscoa?

– Todos, com exceção da srta. Lawson.

– Isso mesmo.

– Bem, seja como for, uma pessoa está automaticamente fora de suspeita.

– Sim – refletiu Poirot. – Parece que sim. Mas o mais interessante é que a pessoa que nada ganharia se a morte tivesse ocorrido na terça-feira de Páscoa ganhou tudo quando a morte ocorreu duas semanas depois.

– Onde você está querendo chegar, Poirot? – perguntei, um pouco intrigado.

– Causa e efeito, meu amigo, causa e efeito.

Olhei para ele, meio desconfiado.

Poirot continuou:

– Use a lógica! O que aconteceu depois do acidente?

Detesto quando Poirot age assim. Qualquer coisa que se diga está fadada ao equívoco! Prossegui, com extrema cautela.

– A srta. Arundell estava de cama.

– Certo. Com tempo de sobra para pensar. E depois?

– Escreveu-lhe a carta.

Poirot assentiu com a cabeça.

– Sim, escreveu. E a carta não foi enviada. Uma pena.

– Você acha que há algo suspeito no fato de a carta não ter sido enviada?

Poirot franziu o cenho.

– Aí, Hastings, sou obrigado a confessar que não sei. Acredito e, diante de tudo, tenho quase certeza de que a carta foi extraviada. Suponho, mas não estou certo, que ninguém suspeitava que a carta fora escrita. Continue... o que aconteceu a seguir?

– A visita do advogado – sugeri.

– Sim, ela mandou chamar o advogado e, no devido tempo, ele chegou.

– E ela fez um novo testamento – continuei.

– Isso mesmo. Ela fez um novo e muito inesperado testamento. Agora, em vista disso, temos de considerar com cuidado uma declaração de Ellen. Ela disse, se você se recorda, que a srta. Lawson estava bastante empenhada em evitar que a notícia de que Bob passara a noite fora não chegasse aos ouvidos da srta. Arundell.

– Mas... Ah, entendo.. não, na verdade, não. Ou estou começando a entender o que você está sugerindo...?

– Duvido! – disse Poirot. – Mas, se estiver, espero que perceba a suprema importância daquela declaração.

Ele cravou os olhos ávidos em mim.

– Claro. Claro – concordei depressa.

– E então – continuou Poirot –, várias outras coisas aconteceram. Charles e Theresa foram passar o final de semana, e a srta. Arundell mostrou o novo testamento a Charles, ou assim ele afirma.

– Você não acredita nele?

– Só acredito em declarações comprovadas. A srta. Arundell não mostrou o testamento para Theresa.

– Porque pensou que Charles contaria a ela.

– Mas ele não contou. Por que será?

– Segundo o próprio Charles, ele contou, sim.

– Theresa afirmou categoricamente que não. Uma pequena discordância muito interessante e sugestiva. E, quando partimos, ela o chamou de idiota.

– Estou ficando confuso, Poirot – lastimei.

– Voltemos à sequência dos eventos. O dr. Tanios vai até lá no domingo, e é bem possível que a mulher não soubesse.

– Diria que com certeza ela não sabia.

– Digamos que há uma probabilidade. Prossigamos! Charles e Theresa vão embora na segunda-feira. A srta. Arundell está saudável e bem-disposta. Ela come bem no jantar e se senta no escuro com as Tripp e a srta. Lawson. Rumo ao final da sessão espírita, ela passa mal. Retira-se para a cama, morre quatro dias depois, a srta. Lawson herda todo o dinheiro, e o capitão Hastings acha que ela morreu de causas naturais!

– Enquanto Hercule Poirot diz que ela foi envenenada no jantar sem que haja evidência alguma disso!

– Há algumas evidências, Hastings. Pense na nossa conversa com as srtas. Tripp. E também em uma declaração que se destacou do relato um tanto desconexo da srta. Lawson.

– Você se refere ao fato de que ela comeu curry no jantar? Curry disfarçaria o gosto de veneno. É a isso que você se referia?

Poirot falou devagar:

– Sim, o curry tem um certo significado, talvez.

– Mas se o que você está aventando (em oposição a todas as evidências médicas) for verdade, apenas a srta. Lawson ou uma das empregadas poderia tê-la matado.

– Não tenho tanta certeza.

– Ou as srtas. Tripp? Loucura. Não posso acreditar nisso! É óbvio que todas essas pessoas são inocentes.

Poirot encolheu os ombros.

– Lembre-se, Hastings, a estupidez, ou mesmo a tolice, pode andar lado a lado com a astúcia. E não se esqueça da tentativa original de assassinato. Não foi obra de um cérebro particularmente engenhoso ou complexo. Foi um ato bastante simples, sugerido por Bob e seu hábito de

deixar a bola no topo da escada. A ideia de pôr um fio foi simples e fácil. Uma criança poderia ter pensado nisso!

Franzi o cenho.

– Você quer dizer...

– Quero dizer que estamos procurando apenas uma coisa: o desejo de matar. Nada além disso.

– Mas o veneno deve ter sido um muito engenhoso para não deixar rastros – argumentei. – Algo que um leigo teria dificuldade em executar. Ah, meu Deus, Poirot. Simplesmente não posso acreditar nisso. Você não tem como saber! Tudo é pura suposição.

– Você está errado, meu amigo. Por conta das várias entrevistas que fizemos esta manhã, agora tenho algo concreto em que me basear. Os indícios são vagos, porém inequívocos. O único problema é que... tenho medo.

– Medo? De quê?

Ele declarou, solene:

– De mexer com quem está quieto. É o que diz um dos seus provérbios, não? Não se mexe com quem está quieto! É isso que o nosso assassino está fazendo agora, dormindo tranquilo sob o sol... Nós não sabemos, você e eu, Hastings, com que frequência um assassino, com a confiança abalada, age e mata uma segunda, ou mesmo uma terceira vez!

– Você tem medo de que isso aconteça?

Ele assentiu com a cabeça.

– Sim, se há mesmo um assassino no reino da Dinamarca, temo e acredito que haja, Hastings. Sim, acredito que haja...

Capítulo 19

Visita ao sr. Purvis

Poirot pediu a conta e pagou.

– O que faremos agora? – perguntei.

– Vamos fazer o que você sugeriu mais cedo esta manhã. Vamos até Harchester conversar com o sr. Purvis. Foi por isso que telefonei do hotel.

– Você telefonou para Purvis?

– Não, para Theresa Arundell. Pedi que ela escrevesse uma carta de apresentação ao sr. Purvis. Para que sejamos bem-sucedidos ao abordá-lo, precisamos ser recomendados pela família. Ela prometeu entregar a carta pessoalmente no meu apartamento. Já deve estar lá à nossa espera.

Encontramos não apenas a carta, mas Charles Arundell, que a levara até lá.

– Belo apartamento o seu, monsieur Poirot – comentou, olhando em volta.

Naquele instante, meu olhar foi atraído por uma gaveta semiaberta na escrivaninha. Alguns papéis estavam impedindo que a gaveta fechasse.

Ora, se havia algo impossível de acontecer era Poirot deixar uma gaveta daquela maneira! Olhei para Charles, apreensivo. Ele ficara sozinho no cômodo esperando por nós. Sem dúvida xeretou nos papéis de Poirot para se distrair durante a espera. Que sujeitinho vigarista! Senti meu sangue ferver de indignação.

Charles estava bem-humorado.

– Aqui está – falou, apresentando a carta. – Tudo nos conformes. Espero que os senhores tenham mais sorte com o velho Purvis do que nós.

– Ele não lhes deu muita esperança, suponho?

– Com certeza nos desanimou... Na opinião dele, Minnie Lawson sairá impune.

– O senhor e a sua irmã nunca cogitaram apelar aos sentimentos da srta. Lawson?

Charles forçou um sorriso.

– Pensei nisso, sim. Mas não surtiu efeito. Minha retórica não serviu de nada. O retrato patético da ovelha negra deserdada, e uma ovelha nem tão negra como dizem (ou assim empenhei-me em aventar), não comoveu a mulher! Sabe, ela definitivamente não gosta de mim! Não sei por quê. – Riu. – As mulheres mais velhas costumam cair nos meus encantos com muito mais facilidade. Acham que sou um incompreendido, alguém que nunca teve uma chance de verdade!

– Um ponto de vista conveniente.

– Ah, foi conveniente até agora. Mas, como disse, com Minnie Lawson nada feito. Acho que ela é meio anti-homens. É provável que tenha se acorrentado a grades e agitado a bandeira sufragista nos bons e velhos tempos pré-guerra.

– Ah, bom – comentou Poirot, sacudindo a cabeça. – Se os métodos mais simples falham...

– Temos que recorrer ao crime – acrescentou Charles, animado.

– Exato – disse Poirot. – Agora, já que falamos em crime, é verdade que você ameaçou a sua tia, dizendo que iria “eliminá-la”, ou algo que o valha?

Charles sentou-se em uma cadeira, esticou as pernas e encarou Poirot.

– Quem lhe contou isso? – perguntou.

– Não interessa. É verdade?

– Bem, há uma dose de verdade nisso.

– Vamos, conte-me a história. A *verdade*, por favor.

– Ora, com prazer, senhor. Não há nada melodramático. Eu estava tentando uma aproximação, se é que me entende.

– Compreendo.

– Bem, as coisas não saíram conforme planejara. A tia Emily anunciou que qualquer esforço para separá-la do dinheiro seria inútil! Bem, não perdi a calma, mas disse a ela com todas as letras: “Veja bem, tia Emily, se insistir nessa atitude, vai acabar sendo eliminada!” Ela perguntou, com certa arrogância, o que eu queria dizer com aquilo. “Exatamente o que a senhora ouviu”, respondi. “Seus amigos e parentes andam à sua volta, de boca aberta, pobres como vira-latas, todos na expectativa. E o que a senhora faz?

Senta-se em cima do dinheiro e se recusa a dividir. É assim que as pessoas acabam assassinadas. Ouça o que digo, se a senhora for eliminada, só poderá culpar a si mesma.”

Charles fez uma pausa e prosseguiu:

– Então ela me olhou por cima dos óculos, como costumava fazer, e lançou um olhar de desprezo. “Ah”, ela disse, seca, “então é essa a sua opinião?” “É, sim”, respondi. “Relaxe um pouco, é o que aconselho.” “Obrigada pelo conselho, Charles,” ela disse, “mas sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma.” “Faça como quiser, tia Emily,” falei. Eu sorria de orelha a orelha, e no fim das contas não acho que ela tenha ficado tão furiosa quanto tentou parecer. “Depois não diga que não avisei.” “Lembrarei disso”, ela respondeu.

Ele fez outra pausa.

– E foi isso.

– Então – continuou Poirot – você se contentou com algumas libras que achou em uma gaveta.

Charles o encarou e soltou uma gargalhada.

– Tiro o chapéu para o senhor! É um detetive e tanto! Como ficou sabendo disso?

– É verdade, então?

– Ah, é verdade, sim! Eu estava sem um tostão. Tinha de conseguir dinheiro em algum lugar. Encontrei um maço de notas na gaveta e peguei algumas. Fui muito modesto, não achei que perceberiam. E, mesmo que percebessem, é provável que pensassem que haviam sido os empregados.

Poirot falou, ríspido:

– Seria um problema muito sério para os empregados se essa hipótese fosse levantada.

Charles encolheu os ombros.

– Cada um por si – murmurou.

– E o último a sair apague a luz? – questionou Poirot. – É essa a sua filosofia?

Charles olhava para ele com curiosidade.

– Não sabia que a velha havia percebido. Como o senhor soube disso e como soube sobre a conversa da eliminação?

– A srta. Lawson me contou.

– Aquela velha dissimulada! – Charles pareceu um pouco perturbado. – Ela não gosta de mim e nem de Theresa. O senhor acha que... ela tem mais cartas na manga?

– O que ela poderia estar escondendo?

– Ora, sei lá. Ela tem a malícia do demônio! – Fez uma pausa. – Ela odeia Theresa... – acrescentou.

– O senhor sabia, sr. Arundell, que o dr. Tanios foi ver a sua tia no domingo anterior ao da morte dela?

– O quê? No domingo em que estivemos lá?

– Sim. O senhor não o viu?

– Não. Saímos para dar uma caminhada durante a tarde. Suponho que ele deva ter ido neste horário. É curioso que a tia Emily não tenha mencionado a visita. Quem lhe contou?

– A srta. Lawson.

– Mas de novo? Ela parece uma mina de informações.

Fez uma pausa e continuou:

– Sabe, Tanios é um sujeito bacana. Gosto dele. Um camarada agradável, alegre.

– Ele tem uma personalidade cativante, sim – concordou Poirot.

Charles se levantou.

– Se eu fosse ele, teria matado a chata da Bella há anos! Não lhe parece o tipo de mulher fadada a ser vítima? Sabe, eu não ficaria surpreso se ela aparecesse esquartejada no porta-malas de um carro!

– É uma barbaridade para se atribuir ao marido dela, um médico dedicado – asseverou Poirot.

– Sim – refletiu Charles. – E acho que Tanios não seria capaz de fazer mal a uma mosca. Ele é bondoso demais para isso.

– E quanto a você? Cometeria um assassinato se lhe conviesse?

Charles deu uma risada vibrante, genuína.

– Pensando em chantagem, monsieur Poirot? Nada feito. Posso lhe garantir que não coloquei... – parou, de repente, e prosseguiu – estricnina na sopa da tia Emily.

Com um despreocupado aceno de mão, partiu.

– Você queria assustá-lo, Poirot? – perguntei. – Se queria, acho que não conseguiu. Ele não demonstrou nenhum sinal de culpa.

– Não?

– Não. Ele parecia bastante tranquilo.

– Curiosa aquela pausa que ele fez – disse Poirot.

– Pausa?

– Sim. Uma pausa antes da palavra estricnina. Quase como se estivesse prestes a dizer algo e mudou de ideia.

Encolhi os ombros.

– Com certeza ele estava pensando em um veneno que soasse bem peçonhento.

– É possível. Mas é melhor irmos agora. Acho que vamos passar a noite na pousada de Market Basing.

Dez minutos depois estávamos saindo de Londres, em direção ao interior.

Chegamos a Harchester por volta das quatro horas e nos dirigimos ao escritório de Purvis, Purvis, Charlesworth e Purvis.

O sr. Purvis era grande e corpulento, de cabelos brancos e tez rosada. Tinha uma leve aparência de um nobre rural. Era cortês, porém reservado.

Ele leu a carta de recomendação e nos observou de sua mesa. Era um olhar profundo e inquisitivo.

– Conheço o senhor de nome, é claro, monsieur Poirot – disse, educado. – A srta. Arundell e o irmão contrataram, pelo que vejo, os seus serviços, mas não consigo imaginar em que o senhor se propõe a lhes ser útil.

– Digamos, sr. Purvis, que pretendo fazer uma investigação mais abrangente das circunstâncias.

O advogado respondeu, cáustico:

– A srta. Arundell e o irmão conhecem a minha opinião quanto à situação legal. As circunstâncias estão claríssimas, não deixam espaço para erro.

– Perfeitamente, perfeitamente – Poirot apressou-se em responder. – Mas o senhor, tenho certeza, não se importaria em repeti-las para que eu possa visualizar a situação com clareza.

O advogado assentiu.

– Estou à disposição.

Poirot começou:

– A srta. Arundell escreveu para o senhor lhe dando instruções no dia 17 de abril, creio eu?

O sr. Purvis consultou alguns papéis à sua frente.

– Sim, correto.

– O senhor pode me contar o que ela disse?

– Ela me pediu para redigir um testamento. Parte da herança seria concedida a dois empregados e a três ou quatro instituições de caridade. O restante dos seus bens deveria ser transmitido a Wilhelmina Lawson.

– O senhor me perdoe a pergunta, sr. Purvis, mas não ficou surpreso?

– Admito que sim, fiquei.

– A srta. Arundell já fizera um testamento antes?

– Sim, cinco anos atrás.

– E nesse testamento, afora algumas pequenas doações, deixava tudo para o sobrinho e para as sobrinhas?

– O grosso dos bens seria dividido em partes iguais entre os filhos de seu irmão Thomas e a filha de Arabella Biggs, sua irmã.

– O que aconteceu com esse testamento?

– A pedido da srta. Arundell, eu o levei comigo quando visitei Littlegreen House no dia 21 de abril.

– Ficarei muito agradecido, sr. Purvis, se fizer uma descrição completa de tudo o que aconteceu na ocasião.

O advogado calou-se por alguns instantes. Então disse, com muita segurança:

– Cheguei a Littlegreen House às três horas da tarde. Um escrevente me acompanhou. A srta. Arundell me recebeu na sala de visitas.

– Como ela lhe pareceu?

– Parecia estar bem de saúde, apesar de caminhar com a ajuda de uma bengala. Isso, pelo que sei, foi por conta da queda que sofrera. Em geral, como falei, parecia com boa saúde, mas também um pouco nervosa e ansiosa.

– A srta. Lawson estava com ela?

– Estava, quando cheguei. Mas nos deixou a sós imediatamente.

– E então?

– A srta. Arundell me perguntou se eu havia feito o que ela pedira e se havia levado o novo testamento para que assinasse. Respondi que sim. Eu... – ele hesitou por alguns instantes, e continuou em tom mecânico – devo

dizer que, até onde era apropriado, desaconselhei a srta. Arundell. Ressaltei que o novo testamento poderia ser visto como algo bastante injusto pela família, que era, afinal de contas, seu próprio sangue.

– E o que ela respondeu?

– Ela me perguntou se o dinheiro era dela ou não para fazer com ele o que bem quisesse. Respondi-lhe que sim, sem sombra de dúvida. “Muito bem,” ela disse. Lembrei-lhe que conhecia a srta. Lawson há muito pouco tempo e perguntei-lhe se tinha certeza de que a injustiça que estava cometendo com a família era justificada. A resposta foi: “Meu caro, sei muito bem o que estou fazendo”.

– Ela estava nervosa, o senhor disse?

– Posso afirmar que sim, mas, entenda, monsieur Poirot, ela estava em posse de suas faculdades mentais. Estava, em todos os sentidos, plenamente apta a cuidar de suas finanças. Embora minha solidariedade esteja do lado da família de srta. Arundell, serei obrigado a confirmar isso perante qualquer tribunal.

– Compreendi bem. Prossiga, por favor.

– A srta. Arundell leu o testamento antigo. Em seguida, pegou o que eu redigira. Confesso que gostaria de apresentar um rascunho antes, mas ela exigiu que o testamento estivesse pronto para ser assinado. Isso foi fácil, pois as cláusulas eram muito simples. Ela leu o novo documento, assentiu com a cabeça e afirmou que assinaria imediatamente. Senti-me no dever de manifestar um último protesto. Ela escutou tudo o que eu tinha a dizer, mas reafirmou que estava decida. Chamei meu assistente, e ele e o jardineiro foram testemunhas. Os empregados, é claro, eram inelegíveis devido ao fato de serem beneficiários.

– E depois ela entregou o testamento aos seus cuidados para que o guardasse em segurança?

– Não, colocou-o na gaveta da escrivaninha, e a trancou.

– E o testamento antigo? Ela o destruiu?

– Não, ela o trancou junto com o outro.

– Depois da morte da srta. Arundell, onde o testamento foi encontrado?

– Na mesma gaveta. Na qualidade de executor, eu tinha as chaves e examinei os documentos.

– Os dois testamentos estavam na gaveta?

– Sim, exatamente como ela os deixara.

– O senhor a questionou sobre o que a levou a tomar aquela atitude tão inesperada?

– Sim, mas não obtive uma resposta satisfatória. Ela apenas me garantiu que “sabia o que estava fazendo”.

– No entanto, o senhor ficou surpreso?

– Muito. A srta. Arundell, devo dizer, sempre demonstrou ser ligada à família.

Poirot ficou em silêncio por um instante, então perguntou:

– O senhor não conversou com a srta. Lawson sobre o assunto?

– Claro que não. Tal conduta seria altamente inadequada.

O sr. Purvis pareceu escandalizado com aquela insinuação.

– A srta. Arundell disse algo que indicasse que a srta. Lawson sabia estar sendo favorecida no testamento?

– Pelo contrário. Perguntei-lhe se a srta. Lawson estava ciente do que estava sendo feito, e a srta. Arundell foi categórica em dizer que ela nada sabia. Julguei que era aconselhável a srta. Lawson não tomar conhecimento do que havia acontecido. Empenhei-me em sugerir isso, e a srta. Arundell concordou.

– Por que o senhor insistiu nesse ponto, sr. Purvis?

O velho advogado lançou-lhe um olhar digno.

– Na minha opinião, é preferível que assuntos como esse não sejam discutidos. Além do mais, poderia levar a decepções futuras.

– Ah! – Poirot respirou fundo. – *Então o senhor achou que a srta. Arundell mudaria de ideia num futuro próximo!*

O advogado assentiu.

– É verdade. Achei que a srta. Arundell havia tido algum desentendimento sério com a família. Pensei que, quando se acalmasse, ela se arrependeria daquela decisão precipitada.

– Nesse caso, ela faria o quê?

– Ela me instruiria a preparar um novo testamento.

– Mas poderia apenas destruir o testamento mais recente? E, nesse caso, o testamento anterior ainda seria válido?

– Este é um ponto um pouco controverso. Veja bem, todos os testamentos anteriores foram anulados pelo testador.

– Mas a srta. Arundell talvez não tivesse o conhecimento jurídico para avaliar esse detalhe. Ela pode ter pensado que, destruindo o testamento mais recente, o anterior seria válido.

– É possível.

– Se morresse sem testamento, o dinheiro ficaria para a família?

– Sim. Metade para a sra. Tanios, metade dividida entre Charles e Theresa Arundell. Mas, seja como for, ela não mudou de ideia! Ela morreu com a decisão inalterada.

– Mas é aí – declarou Poirot – que eu entro.

O advogado olhou para ele, intrigado.

Poirot inclinou-se para frente.

– Suponhamos – ele disse – que a srta. Arundell, em seu leito de morte, *desejou destruir aquele testamento*. Suponhamos que ela acreditou tê-lo destruído, mas, na realidade, destruiu apenas o primeiro.

O sr. Purvis negou, balançando a cabeça.

– Não, os dois testamentos estavam intactos.

– Então suponhamos que tenha destruído um testamento fictício, pensando que estava destruindo o documento verdadeiro. Ela estava muito doente, o senhor lembra, seria fácil enganá-la.

– O senhor teria de apresentar provas disso – asseverou o advogado.

– Sem dúvida, sem dúvida!

– Existe, se me permite perguntar, alguma razão para crer que algo assim tenha acontecido?

Poirot recuou um pouco.

– Prefiro não me comprometer neste momento...

– Claro, claro – concordou o sr. Purvis com aquela frase que lhe era tão familiar. – Mas posso lhe dizer em caráter estritamente confidencial que há aspectos curiosos sobre este caso!

– Sério? O senhor acha mesmo?

O sr. Purvis esfregou as mãos como se exultasse de expectativa.

– O que eu queria do senhor, e consegui – continuou Poirot –, era a sua opinião de que, cedo ou tarde, a srta. Arundell mudaria de ideia e beneficiaria a família.

– Essa é apenas a minha opinião, é claro – ressaltou o advogado.

– Entendo. O senhor, acredito, não presta serviços para a srta. Lawson?

– Aconselhei a srta. Lawson a consultar um advogado independente – revelou o sr. Purvis, em tom inexpressivo.

Poirot apertou a mão dele, agradecendo-lhe pela gentileza e pelas informações.

Capítulo 20

Segunda visita a Littlegreen House

No caminho de Harchester para Market Basing, a cerca de quinze quilômetros, discutimos a situação.

– Em que você baseia a hipótese que levantou?

– A de que a srta. Arundell poderia ter acreditado que aquele testamento foi destruído? Em nada, *mon ami*, francamente, em nada. Mas, entenda, fui obrigado a levantar alguma hipótese! O sr. Purvis é um astuto. Se eu não desse um palpite como o que dei, ele se perguntaria qual é o meu interesse no caso.

– Sabe o que você parece, Poirot? – perguntei.

– Não, *mon ami*.

– Um malabarista com várias bolas de cores diferentes! Elas estão todas no ar ao mesmo tempo.

– As bolas de cores diferentes são as mentiras que conto, é isso?

– Mais ou menos.

– E você acha que qualquer hora todas elas cairão?

– Você não pode sustentar essa situação para sempre – observei.

– É verdade. Haverá o momento triunfal em que apanharei todas a bolas, uma por uma, farei uma reverência ao público e me retirarei do palco.

– Ao som de aplausos ensurdecedores da plateia.

Poirot me olhou, com certa desconfiança.

– É bem possível, sim.

– Não descobrimos muita coisa com o sr. Purvis – desconversei, esgueirando-me do perigo.

– Não, a conversa apenas confirmou nossas ideias gerais.

– E confirmou a declaração da srta. Lawson de que não sabia sobre o testamento.

– Para mim, nada disso foi confirmado.

– Purvis aconselhou a srta. Arundell a não contar nada, e ela concordou, afirmando que não tinha intenção de contar.

– Sim, isso está claro. Mas há furos, meu amigo, e chaves que abrem gavetas trancadas.

– Você acha mesmo que a srta. Lawson seria capaz de escutar atrás das portas, bisbilhotar e espionar? – perguntei, meio chocado.

Poirot sorriu.

– A srta. Lawson não é santa, *mon cher*. Sabemos que ela ouviu uma conversa que não deveria ter ouvido. Refiro-me à conversa em que Charles e a tia discutiram sobre a eliminação de parentes mesquinhos.

Admiti que era verdade.

– Então, veja, Hastings, ela pode ter ouvido alguma outra conversa entre o sr. Purvis e a srta. Arundell. Ele tem uma voz ressoante. E quanto a bisbilhotar e espionar – continuou Poirot –, mais pessoas do que você supõe têm esse hábito. Pessoas tímidas e que se assustam com facilidade, como a srta. Lawson, costumam adquirir hábitos um pouco indecorosos, que acabam sendo fonte de conforto e distração para elas.

– Não diga, Poirot! – protestei.

Ele balançou a cabeça várias vezes.

– Pois sim, é verdade.

Chegamos à pousada e pedimos dois quartos. Então saímos a pé em direção a Littlegreen House.

Quando tocamos a campainha, Bob logo respondeu. Correndo pelo hall, latindo sem parar, ele se lançou contra a porta de entrada.

“Vou acabar com vocês!”, rosnou. “Vou despedaçar vocês, pedacinho por pedacinho! Vão ver só o que acontece com quem tenta entrar nesta casa! Esperem até eu cravar meus dentes em vocês!”

Um murmúrio reconfortante juntou-se à barulheira.

– Pronto, pronto, seja bonzinho, venha cá.

Bob, arrastado pela coleira, foi preso muito a contragosto na sala de estar.

“Sempre acabam com a minha diversão”, reclamou. “Fazia tanto tempo que não tinha a chance de assustar alguém! Estou louco para cravar

meus dentes numa perna de calça. Tenha cuidado, já que não posso protegê-la.”

A porta da sala fechou-se, e Ellen retirou as travas e trancas e abriu a porta da frente.

– Ah, é o senhor! – exclamou.

Ela abriu a porta, com uma expressão agradável de alegria.

– Entre, senhor, por favor. – Entramos no hall. Por debaixo da porta à esquerda provinham sons de bufadas, intercalados por rosnados. Bob estava empenhado em nos “identificar” corretamente.

– A senhora pode soltá-lo – sugeri.

– Vou soltar. Ele é até bem manso, mas faz muito barulho e assusta as pessoas. Apesar disso, é um esplêndido cão de guarda.

Ela abriu a porta da sala, e Bob projetou-se para fora como uma bala de canhão.

“Quem é? Onde estão? Ah, aí estão vocês! Minha nossa, acho que me lembro...”, farejou, farejou e deu uma longa fungada. “É claro! Já nos conhecemos!”

– Olá, meu velho – saudei Bob. – Como vai você?

Bob abanou o rabo, em cortesia.

“Bem, obrigado. Deixe-me ver...”, voltou à sua inspeção. “Andou falando com um spaniel, sinto o cheiro. Uns bobalhões. O que é isto? Um gato? Que interessante! Queria que ele estivesse aqui. É raro termos diversão por aqui. Hum... e um belo bull terrier.”

Após diagnosticar as visitas que eu recém fizera a alguns amigos caninos, ele voltou a atenção a Poirot, sentiu cheiro de benzina e se afastou desapontado.

– Bob – chamei.

Ele me olhou por sobre o ombro.

“Está tudo bem. Sei o que estou fazendo. Volto num instante.”

– A casa está toda fechada. Espero que o senhor me perdoe... – Ellen entrou na sala de estar e começou a abrir as venezianas.

– Não se incomode, assim está bem – disse Poirot, seguindo-a para dentro do aposento e sentando-se. Eu estava prestes a me juntar a ele quando Bob ressurgiu, vindo sabe-se lá de onde, com uma bola na boca. Ele subiu correndo as escadas e se espreguiçou no último degrau, com a bola entre as patas. Balançava o rabo devagar.

“Venha”, convidava ele. “Vamos brincar.”

Meu interesse pela investigação foi ofuscado por um momento, e brincamos por alguns minutos. Então, tomado por um sentimento de culpa, corri para a sala.

Poirot e Ellen pareciam entretidos, falando sobre doenças e remédios.

– Uns comprimidinhos brancos, senhor, era só o que ela costumava tomar. Dois ou três após cada refeição. Recomendação do dr. Grainger. Ah, sim, ela seguia à risca. Eram bem pequenininhos. E tomava mais umas pílulas que a srta. Lawson garantia que eram milagrosas. Eram cápsulas. “Cápsulas para o fígado do dr. Loughbarrow.” Há propagandas por todos os lugares.

– Ela tomava essas cápsulas também?

– Sim. A srta. Lawson começou a comprá-las, e srta. Emily achava que lhe faziam bem.

– O dr. Grainger sabia?

– Ah, senhor, ele não se importava. “A senhora pode tomá-las, se acha que isso lhe faz bem”, ele dizia. E ela respondia: “Bem, o senhor pode até rir, mas elas realmente me fazem bem. Muito mais do que os seus remédios”. E o dr. Grainger ria e falava que a fé era o melhor remédio já inventado.

– Ela não tomava nada além disso?

– Não. O marido da srta. Bella, o médico estrangeiro, trouxe um frasco com algum medicamento, mas, embora ela tenha agradecido com muita educação, jogou tudo fora, e disso tenho certeza! E acho que fez bem. É preciso ter cuidado com esses remédios estrangeiros.

– A sra. Tanios a viu jogando o remédio fora, não viu?

– Sim, e acho que ela ficou bastante magoada, coitada. Lamentei também, pois o dr. Tanios sem dúvida tinha boas intenções.

– Sem dúvida. Sem dúvida. Suponho que todos os medicamentos tenham sido jogados fora depois que srta. Arundell faleceu?

Ellen pareceu um pouco surpresa com a pergunta.

– Sim. A enfermeira jogou alguns fora, e a srta. Lawson se livrou de todos os outros que estavam no armário do banheiro.

– Era ali que as... cápsulas para o fígado do dr. Loughbarrow ficavam guardadas?

– Não, ficavam no armário da sala de jantar, para que estivessem à mão após as refeições, conforme prescrito.

– Quem era a enfermeira que cuidava da srta. Arundell? A senhora pode me informar o nome e o endereço dela?

Ellen atendeu ao pedido imediatamente.

Poirot continuou fazendo perguntas sobre a derradeira doença da srta. Arundell.

Ellen forneceu todos os detalhes com prazer, descrevendo a doença, a dor, o começo da icterícia e o delírio final. Não sei se Poirot ficou satisfeito com o relato. Ele ouviu, paciente, e, vez por outra, interpolou com alguma pergunta, em geral sobre srta. Lawson e o tempo que ela passava no quarto. Ele também estava bastante interessado na dieta administrada à enferma, comparando-a com a que fora administrada a um falecido (e inexistente) parente seu.

Vendo que eles estavam se divertindo, saí furtivamente da peça e voltei ao hall. Bob adormecera no alto da escada, com a bola sob o queixo.

Assobiei, e ele se levantou de um salto, alerta. Desta vez, no entanto, sem dúvida por orgulho ferido, ele demorou a lançar-me a bola escada abaixo, apanhando-a de volta quando estava prestes a cair.

“Você está desapontado, hein? Talvez eu deixe você ganhar desta vez!”

Quando voltei à sala de estar, Poirot estava falando sobre a visita surpresa do dr. Tanios no domingo anterior à morte da srta. Arundell.

– Sim, senhor, o sr. Charles e a srta. Theresa haviam saído para dar um passeio. Ninguém estava esperando uma visita do dr. Tanios, eu sei. A patroa estava deitada e ficou muito surpresa quando lhe disse que ele estava aqui. “O dr. Tanios?”, perguntou. “A sra. Tanios está com ele?” Respondi que não, que estava sozinho. Ela mandou avisá-lo que desceria num instante.

– Ele ficou muito tempo?

– Pouco menos de uma hora. E não parecia muito contente ao sair.

– A senhora tem alguma ideia de qual era o... propósito da visita?

– Não sei dizer.

– A senhora não ouviu alguma coisa, por acaso?

Ellen corou.

– Não, não ouvi *nada*, senhor! Nunca fui de ouvir conversas atrás das portas, não importa o que certas pessoas façam... e pessoas que deveriam

saber se comportar!

– Oh, a senhora interpretou mal o que eu disse. – Poirot estava ansioso, apologético. – Apenas me ocorreu que talvez possa ter servido chá enquanto o cavalheiro estava aqui e, nesse caso, a senhora não poderia ter deixado de ouvir o que conversavam.

Ellen se acalmou.

– Desculpe, senhor, eu o interpretei mal. Não, o dr. Tanios não ficou para o chá.

Poirot olhou para ela e pestanejou.

– E se eu quiser saber o motivo da visita, é possível que srta. Lawson saiba me informar?

– Bem, se ela não souber, ninguém mais sabe – disse Ellen, torcendo o nariz.

– Deixe-me ver – Poirot franziu o cenho como se tentasse lembrar. – O quarto da srta. Lawson... ficava ao lado do quarto da srta. Arundell?

– Não, senhor. O quarto da srta. Lawson fica bem no alto da escada. Posso lhe mostrar.

Poirot aceitou o convite. Subiu as escadas, mantendo-se próximo à parede, e assim que chegou ao topo soltou uma exclamação e abaixou-se, tocando na perna da calça.

– Ah, acabo de prender um fio. Sim, tem um prego no rodapé.

– Sim, é verdade. Acho que deve ter afrouxado ou algo do gênero. Meu vestido ficou preso nele algumas vezes.

– Faz tempo que está assim?

– Acho que há algum tempo. Percebi pela primeira vez quando a patroa estava acamada, depois do acidente. Tentei tirar, mas não consegui.

– Acho que havia um fio amarrado em volta dele.

– Isso mesmo, havia um pequeno laço, eu me lembro. Não sei para que servia.

Não havia suspeita na voz de Ellen. Para ela, era apenas uma daquelas coisas que ocorrem nas casas e sobre as quais não há explicação.

Poirot entrara no quarto. Era um cômodo de tamanho médio, com duas janelas diretamente à nossa frente. Havia uma penteadeira num dos cantos e, entre as janelas, um guarda-roupa com um espelho alto. A cama ficava à direita, atrás da porta e de frente para as janelas. Na parede esquerda, havia uma grande cômoda de mogno e um lavatório com tampo de mármore.

Poirot olhou em volta, pensativo, e saiu. Caminhou pelo corredor, passando por dois outros quartos, até chegar ao amplo dormitório que pertencera a Emily Arundell.

– A enfermeira ocupava o quartinho ao lado – Ellen explicou.

Poirot assentiu com a cabeça, absorto em pensamentos.

Enquanto descíamos as escadas, ele perguntou se podia dar uma caminhada pelo jardim.

– Claro que sim. É muito agradável a esta hora.

– O jardineiro ainda está trabalhando aqui?

– Angus? Sim, ainda está conosco. A srta. Lawson quer manter tudo em ordem por acreditar que será mais fácil vender a propriedade assim.

– Acho que ela tem razão. Deixar uma casa jogada às traças não é bom negócio.

O jardim era muito tranquilo e bonito. Os grandes canteiros estavam cheios de tremoços, esporinhas e lindas papoulas escarlate. As peônias estavam em botão. Passeando pelo jardim, chegamos em seguida a uma cabana, onde um velho alto e robusto estava trabalhando. Cumprimentou-nos educadamente, e Poirot começou a conversar com ele.

Ao ouvir que tínhamos visto o sr. Charles naquele dia, o velho ficou à vontade e passou a tagarelar.

– Sempre foi uma figura o sr. Charles! Lembro-me dele saindo da casa com metade de uma torta de groselha, enquanto a cozinheira procurava por todos os lados! E ele aparecia com uma cara tão deslavada que acabavam achando que tinha sido o gato, embora eu nunca tenha visto um gato comer torta de groselha! Ah, uma figura, o sr. Charles!

– Ele esteve aqui em abril, não?

– Sim, veio em dois finais de semana. Logo antes da patroa morrer.

– O senhor o via com frequência?

– Eu o via bastante. Não havia muita distração para um jovem por aqui, isso é um fato. Ele costumava caminhar até a pousada para tomar umas e outras. E ficava vagando por aqui, jogando conversa fora.

– Falavam sobre flores?

– Sim, flores, e ervas também. – O velho riu.

– Ervas?

A voz de Poirot soou hesitante. Ele virou a cabeça e olhou com atenção para as prateleiras. Seu olhar se deteve em uma lata.

– Talvez quisesse saber como o senhor se livrava delas?

– Isso mesmo!

– Suponho que este seja o produto que o senhor usa.

Poirot virou a lata com cuidado e leu o rótulo.

– É esse mesmo – confirmou Angus. – É muito útil.

– Esse produto é perigoso?

– Não se usado corretamente. É arsênico, é claro. Eu e o sr. Charles fazíamos uma piada sobre isso. Ele dizia que, quando casasse e enjoasse da esposa, viria me procurar e pegaria um pouco desse negócio para se livrar dela! Talvez, respondia eu, seja ela quem irá querer se livrar de você! Ah, isso o fez rir muito! Essa foi boa!

Rimos, como que por obrigação. Poirot ergueu a tampa da lata.

– Quase vazia – murmurou.

O velho deu uma olhada.

– Sim, tem menos do que achei que tinha. Não pensava ter usado tanto. Vou encomendar mais.

– Sim – disse Poirot com um sorriso. – Receio que mal tenha o suficiente para a *minha* esposa!

Todos demos outra boa risada com a observação espirituosa.

– O senhor não é casado?

– Não.

– Ah! São sempre os solteiros que podem se dar o luxo de fazer essas piadas. Os solteiros não sabem o que é encrenca!

– Suponho que a sua esposa...? – Poirot fez uma pausa.

– Está viva, bem viva por sinal!

Angus pareceu um pouco deprimido com aquela constatação.

Elogiando seu trabalho no jardim, despedimo-nos.

Capítulo 21

O farmacêutico, a enfermeira e o médico

A lata de veneno para ervas daninhas desencadeou um novo curso ao meu pensamento. Era a primeira suspeita concreta com a qual havia me deparado. O interesse de Charles no veneno, a evidente surpresa do jardineiro ao encontrar a lata quase vazia, tudo parecia apontar para a direção certa.

Como sempre acontece quando estou animado, Poirot mostrou-se evasivo.

– Mesmo que o veneno tenha sido roubado, não há evidência alguma de que tenha sido Charles quem o roubou, Hastings.

– Mas ele falava tanto com o jardineiro sobre isso!

– O que não seria muito inteligente se pretendia pegar um pouco para si. Qual é o primeiro veneno que vem à sua mente quando lhe pedem para citar um?

– Arsênico, suponho.

– Sim. Então você compreende aquela pausa antes da palavra estricnina quando Charles falou conosco hoje.

– Você quer dizer...?

– Que ele estava prestes a dizer “arsênico na sopa” e se deteve.

– Ah! – exclamei. – E por que se deteve?

– Essa é a questão. *Por quê*? Posso dizer, Hastings, que foi para encontrar essa resposta em particular que resolvi ir até o jardim à procura de algum tipo de veneno para ervas daninhas.

– E encontrou!

– E encontrei.

Sacudi a cabeça.

– A coisa está ficando feia para o jovem Charles. Você teve uma conversa proveitosa com Ellen sobre a doença da srta. Arundell. Os sintomas que ela apresentava eram semelhantes aos de envenenamento com arsênico?

Poirot coçou o nariz.

– É difícil saber. Apresentava dor abdominal, enjoo.

– Claro... é isso!

– Não tenho tanta certeza.

– Com que veneno se parecia?

– *Eh bien*, meu caro, não parecia tanto com envenenamento, e sim com uma doença no fígado seguida de morte por esta causa!

– Ora, Poirot! Não pode ser morte natural! Tem que ser assassinato!

– Ah! Parece que trocamos de lugar...

Ele entrou de repente numa farmácia. Após uma longa conversa sobre os seus males íntimos, ele comprou uma caixa de pastilhas para indigestão. Quando o remédio já estava embrulhado e estávamos saindo, uma embalagem vistosa de “Cápsulas para o fígado do dr. Loughbarrow” lhe chamou a atenção.

– Sim, um composto excelente. – O farmacêutico era um homem de meia-idade com temperamento conversador. – São muito eficazes.

– Lembro que a srta. Arundell costumava tomá-las. A srta. Emily Arundell.

– É verdade. A srta. Arundell, de Littlegreen House. Uma senhora distinta, como as de antigamente. Eu costumava atendê-la.

– Ela tomava muitos remédios?

– Na verdade não, senhor. Não tantos quanto algumas senhoras de idade que conheço. Já a srta. Lawson, a dama de companhia, a que herdou todo o dinheiro...

Poirot assentiu com a cabeça.

– Ela tomava de tudo. Pílulas, pastilhas expectorantes, pastilhas para azia, compostos digestivos, fortificantes. Divertia-se entre os frascos. – Sorriu pesaroso. – Gostaria que houvesse mais pessoas como ela. As pessoas hoje em dia não tomam mais remédios como antes. Em compensação, vendemos uma grande quantidade de produtos de higiene pessoal.

– A srta. Arundell tomava essas cápsulas para o fígado com regularidade?

– Sim, tomou por uns três meses, acho, antes de morrer.

– Um familiar dela, o dr. Tanios, veio aqui outro dia aviar uma receita, não veio?

– Sim, claro, o grego que se casou com a sobrinha da srta. Arundell. Sim, uma composição muito interessante, aquela. Nunca tinha visto nada parecido.

O homem falava como quem fala de um espécime botânico raro.

– É uma mudança, senhor, quando se recebe uma receita nova. Era uma combinação muito interessante de medicamentos. Claro, o cavalheiro é médico. Muito simpático e muito educado.

– A esposa comprou alguma coisa?

– Não me recordo. Ah, sim, aviou um sonífero, cloral, agora me lembro. Uma receita dupla. É sempre um pouco complicado quando se trata de medicamentos soporíferos. Sabe, a maioria dos médicos não receita muitos de uma vez só.

– De quem era a receita?

– Do marido dela, eu acho. Ah, claro, estava tudo nos conformes, mas o senhor sabe, temos que ter cuidado hoje em dia. Talvez o senhor não saiba, mas se um médico comete um erro na receita e nós o corrigimos com a melhor das intenções, somos nós que levamos a culpa, caso alguma coisa dê errado, não o médico.

– Que injusto!

– É preocupante, admito. Mas não posso reclamar. Nunca tive nenhum problema, ainda bem.

Ele bateu forte no balcão com os nós dos dedos.

Poirot decidiu comprar uma caixa das cápsulas para o fígado do dr. Loughbarrow.

– Obrigado, senhor. De qual tamanho: 25, 50 ou 100?

– Suponho que a caixa maior seja mais barata, mas não sei...

– Leve a embalagem de cinquenta, senhor. Era a que srta. Arundell costumava comprar.

Poirot concordou, pagou e apanhou o embrulho.

Em seguida saímos.

– Então a sra. Tanios comprou um sonífero! – exclamei quando chegamos à rua. – Uma sobredose mataria qualquer um, não é mesmo?

– Com a maior facilidade.

– Você acha que a srta. Arundell...

Lembrei-me das palavras da srta. Lawson: “Ouso dizer que ela mataria alguém se ele mandasse!”.

Poirot balançou a cabeça.

– Cloral é um narcótico e soporífero. Utilizado para aliviar dores e também como sonífero. Pode viciar.

– Acha que a sra. Tanios adquiriu esse vício?

Poirot sacudiu a cabeça, perplexo.

– Não, creio que não. Mas é curioso. Posso pensar em uma explicação. Mas isso significaria que...

Ele parou de falar e olhou para o relógio de pulso.

– Venha, vamos tentar encontrar a enfermeira Carruthers, que cuidou da srta. Arundell durante a última enfermidade.

A enfermeira Carruthers era uma mulher de meia-idade, de fisionomia séria.

Poirot representou outro papel e inventou mais um parente fictício. Desta vez, precisava encontrar uma enfermeira para cuidar da mãe idosa...

– Veja, serei franco com a senhora. Minha mãe é difícil. Tivemos algumas enfermeiras excelentes, jovens, muito competentes, mas o simples fato de serem jovens bastava. Minha mãe não gosta de mocinhas, ela as insulta, é rude e rabugenta, reclama das janelas abertas e da higiene moderna. É muito complicado – lamentou, com um suspiro.

– Eu sei – disse a enfermeira, compreensiva. – É muito penoso às vezes. É preciso ter muito tato. Não é bom aborrecer os pacientes. O melhor é ceder até onde for possível. Uma vez que sentem que você não está tentando impor nada a eles, normalmente relaxam e ficam mansos como cordeirinhos.

– Ah, vejo que a senhora seria perfeita para a empreitada, entende bem as velhinhas.

– Tive que lidar com algumas! – ela disse com uma risada. – Mas com paciência e bom humor se vai longe.

– Tem toda a razão. Ouvi que a senhora cuidou da srta. Arundell. Ela não devia ser fácil!

– Para falar a verdade, não sei. Ela tinha uma personalidade forte, mas eu não a achava difícil. No entanto, não trabalhei lá por muito tempo. Ela faleceu no quarto dia.

– Estive ontem mesmo com a sobrinha dela, a srta. Theresa Arundell.

– É mesmo? Ora, veja! É o que sempre digo, o mundo é muito pequeno!

– A senhora a conhece, então?

– Sim, claro, esteve aqui depois da morte da tia, e foi ao enterro. Eu a tinha visto antes, claro, quando ficou hospedada na casa da tia. Uma moça muito bonita.

– Sim, é verdade, mas muito magra...

Consciente de que era gordinha, a enfermeira envaideceu-se um pouco.

– É claro – concordou. – Não é bom ser magra demais.

– Pobre moça – continuou Poirot. – Sinto muito por ela. *Entre nous* – ele se curvou à frente para confidenciar um segredo –, o testamento da tia foi um golpe duríssimo.

– Suponho que sim. Sei que causou um grande falatório.

– Não posso imaginar o que tenha induzido a srta. Arundell a deserdar a família inteira. Foi uma atitude singular.

– Muito singular. Concordo com o senhor. E, claro, há quem diga que há algo por trás disso.

– A senhora faz alguma ideia do motivo dessa atitude? A srta. Arundell comentou alguma coisa?

– Não. Não para mim, pelo menos.

– Mas e a outra pessoa?

– Bem, imagino que tenha mencionado algo à srta. Lawson, porque a ouvi dizer: “Sim, querida, mas está com o advogado”, e a srta. Arundell respondeu: “Tenho certeza de que está nas gavetas, lá embaixo”. Então a srta. Lawson falou: “Não, você mandou para o sr. Purvis. Não se lembra?”. Depois a srta. Arundell teve um novo ataque de náuseas, e a srta. Lawson foi embora enquanto eu cuidava dela, mas sempre me perguntei se não falavam do tal testamento.

– Parece provável.

A enfermeira continuou:

– Assim, imagino que srta. Arundell estivesse preocupada e talvez quisesse alterá-lo... mas ficou tão doente, pobrezinha, depois daquilo... que

já não conseguia pensar em mais nada.

– A srta. Lawson participou do tratamento? – perguntou Poirot.

– Minha nossa, não, ela não tinha jeito para isso! Era muito irrequieta, sabe. Só irritava a paciente.

– A senhora cuidou dela sozinha? *C'est formidable ça*.

– A criada... como é mesmo o nome dela? Ellen? Ellen me ajudava e era muito boa, estava acostumada com doenças e a cuidar da patroa. Trabalhamos bem juntas. Na verdade, o dr. Grainger iria mandar uma enfermeira para a noite na sexta-feira, mas a srta. Arundell morreu antes que ela chegasse.

– A srta. Lawson ajudava a preparar as refeições da doente?

– Não, não ajudava. Na realidade, não havia nada a preparar. Eu é quem lhe dava o caldo de carne e o conhaque, o caldo de galinha, a glicose e tudo o mais. Tudo o que a srta. Lawson fazia era zanzar pela casa chorando e atrapalhando todo mundo.

A enfermeira demonstrou um ressentimento evidente.

– Vejo – sugeriu Poirot sorrindo – que a senhora não tem uma boa opinião a respeito da competência da srta. Lawson.

– Damas de companhia têm pouca utilidade, na minha opinião. Não são *treinadas*. São apenas *amadoras*. E, com frequência, são mulheres que não seriam competentes em mais nada.

– A senhora acha que a srta. Lawson era afeiçoada à srta. Arundell?

– Parecia ser. Ficou muito perturbada e reagiu muito mal quando a senhora morreu. Mais do que os familiares, na *minha* opinião – a enfermeira torceu o nariz.

– Talvez, então – ponderou Poirot, balançando a cabeça –, a srta. Arundell soubesse o que estava fazendo ao deixar-lhe a herança.

– A srta. Arundell era muito esperta – afirmou a enfermeira. – Acredito que pouco ou nada lhe escapava!

– Ela falou algo a respeito do cão, Bob?

– Que coincidência o senhor mencionar isso! Ela falava muito nele, quando delirava. Alguma coisa sobre a bola e um tombo que ela levara. Um cão adorável, o Bob... Gosto tanto de cães! Pobrezinho, ficou triste quando ela morreu. São maravilhosos, não? Quase humanos.

E com aquela observação, despedimo-nos.

– Com certeza ela não desconfia de nada – observou Poirot depois que saímos.

Parecia meio desencorajado.

O jantar no restaurante da pousada foi péssimo. Poirot reclamou muito, principalmente a respeito da sopa.

– É tão fácil, Hastings, fazer uma boa sopa. *Le pot au feu*...

Com alguma dificuldade, consegui evitar um monólogo sobre culinária.

Depois do jantar, uma surpresa.

Estávamos sentados sozinhos na antessala do restaurante. A única outra pessoa presente no jantar – um caixeiro viajante, pela aparência – já havia saído. Eu folheava as páginas de um jornal de pecuária, ou algo do gênero, quando de repente ouvi mencionarem o nome de Poirot.

A voz em questão era de alguém lá fora.

– Onde está ele? Aqui dentro? Certo... Vou encontrá-lo.

A porta escancarou-se com violência, e o dr. Grainger, vermelho de raiva e com sobrancelhas franzidas de irritação, entrou no ambiente a passos largos. Fez uma pausa para fechar a porta e avançou até nós sem qualquer hesitação.

– Ah, aí está você! Então, monsieur Hercule Poirot, que diabos pretendia ao me contar um monte de mentiras?

– Uma das bolas do malabarista? – murmurei, malicioso.

Poirot respondeu, com voz melosa:

– Meu caro doutor, deixe-me explicar...

– Deixar? Deixar? Diabos, eu vou *forçá-lo* a explicar! Você é um detetive, é o que é! Um detetive intrometido e enxerido! Aparece com um monte de mentiras, dizendo que vai escrever a biografia do velho general Arundell! Que idiota eu sou por acreditar numa conversa mole dessas!

– Quem lhe contou sobre a minha identidade? – perguntou Poirot.

– Quem me contou? A srta. Peabody me contou. Ela não se deixou enganar!

– A srta. Peabody... claro. – Poirot refletiu. – Pensei...

O dr. Grainger interrompeu, furioso.

– E então, estou esperando uma explicação!

– Certamente. Minha explicação é muito simples. Tentativa de assassinato.

– O quê? Como assim?

Poirot disse, baixinho:

– A srta. Arundell sofreu um tombo, não foi? Um tombo escada abaixo, pouco antes de morrer?

– Sim, e daí? Ela escorregou na bola do maldito cão.

– Não, doutor, *ela não escorregou* na bola. Um *fio* foi esticado do alto da escada para que ela tropeçasse.

O dr. Grainger o encarou.

– Então por que ela não me disse? – perguntou. – Nunca mencionou nada disso!

– Isso talvez seja compreensível se considerarmos que foi um *membro da própria família* quem prendeu o fio!

– Hum... Entendo. – Grainger lançou um olhar penetrante a Poirot e jogou-se numa cadeira. – E então? Como acabou se envolvendo nessa história?

– A srta. Arundell me escreveu uma carta, pedindo a máxima discrição. Infelizmente, a carta demorou a chegar.

Poirot contou a história, omitindo alguns detalhes, e falou do prego encontrado no alto da escada. O médico ouviu com expressão séria. A raiva diminuíra.

– O senhor veja que a minha posição é difícil – concluiu Poirot. – Fui contratado por uma cliente morta, mas mesmo assim me senti na obrigação de ajudá-la.

O dr. Grainger franziu as sobrancelhas, intrigado.

– E você não faz ideia de quem esticou o fio na escada? – perguntou.

– Não tenho provas, mas faço ideia de quem tenha sido.

– É uma história sórdida – observou Grainger, com a fisionomia séria.

– Sim. Entenda que, para começo de conversa, eu sequer tinha certeza de que aquele atentado não fora seguido por outro.

– Como assim?

– Para todos os efeitos, a srta. Arundell morreu de morte natural, mas como ter certeza disso? Ela sofreu um atentado. Como poderia estar certo de que não houve um segundo? E, dessa vez, bem-sucedido?

Grainger assentiu com a cabeça, pensativo.

– Suponho que o senhor tem a certeza, dr. Grainger, e, por favor, não se ofenda, de que foi uma morte natural. Deparei-me com algumas

evidências hoje...

Contou em detalhes a conversa que teve com o velho Angus, o interesse de Charles pelo veneno para ervas daninhas e, por fim, a surpresa de Angus ao perceber a lata quase vazia.

Grainger ouviu com atenção e disse , em tom de voz baixo, quando Poirot acabou:

– Entendo o seu ponto de vista. Muitos casos de envenenamento por arsênico acabam sendo diagnosticados como gastrenterite aguda e recebem atestados de óbito e tudo, principalmente quando as circunstâncias não são suspeitas. De qualquer modo, envenenamentos por arsênico são difíceis de diagnosticar, pois têm muitas apresentações. Podem ser agudos, subagudos, nervosos ou crônicos. Pode ocorrer vômito e dor no abdômen, ou esses sintomas podem estar ausentes. A pessoa pode cair de súbito e morrer logo em seguida. Pode haver torpor e paralisia. Os sintomas variam muito.

Poirot perguntou:

– *Eh bien*, considerando todos os fatos, qual a sua opinião?

O dr. Grainger ficou em silêncio por alguns instantes e respondeu devagar:

– Considerando todos os fatos, e sem qualquer parcialidade, acho que um envenenamento por arsênico não poderia ser responsável pelos sintomas da srta. Arundell. Estou convencido de que morreu de atrofia do fígado. Como sabe, eu a atendia há muitos anos, e ela havia sofrido de ataques semelhantes ao que provocou a sua morte. Essa é a minha opinião, monsieur Poirot.

Assim, o assunto encerrou-se.

O clima estava desanimado quando, meio que se desculpando, Poirot apresentou a caixa de cápsulas para o fígado que comprara na farmácia.

– Creio que a srta. Arundell tomava estas cápsulas – afirmou. – Suponho que não pudessem lhe fazer qualquer mal?

– Estas coisas? Nenhum mal mesmo. Aloés, podofilina, tudo muito suave e inofensivo – disse Grainger. – Ela gostava de experimentar. Nunca me importei.

Ele se levantou.

– O senhor receitou medicamentos para ela? – perguntou Poirot.

– Sim... um medicamento suave para o fígado a ser tomado depois das refeições. – Pestanejou. – Ela poderia ter tomado uma caixa inteira sem

problemas. Não enveneno meus pacientes, monsieur Poirot.

Então, com um sorriso, apertou-nos as mãos e foi embora.

Poirot abriu a caixa do remédio que comprara. Consistia de cápsulas transparentes, três quartos cheias de um pó castanho-escuro.

– Parecem um remédio para enjoo que tomei uma vez – observei.

Poirot abriu uma cápsula, examinou o conteúdo e provou com a ponta da língua. Fez uma careta.

– Bem – falei, me recostando à cadeira e bocejando –, parece bastante inofensivo. As especialidades do dr. Loughbarrow, e as pílulas do dr. Grainger! E o dr. Grainger refutou a teoria do arsênico. Está convencido afinal, seu teimoso?

– É verdade que sou cabeça-dura, é essa a expressão, não é? Sim, eu definitivamente sou um cabeça-dura – refletiu meu amigo.

– Então, a despeito do que o farmacêutico, a enfermeira e o médico disseram, você ainda acha que a srta. Arundell foi assassinada?

Poirot sussurrou:

– É o que acho. Não, mais do que acho. Tenho *certeza*, Hastings.

– Só há um jeito de provar – falei: – exumação.

Poirot assentiu com a cabeça.

– É este o próximo passo?

– Meu caro, preciso agir com cautela.

– Por quê?

– Porque – baixou a voz – receio que possa ocorrer uma segunda tragédia.

– Quer dizer...

– Estou receoso, Hastings, estou receoso. Vamos deixar assim.

Capítulo 22

A mulher na escada

Na manhã seguinte, entregaram-nos um bilhete. A escrita era meio fraca e vacilante, inclinada para cima.

Caro monsieur Poirot:
soube por Ellen que o senhor esteve ontem em Littlegreen House. Ficaria muito agradecida se entrasse em contato e me fizesse uma visita hoje, em qualquer horário.

Atenciosamente,
Wilhelmina Lawson.

– Então ela está aqui – observei.
– Sim.
– Por que será que veio?
Poirot sorriu.
– Não acho que seja por um motivo sinistro. Afinal, a casa pertence a ela.
– Sim, é verdade. O pior de tudo, Poirot, é que cada simples coisinha que qualquer um faça está aberta às mais sinistras interpretações.
– Pelo visto, convenci você do meu lema “desconfie de todos”.
– Você ainda está desconfiando de todos?
– Não... Suspeito de uma única pessoa.
– Quem?
– Já que, no momento, é apenas uma suspeita e não há prova definitiva, prefiro que tire suas próprias conclusões, Hastings. E não despreze a psicologia... é importante. As características do assassinato

indicam o temperamento do assassino e constituem uma pista essencial do crime.

– Não posso considerar o temperamento do assassino se não sei quem ele é!

– Não, não, você não prestou atenção no que acabei de dizer. Se refletir sobre as características do *assassinato*, então irá se dar conta de *quem* é o assassino!

– Mas você sabe mesmo, Poirot? – perguntei, curioso.

– Não posso dizer que sei, não tenho provas. É por isso que não posso falar mais no momento. Mas tenho certeza... Sim, meu caro, no meu íntimo, tenho certeza absoluta.

– Bem – falei rindo –, cuide-se para que ele não o pegue! Seria uma tragédia!

Poirot ficou um pouco tenso. Não levou na brincadeira. Ao contrário, murmurou:

– Tem razão. Preciso ser cuidadoso... bastante cuidadoso.

– Você precisa usar um colete à prova de balas – sugeri, de brincadeira. – E contratar um degustador para o caso de envenenamento! Na verdade, deveria andar com guarda-costas armados para protegê-lo.

– *Merci*, Hastings, mas confiarei na minha inteligência.

Em seguida escreveu um bilhete para a srta. Lawson dizendo que estaria em Littlegreen House às onze horas.

Depois disso, tomamos café da manhã e caminhamos até a praça. Já eram dez e quinze de uma manhã quente e sonolenta.

Estava olhando na vitrine do antiquário para um belo conjunto de cadeiras Hepplewhite quando levei uma estocada dolorosa nas costelas e uma voz aguda e penetrante disse:

– Oi!

Virei-me indignado e dei de cara com a srta. Peabody. Trazia na mão um imenso guarda-chuva pontudo (a arma com a qual me atacou).

Aparentemente insensível à dor que infligira, observou com uma voz satisfeita:

– Rá! Achei que fosse você. Não costumo me enganar.

Respondi, indiferente:

– Bom dia. Em que posso ajudá-la?

– Pode me dizer como anda o livro daquele seu amigo... A vida do general Arundell?

– Na verdade, ainda não começou a escrever.

A srta. Peabody caiu na risada, balançando como gelatina. Quando parou de rir, observou:

– Tenho certeza que não!

Perguntei, sorrindo:

– Então a senhora percebeu que era tudo mentira?

– Acham que sou boba? – perguntou a srta. Peabody. – Vi desde o começo o que o espertinho do seu amigo queria. Queria que eu falasse! Ora, não me importei. Gosto de falar. Difícil é encontrar quem ouça. E me diverti muito naquela tarde.

Lançou-me um olhar enviesado.

– Do que se trata isso tudo, hein? Do que se trata?

Enquanto eu hesitava, procurando uma resposta, Poirot juntou-se a nós. Fez uma mesura para a srta. Peabody.

– Bom dia, mademoiselle. Que prazer encontrá-la.

– Bom dia – respondeu a srta. Peabody. – Qual é o seu nome hoje, Parotti ou Poirot... hein?

– Foi muito inteligente da sua parte desmascarar o meu disfarce tão depressa – falou Poirot, sorrindo.

– Não havia muito o que desmascarar! Não há muitos parecidos com você por aí, não é? Não sei se isso é bom ou ruim. É difícil dizer.

– Prefiro, mademoiselle, ser único.

– E acho que consegue – afirmou a srta. Peabody com desdém. – Então, monsieur Poirot, contei-lhe todas as fofocas que o senhor queria. Agora é a minha vez de perguntar. O que está havendo? Hein? Do que se trata tudo isso?

– A senhora não está me fazendo uma pergunta cuja resposta já sabe?

– Faço ideia – olhou para ele de relance. – É algo sobre aquele testamento? Ou tem algo mais? Vão desenterrar a Emily? É isso?

Poirot não respondeu.

A srta. Peabody balançou a cabeça, pensativa, como se já tivesse obtido uma resposta.

– Sempre me perguntei – disse ela – como me sentiria... ao ler nos jornais, sabe... Me perguntava se alguém algum dia seria desenterrado em

Market Basing... Não pensei que seria Emily Arundell...

Lançou um olhar repentino e penetrante a Poirot.

– Ela não gostaria disso. Levou isso em consideração, hein?

– Sim, levei.

– Imaginei que sim... O senhor não é bobo! Também não acho que seja intrometido.

Poirot fez uma mesura.

– Obrigado, mademoiselle.

– Mas ninguém diria isso... olhando para o seu bigode. Por que tem um bigode como esse? Gosta dele?

Virei-me de costas, passando mal de tanto rir.

– Na Inglaterra, lamentavelmente o culto ao bigode é negligenciado – defendeu-se Poirot, acariciando o enfeite cabeludo.

– Ah, entendo! Engraçado – disse a srta. Peabody. – Uma vez conheci uma mulher que tinha uma papada e se orgulhava! Ninguém acredita, mas é verdade! Bem, é uma sorte quando gostamos do que Deus nos deu. Em geral é o contrário.

Ela sacudiu a cabeça e suspirou.

– Nunca pensei que haveria um assassinato neste fim de mundo – mais uma vez lançou um olhar penetrante para Poirot. – Quem o cometeu?

– Devo gritar o nome para a senhora aqui, no meio da rua?

– Isso quer dizer que o senhor não sabe. Ou sabe? Ah, bem... sangue ruim... sangue ruim. Gostaria de saber se aquela mulher de Varley envenenou o marido ou não. Faz diferença.

– A senhora acredita em hereditariedade?

A srta. Peabody disse, de repente:

– Preferia que fosse o Tanios. Um estrangeiro! Mas querer não é poder. Bem, é melhor ir andando. Já vi que o senhor não vai me contar nada... Para quem o senhor está trabalhando, aliás?

Poirot respondeu, sério:

– Estou trabalhando para a falecida, mademoiselle.

Sinto dizer que a srta. Peabody recebeu essa observação com um repentino ataque de riso. Controlando-se, disse:

– Perdão. O senhor soou como Isabel Tripp... só isso! Que mulher terrível! A Julia é pior, eu acho. Tão infantil. Nunca gostei daqueles vestidos. Bem, adeus. Viu o dr. Grainger?

– Mademoiselle, a senhora está em dívida comigo. Traiu meu segredo.

A srta. Peabody deu sua característica risada grave.

– Os homens são simplórios! Ele engolira aquele monte de mentiras absurdas que o senhor lhe contou. Ficou furioso quando contei a verdade. Foi embora bufando de raiva! Está procurando pelo senhor.

– Ele me encontrou ontem à noite.

– Ah! Pena que eu não estava lá!

– Eu também acho, mademoiselle – concordou Poirot galantemente.

A srta. Peabody riu e se preparou para ir embora. Dirigiu-se a mim por cima do ombro.

– Adeus, meu jovem. Não vá comprar essas cadeiras. São falsas.

Foi embora, sorrindo.

– Eis uma mulher inteligente – observou Poirot.

– Mesmo que não tenha admirado seu bigode?

– Gosto é uma coisa – ponderou Poirot, seco. – Inteligência é outra.

Entramos na loja e passamos agradáveis vinte minutos olhando ao redor. Saímos sem gastar um tostão e seguimos em direção a Littlegreen House.

Ellen, mais corada do que o habitual, deixou-nos entrar e nos levou até a sala. Em seguida, ouvimos passos na escada, e a srta. Lawson entrou. Parecia ofegante e perturbada. Estava com os cabelos presos com um lenço de seda.

– Desculpe-me por aparecer desta maneira, monsieur Poirot. Estou arrumando alguns armários... São tantas coisas! Creio que os velhos têm tendência a guardá-las. A querida srta. Arundell não era uma exceção... Ficamos com tanta poeira nos cabelos! É impressionante o que as pessoas guardam... Duas dúzias de caixas de costura! Duas dúzias!

– A senhora quer dizer que a srta. Arundell comprou duas dúzias de caixas de costura?

– Sim, guardou e esqueceu de todas... E, é claro, agora as agulhas estão enferrujadas... Uma pena. Costumava dar de presente às empregadas no Natal.

– Ela era muito esquecida, é?

– Ah, muito. Principalmente ao guardar as coisas. Como um cão com um osso, sabe. Era assim que costumávamos falar entre nós. “Não vá dar uma de cachorro com osso”, dizia a ela.

Ela riu e, tirando um pequeno lenço do bolso, de repente começou a fungar.

– Ah, puxa – lamentou, lacrimejando. – Parece tão insensível da minha parte rir deste jeito.

– A senhora tem muita sensibilidade – disse Poirot. – É sensível demais.

– Era o que a minha mãe sempre dizia, monsieur Poirot. "Você é sensível demais, Mina". É um problema, monsieur Poirot, ser tão sensível. Ainda mais quando se precisa ganhar a vida.

– É verdade, mas isso é passado. Agora você é senhora de si. Pode aproveitar a vida, viajar... não tem absolutamente qualquer preocupação ou ansiedade.

– Suponho que sim – concordou a srta. Lawson, desconfiada.

– Claro que sim. Agora, falando sobre os esquecimentos da srta. Arundell, entendo por que a carta demorou tanto a chegar.

Ele explicou as circunstâncias que envolviam a chegada da carta. A srta. Lawson ficou com as bochechas vermelhas e disse, exaltada:

– A Ellen deveria ter me contado! Enviar a carta ao senhor sem me dizer nada foi uma grande impertinência! Ela deveria ter me consultado primeiro. Que impertinência! Não ouvi uma só palavra sobre esse assunto. Deplorável!

– Minha cara, estou certo de que foi tudo feito de boa-fé.

– Ora, acho que foi muito *estranho*. *Muito* estranho! Os criados fazem as coisas mais esquisitas. A Ellen deveria ter lembrado que sou a dona da casa agora.

Levantou-se, cheia de pompa.

– A Ellen era muito devotada à patroa, não era? – perguntou Poirot.

– Sim, creio que sim, mas isso não faz diferença. Eu deveria ter sido avisada!

– O importante é que... recebi a carta – concluiu Poirot.

– Concordo que não adianta criar caso com coisas que já aconteceram, mas, mesmo assim, a Ellen deveria saber que não pode tomar decisões sem falar comigo primeiro!

Parou, com as maçãs do rosto vermelhas.

Poirot ficou em silêncio por um instante e perguntou:

– A senhora queria me ver hoje? De que forma posso lhe ser útil?

A irritação da srta. Lawson arrefeceu tão depressa quanto surgiu. Ela voltou a ficar perturbada e incoerente.

– Bem, na verdade... Sabe, apenas estava me perguntando... Bem, para dizer a verdade, monsieur Poirot, cheguei aqui ontem e, é claro, Ellen me contou que o senhor tinha estado aqui, e eu apenas estava me perguntando... Bem, como o senhor não havia mencionado que viria até aqui... Bem, me pareceu um pouco estranho... e não consegui entender...

– A senhora não entendeu o que vim fazer aqui? – Poirot terminou a frase para ela.

– Eu... Bem... não muito. Não consegui.

Ela olhou para ele, vermelha, mas inquiridora.

– Preciso fazer uma pequena confissão – declarou Poirot. – Infelizmente, permiti que a senhora acreditasse num mal-entendido. A senhora concluiu que a carta que recebi da srta. Arundell dizia respeito a uma pequena quantia de dinheiro provavelmente desviada pelo... sr. Charles Arundell.

A srta. Lawson assentiu com a cabeça.

– Mas, veja bem, não foi o caso... Na verdade, a primeira pessoa que me falou do dinheiro roubado foi a senhora. A srta. Arundell me escreveu a respeito do acidente.

– Do acidente?

– Sim, caiu da escada, pelo que soube.

– Ah, certo, certo... – a srta. Lawson parecia confusa. Ela encarou Poirot, perplexa. – Mas, desculpe, tenho certeza de que é muito estúpido da minha parte, mas por que ela escreveria para o senhor? Sei... na verdade, o senhor já me disse isso... que é um detetive. Você é... médico também? Ou um curandeiro, talvez?

– Não, não sou médico, nem curandeiro. Mas, como os médicos, por vezes tenho interesse nas *assim chamadas* mortes acidentais.

– Mortes acidentais?

– Nas assim chamadas mortes acidentais, eu disse. É verdade que a srta. Arundell não *morreu* na queda, mas poderia ter morrido!

– Ah, puxa vida, sim, o doutor disse isso, mas não entendo...

A srta. Lawson ainda parecia desconcertada.

– A causa do acidente foi a bola de Bob, não foi?

– Sim, sim, foi a bola de Bob.

– Mas não, não foi a bola.

– Desculpe-me, monsieur Poirot, eu mesma vi a bola lá, quando todos descemos correndo.

– A senhora viu a bola, sim, é possível. Mas ela *não causou* o acidente. A causa do acidente, srta. Lawson, foi um fio escuro esticado cerca de trinta centímetros acima *do alto da escada*!

– Mas... mas um cão não poderia...

– Exatamente – apressou-se em responder. – Um cão não poderia fazer isso, não é inteligente o suficiente, ou não é *maldoso* o suficiente... Um *ser humano* colocou o fio lá.

O rosto da srta. Lawson ficou lívido. Levou uma mão trêmula ao rosto.

– Monsieur Poirot, não posso acreditar... O senhor quer dizer que... Mas isso é terrível, muito terrível. Quer dizer que foi de *propósito*?

– Sim, foi de propósito.

– Mas é espantoso. É quase como... como matar uma pessoa!

– Se tivesse sido bem-sucedido, *teria* matado uma pessoa! Em outras palavras, teria sido assassinato!

A srta. Lawson soltou um gritinho agudo.

Poirot continuou, no mesmo tom grave.

– Um prego foi preso no rodapé no alto da escada para permitir que o fio fosse preso. O prego foi envernizado para não aparecer. Diga-me, a senhora se lembra de algum cheiro de verniz?

A srta. Lawson deu outro grito.

– Que coisa! Nossa, é claro! E pensar que nunca me ocorreu... nunca sonhei... mas, também, como poderia? No entanto, realmente me pareceu estranho na ocasião.

Poirot se inclinou para frente.

– Então você pode nos ajudar, mademoiselle. Mais uma vez, pode nos ajudar. *C'est épatant*!

– Então foi isso! Ora, tudo se encaixa.

– Diga-me, por favor. A senhora sentiu cheiro de verniz?

– Sim. É claro. Não sabia o que era. Pensei... nossa... que era tinta... Não, era mais como cera de assoalho. E então, lógico, achei que imaginava coisas.

– Quando foi isso?

– Deixe-me ver... quando foi isso?

– Foi durante o final de semana de Páscoa em que a casa estava cheia de hóspedes?

– Sim, foi naquela ocasião... Mas estou tentando lembrar que dia foi... Deixe-me ver, não foi no domingo. Não, e não foi na terça-feira... que foi a noite em que o dr. Donaldson veio para o jantar. E na quarta-feira, todos haviam ido embora. Não, foi na segunda-feira... dia de feriado bancário. Eu estava insone, bastante preocupada. Sempre fico angustiada nos feriados! Havia carne suficiente apenas para o jantar, e temi que a srta. Arundell pudesse ficar incomodada com isso. Sabe, encomendei o pernil no sábado, e é claro que eu deveria ter pedido quatro quilos, mas achei que dois quilos e meio seriam suficientes, mas a srta. Arundell ficava sempre muito aborrecida se faltava alguma coisa... Ela era muito hospitaleira...

A srta. Lawson deu um suspiro e continuou:

– Então, eu estava acordada pensando se ela iria dizer alguma coisa sobre isso no dia seguinte e, entre uma coisa e outra, passei um longo tempo cochilando. Quando estava quase pegando no sono, algo me acordou, uma espécie de batida, então me sentei na cama e respirei fundo. Claro que tenho pavor de fogo... algumas vezes acho que sinto cheiro de fogo duas ou três vezes por noite. Não seria terrível ficar preso num incêndio? De qualquer modo, senti um cheiro, e inspirei fundo, mas não era fumaça nem nada parecido. E pensei comigo mesma que parecia ser tinta ou cera de assoalho... Mas ninguém poderia sentir aquele tipo de cheiro no meio da noite. Era muito forte. Fiquei sentada inspirando e inspirando, então a vi pelo espelho...

– A viu? Viu quem?

– Pelo meu espelho, sabe, é muito conveniente. Sempre deixava a porta entreaberta para ouvir um eventual chamado da srta. Arundell e para poder enxergá-la caso subisse ou descesse as escadas. Havia uma lâmpada sempre acesa no corredor. Foi por isso que a vi ajoelhada na escada... Theresa, quero dizer. Ela estava ajoelhada mais ou menos no terceiro degrau, com a cabeça abaixada sobre alguma coisa, e pensei: “Que estranho, será que está *doente*?” Quando ela se levantou e saiu, supus que havia escorregado ou coisa parecida. Ou talvez estivesse se abaixando para apanhar algo. Mas, é claro, nunca mais voltei a pensar nisso.

– A batida que a acordou devia ser do martelo – refletiu Poirot.

– Sim, suponho que sim. Mas, monsieur Poirot, que horror! Que horror! Sempre senti que a Theresa talvez fosse um pouco *arredia*, mas daí a fazer algo assim...

– A senhora tem certeza de que era a Theresa?

– Ah, sim!

– Não poderia ser a sra. Tanios ou uma das criadas, por exemplo?

– Não, era a Theresa, sim.

A srta. Lawson balançou a cabeça e murmurou “ah, nossa, ah, nossa” várias vezes.

Poirot a observava de um jeito estranho.

– Permita-me – pediu, de repente – fazer uma experiência. Vamos subir e reconstituir a cena.

– Reconstituir? Ah, é claro... Não sei... Quero dizer, de fato não vejo...

– Eu lhe mostro – disse Poirot, interrompendo as dúvidas com autoridade.

Um pouco agitada, a srta. Lawson abriu caminho até o andar de cima.

– Espero que o quarto esteja arrumado, há tanto a fazer... com uma coisa ou outra... – ela seguiu falando incoerências.

O quarto estava mesmo um pouco atravancado com objetos, obviamente o resultado da arrumação dos armários feita pela srta. Lawson. Com sua incoerência habitual, ela conseguiu indicar sua própria posição, e Poirot pode verificar por si mesmo que era possível avistar parte da escada pelo espelho.

– E agora, madame – ele sugeriu –, se puder sair para reproduzir as ações que viu...

Ainda murmurando “ah, nossa”, a srta. Lawson saiu do quarto para desempenhar seu papel. Poirot ficou no papel de observador.

Concluída a performance, ele saiu até o alto da escada e perguntou qual lâmpada teria ficado acesa.

– Esta aqui... esta mais adiante aqui. Exatamente do lado de fora da porta da srta. Arundell.

Poirot aproximou-se da lâmpada, desconectou-a e a examinou.

– Uma lâmpada de quarenta watts. Não ilumina muito.

– Não, era apenas para que o corredor não ficasse muito escuro.

Poirot refez seus passos até o alto da escada.

– A senhora terá de me perdoar, mas com essa luz fraca, e dada a forma como a sombra cai, é pouco provável que tenha conseguido enxergar com nitidez. A senhora pode garantir que foi a srta. Theresa Arundell, e não uma silhueta feminina?

A srta. Lawson ficou indignada.

– Não mesmo, monsieur Poirot! Tenho certeza *absoluta*! Conheço bem a Theresa! Era ela, com certeza. O vestido escuro e o broche brilhante que usava com suas iniciais... Vi tudo muito bem.

– Então não há duvidas. A senhora viu as iniciais?

– Sim. T.A. Conheço o broche. Theresa o usava sempre. Sim, posso jurar que era Theresa, e jurarei se for necessário!

Havia uma firmeza e uma determinação nas duas últimas frases que destoavam de seus modos habituais.

Poirot olhou para ela. Havia algo curioso em seu olhar. Parecia distante, inquisitivo, com uma estranha determinação.

– A senhora juraria? – perguntou.

– Se... se... for necessário. Mas suponho que... será necessário?

Poirot virou aquele olhar inquisitivo sobre ela.

– Depende do resultado da exumação – respondeu.

– Ex... exumação?

Poirot estendeu a mão para ampará-la. Em sua excitação, a srta. Lawson quase rolou escada abaixo de cabeça.

– Pode ser preciso exumar o corpo – ele disse.

– Ah, mas que desagradável! Mas, quero dizer, tenho certeza de que a família irá se opor a essa ideia.

– É provável.

– Tenho certeza de que sequer vão querer ouvir falar de tal coisa!

– Mas se for uma ordem judicial...

– Monsieur Poirot... por quê? Quero dizer, não é como se... não é como se...

– Não é como se o quê?

– Não é como se houvesse alguma coisa... errada.

– A senhora acha que não?

– Não, é claro que não. Ora, não *poderia* haver! Quero dizer, o médico, a enfermeira e tudo o mais...

– Não fique nervosa – Poirot a tranquilizou.

– Ah, mas não posso evitar! Pobrezinha da srta. Arundell! Theresa nem estava aqui quando a tia morreu.

– Não, ela foi embora na segunda-feira, antes de a tia adoecer, não foi?

– Pela manhã. Bem cedo. Então, veja, não tem nada a ver com o caso!

– Tomara que não – disse Poirot.

– Ah, nossa. – A srta. Lawson juntou as mãos. – Nunca ouvi nada tão horrível! Nem sei direito como estou.

Poirot olhou para o relógio.

– Precisamos partir. Estamos retornando a Londres. E a senhora, madame, permanecerá aqui por mais algum tempo?

– Não, não planejei nada. Na verdade, também vou embora hoje... Vim apenas para passar a noite, queria organizar um pouco as coisas.

– Entendo. Bem, adeus, madame. E me desculpe se a aborreci.

– Ah, monsieur Poirot. *Aborrecer*? Estou me sentindo *péssima*! Ah, nossa... ah, nossa. Que mundo perverso! Que mundo terrível e perverso.

Poirot interrompeu aquelas lamentações segurando as mãos dela com firmeza.

– Muito. E a senhorita ainda está disposta a jurar que viu Theresa Arundell ajoelhada na escada na noite do feriado de Páscoa?

– Sim, estou.

– E pode também jurar que viu uma auréola de luz ao redor da cabeça da srta. Arundell durante a sessão espírita?

A srta. Lawson ficou de queixo caído.

– Ah, monsieur Poirot... não faça piadas com essas coisas.

– Não estou fazendo piada. Estou falando sério.

A srta. Lawson afirmou, com dignidade:

– Não foi bem uma auréola. Foi mais como o princípio de uma manifestação. Uma faixa de luz. Creio que estava começando a formar um rosto.

– Muito interessante. *Au revoir*, madame, e, por favor, mantenha sigilo.

– Ah, claro... claro. Nem em sonho comentaria...

A última imagem que vimos da srta. Lawson foi o seu olhar dócil nos observando da soleira da porta.

Capítulo 23

A visita do dr. Tanios

Mal havíamos saído da casa, os modos de Poirot mudaram. Estava com uma expressão severa e decidida.

– *Dépêchons nous*, Hastings. Temos que voltar para Londres o mais rápido possível.

– Estou indo – apressei o passo para alcançá-lo.

– De quem você suspeita, Poirot? – perguntei. – Gostaria que me dissesse. Você acredita que era Theresa Arundell nas escadas ou não?

Poirot não respondeu. Em vez disso, fez ele próprio uma pergunta.

– Reflita bem antes de responder: ocorreu a você que havia algo errado com o depoimento da srta. Lawson?

– O que quer dizer com algo errado?

– Se eu soubesse, não perguntaria!

– Sim, mas errado em que sentido?

– Esse é o problema. Não consigo saber o que é. Mas, enquanto ela falava, eu tive, de alguma maneira, uma sensação de irrealidade... como se houvesse alguma coisa... algum aspecto que não combina com a história... Sim, era esta a sensação, de algo *impossível*...

– Ela parecia estar certa de que era Theresa.

– Sim, sim.

– Mas, afinal, a luz não era boa. Não entendo como ela pode estar tão segura.

– Não, não, Hastings, você não está me ajudando. Foi algum detalhe, alguma coisa a ver com o quarto... Sim, tenho certeza disso!

– Com o quarto? – repeti, tentando lembrar dos detalhes do aposento. – Não – falei, afinal. – Não posso lhe ajudar.

Poirot sacudiu a cabeça, aborrecido.

– Por que você trouxe à tona aquele negócio de espiritismo de novo? – perguntei.

– Porque é importante.

– Importante por quê? Por causa da auréola iluminada da srta. Lawson?

– Você se lembra da descrição que a srta. Tripp fez da sessão espírita?

– Sei que elas viram uma auréola em volta da cabeça da velha – ri, tentando me controlar. – E pelo que todos falam, ela não era santa! A srta. Lawson parecia morrer de medo dela. Senti muita pena quando descreveu que não conseguia dormir, preocupada por ter encomendado pouca carne.

– Sim, e este foi um toque interessante.

– O que vamos fazer quando chegarmos a Londres? – questionei, quando entramos na pousada e Poirot pediu a conta.

– Precisamos ver Theresa Arundell o mais rápido possível.

– E descobrir a verdade? Mas ela não vai negar tudo de qualquer maneira?

– *Mon cher*, não é crime ajoelhar-se numa escada! Ela podia estar apanhando algo do chão... alguma coisa do gênero!

– E o cheiro de verniz?

Fomos interrompidos naquele momento, quando o garçom chegou com a conta.

No caminho para Londres, conversamos pouco. Não gosto de dirigir conversando, e Poirot ocupou-se tanto em proteger o bigode dos desastrosos efeitos do vento e da poeira que não conseguia falar.

Chegamos ao apartamento perto das vinte para as duas.

George, o imaculado mordomo inglês de Poirot, abriu a porta.

– Um certo dr. Tanios está esperando para vê-lo, senhor. Está aqui há meia hora.

– Dr. Tanios? Onde ele está?

– Na sala de estar. Uma senhora também veio vê-lo. Ficou muito aflita ao saber que o senhor não estava em casa. Isso foi antes de eu receber a sua mensagem por telefone, então não soube dizer a ela quando o senhor retornaria a Londres.

– Descreva esta senhora.

– Cerca de um metro e setenta, com cabelos escuros e olhos azul-claros. Estava usando um casaco cinza, saias e um chapéu inclinado para

trás, em vez de para o lado direito.

– A sra. Tanios – concluí em voz baixa.

– Parecia muito nervosa, senhor. Disse que era da maior importância encontrá-lo o quanto antes.

– A que horas foi isso?

– Por volta das dez e meia.

Poirot sacudiu a cabeça ao passar para a sala de estar.

– É a segunda vez que perco a chance de ouvir o que a sra. Tanios tem a dizer. O que me diz, Hastings? Será o destino?

– A terceira vez trará sorte – consolei-o.

Poirot sacudiu a cabeça.

– Será que haverá uma terceira vez? Começo a duvidar. Venha, vamos ouvir o que o marido tem a dizer.

O dr. Tanios estava sentado numa poltrona, lendo um dos livros de psicologia de Poirot. Levantou-se num pulo e nos cumprimentou.

– Perdoe-me a intrusão. Espero que não se importe por eu ter aparecido e ficado à sua espera.

– *Du tout, du tout*. Por favor, sente-se. Permita-me oferecer-lhe um cálice de xerez.

– Muito obrigado. Na verdade, tenho uma justificativa. Monsieur Poirot, estou preocupadíssimo com a minha esposa.

– Com a sua esposa? Sinto muito! Qual é o problema?

Tanios respondeu:

– Talvez o senhor a tenha visto recentemente?

Parecia uma pergunta bastante natural, mas o olhar rápido que a acompanhou não foi.

Poirot respondeu de forma direta.

– Não, não desde que a vi no hotel com o senhor ontem.

– Ah... Pensei que ela talvez pudesse ter vindo vê-lo.

Poirot estava ocupado servindo três cálices de xerez.

Falou numa voz distraída:

– Não. Que motivo ela teria para me procurar?

– Nenhum – o dr. Tanios aceitou o cálice de xerez. – Muito obrigado. Muito obrigado mesmo. Não, não havia nenhum motivo, mas, para ser sincero, estou muito preocupado com o estado de saúde da minha esposa.

– Ah, ela não é forte?

– Sua saúde física – respondeu Tanios devagar – é boa. Mas não posso dizer o mesmo de sua saúde mental.

– É?

– Receio, monsieur Poirot, que ela esteja à beira de um esgotamento nervoso.

– Meu caro dr. Tanios, sinto muitíssimo.

– Seu estado tem piorado já há algum tempo. Durante os últimos dois meses, passou a me tratar de modo diferente. Ela anda nervosa, assusta-se por nada e tem os mais estranhos caprichos... Na verdade, são mais do que caprichos: são *delírios*!

– É mesmo?

– Sim. Ela está sofrendo do que é comumente conhecido como mania de perseguição... uma moléstia bem conhecida.

Poirot lastimou, emitindo uma exclamação.

– O senhor pode imaginar a minha ansiedade!

– Claro que sim! Mas o que não entendo é por que o senhor me procurou. Como posso ajudá-lo?

O dr. Tanios pareceu um pouco constrangido.

– Ocorreu-me que a minha esposa tivesse vindo... ou ainda possa vir... procurá-lo com alguma história extraordinária. É capaz de dizer que está correndo riscos por minha causa... algo do gênero.

– Mas por que viria a mim?

O dr. Tanios sorriu. Era um sorriso charmoso e cordial, ainda que melancólico.

– O senhor é um detetive famoso, monsieur Poirot. Percebi na hora que a minha esposa ficou impressionada ao conhecê-lo. O simples fato de conhecer um detetive seria suficiente para causar nela um forte impacto. Acho bastante provável que o procure, e, bem, que lhe faça confidências. É assim que essas alterações nervosas se manifestam! O doente tem a tendência de se voltar contra os mais chegados e queridos.

– Uma lástima!

– Sim, é verdade. Gosto muito da minha esposa – havia um carinho profundo em sua voz. – Sempre considerei muito corajoso da parte dela se casar comigo, um homem de outra nacionalidade, e ir viver num país distante, deixando para trás amigos e conhecidos. Nos últimos dias, tenho estado bastante perturbado... Vejo apenas uma solução...

– Sim?

– Repouso absoluto e tranquilidade... e um tratamento psicológico adequado. Conheço uma clínica ótima, administrada por um homem muito competente. Quero levá-la para lá. Fica em Norfolk. Descanso absoluto e isolamento total das influências externas é o que ela precisa. Estou convencido que depois de passar um ou dois meses sob tratamento, ficará melhor.

– Entendo – disse Poirot.

Proferiu a palavra de modo objetivo, sem deixar qualquer indício dos sentimentos que o moviam.

Tanios voltou a lhe lançar um rápido olhar.

– É por isso que, se ela vier até o senhor, agradeceria se fosse avisado na mesma hora.

– Sem dúvida! Eu lhe telefono. O senhor está ainda no Hotel Durham?

– Sim. Estou voltando para lá agora.

– E a sua esposa saiu?

– Saiu logo depois do café da manhã.

– Sem lhe dizer onde ia?

– Sem dizer uma palavra. O que não é de seu feitio.

– E as crianças?

– Estão com ela.

– Entendo.

Tanios levantou-se.

– Agradeço muito, monsieur Poirot. Nem preciso avisá-lo para não dar atenção a eventuais histórias mirabolantes de intimidação e perseguição que ela lhe contar. Infelizmente, faz parte da doença.

– Uma lástima! – comentou Poirot, com empatia.

– Sim. Mesmo sabendo, do ponto de vista médico, que isso é parte de uma doença mental conhecida, é impossível não ficar magoado quando alguém querido se volta contra você e todo o seu afeto se transforma em desgosto.

– O senhor tem a minha mais profunda solidariedade – disse Poirot apertando a mão do convidado. – A propósito... – a voz de Poirot chamou a atenção de Tanios quando ele já estava na porta.

– Sim?

– O senhor prescreve cloral para a sua esposa?

Tanios fez um movimento assustado.

– Eu... não... posso até ter prescrito. Mas não ultimamente. Ela parece ter ficado com aversão a soníferos.

– Ah! Suponho que seja por não confiar no senhor?

– Monsieur Poirot!

Tanios aproximou-se furioso.

– Isso faria parte da doença – suavizou Poirot.

Tanios parou.

– Sim, sim, é claro.

– É provável que ela fique desconfiada de qualquer coisa que o senhor lhe dê para comer ou beber. Talvez suspeite que o senhor queira envenená-la.

– Minha nossa, monsieur Poirot, o senhor tem toda a razão! Conhece casos assim, então?

– Vemos problemas semelhantes de vez em quando na minha profissão. Mas não vou mais tomar o seu tempo. Ela pode estar à sua espera no hotel.

– É verdade. Espero que sim. Estou numa angústia terrível.

Saiu apressado da sala.

Poirot correu para o telefone. Folheou as páginas da lista telefônica e procurou por um número.

– Alô... alô... é do Hotel Durham? Pode me dizer se a sra. Tanios está? O quê? T-a-n-i-o-s. Sim, isso mesmo. Sim? Sim? Ah, entendo.

Colocou o aparelho no gancho.

– A sra. Tanios deixou o hotel de manhã cedo. Ela retornou às onze horas, esperou no táxi enquanto a bagagem era trazida do quarto e partiu.

– Será que Tanios sabe que ela levou a bagagem?

– Acho que ainda não.

– Para onde será que foi?

– É impossível saber.

– Você acha que voltará para cá?

– É possível. Não posso dizer.

– Talvez ela escreva...

– Talvez.

– O que podemos fazer?

Poirot sacudiu a cabeça. Parecia preocupado e aflito.

– Nada, no momento. Vamos almoçar e então iremos visitar Theresa Arundell.

– Você acredita que era ela na escada?

– É impossível dizer. Uma coisa garanto: a srta. Lawson não viu o rosto. Ela viu uma figura alta em um vestido escuro, só isso.

– E o broche?

– Meu caro, um broche não faz parte da anatomia de ninguém! Pode ter sido tirado do dono. Pode ser perdido, emprestado ou até mesmo roubado.

– Em outras palavras, você não quer acreditar que Theresa Arundell é culpada?

– Quero ouvir o que ela tem a dizer.

– E se a sra. Tanios voltar?

– Vou cuidar disso.

George trouxe uma omelete.

– Ouça, George – disse Poirot. – Se aquela senhora voltar, peça que espere. Se o dr. Tanios chegar enquanto ela estiver aqui, não o deixe entrar sob qualquer hipótese. Se ele perguntar se a esposa está aqui, diga-lhe que não. Entendeu?

– Sim, senhor.

Poirot atacou a omelete.

– Este negócio está se complicando – comentou. – Precisamos agir com muito cuidado. Senão... o assassino vai atacar de novo.

– Se isso acontecer, você poderá pegá-lo.

– É bem provável, mas prefiro um inocente vivo a um criminoso preso. Temos de prosseguir com muito, muito cuidado.

Capítulo 24

A negação de Theresa

Encontramos Theresa Arundell preparando-se para sair.

Ela estava belíssima. Um pequeno chapéu de última moda caía casualmente por cima de um dos olhos. Percebi, para meu divertimento, que Bella Tanios usava uma imitação barata do mesmo chapéu no dia anterior, como George falara, inclinado para trás em vez de para o lado. Lembrei-me bem de como ela o empurrara cada vez mais para trás sobre os cabelos desarrumados.

Poirot perguntou, educado:

– Posso tomar alguns minutos do seu tempo, mademoiselle, ou isso irá atrasá-la muito?

Theresa riu.

– Ah, não importa. Estou sempre 45 minutos atrasada para tudo. Posso muito bem me atrasar uma hora.

Ela o levou para a sala de estar. Para minha surpresa, o dr. Donaldson se levantou da cadeira perto da janela.

– Você já conhece o monsieur Poirot, Rex?

– Sim, nos conhecemos em Market Basing – respondeu Donaldson, em tom formal.

– Soube que o senhor estava fingindo que ia escrever a biografia do meu ébrio avô – disse Theresa. – Rex, meu anjo, você nos deixaria a sós?

– Obrigado, Theresa, mas acho que é aconselhável que eu esteja presente durante esta conversa.

Houve um rápido duelo de olhares. O de Theresa estava no comando. O de Donaldson estava impenetrável. Ela mostrou um breve lampejo de raiva.

– Tudo bem, pode ficar então, seu chato!

O dr. Donaldson parecia imperturbável.

Ele voltou a se sentar perto da janela, colocando o livro no braço da cadeira. Notei que era sobre glândulas pituitárias.

Theresa sentou-se em seu banquinho preferido e olhou impaciente para Poirot.

– Bem, o senhor conversou com Purvis? E então?

Poirot respondeu, com uma voz reservada:

– Há... possibilidades, mademoiselle.

Ela olhou para ele, pensativa. Lançou um olhar muito discreto na direção do médico. Isso foi, penso eu, uma advertência a Poirot.

– Mas é melhor – prosseguiu Poirot – conversarmos mais tarde, quando meus planos estiverem mais palpáveis.

Um meio sorriso surgiu por um instante no rosto de Theresa.

Poirot continuou:

– Vim hoje de Market Basing e, quando estive lá, conversei com a srta. Lawson. Diga-me, mademoiselle, na noite do dia 13 de abril (a noite do feriado de Páscoa), a senhorita se ajoelhou na escada depois que todos haviam ido para cama?

– Meu caro Hercule Poirot, que pergunta! Por que eu faria isso?

– A questão, mademoiselle, não é por que faria, mas se fez.

– Não sei. Acho muito improvável.

– Sabe, mademoiselle, a srta. Lawson disse que sim.

Theresa encolheu os ombros atraentes.

– Isso importa?

– Importa muito.

Ela o encarou com uma expressão amena. Poirot a encarou de volta.

– Loucura! – exclamou Theresa.

– *Pardon*?

– Que loucura! – exclamou Theresa. – Você não acha, Rex?

O dr. Donaldson tossiu.

– Com licença, monsieur Poirot, mas qual é o objetivo da pergunta?

Meu amigo abriu as mãos.

– É muito simples! Alguém prendeu um prego numa posição conveniente no alto da escada. O prego foi pintado com verniz marrom para combinar com o rodapé.

– É algum tipo de bruxaria? – perguntou Theresa.

– Não, mademoiselle, é muito mais trivial e simples do que isso. Na noite seguinte, terça-feira, alguém amarrou um fio esticado do prego a um dos balaústres da escada, assim, quando a srta. Arundell saiu do seu quarto, tropeçou nele e caiu escada abaixo.

Theresa respirou fundo.

– Mas foi a bola do Bob!

– *Pardon*, não foi não.

Houve uma pausa, quebrada por Donaldson, que questionou com voz baixa e incisiva:

– Com licença, mas que evidência o senhor tem para sustentar essa declaração?

Poirot respondeu com calma:

– A evidência do prego, a evidência da carta escrita pela própria srta. Arundell e, finalmente, a evidência do testemunho da srta. Lawson.

Theresa conseguiu dizer:

– Ela diz que fiz isso, não é?

Poirot não respondeu, apenas inclinou de leve a cabeça.

– Ora, é mentira! Não tenho nada a ver com isso!

– A senhorita se ajoelhou nas escadas por algum outro motivo?

– Não me ajoelhei nas escadas de jeito nenhum!

– Cuidado, mademoiselle.

– Eu não estava lá! Não saí do meu quarto depois de ter ido para cama em nenhuma das noites que passei lá!

– A srta. Lawson a reconheceu.

– Provavelmente viu Bella Tanios ou alguma criada.

– Ela disse que foi a senhorita.

– Ela é uma grande mentirosa!

– Ela reconheceu o vestido e o broche que usa.

– Broche... que broche?

– Um broche com as suas iniciais.

– Ah, sei qual é! Mas que mentirosa!

– Continua negando ter sido a senhorita que ela viu?

– Se for a minha palavra contra a dela...

– A senhorita mente melhor do que ela... É isso?

Theresa respondeu com calma:

– Pode até ser que sim. Mas neste caso estou falando a verdade. Eu não estava preparando uma armadilha, nem rezando, nem juntando moedas na escada.

– Tem o broche que foi mencionado?

– Sim. O senhor quer vê-lo?

– Se for possível, mademoiselle.

Theresa levantou-se e deixou a sala. Houve um silêncio constrangedor. O dr. Donaldson olhou para Poirot como olharia para um espécime anatômico.

Theresa voltou.

– Aqui está.

Ela quase atirou o broche em Poirot.

Era um broche cromado ou de aço, com a inscrição das letras “T.A.” num círculo. Tenho de admitir que era grande e chamativo o suficiente para ser facilmente identificado no espelho da srta. Lawson.

– Não o uso mais agora. Enjoei dele – informou Theresa. – Londres está repleta deles. Qualquer criada tem um.

– Mas foi caro quando a senhorita o comprou?

– Ah, sim. No começo, eram bastante exclusivos.

– Quando foi isso?

– No Natal passado, acho. Sim, foi nessa época.

– A senhorita nunca o emprestou a alguém?

– Não.

– A senhorita estava com ele em Littlegreen House?

– Acho que sim. Sim, estava. Lembro-me disso.

– A senhorita o guardou? Sempre o manteve consigo enquanto esteve lá?

– Não, não guardei. Lembro que o prendi num casaco verde. E usei o mesmo casaco todos os dias.

– E à noite?

– Ainda estava preso no casaco.

– E o casaco?

– Ora, que inferno, larguei o casaco numa cadeira.

– A senhorita tem certeza de que ninguém removeu o broche e o prendeu de volta no dia seguinte?

– Diremos isto no tribunal se o senhor quiser... se acha que esta é a mentira mais convincente! Na verdade, tenho certeza de que nada disso aconteceu! Pode até ser que alguém esteja armando contra mim... mas não acho que seja verdade.

Poirot franziu as sobrancelhas. Levantou-se, prendeu o broche com cuidado na lapela do casaco e aproximou-se de um espelho na outra extremidade da sala. Ficou em frente ao espelho e moveu-se lentamente para trás, a fim de avistar o broche de longe.

Soltou um grunhido.

– Mas que imbecil eu sou! É claro!

Voltou e devolveu o broche a Theresa com uma reverência.

– Tem razão, mademoiselle. O broche ficou com a senhorita! Eu é que estava sendo lamentavelmente obtuso.

– Gosto de modéstia – observou Theresa, prendendo o broche à roupa. Encarou Poirot. – Algo mais? Preciso sair.

– Nada que não possa ser discutido mais tarde.

Theresa caminhou em direção à porta. Poirot continuou com uma voz calma:

– Há a questão da exumação, é verdade...

Theresa ficou estática, deixando o broche cair no chão.

– Como é?

Poirot respondeu:

– É possível que o corpo da srta. Emily Arundell venha a ser exumado.

Theresa ficou parada, apertando as mãos.

Ela disse em voz baixa e irritada:

– Isso é coisa *sua*? Não se pode fazer isso sem a solicitação da família!

– Não é verdade, mademoiselle. Isso pode ser feito com uma ordem judicial.

– Meu Deus! – exclamou Theresa.

Ela se virou e ficou andando de um lado para o outro.

Donaldson murmurou:

– Não há necessidade para ficar tão perturbada, Tessa. Ouso dizer que, vendo de fora, a ideia não é muito agradável, mas...

Ela o interrompeu.

– Não seja bobo, Rex!

Poirot perguntou:

– A ideia a incomoda, mademoiselle?

– É claro que sim! Não é decente. Pobre tia Emily. Por que diabos teria de ser exumada?

– Presumo – disse Donaldson – que haja alguma dúvida em relação à causa da morte? – Olhou intrigado para Poirot. – Confesso que estou surpreso. Acho que não há dúvidas de que a srta. Arundell morreu de causas naturais, após uma longa enfermidade.

– Você me falou algo sobre um coelho e sobre problemas de fígado uma vez – disse Theresa. – Não me lembro bem agora, mas parece que você infectava o coelho com o sangue de uma pessoa com atrofia do fígado, depois injetava o sangue do coelho num segundo coelho, e depois o sangue deste coelho numa pessoa saudável, e então ela ficaria doente do fígado.

– Este foi apenas um exemplo do princípio das vacinas – disse o dr. Donaldson.

– Pena que haja tantos coelhos nessa história! – Theresa disse com uma gargalhada. – Nenhum de nós cria coelhos.

Ela se dirigiu a Poirot, com um tom de voz alterado:

– Monsieur, isso é verdade? – perguntou.

– É verdade, sim, mas... há maneiras de evitar tal contingência, mademoiselle.

– Então evite! – sua voz era quase um sussurro. Soava urgente, como num apelo. – Evite a *qualquer custo*!

Poirot se levantou.

– Essas são as suas instruções? – Sua voz era formal.

– Essas são as minhas instruções.

– Mas Tessa... – Donaldson interrompeu.

– Fique quieto! Ela era *minha tia*, não era? Por que uma tia *minha* haveria de ser desenterrada? Não vê que sairá nos jornais e haverá falatórios e aborrecimentos de todo o tipo?

Ela se dirigiu a Poirot de novo.

– O senhor precisa impedir isso! Eu lhe dou carta branca. Faça o que quiser, mas *impeça isso*!

Poirot fez uma mesura.

– Farei o possível. *Au revoir*, mademoiselle, *au revoir*, doutor.

– Ora, vá logo! – choramingou Theresa. – E leve junto o seu cão de guarda. Gostaria de nunca ter posto os olhos em nenhum de vocês dois!

Saímos da sala. Desta vez, Poirot não colocou o ouvido na porta, mas ficou se demorando.

E não foi em vão. A voz de Theresa elevou-se, contrariada:

– Não me olhe assim, Rex. – E, de repente, mudou o tom: – Querido!

Ele respondeu com sua voz incisiva:

– Aquele homem nos trará problemas.

Poirot sorriu e me puxou direto pela porta da frente.

– Venha, cão de guarda – falou. – *C'est drôle, ça!*

Pessoalmente, achei a piada de mau gosto.

Capítulo 25

Pausa para reflexão

Enquanto corria atrás de Poirot, cheguei à conclusão de que não tinha mais dúvidas. A srta. Arundell fora assassinada, e Theresa sabia disso. Mas seria ela mesma a criminosa ou haveria outra explicação?

Ela estava com medo, sim. Mas por si mesma ou por outra pessoa? Poderia essa outra pessoa ser o jovem médico, quieto e comedido, com seu comportamento calmo e arrogante?

Teria a velha morrido de uma doença provocada artificialmente?

Até certo ponto, tudo parecia fazer sentido – as ambições de Donaldson, sua crença de que Theresa herdaria o dinheiro com a morte da tia e até mesmo o fato de ele ter ido jantar lá na noite do acidente. Seria fácil deixar uma janela aberta e voltar na calada da noite para amarrar o fio assassino na escada. Mas como colocar o prego?

Não, Theresa deve ter feito isso. Theresa, com o noivo cúmplice. Trabalhando juntos, tudo parecia óbvio. Nesse caso, é provável que tenha sido Theresa quem prendeu o fio. O primeiro crime, o crime que falhara, fora obra dela. O segundo crime, o que obtivera êxito, foi a obra-prima científica de Donaldson.

Sim, tudo se encaixava.

Mesmo assim, ainda restavam algumas dúvidas. Por que Theresa mencionara toda aquela história sobre induzir doenças no fígado de seres humanos? Era quase como se não conseguisse enxergar a verdade... Mas, nesse caso... Senti a minha mente perder-se naquele quebra-cabeça e interrompi minhas especulações para perguntar:

– Aonde estamos indo, Poirot?

– De volta ao meu apartamento. É possível que encontremos a sra. Tanios lá.

Meus pensamentos começaram a seguir um curso diferente.

A sra. Tanios! Outro mistério! Se Donaldson e Theresa eram culpados, qual era o papel dela e do marido sorridente? O que queria dizer a Poirot, e qual o motivo da ansiedade de Tanios para impedi-la de falar?

– Poirot – falei, com modéstia –, estou ficando confuso. Todos estão envolvidos, é isso?

– Assassinato em quadrilha? Uma família de assassinos? Não, não desta vez. Há a marca de um cérebro, e apenas um. O perfil psicológico está muito claro.

– Você quer dizer que ou Theresa ou Donaldson cometeu o crime, mas não os dois? Então ele conseguiu fazer com que ela colocasse o prego na escada sob algum pretexto inocente?

– Meu caro, desde o momento em que ouvi a história da srta. Lawson, percebi que existiam três possibilidades: que ela estivesse dizendo a verdade; que ela tivesse inventado a história por algum motivo; ou que ela acreditasse na própria história, mas que se baseava no reconhecimento do broche e, como já lhe disse, é fácil tirar um broche de alguém.

– Sim, mas Theresa insiste que usou o broche o tempo todo.

– E ela está certa. Deixei passar um fato pequeno, porém bastante significativo.

– Não é do seu feitio – observei em tom solene.

– N’est ce pas? Mas um homem comete seus lapsos.

– O tempo dirá.

– O tempo não tem nada a ver com isso – retrucou Poirot.

– Bom, que fato significativo era esse? – perguntei enquanto chegávamos à entrada do prédio.

– Vou lhe mostrar.

Tínhamos acabado de chegar ao apartamento.

George abriu a porta. Em resposta à ansiosa pergunta de Poirot, balançou a cabeça.

– Não, senhor, a sra. Tanios não apareceu. Nem telefonou.

Poirot foi para a sala de estar. Caminhou de lá para cá por alguns minutos. Pegou o telefone. Ligou primeiro para o Hotel Durham.

– Sim... Sim, por favor. Ah, dr. Tanios, aqui é Hercule Poirot. Sua esposa já retornou? Ah, não chegou. Levou a bagagem, o senhor diz... E as crianças... O senhor não faz ideia para onde ela foi... Sim, claro...

Perfeitamente... Os meus serviços podem lhe ser úteis? Tenho alguma experiência nesses assuntos... Essas coisas podem ser resolvidas com discrição... Não, não... Sim, claro que isso é verdade... Lógico... Lógico. Respeitarei sua vontade.

Desligou, pensativo.

– Ele não sabe onde a esposa está. Acho que foi sincero. A ansiedade em sua voz é inconfundível. Ele não quer ir à polícia, o que é compreensível. Sim, entendo. Ele também não quer a minha ajuda, e isso já é mais difícil de entender... Quer encontrá-la, mas não quer que eu a encontre... Não, definitivamente não quer que eu a encontre... Parece seguro de que pode cuidar do assunto sozinho. Não acha que ela possa ficar escondida por muito tempo, pois tem pouco dinheiro consigo. E está com as crianças. Sim, creio que ele possa encontrá-la sem muita demora. Mas acho, Hastings, que devemos ser mais rápidos do que ele. É importante que sejamos.

– Acha que ela é meio maluca? – perguntei.

– Creio que ela está passando por um grave esgotamento nervoso.

– Mas não a ponto de ser mandada a uma clínica psiquiátrica?

– Não, isso não.

– Sabe, Poirot, não entendo bem tudo isso.

– Você me perdoe, Hastings, mas você não entende nada!

– Há tantas questões paralelas!

– É natural que haja questões paralelas. Separar a questão principal das outras é a principal tarefa de uma mente lúcida.

– Diga, Poirot, você sabia o tempo todo que havia oito suspeitos, e não sete?

– Aventei essa possibilidade desde que Theresa Arundell mencionou ter visto o dr. Donaldson pela última vez quando ele jantou em Littlegreen House no dia 14 de abril.

– Não compreendo – interrompi.

– O que você não compreende?

– Bem, se Donaldson planejava se livrar da srta. Arundell por meios científicos, por inoculação, quero dizer, não compreendo por que lançou mão de um artifício tão canhestro quanto um fio atravessado numa escada.

– En verité, Hastings, há momentos em que perco a paciência com você! Um dos métodos é altamente científico e exigiu conhecimentos

especializados. Não é?

– Sim.

– O outro é um método simples, que qualquer um executaria. Concorda?

– Sim, concordo.

– Então pense, Hastings. Pense. Recoste-se na cadeira, feche os olhos, faça uso de sua massa cinzenta.

Obedeci. Quer dizer, me reclinei na cadeira, fechei os olhos e tentei seguir a terceira parte das instruções de Poirot. O resultado, no entanto, não esclareceu muito os fatos.

Ao abrir os olhos, Poirot me olhava com a atenção que uma enfermeira dedica a uma criança sob seus cuidados.

– Eh bien?

Fiz um esforço desesperado para imitar suas maneiras.

– Bem, acho que a pessoa que planejou a armadilha original não é o tipo de pessoa que planejaria um assassinato baseado em métodos científicos.

– Isso mesmo.

– E duvido que uma mente treinada para as complexidades da ciência pensasse em algo tão infantil como o plano do acidente; seria depender da sorte.

– Ótimo raciocínio.

Empolgado, continuei:

– Portanto, a única solução lógica parece ser esta: as duas tentativas foram planejadas por duas pessoas diferentes. Estamos lidando com tentativas de assassinato feitas por duas pessoas diferentes.

– Você não acha que isso é coincidência demais?

– Você mesmo disse certa vez que quase sempre há coincidências em casos de assassinato.

– Sim, é verdade. Tenho de admitir.

– Muito bem, então.

– E quem você sugere como criminosos?

– Donaldson e Theresa Arundell. Um médico é o perfil mais indicado para a tentativa de assassinato bem-sucedida. Por outro lado, sabemos que Theresa está envolvida na primeira tentativa. Acho que é possível que eles tenham agido de modo independente.

– Você gosta tanto de dizer “sabemos”, Hastings. Posso assegurar que, não importa o que você saiba, eu não sei se Theresa estava envolvida.

– Mas a história da srta. Lawson...

– A história da srta. Lawson é a história da srta. Lawson. Só isso.

– Mas ela diz...

– Ela diz, ela diz... Você está sempre pronto a tomar o que as pessoas dizem como fatos certos e garantidos. Agora ouça, *mon cher*, eu lhe disse que havia alguma coisa errada na história da srta. Lawson, não disse?

– Sim, eu me lembro. Mas você não sabia ao certo o que era.

– Bom, agora eu sei. Espere um momento e lhe mostro o que eu, imbecil que sou, devia ter visto na hora.

Foi até a mesa e, abrindo uma gaveta, pegou um cartão de papel. Cortou-o com uma tesoura, sinalizando para que eu não olhasse.

– Paciência, Hastings, já vamos dar continuidade ao nosso experimento.

Desviei os olhos, obediente.

Em alguns instantes, Poirot soltou uma exclamação satisfeita. Largou a tesoura, jogou os restos do cartão no lixo e caminhou na minha direção.

– Não olhe ainda. Continue desviando o olhar enquanto prendo uma coisa na sua lapela.

Obedeci. Satisfeito ao finalizar o procedimento, Poirot ajudou-me a levantar e guiou-me através da sala até o quarto ao lado.

– Agora, Hastings, olhe-se no espelho. Você está usando um elegante broche com as suas iniciais, só que, *bien entendu*, ele não é cromado, nem de aço, platina ou ouro, mas de um simples pedaço de cartolina!

Olhei para o reflexo e sorri. Poirot tem uma habilidade manual incomum. Eu usava uma imitação bastante convincente do broche de Theresa Arundell: um círculo emoldurando minhas iniciais, A.H.

– *Eh bien*, está satisfeito? Você tem aí um elegante broche com suas iniciais.

– Um belíssimo exemplar – concordei.

– Ele não brilha nem reflete a luz, mas você diria que esse broche pode ser visto com clareza de uma certa distância?

– Nunca duvidei.

– Lógico. Duvidar não é o seu forte. Ter fé é mais o seu estilo. E agora, Hastings, por favor, tire o casaco.

Intrigado, fiz o que me pediu. Poirot desfez-se do próprio casaco e vestiu o meu, afastando-se um pouco enquanto isso.

– E agora repare como o broche com as suas iniciais me cai bem.

Ele se virou. Eu o encarei por um momento, perplexo. Então percebi.

– Que grande idiota eu sou! É claro, é H.A. no broche, não A.H.

Poirot sorriu para mim enquanto vestia suas próprias roupas e me alcançava as minhas.

– Exatamente... Percebe agora o que havia de errado na história da srta. Lawson? Ela afirmou que viu as iniciais de Theresa no broche. Mas viu Theresa pelo espelho. Então, se de fato viu as iniciais, deve tê-las visto invertidas.

– Bem, talvez ela tenha visto, mas pode também ter percebido que estavam invertidas – argumentei.

– *Mon cher*, só agora isso lhe ocorreu? Você não exclamou: "Rá! Poirot, você se enganou e inverteu as letras". Não, você não disse isso. E você é bem mais inteligente do que a srta. Lawson. Não me diga que uma mulher com uma cabeça fraca como aquela acordou de repente e ainda meio dormindo percebeu que A.T. era na realidade T.A. Não, isso não condiz com mentalidade da srta. Lawson.

– Ela insistiu que foi Theresa – falei devagar.

– Você está se aproximando, meu amigo. Lembra quando insinuei que ela não podia ter visto o rosto de ninguém na escada? O que ela fez, logo em seguida?

– Lembrou-se do broche de Theresa e fixou-se nisso, esquecendo que o simples fato de tê-lo visto pelo espelho desmentia a própria história.

O telefone tocou, e Poirot foi atender.

Falou pouco e foi evasivo.

– Sim? Sim... claro. Sim, muito conveniente. À tarde, creio. Sim, às duas está ótimo.

Desligou o telefone e se virou para mim com um sorriso.

– O dr. Donaldson está ansioso para falar comigo. Virá aqui amanhã à tarde, às duas horas. Estamos progredindo, *mon ami*, estamos progredindo!

Capítulo 26

A sra. Tanios se recusa a falar

Quando cheguei, após o café da manhã, no dia seguinte, encontrei Poirot ocupado em sua escrivaninha.

Fez uma saudação e deu continuidade à sua tarefa. Depois, juntou as folhas, guardou-as em um envelope e selou-o com cuidado.

– Bem, meu velho, o que está fazendo? – perguntei em tom de brincadeira. – Registrando as informações para serem guardadas em segurança caso alguém o elimine no decorrer do dia?

– Sabe, Hastings, você não está tão errado quanto pensa.

Poirot estava sério.

– Nosso assassino está prestes a ficar perigoso?

– Um assassino é sempre perigoso – respondeu Poirot, grave. – É impressionante que isso passe despercebido com tanta frequência.

– Alguma novidade?

– O dr. Tanios ligou.

– Ainda sem pistas da esposa?

– Sim.

– Então está tudo bem.

– Imagino que sim.

– Desembuche, Poirot, você não acha que alguém se livrou dela, acha?

Poirot balançou a cabeça, em dúvida.

– Confesso – murmurou – que gostaria de saber onde ela está.

– Ah, ela vai aparecer.

– Seu otimismo me diverte, Hastings!

– Meu Deus, Poirot, você não acha que ela vai aparecer esquartejada ou desmembrada em uma mala?

Poirot respondeu devagar:

– Acho a ansiedade do dr. Tanios excessiva, mas não mais do que isso. A primeira coisa a fazer é interrogar a srta. Lawson.

– Você vai apontar o erro sobre o broche?

– Lógico que não. Isso será minha carta na manga até que o momento certo apareça.

– Então, o que dirá a ela?

– Isso, *mon ami*, você saberá no devido tempo.

– Mais mentiras, suponho?

– Às vezes você fica um tanto desagradável, Hastings. Quem o ouvisse poderia pensar que gosto de mentir.

– Mas acho mesmo que gosta. Na verdade, tenho certeza.

– É verdade que às vezes fico orgulhoso da minha própria engenhosidade – confessou Poirot com inocência.

Não pude conter uma risada. Poirot olhou-me com ar de reprovação, e partimos para Clanroyden Mansions.

Fomos conduzidos à mesma sala de estar atravancada, e a srta. Lawson chegou fazendo barulho, e ainda mais incoerente do que de costume.

– Oh, céus, monsieur Poirot, bom dia. Tanto a fazer. Está tudo tão desarrumado. Enfim, tudo está de cabeça para baixo essa manhã. Desde que Bella chegou…

– O que disse? Bella?

– Sim, Bella Tanios. Ela apareceu há meia hora, com as crianças, completamente exausta, a coitadinha! Não sei o que fazer. Sabe, ela deixou o marido.

– Deixou o marido?

– É o que diz. É claro, não tenho dúvidas de que ela tem toda a razão, pobrezinha.

– Ela confiou isso a você?

– Bem... não exatamente. Na verdade, ela não quer conversar. Só repete que o deixou e que nada vai fazê-la voltar para ele!

– Uma decisão seríssima!

– É claro que sim! Veja bem, se ele fosse inglês, eu a teria aconselhado a reconsiderar... mas ele não é... E ela está agindo de um jeito tão estranho, coitadinha, tão assustada. O que ele pode ter feito a ela? Acho que os turcos são terrivelmente cruéis às vezes.

– O dr. Tanios é grego.

– Sim, claro, é o contrário, quer dizer, os gregos são aqueles que os turcos massacram, ou são os armênios? Ora, dá tudo na mesma, não gosto de pensar nisso. Não acho que ela deva voltar para ele, o senhor concorda, monsieur Poirot? De qualquer forma, disse que não vai... Nem mesmo quer que ele saiba onde está.

– É tão ruim assim?

– Sim, sabe, tem as crianças. Ela morre de medo que ele as leve de volta para Esmirna. Pobrezinha, está mesmo muito mal. Não tem dinheiro, dinheiro nenhum, não sabe para onde ir nem o que fazer. Ela quer se sustentar, mas, verdade seja dita, monsieur Poirot, não é tão fácil quanto parece. Sei disso. Não tem prática para nada!

– Quando ela deixou o marido?

– Ontem. Ela passou a noite em um pequeno hotel perto de Paddington. Veio a mim porque não conseguia pensar em mais ninguém a quem recorrer, pobrezinha.

– E a senhora vai ajudá-la? Isso é muito gentil da sua parte.

– Bem, monsieur Poirot, é o meu dever. Mas é claro, é muito difícil. É um apartamento pequeno e não há espaço... e há tanto a fazer...

– Por que não a manda para Littlegreen House?

– Poderia mandar, mas o marido pode pensar nisso. Por enquanto, consegui quartos para ela no Hotel Wellington na Queen’s Road. Ela está lá sob o nome de sra. Peters.

– Entendo – disse Poirot.

Ele parou por um minuto e disse:

– Gostaria de ver a sra. Tanios. Ela foi até o meu apartamento ontem, mas eu tinha saído.

– Ah, foi? Ela não me disse. Vou falar com ela, sim?

– Por gentileza.

A srta. Lawson saiu apressada. Podíamos ouvi-la.

– Bella... Bella, minha querida, você gostaria de ver o monsieur Poirot?

Não ouvimos a resposta da sra. Tanios, mas alguns instantes depois ela entrou na sala.

Fiquei bastante chocado com a sua aparência. Estava com olheiras enormes, e o rosto completamente destituído de cor, mas o que mais me

impressionou foi sua expressão de terror. Ela se sobressaltava por qualquer coisa, e parecia estar sempre alerta.

Poirot a cumprimentou, cortês. Foi até ela, apertou-lhe a mão, puxou uma cadeira e lhe alcançou uma almofada. Tratou a mulher pálida e assustada como se fosse uma rainha.

– E agora, madame, vamos conversar um pouco. A senhora foi me ver ontem, creio.

Ela balançou a cabeça, confirmando.

– Sinto muito por ter saído.

– Sim... queria muito encontrá-lo.

– A senhora queria me contar algo?

– Sim, eu... eu queria...

– *Eh bien*, estou aqui, aos seus serviços.

A sra. Tanios não respondeu. Continuou sentada, sem se mover, girando um anel ao redor do dedo.

– E então, madame?

Devagar, quase relutante, ela balançou a cabeça.

– Não – ela disse –, não ouso.

– Não ousa, madame?

– Não. Eu... se ele soubesse... ele... ah, algo aconteceria comigo!

– Ora, vamos, madame... Isso é absurdo.

– Ah, não, não é absurdo... não é nem um pouco absurdo. O senhor não o conhece...

– Fala do seu marido?

– Sim, é claro.

Poirot ficou calado alguns instantes, então disse:

– Ele me procurou ontem.

Uma expressão de medo se espalhou no rosto da sra. Tanios.

– Ah, não! O senhor não disse a ele... é claro que o senhor não disse! O senhor não poderia. O senhor não sabia onde eu estava. Ele... falou que eu estava louca?

Poirot respondeu com cuidado.

– Disse que a senhora estava... muito nervosa.

Ela balançou a cabeça, sem se deixar enganar.

– Não, ele disse que eu estava louca... ou então que eu estava enlouquecendo! Ele quer me calar para que eu nunca possa dizer nada a

ninguém.

– Dizer o quê?

Mas ela balançou a cabeça. Torcendo os dedos uns entre os outros, murmurou:

– Tenho medo...

– Mas, madame, uma vez que me conte, a senhora estará segura! O segredo acabará! E isso a protegerá automaticamente.

Ela não respondeu, apenas continuou girando o anel.

– A senhora precisa... – disse Poirot com gentileza.

Ela soltou um soluço.

– Como posso saber... Ah, meu Deus, é terrível. Ele é tão convincente! E é médico! As pessoas vão acreditar nele e não em mim. Sei que vão! Eu mesma iria. Ninguém acreditará em mim. Como poderiam?

– A senhora não me daria uma chance?

Lançou um olhar confuso a Poirot.

– Como posso saber? O senhor pode estar do lado dele.

– Não estou do lado de ninguém, madame. Estou, sempre, do lado da verdade.

– Não sei – disse a sra. Tanios, em um tom desesperançado. – Ah, não sei.

Ela continuou, as palavras ganhavam volume, ecoando umas sobre as outras.

– Tem sido tão horrível... Por tantos anos. Vi coisas acontecerem e se repetirem. E eu não podia dizer nem fazer nada a respeito. Tive as crianças. Tem sido como um longo pesadelo. E agora isso... Mas não vou voltar para ele. Não vou deixá-lo ficar com as crianças! Vou para algum lugar em que ele não possa me encontrar. Minnie Lawson vai me ajudar. Ela tem sido tão gentil... Ninguém poderia ter sido mais gentil.

Ela parou, lançou um rápido olhar a Poirot e perguntou:

– O que ele disse sobre mim? Que eu estava tendo alucinações?

– Ele disse que a senhora tinha... mudado com ele.

Ela concordou, balançando a cabeça.

– E também que eu estava alucinando. Ele disse isso, não disse?

– Sim, madame, para ser franco, disse.

– É isso. É isso que vai parecer. E não tenho nenhuma prova, nenhuma prova material.

Poirot se inclinou na cadeira. Quando voltou a falar, foi de maneira muito diferente.

Falou como um homem de negócios, com a emoção de quem discute cláusulas de um contrato.

– Suspeita que o seu marido tenha matado a srta. Emily Arundell?

– Não suspeito... Eu sei.

– Então, madame, é seu dever falar.

– Ah, mas não é tão fácil... Não, não é fácil.

– Como ele a matou?

– Não sei ao certo... mas foi ele.

– A senhora não sabe que método ele usou?

– Não. Foi algo... algo que fez no último domingo.

– No domingo em que ele foi vê-la?

– Sim.

– Mas a senhora não sabe o que foi?

– Não.

– Então como, perdoe-me, madame, como a senhora pode ter tanta certeza?

– Porque ele... – ela parou e falou devagar. – Eu tenho certeza.

– *Pardon*, madame, a senhora está escondendo algo? Há algo que ainda não me disse?

– Sim.

– Então me fale.

Bella Tanios se levantou de repente.

– Não. Não. Não posso fazer isso. As crianças. É pai delas. Não posso. Simplesmente não posso.

– Mas, madame...

– Eu não posso, é o que tenho a dizer.

Sua voz virou quase um grito. A porta se abriu, e a srta. Lawson entrou, com a cabeça inclinada para o lado, em uma espécie de agitação.

– Posso entrar? Acabaram sua conversinha? Bella, querida, você não acha que deve tomar uma xícara de chá, ou uma sopa, ou mesmo um pouco de conhaque?

A sra. Tanios balançou a cabeça.

– Estou bem – deu um sorriso fraco. – Devo voltar para as crianças. Estão desfazendo as malas.

– Adoráveis criaturinhas – disse a srta. Lawson. – Adoro crianças.

A sra. Tanios se voltou para ela.

– Não sei o que faria sem você. Você... você tem sido maravilhosa.

– Calma, calma, querida, não chore. Tudo ficará bem. Você precisa falar com o meu advogado. Um homem tão bom, tão simpático... Vai aconselhá-la sobre a melhor maneira de conseguir o divórcio. Hoje em dia é tão simples, não é o que todos dizem? Ah, puxa, tocaram a campainha. Nem imagino quem possa ser.

Ela deixou a sala às pressas. Ouviu-se um burburinho no hall. A srta. Lawson reapareceu, caminhando na ponta dos pés e fechando a porta com cuidado atrás de si. Falou, em um sussurro nervoso, balbuciando as palavras com exagero:

– Oh, céus, Bella, é o seu marido. Não sei...

A sra. Tanios deu um salto em direção à porta. A srta. Lawson balançou a cabeça vigorosamente, concordando.

– Isso mesmo, querida, entre aí, e depois você sai de fininho quando eu o trouxer para cá.

A sra. Tanios sussurrou:

– Não diga que estive aqui. Não diga que me viu.

– Não, não, claro que não vou dizer.

A sra. Tanios saiu. Poirot e eu a seguimos até uma pequena sala de jantar.

Poirot cruzou a sala até a porta que dava para o saguão, abriu uma fresta e ouviu. Então nos acenou.

– Pode vir. A srta. Lawson o levou para a outra peça.

Passamos pelo hall e saímos pela porta da frente. Poirot fechou-a sem fazer ruído atrás de si.

A sra. Tanios começou a descer apressada, tropeçando e tentando se agarrar ao corrimão. Poirot a amparou pelo braço.

– *Du calme... Du calme*. Está tudo bem.

Chegamos à entrada.

– Venham comigo – pediu a sra. Tanios, que parecia prestes a desmaiar.

– Claro – confortou-a Poirot.

Cruzamos a estrada, dobramos uma esquina e chegamos à Queen’s Road. O Wellington era um hotel pequeno e modesto, uma espécie de

pensionato.

Quando entramos, a sra. Tanios despencou sobre um sofá, com a mão no coração acelerado.

Poirot afagou-lhe o ombro para acalmá-la.

– Foi por um triz... Agora, madame, ouça com atenção.

– Não posso dizer mais nada, monsieur Poirot. Não seria certo. O senhor... o senhor sabe o que penso, no que acredito. O senhor deve... deve se contentar com isso.

– Pedi para que a senhora ouvisse, madame. Suponha, e isso é apenas uma suposição, que eu *já conheça os fatos do caso*. Suponha que *eu já saiba* o que queria me dizer. Isso faria diferença, não faria?

Lançou um olhar de dúvida a Poirot. A intensidade daquele olhar era dolorosa.

– Ah, acredite em mim, madame, não estou tentando enganá-la para que diga o que não quer. Mas faria diferença... não faria?

– Eu... suponho que sim.

– Bom. Então deixe-me dizer: *eu, Hercule Poirot, sei a verdade*. Não vou lhe pedir que tome apenas a minha palavra como prova. Tome isto.

Ele entregou a ela o envelope que eu o vira selar pela manhã.

– Os fatos estão aí. Depois de lê-los, se estiver satisfeita, me telefone. Meu número está no papel.

Vacilante, ela aceitou o envelope.

Poirot continuou:

– E mais uma coisa: a senhora deve deixar este hotel agora mesmo.

– Mas por quê?

– A senhora irá para o Hotel Coniston, perto de Euston. Não diga a ninguém aonde vai.

– Mas Minnie Lawson não vai dizer ao meu marido onde estou.

– A senhora acha que não?

– Ah, não, ela está do meu lado.

– Sim, mas o seu marido, madame, é um homem muito esperto. Ele não vai encontrar dificuldades em enredar uma mulher de meia-idade. É essencial que ele não saiba onde a senhora se encontra.

Ela concordou com a cabeça, muda.

Poirot pegou uma folha de papel.

– Aqui está o endereço. Faça as malas e vá para lá com as crianças o mais cedo possível. Está bem?

– Está bem.

– É nas crianças que deve pensar, madame, não em si mesma. A senhora ama seus filhos.

Ele tocou no ponto certo.

O rosto da sra. Tanios ganhou um pouco de cor, e ela ergueu a cabeça para trás. Não parecia mais assustada, mas uma mulher altiva, quase bela.

– Está combinado, então – finalizou Poirot.

Trocaram apertos de mãos, e nós dois partimos. Não fomos longe. Em um café ali perto, tomamos um expresso e ficamos observando a entrada do hotel. Em cerca de cinco minutos, vimos o dr. Tanios descendo a rua. Sequer olhou para o Wellington. Passou pelo hotel, a cabeça baixa, mergulhada em pensamentos. Em seguida, entrou na estação do metrô.

Cerca de dez minutos depois, vimos a sra. Tanios e os filhos saírem do hotel e entrarem num táxi com sua bagagem e partir.

– *Bien* – disse Poirot, levantando-se com a conta nas mãos –, fizemos a nossa parte. Agora está nas mãos de Deus.

Capítulo 27

A visita do dr. Donaldson

Donaldson chegou, como havia dito, às duas horas. Estava calmo e comedido, como sempre.

A personalidade do médico começara a me intrigar. No início, parecia um jovem bastante desinteressante. Perguntei-me várias vezes o que uma criatura tão cheia de vida como Theresa via nele. Mas agora começava a perceber que Donaldson era tudo menos insípido. Por trás daquela máscara pedante havia força.

Quando nossos comprimentos iniciais acabaram, Donaldson disse:

– A razão da minha visita é a seguinte: estou louco para entender qual é a sua posição sobre o assunto, monsieur Poirot.

Poirot respondeu com cautela:

– Conhece minha profissão, presumo?

– Claro que sim. Posso dizer que fiz algumas perguntas sobre você.

– O senhor é um homem cuidadoso, doutor.

Donaldson respondeu:

– Gosto de verificar os fatos.

– O senhor tem uma mente científica!

– Devo dizer que todos os testemunhos sobre o senhor são os mesmos. É competente em sua profissão. Tem também a reputação de ser escrupuloso e honesto.

– O senhor está sendo lisonjeiro – murmurou Poirot.

– É porque estou perplexo com a sua participação neste caso.

– Mas é tão simples!

– Não acho. Primeiro, o senhor se apresenta como autor de biografias.

– Um subterfúgio perdoável, não lhe parece? Não podia sair por aí alardeando o fato de ser um detetive, embora isso, às vezes, também tenha

lá sua utilidade.

– Imagino que sim – mais uma vez o tom de Donaldson era seco. – Em seguida – continuou – procurou a srta. Theresa Arundell e disse a ela que o testamento da tia poderia ser anulado.

Poirot assentiu, baixando a cabeça.

– Isso foi ridículo – a voz de Donaldson era penetrante. – O senhor sabia muitíssimo bem que o testamento era legalmente válido e que não havia nada a fazer a respeito.

– Acha isso mesmo?

– Não sou idiota, monsieur Poirot...

– Não, dr. Donaldson, o senhor sem dúvida não é um idiota.

– Sei o suficiente sobre a lei. O testamento não pode ser contestado. Por que o senhor alegou o contrário? Por interesses pessoais... dos quais a srta. Theresa Arundell jamais desconfiou.

– O senhor parece muito certo das reações dela.

Um sorriso tímido passou pelo rosto do médico, que respondeu, de modo inesperado:

– Sei muito mais sobre Theresa do que ela suspeita. Não tenho dúvidas de que ela e Charles acreditam tê-lo contratado para resolver um assunto de caráter controverso. Charles é quase completamente amoral. Theresa herdou o que há de pior na família e recebeu uma educação lastimável.

– E é assim que o senhor fala de sua noiva, como se fosse algum tipo de experimento?

Donaldson o encarou através do pincenê.

– Não vejo razão para esconder a verdade. Amo Theresa Arundell pelo que é, e não por qualquer qualidade imaginária.

– Entende que Theresa é devotada ao senhor e que a principal razão de querer dinheiro a todo custo é para satisfazer suas ambições?

– Claro que entendo. Já lhe disse que não sou idiota. Mas não tenho nenhuma intenção de deixar Theresa se envolver em negócios escusos por minha causa. Theresa ainda é uma criança sob muitos aspectos. Sou perfeitamente capaz de levar minha carreira adiante por meu próprio esforço. Não digo que uma herança não seria bem-vinda, mas não seria mais do que um atalho.

– Então tem plena confiança em suas habilidades?

– É provável que isso soe pedante, mas tenho, sim – respondeu Donaldson com calma.

– Deixe-nos ir adiante, então. Admito que ganhei a confiança da srta. Theresa por meio de um truque. Eu a induzi a acreditar que eu seria, digamos, um tanto desonesto. Ela acreditou sem a menor dificuldade.

– Theresa acredita que todo mundo faria qualquer coisa por dinheiro – afirmou o médico com o tom fatalista de quem anuncia uma verdade evidente.

– É verdade. Essa parece ser a atitude dela... e a do irmão também.

– Charles provavelmente *faria* tudo por dinheiro!

– Vejo que o senhor não tem ilusões sobre o seu futuro cunhado.

– Não. Ele é um estudo de caso bastante interessante. Sofre, acho, de uma neurose muito enraizada, mas isso não importa. Voltemos à nossa discussão. Eu me perguntei por que o senhor agiria dessa maneira, e só há uma resposta. Está claro que o senhor suspeita que Theresa ou Charles estejam envolvidos na morte da srta. Arundell. Não, por favor, não se incomode em me contradizer! O senhor mencionou a exumação, acredito, apenas como estratégia para ver a reação que gerava. O senhor tomou alguma providência para conseguir uma ordem de exumação?

– Serei franco com o senhor. Até agora, não.

Donaldson concordou com a cabeça.

– Foi o que pensei. Suponho que o senhor tenha considerado a possibilidade de a morte da srta. Arundell ter sido por causas naturais?

– Considerei o fato de que parece ter sido, sim.

– Mas já tem opinião formada?

– De modo bastante definitivo. Se o senhor tem um caso de, digamos, tuberculose, que parece com tuberculose, se comporta como tuberculose e cujo exames acusam tuberculose... *eh bien*, o senhor dá o diagnóstico de tuberculose, não?

– Acha isso? Então o que o senhor está esperando?

– Estou esperando a prova final.

O telefone tocou. Com um gesto de Poirot, me levantei e atendi, e logo reconheci a voz.

– Capitão Hastings? Aqui é a sra. Tanios. Diga ao monsieur Poirot que ele está com a razão. Se ele vier amanhã às dez da manhã, eu lhe darei o que quer.

– Amanhã, às dez?

– Sim.

– Certo, vou dizer a ele.

Poirot perguntou-me com os olhos. Assenti com a cabeça.

Ele se virou para Donaldson. Sua atitude era outra: incisiva, confiante.

– Deixe-me explicar – ele disse. – Diagnostiquei o caso como homicídio. Tem todas as características de um assassinato. E, de fato, é um assassinato! Disso não resta a menor dúvida.

– Onde então está a dúvida? Pois percebo que ainda há dúvida.

– A dúvida está na identidade do assassino... Mas essa dúvida já não existe mais!

– Sério? O senhor sabe?

– Digamos que terei a prova definitiva em mãos amanhã.

As sobrancelhas do dr. Donaldson se levantaram com leve ironia.

– Ah! Amanhã! Algumas vezes, monsieur Poirot, o amanhã demora muito a chegar.

– Pelo contrário – retrucou Poirot –, sempre achei que o dia de amanhã sucede o de hoje com monótona regularidade.

Donaldson sorriu e se levantou.

– Lamento ter desperdiçado o seu tempo, monsieur Poirot.

– Nada disso. É sempre bom entendermos uns aos outros.

Com uma leve reverência, o dr. Donaldson saiu da sala.

Capítulo 28

Outra vítima

– Eis um homem inteligente – refletiu Poirot.

– E cujas motivações são difíceis de entender.

– Sim. Um tanto desumano. Mas bastante perspicaz.

– Era a sra. Tanios ao telefone.

– Foi o que imaginei.

Repeti a mensagem. Poirot balançou a cabeça, aprovando.

– Ótimo. Tudo está se encaminhando. Vinte e quatro horas, Hastings, e acho que saberemos exatamente em que ponto nos encontramos.

– Ainda estou um pouco confuso. De quem suspeitamos na verdade?

– Não faço ideia de quem você suspeita, Hastings! De todos ao redor, imagino!

– Às vezes acho que você gosta de me confundir!

– Não, não, isso não me traria qualquer divertimento.

– Não é o que parece.

Poirot balançou a cabeça, com um ar meio distante.

– Algum problema? – perguntei.

– Meu amigo, sempre fico um pouco nervoso quando o fim de um caso se aproxima. Se algo der errado...

– O que pode dar errado?

– Não sei – ele fez uma pausa, franziu a testa. – Acho que já me preparei para todas as possíveis contingências.

– Então, que tal esquecer do crime e ir ao teatro?

– *Ma foi*, Hastings, excelente ideia.

Tivemos uma noite agradável, embora tenha cometido o erro de levar Poirot a uma peça policial. Eis um conselho aos leitores. Jamais levem soldados a espetáculos de guerra, marinheiros a espetáculos sobre

navegação, escoceses a espetáculos escoceses ou detetives a espetáculos policiais. E nunca leve atores a espetáculo nenhum! A rajada de críticas destrutivas em cada um dos casos é devastadora. Poirot não parou de reclamar da psicologia inconsistente, e a falta de ordem e método do herói-detetive quase o levou à loucura. Terminamos a noite com Poirot explicando como a trama poderia ter sido resolvida na primeira metade do primeiro ato.

– Mas, nesse caso, Poirot, não haveria espetáculo.

Ele foi forçado a concordar comigo.

Passava um pouco das nove quando entrei na sala de estar na manhã seguinte. Poirot estava à mesa do café, como de costume, abrindo cartas de maneira bastante metódica.

O telefone tocou, e eu atendi.

Uma mulher falou com dificuldade:

– Monsieur Poirot? Ah, é o senhor, capitão Hastings.

Ouvi um soluço.

– Srta. Lawson?

– Sim, sim, uma coisa terrível aconteceu!

Agarrei o telefone com força.

– O que foi?

– Ela deixou o Wellington, sabe... Bella, quero dizer. Passei lá ontem à tardinha, e disseram que ela tinha ido embora. Sem sequer me dizer uma palavra! É incrível! Penso que talvez o dr. Tanios tivesse razão, afinal. Ele falou com tanta delicadeza sobre ela e pareceu tão preocupado, e agora parece que ele é quem tinha razão.

– Mas o que aconteceu, srta. Lawson? Telefonou para dizer que a sra. Tanios deixou o hotel sem lhe avisar?

– Oh, não, não é isso! Meu Deus, não! Se fosse só isso, tudo estaria bem. Embora eu ache mesmo que foi estranho, sabe? O dr. Tanios disse que ela tinha algum tipo... de mania de perseguição, como ele chamou.

– Sim. – Que mulher dos infernos! – Mas o que *aconteceu*?

– Ah, minha nossa... é terrível! Morreu enquanto dormia. Uma overdose de soníferos. E aquelas pobres crianças! Tudo isso é tão triste! Eu não fiz nada senão chorar desde que fiquei sabendo.

– E como foi que a senhora ficou sabendo? Conte-me tudo.

Com o canto do olho percebi que Poirot tinha parado de abrir as cartas e estava ouvindo a conversa. Eu não queria ceder meu lugar a ele, pois parecia muito provável que a srta. Lawson recomeçaria a ladainha desde o início.

– Eles me ligaram do hotel, do Coniston. Parece que acharam meu nome e endereço junto aos pertences dela. Ah, meu Deus, monsieur Poirot... quero dizer, capitão Hastings, *não é terrível*? Aquelas pobres crianças ficaram sem mãe.

– Escute: a senhora tem certeza de que foi um acidente? Não levantaram a hipótese de suicídio?

– Ah, que ideia horrível, capitão Hastings! Minha nossa, não sei mesmo. O senhor acha que poderia ser? Seria horrível! É claro que ela parecia muito deprimida. Mas não precisava. Quero dizer, não haveria nenhuma dificuldade financeira. Eu ia dividir tudo com ela, ia mesmo. A querida srta. Arundell ia querer. Tenho certeza disso! É terrível pensar que ela tirou a própria vida... mas talvez ela não tenha... No hotel parecem acreditar que foi um acidente...

– O que ela tomou?

– Um desses remédios para dormir. Veronal, eu acho. Não, cloral. Sim, foi isso. Cloral. Meu Deus, capitão Hastings! O senhor acha que...

Sem cerimônia, desliguei o telefone e me virei para Poirot.

– A sra. Tanios...

Poirot levantou a mão.

– Sim, sim, já sei o que você vai dizer. Ela está morta, não está?

– Sim, overdose de soníferos. Cloral.

Poirot se levantou.

– Venha, Hastings, temos de ir para lá agora mesmo.

– Era isso que você temia na noite passada? Quando disse que sempre fica nervoso quando o fim de um caso se aproxima?

– Temia que houvesse outra morte, sim.

O rosto de Poirot estava grave e impassível. Mal falamos enquanto seguíamos para Euston. Vez por outra, Poirot balançava a cabeça.

Perguntei, tímido:

– Você não acha...? Poderia ter sido um acidente?

– Não, Hastings... não. Não foi um acidente.

– Como foi que ele descobriu para onde ela tinha ido?

Poirot apenas balançou a cabeça sem responder.

O Coniston era um hotel sem nenhum atrativo, bem perto da estação Euston. Poirot, com seu cartão e com modos intimidadores, logo conseguiu entrar no escritório do gerente.

Os fatos eram bem simples.

A sra. Peters, como dissera se chamar, e os dois filhos chegaram perto do meio-dia e meia. Almoçaram à uma hora.

Às quatro, chegou um homem com um bilhete, o qual foi entregue à sra. Peters. Alguns minutos depois ela desceu com as crianças e uma maleta, e as crianças partiram com o visitante. A sra. Peters foi ao escritório e explicou que ficaria com um quarto apenas.

Ela não parecia muito preocupada nem incomodada, na verdade parecia calma e contida. Jantou por volta das sete e meia e recolheu-se logo depois.

Na manhã seguinte, a camareira encontrou-a morta.

Chamaram um médico, que anunciou que ela estava morta há algumas horas. Um frasco vazio foi encontrado sobre a mesa de cabeceira ao lado da cama. Tudo parecia indicar que ela havia tomado algumas pílulas para dormir e, por engano, sofrido uma overdose. Não havia sinais de suicídio. O médico comentou que se tratava de uma droga perigosa. Não havia nenhuma carta. Procurando meios de notificar parentes ou amigos, encontraram o nome e o endereço da srta. Lawson, e ela foi comunicada por telefone.

Poirot perguntou se tinham encontrado papéis ou cartas, como, por exemplo, o bilhete trazido pelo homem que levara as crianças.

Não encontraram, o gerente disse, mas havia papéis queimados na lareira.

Poirot assentiu com a cabeça, pensativo.

Até onde se sabia, a sra. Peters não recebera nenhum visitante e ninguém entrara em seu quarto – com a única exceção do homem que levara as crianças.

Eu mesmo perguntei ao porteiro qual era a aparência do tal homem, mas ele foi muito vago. Um homem de estatura média, talvez louro, com porte militar, de aparência indefinida. Mas tinha certeza de que o homem não usava barba.

– Não foi Tanios – murmurei para Poirot.

– Meu caro Hastings! Você de fato acredita que a sra. Tanios, depois de todo o trabalho que teve para levar as crianças para longe do pai, as entregaria com tanta facilidade ao marido sem ao menos protestar? De jeito nenhum!

– Então quem era o homem?

– Óbvio que era alguém em quem a sra. Tanios confiava, ou alguém enviado por uma terceira pessoa.

– Um homem de estatura média – repeti.

– Não precisa se preocupar com a aparência, Hastings. Duvido muito que o homem que apanhou as crianças seja de fato um personagem importante. O verdadeiro agente se manteve nos bastidores!

– E o bilhete era dessa terceira pessoa?

– Sim.

– Alguém em quem a sra. Tanios confiava?

– Sim.

– E o bilhete está agora queimado?

– Sim, ela foi instruída a queimá-lo.

– E o registro por escrito do caso que você entregou a ela?

Poirot ficou com a fisionomia inflexível.

– Também foi queimado. Mas isso não importa!

– Não?

– Não. Pois, veja bem, está tudo na cabeça de Hercule Poirot!

Ele me puxou pelo braço.

– Venha, Hastings, vamos embora. Nossa preocupação agora é com os vivos. É com eles que temos de lidar.

Capítulo 29

Interrogatório em Littlegreen House

Eram onze horas da manhã seguinte.

Sete pessoas estavam reunidas em Littlegreen House.

Hercule Poirot ficou perto da lareira. Charles e Theresa estavam no sofá: Charles sentado no braço, com a mão sobre o ombro de Theresa. O dr. Tanios estava sentado em uma cadeira de balanço. Tinha os olhos vermelhos e usava uma faixa preta no braço.

Em uma poltrona de encosto ereto, perto de uma mesa redonda, estava a dona da casa, a srta. Lawson. Ela também estava com os olhos vermelhos, e com os cabelos ainda mais desarrumados do que de costume. O dr. Donaldson sentou à frente de Poirot, com rosto inexpressivo.

Meu interesse aumentava enquanto eu olhava para o rosto de cada um ao meu redor.

Ao longo da minha parceria com Poirot, já havia presenciado cenas semelhantes algumas vezes. Um pequeno grupo de pessoas, todas elas dissimuladas, encobrindo com máscaras as suas verdadeiras faces. E eu já havia presenciado Poirot arrancando uma daquelas máscaras para revelar a verdadeira face de quem a usava – *a face de um assassino*!

Sim, não havia dúvidas. *Um dos presentes era um assassino*! Mas qual deles? Nem agora eu tinha *certeza*.

Poirot pigarreou meio pomposo, como de hábito, e começou a falar.

– Estamos reunidos aqui, senhoras e senhores, para investigar a morte de Emily Arundell, ocorrida no dia 1º de maio passado. Há quatro possibilidades: que ela tenha morrido de causas naturais; que sua morte seja o resultado de um acidente; que tenha tirado a própria vida; ou, por último, que tenha encontrado a morte pelas mãos de uma pessoa conhecida ou desconhecida.

“Não houve investigação na época de sua morte, pois se presumiu que ela morreu de causas naturais, e o dr. Grainger assinou um atestado de óbito corroborando os fatos.

“Em casos em que se levantam suspeitas após o enterro, costuma-se exumar o corpo da pessoa em questão. Há razões para que eu tenha evitado esse caminho. A principal delas é que minha cliente não teria gostado.”

O dr. Donaldson o interrompeu:

– Sua cliente?

Poirot se virou para ele.

– Minha cliente é a srta. Emily Arundell. Estou agindo em seu interesse. Seu maior desejo foi que não houvesse escândalo.

Vou relatar, sem muitos detalhes, os próximos dez minutos, pois envolvem muitas repetições desnecessárias. Poirot contou sobre a carta que recebera, e a leu em voz alta. Em seguida, explicou o que tinha feito em sua visita a Market Basing e contou sobre como descobrira a causa do acidente.

Ele fez uma pausa, pigarreou outra vez e continuou:

– Vou agora levá-los pelo caminho que percorri até chegar à verdade. Vou lhes mostrar o que acredito ser uma reconstituição fiel dos fatos deste caso.

“Para começar, é necessário explicar em detalhes o que se passava na cabeça da srta. Arundell. Isso, creio, é bastante fácil. Ela sofre uma queda, supostamente por tropeçar na bola de Bob, mas *não se convence* de que a causa tenha sido essa. Na cama, sua mente ágil e lúcida estuda as circunstâncias da queda e chega a uma conclusão definitiva sobre o assunto: alguém tentou machucá-la, talvez até matá-la.

“A partir daí, começou a pensar em quem poderia ter sido. Havia *sete* pessoas na casa: quatro convidados, a dama de companhia e duas empregadas. Dessas sete pessoas, apenas uma pode ser eximida de culpa, uma vez que não tinha nada a ganhar. A srta. Emily não suspeitava seriamente das empregadas, pois trabalhavam com ela há muitos anos e, sem dúvida, lhe eram leais. Restam, então, quatro pessoas, três das quais membros da família, e uma por laços matrimoniais. *Cada uma dessas quatro pessoas se beneficiaria, três diretamente, uma indiretamente, com a sua morte*.

“A srta. Arundell fica numa posição difícil, pois tinha um forte sentimento de obrigação para com a família. Em essência, não é o tipo de

pessoa que lava a roupa suja em público, como dizem. Por outro lado, também não é o tipo de pessoa que se submete quieta a uma tentativa de homicídio.

"Então toma a decisão de escrever-me uma carta. E deu um passo adiante, que foi levado a cabo, creio, por dois motivos. Em primeiro lugar, um nítido sentimento de desprezo pela família! Ela suspeitava de todos, sem exceção, e estava determinada a afastá-los a qualquer custo! O segundo motivo, e mais razoável, foi o desejo de se proteger. Como sabem, ela escreveu ao sr. Purvis, o advogado, e o instruiu a redigir um testamento em favor da única pessoa que, segundo acreditava, não tinha nada a ver com o acidente.

"Agora posso dizer que, pelos termos da carta que me escreveu, e por suas ações subsequentes, estou convencido de que a srta. Arundell passou de uma suspeita *indefinida* das quatro pessoas para uma suspeita *definida* de uma delas. Na carta que me foi enviada, insistiu para que o assunto fosse mantido em absoluto sigilo, pois a honra da família estava envolvida.

"Acho que, de um ponto de vista vitoriano, isso indicava o envolvimento de uma pessoa com o sobrenome da família, de preferência um homem.

"Se ela tivesse suspeitado da sra. Tanios, teria ficado bastante ansiosa em proteger-se, mas não ficaria preocupada em proteger a honra da família. Ela poderia ter sentido o mesmo em relação a Theresa Arundell, mas nem de longe o que ela sentiria em relação a Charles.

"Charles era um *Arundell*. Levaria adiante o *nome* da família! Suas razões para suspeitar dele são bastante claras. Para começar, ela não tinha ilusões sobre Charles. Ele chegara perto de desgraçar a família em outras ocasiões. Isto é, ela sabia que ele era não apenas um criminoso em *potencial*, mas um criminoso de *fato*! Ele forjara seu nome em um cheque. Depois da falsificação, o próximo passo... assassinato!

"Além disso, ela teve uma conversa bastante sugestiva com ele apenas dois dias antes do acidente. Ele pediu dinheiro, e ela negou. Ele deixou claro, e de forma bastante sutil, que ela corria o risco de ser eliminada. A isso ela respondeu que sabia cuidar de si! Ao que, segundo nos disseram, o sobrinho respondeu "depois não diga que não lhe avisei". *E dois dias depois, o sinistro acidente ocorre*.

“Não é de se surpreender que, presa à cama e remoendo o ocorrido, a srta. Arundell concluísse, por fim, que havia sido Charles Arundell quem atentara contra a sua vida.

“A sequência de eventos está bastante clara. A conversa com Charles. O acidente. A carta aflita que me escreveu. A carta para o advogado. Na terça-feira seguinte, dia 21, o sr. Purvis traz o testamento, e ela o assina.

“Charles e Theresa vêm visitá-la no fim de semana seguinte, e a srta. Arundell toma as providências necessárias para se proteger. *Conta a Charles sobre o testamento. Ela não apenas conta como de fato mostra o testamento! Isso, para mim, é absolutamente conclusivo. Ela deixa bem claro para um assassino em potencial que ele não ganharia nada com o crime*!

“É provável que ela tenha pensado que Charles passaria a informação para a irmã. Mas ele não fez isso. Por quê? Tenho a impressão de que ele tinha um bom motivo: ele se sentia culpado! Acreditava que era por sua causa que o testamento havia sido feito. Mas por que ele se sentia culpado? Porque tentou matá-la de verdade? Ou apenas porque roubara uma pequena soma de dinheiro? Um dos dois crimes foi a causa de sua relutância. Ele não disse nada, esperando que a tia reconsiderasse e mudasse de ideia.

“No que diz respeito ao estado mental da srta. Arundell, julgo que reconstituí os eventos com razoável exatidão. O próximo passo era decidir se as suspeitas dela eram de fato justificadas.

“Assim como ela, percebi que minha lista de suspeitos se limitava a um círculo estreito. Sete pessoas, para ser exato. Charles e Theresa Arundell, o dr. Tanios e a esposa, as duas empregadas e a srta. Lawson. Havia uma oitava pessoa que tinha de ser levada em conta, a saber, o dr. Donaldson, que jantou lá naquela noite, mas de cuja presença só fiquei sabendo mais tarde.

“Essas sete pessoas se encaixavam facilmente em duas categorias. Seis delas se beneficiariam em maior ou menor grau com a morte da srta. Arundell. Se uma dessas pessoas tivesse cometido o crime, a razão seria provavelmente uma simples questão de *ganância*. A segunda categoria continha apenas uma pessoa: a srta. Lawson. A srta. Lawson não ganharia nada com a morte da srta. Arundell, mas, *como resultado do acidente*, ela acabou sendo beneficiada *depois*!

“Isso significa que, se a srta. Lawson tivesse armado o tal acidente...”

– Nunca fiz nada disso! – irrompeu a srta. Lawson. – É uma ofensa ficar aí dizendo essas coisas!

– Um pouco de paciência, madame. E tenha a cortesia de não me interromper – disse Poirot.

A srta. Lawson balançou a cabeça com raiva.

– Insisto em protestar! É uma ofensa o que o senhor diz! Uma ofensa!

Poirot continuou, sem lhe dar atenção.

– Eu estava dizendo que, se a srta. Lawson tivesse armado o acidente, seria por uma razão inteiramente diferente... isto é, teria arquitetado a armadilha porque assim a srta. Arundell suspeitaria dos familiares e se afastaria deles. Essa era uma possibilidade! Procurei confirmar essa suspeita e descobri um fato decisivo. Se a srta. Lawson quisesse que a srta. Arundell suspeitasse da família, teria chamado atenção para o fato de que o cachorro, Bob, não estava em casa naquele dia. Mas, ao contrário, a srta. Lawson fez de tudo ao seu alcance para impedir que a srta. Arundell soubesse. Portanto, concluí que a srta. Lawson devia ser inocente.

A srta. Lawson bradou:

– Era o mínimo que se esperava!

– Passei a considerar a questão da morte da srta. Arundell. Quando ocorre uma tentativa de homicídio frustrada, ela, com frequência, é seguida de uma segunda. Achei significativo que, duas semanas depois da primeira tentativa, a srta. Arundell tenha morrido. Então, comecei a fazer perguntas.

"O dr. Grainger não parecia achar que houvesse algo de incomum na morte de sua paciente. Isso era um pouco desanimador para a minha teoria. Mas, investigando os acontecimentos da noite em que ela adoeceu, deparei com um fato importante. A senhora Isabel Tripp mencionou uma aura de luz em volta da cabeça da srta. Arundell. Sua irmã confirmou o fato. Elas poderiam, é claro, estar vendo coisas, tomadas pela emoção, mas achei pouco provável que isso ocorresse a ambas com tanta espontaneidade. Quando questionei a srta. Lawson, ela também me deu uma informação interessante. Ela se referiu a uma auréola de luz saindo da boca da srta. Arundell e formando uma névoa luminosa ao redor de sua cabeça.

"Embora descrito de forma um pouco diferente por observadores diferentes, o fato era o mesmo. O que ele apontava, desconsiderando-se o misticismo, era o seguinte: *na noite em questão, a respiração da srta. Arundell estava fosforescente*!"

O dr. Donaldson se mexeu um pouco na cadeira.

Poirot dirigiu-se a ele.

– Sim, o senhor começa a entender. Não há muitas substâncias fosforescentes. A primeira e mais comum era exatamente o que eu procurava. Vou ler para os senhores um trecho extraído de um artigo sobre envenenamento por fósforo: “A pessoa poderá ficar com a respiração fosforescente antes de começar a sentir os primeiros efeitos”. Foi isso o que a srta. Lawson e as srtas. Tripp viram no escuro – a respiração fosforescente da srta. Arundell –, uma névoa luminosa. E aqui começo a ler de novo: “Tendo a icterícia se manifestado por completo, a pessoa não apenas sofre a influência da ação tóxica do fósforo, como todos os sintomas provenientes da retenção da secreção biliar no sangue, não havendo a partir desse ponto qualquer diferença entre envenenamento por fósforo e certas doenças do fígado, como, por exemplo, a atrofia”.

“Veem a esperteza disso? A srta. Arundell sofreu por muitos anos de problemas no fígado. Os sintomas do envenenamento por fósforo pareceriam apenas mais uma crise da doença. Não haveria nada de novo, nada que chamasse a atenção sobre o assunto.

“Ah! Foi bem planejado! Palitos de fósforo estrangeiros... veneno para insetos... Não é difícil arranjar fósforo, e mesmo uma pequena dose pode matar. A dose medicinal vai de 1/100 a 1/30 gramas.

“*Voilà*. O plano todo fica claríssimo. Naturalmente, o dr. Grainger é enganado, ainda mais que perdeu o olfato e não podia sentir o odor de alho, que é um sintoma distintivo do envenenamento por fósforo. Ele não tinha suspeitas, mas por que haveria de ter? Não havia circunstâncias suspeitas, e a única coisa que poderia lhe dar uma pista jamais levaria a sério, não passariam para ele de bobagens místicas.

“Eu tinha certeza agora (pelas evidências fornecidas pela srta. Lawson e pelas srtas. Tripp) que um assassinato fora cometido. Restava saber quem o cometera. Eliminei as empregadas, pois não teriam capacidade para cometer tal crime. Eliminei a srta. Lawson, porque ela dificilmente falaria sobre o ectoplasma luminoso se estivesse ligada ao crime. Eliminei Charles Arundell, pois ele sabia, tendo visto o testamento, que não ganharia nada com a morte da tia.

“Restavam Theresa, o dr. Tanios, a sra. Tanios e o dr. Donaldson, que descobri ter jantado aqui na noite do acidente.

“A esta altura, havia muito pouco que pudesse me ajudar. Eu teria de voltar à psicologia do crime e à *personalidade* do criminoso! Os dois crimes seguiam basicamente *a mesma linha*. Ambos eram *simples*, inteligentes e foram executados com perfeição. Requeriam certos conhecimentos, mas não muitos. Os elementos sobre o envenenamento por fósforo poderiam ser aprendidos com facilidade, e a substância em si, como eu disse, pode ser obtida sem maiores problemas, sobretudo no exterior.

“Considerei de início dois homens, ambos médicos inteligentes. Um deles poderia ter pensado no fósforo e em como seria conveniente para esse caso em particular, mas o episódio com a bola não parecia combinar com uma mente masculina. O incidente com a bola me parecia essencialmente uma ideia *feminina*.

“Em primeiro lugar, pensei em Theresa Arundell. Ela tinha certas potencialidades. Era destemida, inconsequente e sem muitos escrúpulos. Levava uma vida egoísta. Sempre tivera tudo o que queria e estava desesperada por dinheiro, tanto para si quanto para o homem que amava. Suas atitudes também mostravam que ela sabia que a tia havia sido assassinada.

“Houve um incidente interessante entre ela e o irmão. Veio-me a ideia de que *um suspeitava que o outro cometera o crime*. Charles tentou fazê-la dizer que *sabia da existência do testamento*. Por quê? Certamente porque, se soubesse disso, ela não seria suspeita do assassinato. Ela, por outro lado, não acreditava na afirmação de Charles de que a srta. Arundell lhe mostrara o documento! Achava que era apenas uma tentativa desajeitada de afastar as suspeitas que recaíam sobre ele.

“Houve ainda outro ponto importante. Charles apresentou certa relutância em usar a palavra ‘arsênico’. Mais tarde, descobri que ele perguntara ao velho jardineiro sobre o poder de certos venenos contra ervas daninhas. Estava claro o que se passava na cabeça de Charles.”

Charles Arundell mudou um pouco de posição.

– Pensei nisso – confessou. – Mas, bem, acho que não tive coragem.

Poirot acenou para ele.

– Não, não teve. Isso *não faz parte do seu perfil psicológico*. Seus crimes sempre serão crimes de fraqueza: roubar, fraudar, o que for mais fácil... Mas matar, não! Para matar é preciso ter uma mente obsessiva.

Ele retomou as maneiras de palestrante.

– Theresa Arundell, concluí, tinha força de vontade o suficiente para levar adiante tal tarefa, mas havia outros fatores a levar em consideração. Tinha uma vida fácil, era egoísta, mas não é o *tipo de pessoa que mata*, exceto talvez se tomada por uma raiva repentina. E, ainda assim, eu tinha certeza, *fora Theresa quem tirara o veneno para ervas daninhas da lata*.

Theresa interrompeu:

– Vou dizer a verdade. Cheguei a pensar nisso. Peguei mesmo um pouco de veneno de uma lata. Mas não consegui! Gosto demais de viver, de estar viva, e eu não poderia tirar isso de ninguém... tirar uma vida... Eu posso ser má e egoísta, mas há coisas que não conseguiria fazer! Eu não conseguiria matar quem quer que fosse!

Poirot concordou com um aceno.

– Isso é verdade. E a senhorita não é tão má quanto se pinta, mademoiselle. A senhorita é apenas jovem... e inconsequente.

Ele continuou:

– Restava a sra. Tanios. Assim que a vi, percebi que ela estava com medo. Ela, porém, notou isso e rapidamente aproveitou-se da situação. Montou um quadro muito convincente de uma mulher *que temia pelo marido*. Um pouco depois mudou de tática. Isso foi muito bem executado, mas a mudança não me enganou. Uma mulher pode temer pelo marido ou pode temer o marido, mas dificilmente pode fazer os dois. A sra. Tanios se decidiu pelo último personagem, e desempenhou o papel de maneira inteligente, mesmo ao se dirigir a mim no saguão do hotel, fingindo que havia algo que queria me dizer. Quando o marido a seguiu, tal como ela sabia que ele faria, fingiu que não podia falar perto dele.

"Logo percebi que ela não temia o marido, mas que não gostava dele. E assim, ligando os pontos, percebi que ela tinha o perfil que eu procurava. Ali estava não uma mulher realizada, mas uma pessoa frustrada. Uma moça sem graça, levando uma existência insossa, incapaz de atrair os homens que ela gostaria de atrair, finalmente aceitando um homem que não amava para não se tornar uma solteirona. Pude identificar a crescente insatisfação com sua vida em Esmirna, exilada de tudo de que gostava. Então o nascimento de seus filhos e sua apaixonada ligação a eles.

"O marido era devotado à esposa, mas ela, em segredo, desprezava-o cada vez mais. Ele especulara com o dinheiro dela e perdido: outro ressentimento para ela guardar.

“Havia apenas uma coisa que iluminava sua vida monótona: a expectativa da morte da tia Emily. Assim ela teria dinheiro, independência e meios para educar os filhos como queria: lembrem-se de que a educação significava muito para ela: era filha de um grande professor!

“Ela já poderia ter planejado o crime, ou pelo menos tinha a ideia em mente, antes de vir para a Inglaterra. Possuía certo conhecimento de química, tendo ajudado o pai no laboratório. Conhecia a natureza da doença da srta. Arundell e sabia muito bem que o fósforo seria a substância ideal para seus propósitos.

“Então, quando veio para Littlegreen House, um método mais simples se apresentou. A bola de Bob: um fio amarrado na escada. Uma ideia simples, engenhosa e feminina.

“Ela tentou... e falhou. Não acho que tivesse a mais vaga ideia de que a srta. Arundell soubesse a verdade. As suspeitas da srta. Arundell se dirigiam inteiramente a Charles. Duvido que tenha passado a tratar Bella de maneira diferente. E assim, de modo silencioso e determinado, essa mulher reservada, infeliz e ambiciosa pôs seu plano original em execução. Encontrou um excelente veículo para o veneno, as pílulas que a srta. Arundell tinha por hábito tomar após as refeições. Abrir uma cápsula, colocar nela o fósforo e fechá-la de novo era brincadeira de criança.

“A cápsula foi colocada junto com as outras. Mais cedo ou mais tarde, a srta. Arundell a engoliria. Dificilmente alguém suspeitaria de envenenamento. E, por mais improvável que fosse, ela mesma não estaria perto de Market Basing na ocasião.

“Ainda assim, ela tomou uma precaução. Obteve uma dose extra de cloral, forjando o nome do marido na receita. Não tenho dúvidas sobre a serventia disso: para ingerir caso alguma coisa desse errado.

“Como eu disse, desde a primeira vez em que a vi, soube que a sra. Tanios era quem eu procurava, mas não tinha nenhuma prova disso. Tive de proceder com cuidado. Se a sra. Tanios desconfiasse que eu suspeitava dela, temia que pudesse cometer mais um crime. Além disso, acho que a ideia desse crime já lhe ocorrera, já que seu único desejo na vida era se livrar do marido.

“Seu primeiro crime mostrou-se decepcionante. O dinheiro, o maravilhoso e inebriante dinheiro, tinha ido todo para a srta. Lawson! Isso foi um golpe duro, mas ela voltou a agir com muita dedicação. Começou a

influenciar a consciência da srta. Lawson, que, suspeito, já não estava muito tranquila.”

Houve uma repentina explosão de soluços. A srta. Lawson puxou um lenço e chorou, encobrindo o rosto.

– É horrível – ela soluçou. – Eu fui má! Muito má. Fiquei curiosa sobre o testamento... queria saber por que a srta. Arundell tinha feito um novo. E um dia, quando ela estava descansando, consegui abrir a gaveta da escrivaninha. E então descobri que ela tinha deixado tudo pra mim! Claro, nunca imaginei que seria tanto. Apenas alguns milhares... eu achava que isso era tudo. E por que não? Afinal, a própria família não se importava com ela! Mas, quando ela piorou, pediu o testamento. Eu podia ver... eu tinha certeza... ela ia destruí-lo... E foi quando fui muito má... Eu disse que ela o enviara ao sr. Purvis. Pobrezinha, estava tão esquecida. Ela nunca lembrava o que tinha feito com as coisas. Acreditou em mim. Disse-me que o solicitasse de volta ao sr. Purvis, e eu garanti que assim faria.

“Ah, meu Deus... ah, meu Deus... e ela piorou e não conseguiu pensar em mais nada. E morreu. E quando o testamento foi lido e mencionava todo aquele dinheiro, eu me senti horrível. Trezentas e setenta e cinco mil libras. Nunca pensei que fosse tudo isso, ou eu jamais teria feito o que fiz.

“Senti como se tivesse roubado o dinheiro, não sabia o que fazer. Naquele dia, quando Bella me procurou, disse que lhe daria a metade de tudo. Eu tinha certeza de que assim eu voltaria a ser feliz.”

– Viram? – perguntou Poirot. – A sra. Tanios estava tendo sucesso com sua nova estratégia. Por isso ela era contra qualquer tipo de contestação ao testamento. Tinha seus próprios planos, e a última coisa que queria era se desentender com a srta. Lawson. Ela fingiu, é claro, concordar com o desejo do marido, mas deixou bem claro quais eram seus verdadeiros sentimentos.

“Ela tinha dois objetivos: livrar-se do dr. Tanios e obter parte do dinheiro. Assim teria o que desejava: uma vida rica e feliz na Inglaterra, junto dos filhos.

“Conforme o tempo passava, ela não conseguia mais esconder seu desprezo pelo marido. De fato, nem tentava. Ele, pobre homem, estava muito preocupado e infeliz. As ações da esposa devem ter parecido deveras incompreensíveis para ele. Na verdade, eram bastante lógicas. Ela estava fazendo o papel de mulher aterrorizada. Se eu tinha alguma suspeita, e ela tinha certeza de que era esse o caso, queria que eu acreditasse que o marido

cometera o assassinato. E a qualquer momento, o segundo assassinato, com certeza já planejado em sua cabeça, poderia acontecer. Eu sabia que ela tinha uma dose alta de cloral. Tinha medo de que forjasse um falso suicídio e uma confissão por parte do dr. Tanios.

"E ainda assim eu não tinha provas contra ela! E então, já desesperado, finalmente consegui uma pista! A srta. Lawson me disse que tinha visto Theresa Arundell se ajoelhando nas escadas na noite da segunda-feira de Páscoa. Logo descobri que a srta. Lawson não poderia ter visto Theresa com muita nitidez, não o bastante para reconhecer sua fisionomia. Mesmo assim, ela tinha certeza de sua identificação. Ao ser pressionada, mencionou um broche com as iniciais de Theresa, T.A.

"A meu pedido, Theresa me mostrou o broche em questão. Ao mesmo tempo, negou veementemente ter estado nas escadas naquela hora. No início, imaginei que alguém pudesse ter usado o broche, mas o vi pelo espelho, e a verdade saltou aos meus olhos. A srta. Lawson, ao acordar, tinha visto uma figura indistinguível com as iniciais T.A. brilhando sob a luz. Ela tinha concluído que era Theresa.

"Mas se no espelho ela tinha visto as iniciais T.A., então as verdadeiras inicias tinham de ser A.T., uma vez que o espelho reverte a ordem das letras.

"É claro! A mãe da sra. Tanios se chamava Arabella Arundell. Bella é apenas um apelido. A.T. eram as iniciais de Arabella Tanios. Não havia nada de estranho no fato de a sra. Tanios ter um broche semelhante. Ele era exclusivo até o Natal passado, mas na primavera eles estavam na moda, e eu já tinha observado que a sra. Tanios copiava as roupas e os chapéus da prima Theresa.

"Para mim, ao menos, o caso já estava solucionado.

"Mas então... O que eu podia fazer? Obter uma ordem para a exumação do corpo? Isso sem dúvida poderia ser feito. Eu poderia provar que a srta. Arundell foi envenenada com fósforo, embora houvesse uma pequena dúvida quanto a isso. O corpo fora enterrado há dois meses, e eu sabia de casos de envenenamento por fósforo em que não se encontrou nenhuma lesão e nos quais exames *post mortem* são muito inconclusivos. Mesmo assim, será que eu poderia ligar a sra. Tanios à compra do fósforo? Muito duvidoso, uma vez que era provável que ela o adquirira no exterior.

“Nesse ponto, a sra. Tanios tomou uma atitude decisiva. Abandonou o marido, colocando-se à mercê da piedade da srta. Lawson e, também, acusou o marido do assassinato.

“Se eu não tomasse uma atitude imediata, estava convencido de que haveria uma próxima vítima. Tive o cuidado de isolá-los um do outro sob o pretexto de que assim seria mais seguro para ela. Na verdade, era com a segurança dele que eu me preocupava. Então... então...”

Ele fez uma longa pausa. Sua face estava lívida.

– Mas isso era apenas uma medida temporária. Eu tinha de me assegurar de que a assassina não mataria mais. Eu tinha de garantir a segurança dos inocentes. Redigi um relato do caso e o entreguei à sra. Tanios.

Houve um longo silêncio.

– Meu Deus, então foi por isso que ela se matou! – exclamou o dr. Tanios.

Poirot disse, com delicadeza:

– Não foi melhor? Ela achou que sim. Havia, ainda, as crianças a considerar.

O dr. Tanios enterrou o rosto entre as mãos.

Poirot deu um passo à frente e pôs a mão sobre seu ombro.

– Tinha de ser. Acredite, foi necessário. Haveria outras mortes. Primeiro a sua, então, é provável, a da srta. Lawson. E assim por diante.

Fez uma pausa.

Com uma voz fina, Tanios disse:

– Ela quis que eu... tomasse uma pílula para dormir certa noite... Havia algo em seus olhos... eu joguei a pílula fora. Foi então que comecei a acreditar que ela estava ficando...

– Pense desse jeito. Era, de fato, parcialmente verdade. Mas não no sentido legal do termo. Ela sabia o que suas ações significavam.

O dr. Tanios disse com tristeza:

– Ela era boa demais para mim... sempre foi.

Um estranho epitáfio para uma assassina confessa!

Capítulo 30

A última palavra

Há pouco para contar além disso.

Theresa se casou com o médico pouco depois. Passei a conhecê-los bem e aprendi a apreciar o dr. Donaldson – a clareza de sua visão, sua força e humanidade. Ele continua seco e comedido como sempre; Theresa, de brincadeira, o imita com frequência. Ela está, acho, felicíssima, e dedica-se com afinco à carreira do marido. Ele está fazendo nome e já é uma autoridade nas funções das glândulas endócrinas.

A srta. Lawson, numa crise de consciência, teve de ser impedida à força de se livrar de cada centavo da herança. Um acordo entre as partes foi redigido pelo sr. Purvis. Segundo o acordo, a fortuna da srta. Arundell seria dividida entre a srta. Lawson, os dois Arundell e os filhos do dr. Tanios.

Charles gastou sua parte em um pouco mais de um ano e agora, creio, está na Colúmbia Britânica.

Há apenas dois incidentes a relatar.

– Você é um sujeito discreto, não é? – disse a srta. Peabody, detendo-nos um dia ao sairmos de Littlegreen House. – Conseguiu fazer tudo direitinho! Sem exumação. Tudo feito de forma muito decente.

– Parece não haver dúvidas de que a srta. Arundell morreu de atrofia do fígado – falou Poirot, educado.

– Isso é muito satisfatório – disse a srta. Peabody. – Bella Tanios sofreu uma overdose de soníferos, fiquei sabendo.

– Sim, uma tristeza.

– Ela era muito infeliz... sempre querendo o que não tinha. As pessoas ficam meio malucas às vezes, quando são assim. Tive uma cozinheira uma vez. A mesma coisa. Uma menina simples. Ficou biruta. Começou a

escrever cartas anônimas. As pessoas ficam bem malucas. Talvez tenha sido melhor assim.

– É o que esperamos, madame, é o que esperamos.

– Bem – concluiu ela, preparando-se para retomar sua caminhada –, eu lhe digo isso. Você fez tudo direitinho. Muito bom mesmo.

Ela seguiu em frente.

Ouvi um "au" tristonho atrás de mim.

Eu me virei e abri o portão.

– Venha, amigão.

Bob saiu, com uma bola na boca.

– Você não pode levá-la para passear.

Bob suspirou, virou-se e soltou a bola do lado de dentro do portão. Olhou para ela com ansiedade, saiu e olhou para mim.

"Se é o chefe quem diz, acho que está bem."

Respirei fundo.

– Minha nossa, Poirot, como é bom ter um cachorro de novo.

– Os espólios da guerra – refletiu Poirot. – Mas eu ia lembrá-lo, meu amigo, de que a srta. Lawson deu o Bob *para mim*, e não para você.

– Pode ser – eu disse –, mas você não sabe lidar com cachorros, Poirot. Você não entende a psicologia deles. Agora, Bob e eu nos entendemos muito bem, não é?

"Au", concordou Bob enfaticamente.

Agatha Christie
(1890-1976)

Agatha Christie é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e pela Bíblia. Em uma carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, uma série de poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o engenhoso detetive belga Hercule Poirot e a irrepreensível e implacável Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para o teatro, o cinema e a tevê. A *ratoeira*, de sua autoria, é a peça que mais tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios ainda em vida, e sua obra conquistou uma imensa legião de fãs. Ela é a única escritora de mistério a alcançar também fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Frederick, era um americano extrovertido que trabalhava como corretor da Bolsa, e sua mãe, Clara, era uma inglesa tímida. Agatha, a caçula de três irmãos, estudou basicamente em casa, com tutores. Também teve aulas de canto e piano, mas devido ao temperamento introvertido não seguiu carreira artística. O pai de Agatha morreu quando ela tinha onze anos, o que a aproximou da mãe, com quem fez várias viagens. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o final da vida.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro esposo, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e tiveram uma única filha, Rosalind, em 1919. A carreira literária de Agatha – uma fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou depois que sua irmã a desafiou a escrever um romance. Passaram-se alguns anos até que o primeiro livro da escritora fosse publicado. *O misterioso caso de Styles* (1920), escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, teve uma boa acolhida da crítica. Nesse romance aconteceu a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive que estava destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem a ter o obituário publicado pelo *The New York Times*.

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a sua mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora escreveu sua obra-prima, *O assassinato de Roger Ackroyd*. Este foi seu primeiro livro a ser adaptado para o teatro – sob o nome *Álibi* – e a fazer um estrondoso sucesso nos teatros ingleses. Em 1927, Miss Marple estreou como personagem no conto “The Tuesday Night Club”.

Em uma de suas viagens ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos. Após uma carreira de sucesso, Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: Dumb Witness

Tradução: Cássia Zanon

Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd 2008

Preparação: Bianca Pasqualini e Tiago Martins

Revisão: Ana Laura Freitas

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479p

Christie, Agatha, 1890-1976

Poirot perde uma cliente / Agatha Christie; tradução de Cássia Zanon. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET ; v. 910)

Tradução de: Dumb Witness

ISBN 978.85.254.2212-5

1. Poirot (Personagem fictício). 2. Ficção policial inglesa. I. Zanon, Cássia. II. Título. III. Série.

10-4862. CDD: 823

CDU: 821.111-3

Agatha Christie™ Poirot™ Poirot perde uma cliente, Copyright © 2010 Agatha Christie Limited (a Chorion company). All rights reserved.

Dumb Witness was first published in 1937.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br